REALIDADE

MAIO 1967 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL NCr$ 1,00/Cr$ 1.000

À SAÚDE! OS PRAZERES DO VINHO

O EXAME PSIQUIÁTRICO DE FONTENELLE

MENGO TU É O MAIOR!

BRASIL, 1977: QUEREM MATAR O PRESIDENTE

TÓXICOS: O MUNDO DO VÍCIO

Na Iberia
Lineas Aereas de España
sòmente o avião recebe maiores atenções do que você

Na Iberia, primeiro
usamos a chave,
depois oferecemos a rosa.

A chave simboliza a cuidadosa manutenção que damos a todos os Jatos DC-8 Turbofan da Iberia. Representa também a perícia comprovada de nossos comandantes com a experiência de milhões de quilômetros de vôo.

Mas a rosa sempre acompanha a chave. Ela significa o carinho de todo o pessoal da Iberia para com os senhores passageiros demonstrando-lhes o real sentido da hospitalidade espanhola.

A chave e a rosa: dois símbolos fiéis de um trabalho perfeito. Não é de admirar, portanto, que a Iberia seja a companhia aérea que mais cresce em todo o mundo.

IBERIA
LINEAS AEREAS DE ESPAÑA

Na sua próxima viagem à EUROPA
procure seu Agente de Viagens
ou os nossos escritórios:

Rio: Rua Pedro Lessa, 41 - loja
Fones: 52-8004 - 52-8005
52-8006 - 22-2204 - 22-5804

São Paulo: Pça. da República, 85
Fones: 36-2530 - 36-6330

B. Horizonte: Rua Rio de Janeiro, 462
Gr. 208 - Fone: 4-5035

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO II — NÚMERO 14 — MAIO 1967

Capa

O homem da capa não é um viciado. Mas viveu com êles o tempo suficiente para mostrar como é o instante terrível da **picada.** O homem da capa é o repórter Narciso Kalili. A foto é de Roger Bester.

Documento 16

No mundo do vício — Durante 30 dias um repórter viveu entre criminosos e marginais para descobrir por que existem homens viciados em drogas.

Ensaio 27

O leopardo — Faminto, o grande gato africano sai para caçar. O fotógrafo John Dominis o surpreende utilizando tôda sua fôrça, astúcia e crueldade.

Pesquisa 40

Senhoras e senhores, à saúde — Uma viagem ao Rio Grande do Sul, para descobrir onde se fabricam e como se deve tomar os melhores vinhos brasileiros.

Arte 52

Um fotógrafo ilustre, e desconhecido — As melhores fotografias — verdadeiras obras de arte — de um fótografo amador premiado no mundo inteiro.

Ciência 60

Abra os olhos — O Instituto Penido Burnier, a mais famosa clínica oftalmológica da América do Sul, ajuda a mostrar o ôlho humano e suas doenças.

Perfil 72

A boa alma dos Vilas Boas — Êles eram três irmãos que resolveram proteger e cuidar dos índios. Um morreu. Os outros continuam sua luta, no Xingu.

Internacional 84

Russos e americanos contra a bomba (dos outros) — Os fatos comprovam a aliança das duas potências contra as pretensões atômicas de países menores.

Futebol 92

Mengo, tu é o maior — Gol do Flamengo! Um grito de alegria sacode o Maracanã. Tôda a história do time de futebol que tem a maior torcida do Brasil.

Problema 108

O Brasil não tem onde morar — Sete milhões de famílias esperam sua casa própria. O govêrno tenta resolver o problema, enquanto a fila aumenta.

Depoimento 120

Quem é essa môça Julie? — Uma atriz que odeia a fama, o dinheiro e não gosta que ninguém se intrometa em sua vida. A entrevista é de Oriana Fallaci.

Ficção 132

Sete dias de maio, 1977 — O Brasil daqui a dez anos. Um velho político que defende interêsses escusos, um presidente jovem e o complô para matá-lo.

Gente 146

Êste homem é louco? — Muita gente diz que sim. Roberto Freire, repórter e psicanalista, viveu com Fontenelle vários dias para fazer o exame do paciente.

Tiragem desta edição: 455.000 exemplares

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Diretor: Roberto Civita

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Secretário: Woile Guimarães
Redatores: Carlos Azevedo, Hamílton Ribeiro, José Carlos Marão, Lúcio Nunes, Luiz F. Mercadante Micheline Gaggio Frank, Mylton Severiano da Silva, Narciso Kalili, Paulo Henrique Amorim Roberto Freire
Pesquisa: Norma Freire
Produção: Luiz Laerte Fontes
Diagramadores: Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin, Geraldo Mori Lew Parrela (chefe)
Sucursal, Rio: Alessandro Porro (diretor) Mílton Coelho, Nélson Di Rago,
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Carlos Alberto Maia, José Luiz Decourt Ricci, Sílvio Fernandes
Representantes, Rio: Nílson Alves, Álvaro Ceciliano Filho
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

*

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Amazonas, 718, sala 503, fone: 2-3326 / Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes. 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso NCr$ 1,00/Cr$ 1.000. Assinatura semestral NCr$ 6,00/Cr$ 6.000. Assinatura anual NCr$ 12,00/Cr$ 12.000. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901.

/ Todos os direitos reservados.

/ Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo.

As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

Em todo o mundo do Traveler's Checks "Citibank" são

melhores que dinheiro: Têm valor

resguardado pelo reembôlso

(No caso de perda, roubo, destruição)

Valem como dinheiro a qualquer hora, em qualquer parte do mundo, à taxa do dia.

Em caso de perda, roubo ou destruição, você será prontamente reembolsado, num dos 25.000 pontos de reembôlso às suas ordens, no mundo inteiro.

Traveler's Checks "Citibank" nunca perdem o seu valor: são válidos para sempre.

Nos valôres de 10, 20, 50, 100, 500 e 1.000 dólares.

Traveler's Checks "CITIBANK"

71.258

Filiais em:
Belo Horizonte • Brasília • Campinas • Curitiba • Pôrto Alegre • Recife • Rio de Janeiro • Salvador • Santos • São Paulo.

cartas

Quem era o homem Jesus

Senhor Diretor: Não tenho adjetivo para qualificar a reportagem "Quem era o Homem Jesus". É lamentável que haja uma revista aparentemente tida como culta, e instrutiva, e que desça tanto ao abordar um tema para o qual não esteja capacitada.

GÍLSON FAUSTINO MAIA
Angra dos Reis — RJ

Senhor Diretor: Excelente o artigo sôbre "Quem era o Homem Jesus". Trabalho de fôlego de Robert Coughlan e magistral adaptação de Duarte Pacheco.

ANTÔNIO CHAMORRO
São Paulo — SP

Senhor Diretor: Artigo não sòmente blasfemo do ponto de vista cristão, senão também errado do ponto de vista histórico-científico.

PADRE JOÃO M. GARDENAL
Salvador — BA

Senhor Diretor: Formidável o estudo sôbre a grande interrogação, apropriada para os dias atuais em que a fé exige provas e fatos inegáveis.

JOSÉ FAUSTINO
São Paulo — SP

Estamos na era do átomo

Senhor Diretor: . . . cumprimentá-los pela reportagem e fazer um esclarecimento: as experiências de aplicação de radioisótopos na agricultura foram conduzidas pela cadeira de Bioquímica da **Escola Superior de Agricultura** Luís de Queirós, e não **Instituto** Luís de Queirós, como consta no referido trabalho.

WALTER SOBOLL
Presidente do Centro Acadêmico Luís de Queirós, Piracicaba — SP

Café em debate

Senhor Diretor: Num assunto tão controvertido — o problema do café no Brasil — é com satisfação que lemos matéria do tipo da inserida em REALIDADE do mês de abril. A divulgação, feita com a maior honestidade e equilíbrio, das críticas, das novas idéias e das intenções do govêrno sôbre o nosso produto-chave, só pode ser útil ao encaminhamento da solução adequada. A reportagem colocou muito bem todos os aspectos do problema, destacando inclusive a ameaça que paira sôbre o país se ocorrer um colapso da cafeicultura, determinada pelo desemprêgo em massa na lavoura e seus reflexos terríveis no abastecimento das cidades. REALIDADE está de parabéns. Prestou um grande serviço ao país.

LINNEU CARLOS DE SOUSA DIAS
Chefe da Seção do Café da Sociedade Rural Brasileira, ex-diretor do IBC e conselheiro da Cooperativa Agrícola de Cotia

Senhor Diretor: Convidado a conceder entrevista a REALIDADE sôbre assuntos relativos a meu setor no IBC, acedi prazerosamente, na convicção de que assim prestaria um serviço necessário à opinião pública e aos cafeicultores em particular. Estranho agora, ao ler o número de abril, não ter sido correta a reprodução de minhas palavras e das minhas idéias, parecendo haver mesmo o propósito de desfigurá-las. Tão inexata é a matéria nessa parte que, pela presente, desautorizo as declarações que me foram atribuídas.

JOSÉ ALCINDO RITTES
Chefe do Departamento de Assistência à Cafeicultura do IBC

O jornalista Hamilton Ribeiro insiste que reproduziu fielmente as declarações do sr. Rittes. E REALIDADE acredita no seu repórter.

O Piauí existe

Senhor Diretor: Na qualidade de piauiense, filha de Oeiras, fiquei revoltada com a reportagem sôbre o pequenino Estado, publicada no número 13 dessa revista. Venho lançar meu protesto, pois reportagem dessa natureza eu jamais gostaria de ler, e acredito que nenhum piauiense.

MARIA BENEDITA
Goiânia — GO

Senhor Diretor: É digna de encômios a reportagem "O Piauí existe". Muito contribui para arrancar o Estado do ostracismo.

LINDOMAR OLIVEIRA
Brasília — DF

Senhor Diretor: É para nós motivo de júbilo possuirmos uma revista como é REALIDADE. Considero excelente a reportagem "O Piauí existe", pois é o retrato fiel e autêntico daquela gente e daquele Estado que conheço muito bem.

ARSÊNIO BARBOSA DE ARAÚJO
Rielma — GO

Senhor Diretor: Através desta carta queremos protestar contra um artigo publicado nesta já altamente conceituada revista intitulado "O Piauí existe", pois é considerado por nós pejorativo, solerte e insidioso. Precisamos é de ajuda, de compreensão e não de basófias ridicularizantes.

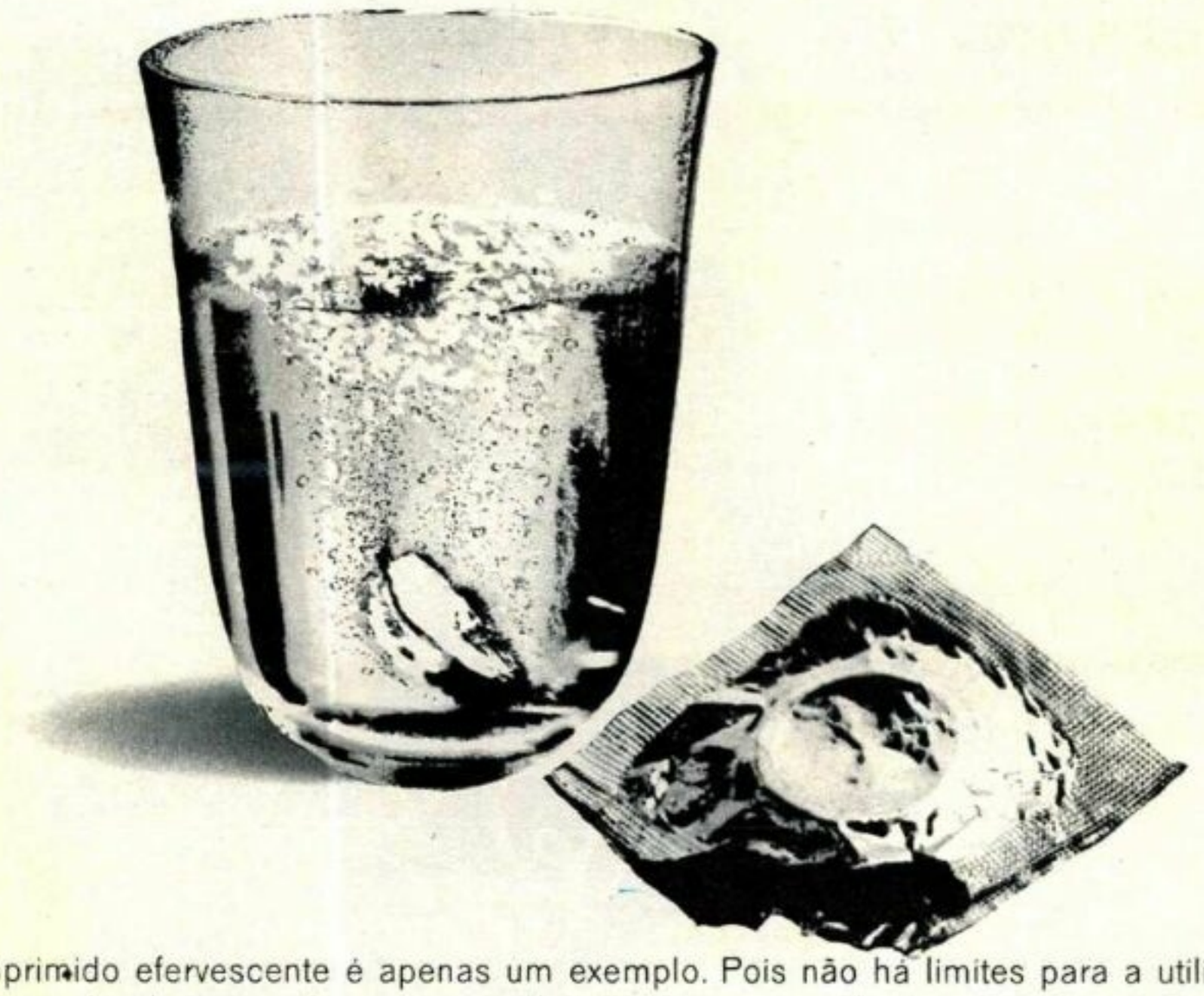
JOSÉ NUNES MENDES DE CARVALHO
JOSÉ GORNSTEJN
JOSÉ DUTRA DE MELO NUNES FILHO
Rio de Janeiro — GB

A reportagem "O Piauí existe" provocou uma onda de manifestações. Tanto de apoio, quanto de protesto. Sendo que êstes partiram dos que não compreenderam o tom emotivo, humano e participante com que o repórter Carlos Azevedo manifestou a ternura com que viu e sentiu os problemas e as peculiaridades do Piauí. Mas feliz-

SEGUE

embalagem de alumínio
é invulnerável a odôres, a umidade,
é atraente e versátil

e todo dia, nas mais variadas formas, o homem pode comprovar a proteção da embalagem de ALUMÍNIO



Comprimido efervescente é apenas um exemplo. Pois não há limites para a utilização da embalagem de aluminio, tal a sua versatilidade. Veja como éle é maleável no tubo de pasta de dentes e como é resistente no tubo de "spray". Aluminio pode ter até espessuras finissimas. Pode ser pràticamente tudo, protegendo e conservando. E embelezando também! Em suas mais variadas formas, éle oferece soluções adequadas e econômicas, exclusivas mesmo. Por isso está sendo cada vez mais usado como embalagem para tudo, em todo o mundo. Nesse ponto entramos nós, da ALCAN, oferecendo uma experiência preciosa para a utilização do aluminio no setor de embalagens. No Brasil estamos há cêrca de vinte anos (lembra-se de nossa marca Albra?) e colocamos nossos serviços à sua disposição. Qual é o produto? Pode ter embalagem de aluminio? Estamos às ordens.

ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S.A. ALCAN

Esta é a verdadeira caneta-cápsula: Parker 45. D spensa o tinteiro.

Há canetas parecidas por aí. Eis as diferenças:

Comece comparando a cápsula PARKER com os cartuchos das canetas que adotaram nossa idéia. Nenhum dêles tem mais tinta. Faça você mesmo a experiência. Veja em seguida o acabamento, o funcionamento. E a variedade de côres, a beleza dos modelos. Em tudo, você nota diferenças, que fazem da PARKER a caneta mais desejada do mundo. A menor diferença está no preço... Enfim, a PARKER 45 é uma PARKER. A caneta que se compra para tôda a vida.

PS. SÓ A PARKER 45, a caneta-cápsula, pode ser usada também como caneta-tinteiro tradicional. Nenhuma caneta de cartucho dá a você essa escolha.

PARKER

faz as canetas mais desejadas do mundo.

cartas

mente a maioria sentiu que a matéria inteira é uma tomada de posição em defesa do homem e da terra piauienses.

O resultado de um ano de trabalho

Senhor Diretor: Desejo felicitá-lo pelo transcurso do primeiro aniversário. Na Guanabara, a revista é lida e apreciada como se fôra publicação de cariocas para cariocas.

NEGRÃO DE LIMA
Governador da Guanabara

Senhor Diretor: Leitor assíduo, sinto-me feliz em congratular-me com todos que fazem de REALIDADE o que ela é: uma revista adulta, atual, de vanguarda, que honra o jornalismo de nosso Estado e do nosso país.

ABREU SODRÉ
Governador de São Paulo

Senhor Diretor: Cumprimentos pelo transcurso do primeiro aniversário, fazendo votos de novos sucessos à publicação que veio enriquecer o panorama da imprensa brasileira.

ISRAEL PINHEIRO
Governador de Minas Gerais

Senhor Diretor: Ela é uma revista que nasceu adulta. Que continue dignificando a imprensa brasileira.

FARIA LIMA
Prefeito de São Paulo — SP

Senhor Diretor: Sinto-a como alguma coisa que deve existir, mesmo porque o seu nome é, já de si, um sinal de que ela precisa estar permanentemente presente.

LUÍS DE SOUSA LIMA
Prefeito de Belo Horizonte — MG

Senhor Diretor: Congratulações primeiro aniversário revista grande serviço prestado inteligência país vg incorporada patrimônio cultural brasileiro pt

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES
Prefeito de Salvador — BA

Senhor Diretor: REALIDADE rivaliza com as melhores revistas feitas no mundo... Sacudindo a opinião coletiva, descrevendo a mente média do público e desafiando carunchosos preconceitos e tabus, dentro de uma linha de corajosa honestidade, REALIDADE, em apenas doze meses, apressou o processo de maturação psicológica de um povo ainda adolescente.

CARLOS ALBERTO MORO
Secretário da Educação e Cultura do Estado do Paraná

Senhor Diretor: Estou certo de que REALIDADE continuará prestando valioso serviço à sociedade brasileira.

PAULO DO RANGEL MOREIRA
Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco

8.008

perder seus cabelos já é envelhecer!

...por isso, tôdas as manhãs, PANTENE!

Hoje, você pode orgulhar-se de seus bonitos cabelos mas... amanhã? Mire-se no espelho e imagine-se com menos cabelos ou até sem cabelo nenhum. Não vamos insistir nisso... é uma idéia demasiadamente cruel. Se você quer ter uma aparência jovem (e assim permanecer) use, o quanto antes, Pantene.

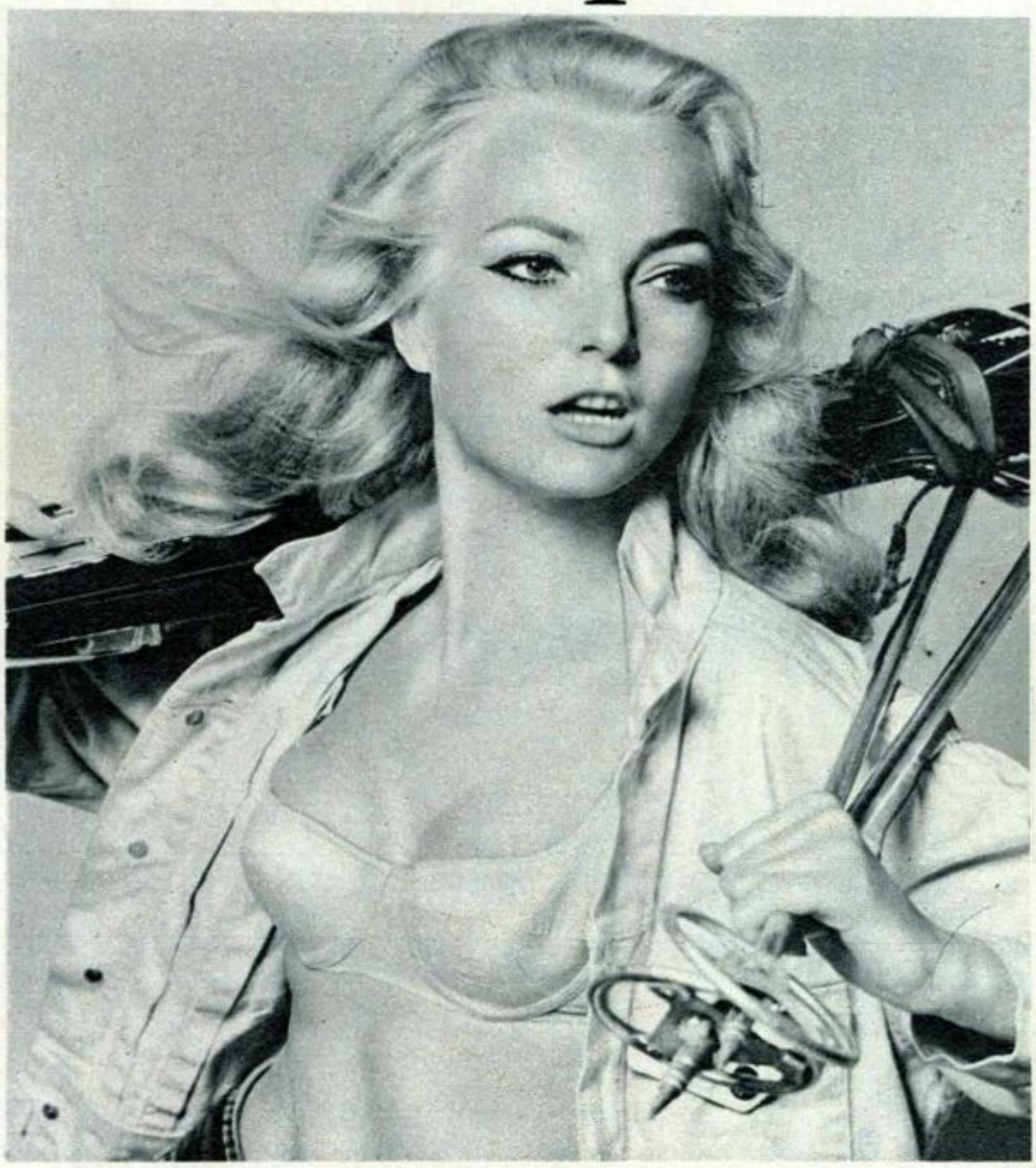
Esta excelente loção capilar ajuda a manter seus cabelos sempre saudáveis.

Para que os cabelos cresçam e se desenvolvam melhor, Pantene contém *Pantyl*, substância vitamínica exclusiva de Roche. Para que êles conservem uma suave fragrância, Pantene lhes proporciona seu discreto perfume (um sucesso mundial)... e com Pantene você finalmente poderá dizer: adeus, caspa! Você terá cabelos saudáveis, macios, brilhantes!

Admita que Pantene (cada manhã) dará a seus cabelos (todos) melhor aparência e você terá as melhores chances de se conservar jovem e em boa forma. Há 5 tipos de Pantene à sua escolha.

LOÇÃO VITAMINADA
PANTENE
A PROTEÇÃO INTEGRAL DE SEUS CABELOS

Europa!



Sim, Europa em 1967. E' a melhor receita de viver. Comece em Roma, onde você chega ràpidamente, depois de uma deliciosa viagem a bordo de nossos jatos DC-8. Após êsse agradável "stop-over", continue o seu roteiro pela Europa, onde lagos, mares, montanhas e neve - há sempre neve na Europa para se esquiar - estão à sua espera. Tôdas as belezas do Velho Mundo estão agora ao seu alcance. Alitalia lhe oferece as melhores conexões para tôdas as cidades que você desejaria conhecer. E' só marcar a data para iniciar uma excursão inesquecível. Não perca tempo. A receita é Europa 67. Pela Alitalia, naturalmente.

ALITALIA

cartas

Senhor Diretor: Adotando uma linha de conduta ética das mais elogiáveis, REALIDADE dá um exemplo de como se deve fazer imprensa no Brasil.

ARISTOFANES DE ANDRADE
Presidente da Câmara Municipal de Recife — PE

Senhor Diretor: Ao ensejo do primeiro aniversário de REALIDADE, apraz-me enviar os meus cumprimentos e os melhores votos de positiva contribuição para o aprimoramento cultural de nossa gente, na fiel retratação da realidade brasileira.

DEP. CARLOS SANTOS
Presidente da Assembléia Legislativa — Pôrto Alegre — RS

Senhor Diretor: Cumprimentamos a equipe ao ensejo do primeiro aniversário da revista. Sua moderna feição gráfica, seus cuidados e planejamento são de molde a merecer aplauso e admiração.

CARLOS REGIUS
Presidente da Associação Rio-grandense de Propaganda

Senhor Diretor: Cremos que os doze meses de existência de REALIDADE são uma constante confirmação dos propósitos — informar, estimular divertir e servir — que deram vida à revista.

JOSÉ ALOÍSIO FILHO
Presidente da Câmara Municipal de Pôrto Alegre — RS

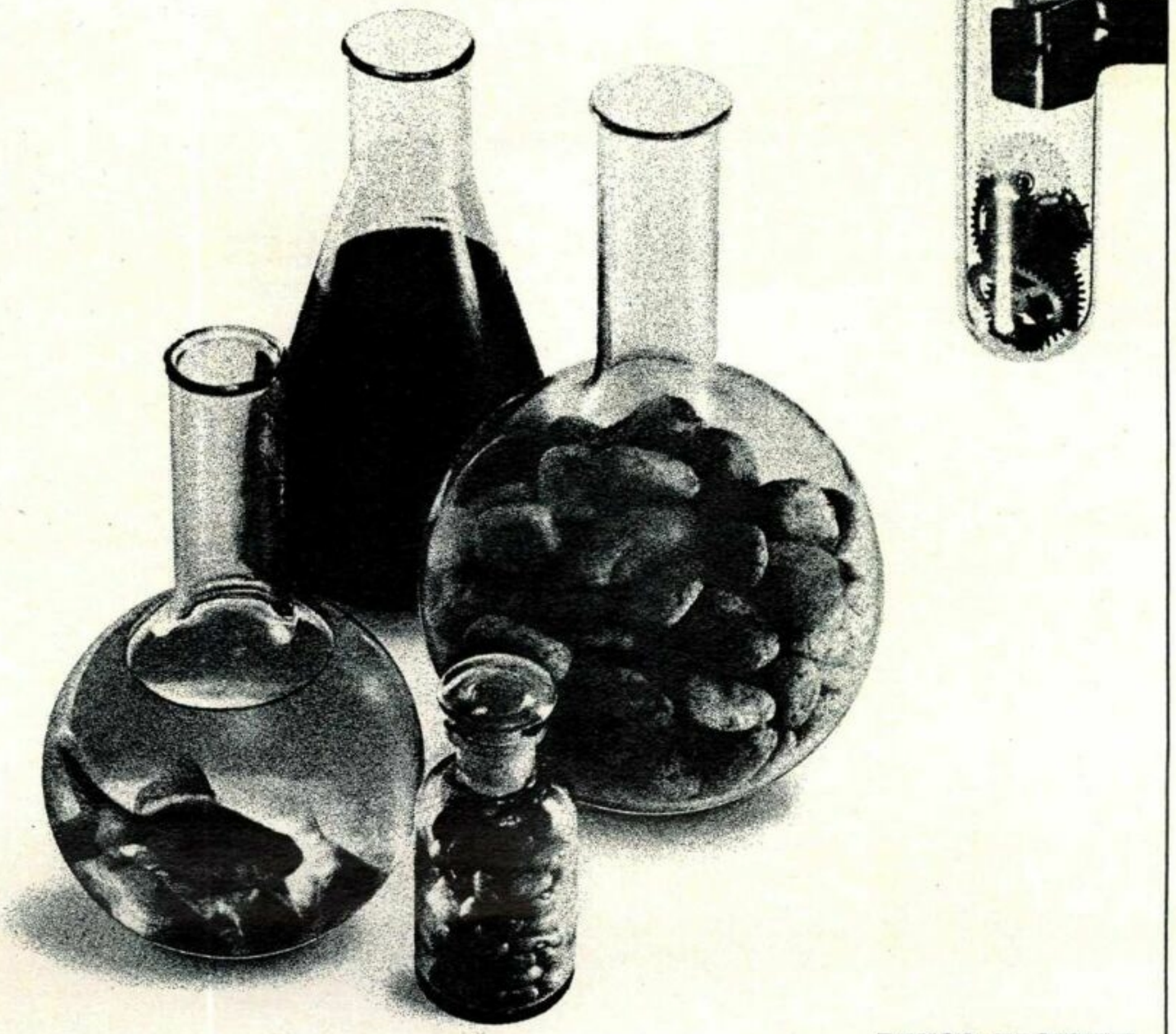
Senhor Diretor: Venho felicitá-lo pela passagem do primeiro aniversário de REALIDADE. E lembrar suas mais emocionantes reportagens: o depoimento de Ingrid Thulin (número 1); o perfil do ex-presidente Castelo Branco (n.º 3); o esclarecimento com que dirigiram a pesquisa "Nossa Juventude diante do Sexo" (n.º 5); a religiosidade ecumênica do artigo "Histórias cheias de fé" (n.º 6); o esplêndido ensaio fotográfico "O Sol" (n.º 7); o problema econômico que eu antes nunca compreendia e que encararam tão firmemente em "O que é inflação" (n.º 8); a matéria "Deus está morrendo?" (n.º 9) nos traz um problema real, sempre evitado; conhecer a mulher é bem difícil, mas vocês souberam escolher um caminho para essa compreensão na edição de janeiro (que felizmente eu obtive); o ideal de educação, mesmo existente no Brasil, nunca eu tinha dêle tido conhecimento e REALIDADE me mostrou em "Já existe a escola de amanhã" (n.º 11); os desníveis de cultura e civilização do Brasil aparecem em "Êste boi é meu" (n.º 12); finalmente, a genial pesquisa de "Afinal, o que o povo pensa do Tio Sam?" Assim, transmito minha gratidão a vocês, pelo que me têm transmitido.

JUAREZ DE FIGUEIREDO NETO
Brasília — DF

Nós conhecemos bem a Sudene. Estamos na mesma área. Sabemos dos projetos. Falamos a mesma linguagem. Temos condições, portanto, para prestar serviços aos industriais do sul. Por isso criamos em nosso banco uma Divisão de Projetos e Assessoria Econômica. Principalmente para atender e orientar aos investidores paulistas, cariocas, paranaenses, gaúchos e mineiros. Essa divisão, reunindo um grupo de técnicos, faz projetos industriais, fiscaliza aplicações já feitas, sugere medidas ou propõe o tipo de investimento adequado em têrmos dos arts. 34/18. Solicite, hoje mesmo, a visita de um representante da Divisão de Projetos e Assessoria Econômica, em qualquer de nossas agências. É com prazer que lhe prestamos êsse serviço.

25 ANOS BANORTE

use e abuse dos nossos conhecimentos de sudene



abaeté

UTILIZE CHEQUES DE VIAGEM BANORTE

MATRIZ: Recife. DEPTOS. Aracaju, Arcoverde, Belém, Belo Horizonte, Campina Grande, Caruaru, Fortaleza, Garanhuns, João Pessoa, Limoeiro, Maceió, Manaus, Natal, Pôrto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, São Luiz, São Paulo, Teresina, Timbaúba e mais 13 agências urbanas.

BANCO NACIONAL DO NORTE S.A.

ha 25 anos... um amigo na praça

LIVROS

Roberto Carlos é "papo furado"

Quem mandou Roberto Carlos pensar que era escritor? Pois êle pensou que era e lançou logo de saída uma obra em quatro volumes: **Roberto Carlos em Prosa e Versos.** Que tem coisas assim:

"O meu cavalinho é bonito. O meu cavalinho é só meu. Eu não quero que ninguém ponha o dedo nêle. O cavalinho é meu tesouro. Quando eu morrer quero o meu cavalinho junto de mim. Eu queria ir pro céu com o meu cavalinho. Eu quero escutar também a vovó cantando prá nós dois dormir. Eu gosto do meu cavalinho. Eu gosto da mamãe. Eu gosto do papai. Eu gosto da minha casa. A vida acaba quando o Sol vai embora e tudo fica escuro."

Isto é prosa de Roberto Carlos. Em seis linhas datilografadas, usa sete vêzes a palavra **meu,** oito vêzes **eu,** além de **minha, mim** e **nós.** Dezoito pronomes de primeira pessoa, uma média de três por linha. Um narcisismo assustador, aliado a uma desmedida pobreza vocabular: no trecho aparecem quatro vêzes **quero,** quatro **gosto,** sete **cavalinho** (contando com o do título).

O autor tem tanta certeza da subserviência do público, que nem se dá ao trabalho de elaborar um pouco sua prosa. O problema não é o tema. O tratamento do assunto é que dá ou não qualidade a uma obra. Compare-se, por exemplo, êsse **Cavalinho de Pau** de Roberto Carlos com Manuel Bandeira, ao tratar de tema semelhante:

"Quando eu tinha seis anos / ganhei um porquinho-da-Índia. / Que dor de coração eu tinha / porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão! / Levava êle pra sala / pros lugares mais bonitos, mais limpinhos, / êle não se importava: / Queria estar debaixo do fogão. / Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas... / — O meu porquinho-da-Índia foi a minha primeira namorada."

Depois do **Cavalinho de Pau** vem a preocupação com a figura da mãe. A fixação materna se manifesta em quase todos os textos do **autor** e atinge níveis freudianos em **Eu e Minha Mãe,** quando diz: "Eu estou alegre. Muito. Mamãe confia em mim. Basta eu e minha mãe." De passagem, convém assinalar ainda que a concordância do verbo bastar com **eu** e não com **nós** (na última frase) confirma o egocentrismo de Roberto.

O pai também está presente, em **Prosa e Versos.** Como é êle? Representa a fôrça, a segurança, a autoridade? Não. É o dono do colo, "do calor, do carinho", fala manso, com "palavras macias, veludosas notas musicais". É bem um pai disfarçado de mãe.

Talvez sentindo suas próprias fraquezas, o **autor** a todo momento sente necessidade de explicar-se: "Vejam cá o que eu tenho a dizer: não sei como entrei nessa jogada de escrever livros." Ou então: "Eu tenho que explicar para vocês que..." E êle próprio reconhece: "Não tenho nada pra falar." Mas fala. Ou escreve, frases feitas e clichês: o **fogo da vida,** o **silêncio da noite, brotar dos lábios, coração descompassado, pulsar em meu peito, coração sofredor,** etc. Um único aspecto positivo dos textos: certa comunicação com o público a que se dirige, através da linguagem ocasionalmente coloquial e cheia de gírias.

Na maior parte dos trechos, entretanto, o **autor** abandona a naturalidade e as expressões populares acabam sufocadas por uma enxurrada verbal: "Espero que venha nascer do botão uma nova flor, então sim vou queimar todo ímpeto que se comprime no fole do meu peito e virão exércitos de bombeiros apagar a fogueira que se irradia e um grande amor, da ventura, da alegria — e desistirão por certo, correndo em debandada, vermelhos, fulos de raiva, os bombeiros."

Por fim, eis o que diz aquêle que é tido por muitos como o símbolo da revolta dos jovens:

"Olha aqui, êsse negócio de dizer que a juventude é revoltada e mais isto e mais aquilo é besteira."

DISCOS

Êste é o campeão

"Teixeirinha rua dos Andradas 1.137 Pôrto Alegre RS pt Informe urgentemente quando poderá ser entrevistado a fim enviarmos emissário para tratar condições excursão aos Estados Unidos com 14 apresentações pt"

O homem que recebeu êste telegrama, dias atrás, é Teixeirinha, o artista que mais discos já vendeu no Brasil, (embora ninguém saiba realmente qual o total das cópias), que tem 182 composições gravadas, que nem sabe quanto ganha e cujas modas de viola são tocadas nos restaurantes e boates de Portugal e Espanha como as mais típicas representantes da nossa música popular.

Teixeirinha foi menino pobre, que perdeu o pai aos nove anos e a mãe aos dez. Sòzinho no mundo, saiu pelo interior do Rio Grande, trabalhando e tocando violão. Aos 22 anos, começou a cantar por dinheiro, na estação de rádio da cidadezinha de Estrêla. Depois, percorreu outras emissoras do interior, dando por fim com os costados em São Paulo, convidado a gravar algumas composições. Como eram discos de 78 rotações, com uma música de cada lado, explicaram-lhe que — como êle trouxera um número ímpar de composições — ou eliminava uma ou apresentava outra. Teixeirinha não se abalou:

— Falta uma? Espera aí, que amanhã cedo está pronta.

Foi para o hotel e, em seis estrofes de oito versos, contou a história triste de sua vida, na letra

de **Coração de Luto.** Era assim: depois que o pai morreu, a mãe **deu** os irmãos e ficou só com êle. Aos dez anos, quando entrou para a escola, nem queria se despedir da mãe: ela sofria de epilepsia e não devia ficar sòzinha em casa. Enfim, o menino foi à aula. Quando voltava, viu gente demais no quintal e uma fumaceira. A mãe juntara um lixo, tocara fogo e, sofrendo um ataque, caíra na fogueira.

A toada feita às pressas vendeu tanto, que Teixeirinha perdeu a conta. E de lá para cá já vendeu muito mais de um milhão de discos. Inclusive no exterior. Na África Portuguêsa, Teixeirinha — sòzinho — domina 80% do mercado de gravações. Seu grande sucesso, entretanto, continua sendo **Coração de Luto,** que — veja-se a letra — virou para o povo **Churrasco de Mãe.**

Hoje, sem se importar com o que digam, êle prepara o lançamento do filme com o mesmo

nome de sua música famosa, contando igualmente a história de sua vida. Para isso, gastou 70 milhões. O que para Teixeirinha não é nada, pois êle é riquíssimo, mora numa casa enorme em Pôrto Alegre, com pátio arborizado e florido, e muitos cômodos. Num dêles, o escritório, êle se tranca pelo menos duas vêzes por semana e quando sai acabou de produzir, sem muito esfôrço, mais uma **obra.** Que pode ser uma toada-milonga dedicada às mães ou um rasqueado falando das gauchinhas de Bagé.

POESIA

Revolucionário se aposenta

Há 50 anos atrás, a tipografia de Itapira — cidadezinha do interior de São Paulo — imprimia 500 exemplares, fora do comércio, do livro de poesias mais vendido e conhecido no Brasil: **Juca Mulato.** O autor era um jovem de 25 anos, recém-formado em Direito na Capital, que empolgava o povo da região com a fala brilhante no forum, onde libertava os criminosos e ganhava tôdas as causas. Seu nome, Menotti del Picchia.

Juca Mulato teve acima de 30 edições, vendeu mais de 300 mil volumes, está em quase tôdas as antologias ginasiais e colegiais do país e foi traduzido para o japonês, francês, árabe, polonês, húngaro, espanhol e italiano. Pròximamente, um grupo de estudantes cariocas da Universidade do Brasil vai levar a obra para o palco, com trechos musicados, assim como o TUCA encenou o poema de João Cabral de Melo Neto, **Morte e Vida Severina,** com melodias de Chico Buarque de Holanda.

Antes de **Juca Mulato,** Menotti publicara os **Poemas do Vício e da Virtude** (1913) e **Moisés** (1915). Sempre poesia.

— Nesse tempo, eu ainda era estudante, na Academia de Direito do largo de São Francisco. Depois fui para Itapira. Em 1917, ano de **Juca Mulato,** queria revolucionar, em literatura e política. Lá no interior encontrava ambiente bom para minha busca de paz. Fazia um pouco de tudo: politicava, cuidava de advocacia e da minha fazenda. Era meio boêmio e Itapira estava cheia de maledicência e burrice. O silêncio cultural era completo, eu estava sòzinho. Mesmo angustiado, encontrei tempo de ouvir o rio, a terra, o caboclo. Então nasceu o **Juca Mulato.** Quis fazer o anti-parnasianismo, o nacionalismo total.

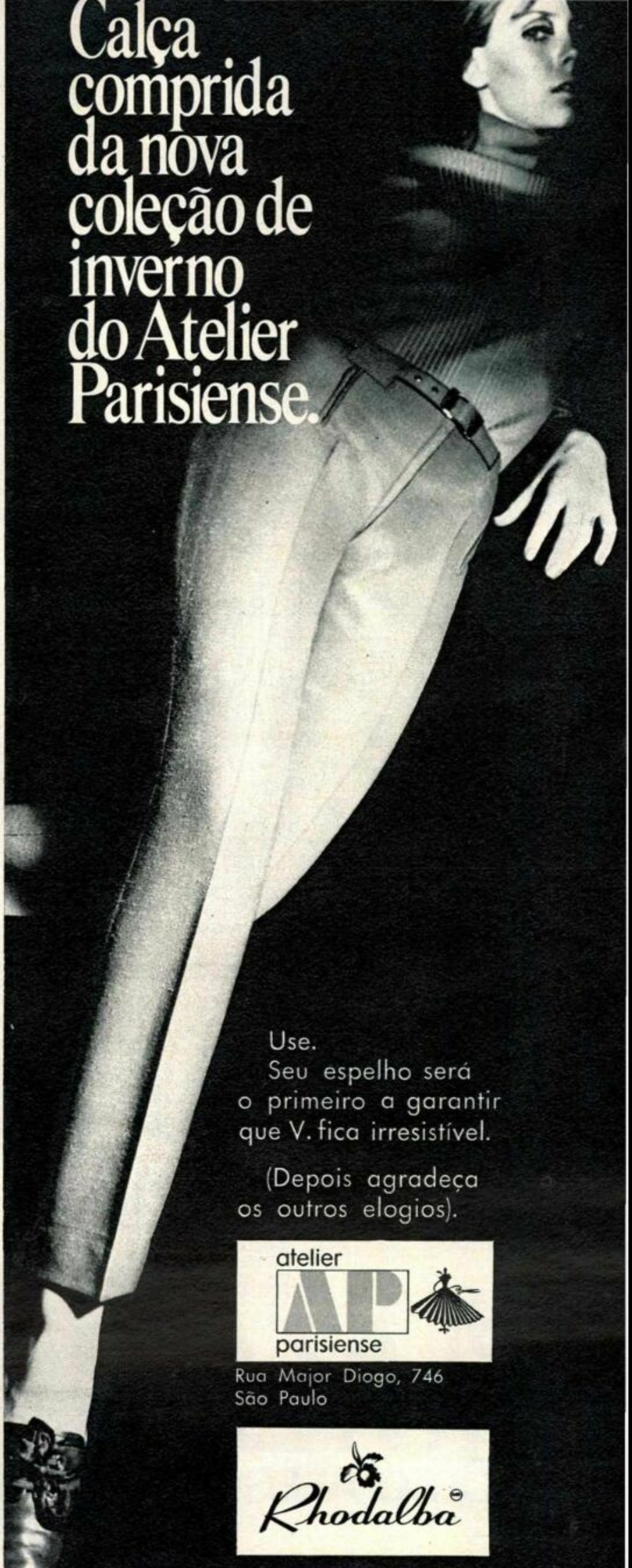
Os grandes poetas da época eram Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira, Amadeu Amaral e Martins Fontes, parnasianos. Só falavam de deuses gregos, sonhos orientais, se esqueciam do Brasil, Menotti mandou **Juca Mulato** para os amigos e o livro foi um sucesso.

E, então, Menotti parou de fazer poesia para entrar mesmo na política. Foi eleito deputado estadual em 1927 e secretário de Pedro de Toledo, governador de São Paulo, na Revolução de 32. Logo depois, escreveu **A Revolução Paulista,** um ensaio editado por Monteiro Lobato.

Em 1950, de nôvo volta à política, elegendo-se deputado federal, reeleito em 1954 e 58.

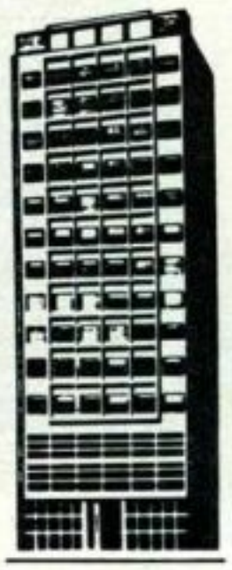
— Meu momento épico foi antes de 1930, no tempo em que era redator do **Correio Paulistano,** o jornal mais poderoso do país. Era do Partido Republicano Paulista, e o PRP era o govêrno. É dessa época **As Máscaras,** peça teatral em versos que foi representada em Belo Horizonte por dois estudantes desconhecidos: Juscelino Kubitschek e José Maria Alkmim.

Menotti vive hoje numa casa bonita em São Paulo, cercada de árvores, sete filhos, 16 netos e vários gatos siameses. Ainda tem a fazenda no interior, que quer vender — diz — para mergulhar mais na literatura. Dêsse mergulho sai no mês que vem um nôvo livro de poemas chamado **Deus sem Rosto,** com dois mil exemplares, lançados pela **Martins Editôra.** Há 50 anos, **Juca Mulato** contava a história de um caboclo que se apaixona pela filha do fazendeiro e, consciente de que é preciso esquecer, dedica-se a trabalhar e trabalhar, só encontrando na terra a paz de que precisa. Versos contando uma história dessas eram então uma tomada de posição progressista, bem brasileira. Agora, entretanto, aos 75 anos — em **Deus sem Rosto** — Menotti dá meia volta e faz versos misturando vagalumes, angústias, toupeiras e Jesus. Depois de **Deus sem Rosto,** Menotti vai escrever suas memórias, para confessar que o tempo de ser inovador e revolucionário já passou.



o atendimento do plaza hotel é tão individual que parece ser sòmente você o alvo das atenções.

BY THIS WAY, SIR



salimen & franchini

PLAZA HOTEL PÔRTO ALEGRE

CINEMA

Receita para ganhar milhões

Sofia Loren, índia de cabelos côr de mel, banhava-se nas águas mansas do regato que corta a aldeia. O mestiço Mazzaroppi, tomado de crise amorosa, escondido atrás de uns arbustos, escorrega e cai no rio. E como não sabia nadar, obriga seu amigo Sean Connery a mergulhar para salvá-lo. Resultado: os temíveis comanches prendem os forasteiros, que são imediatamente pendurados nos troncos de tortura.

Não fôsse a precipitação do fiel Mazzaroppi, e a guerra entre colonos e comanches poderia ser evitada. Foi assim que o Vale do Sol testemunhou a maior batalha da colonização americana. Os bravios comanches, insuflados pelo cacique Clark Gable e organizados estratègicamente por Peter Sellers, especialista índio em assuntos de cavalaria (particularmente deprimido com as recusas de Sofia às suas constantes declarações de amor), enfrentam as reduzidas, porém corajosas, milícias brancas. Duelo cruel, de resultado surpreendente: empate. Dois a dois. Únicos sobreviventes: Sean Connery e Mazzaroppi de um lado, Gable e Sellers do outro. Quem vencerá?

É bem verdade que depois de tão sangrenta batalha, êles não tinham mais disposição para lutar. Então, ao longe, vê-se uma diligência. Os quatro não se mexem. A diligência vem dirigida por Frank Sinatra, bem sucedido empresário de **shows** burlescos. Está bêbado e conduz duas coristas: Marylin Monroe e Brigitte Bardot, a eterna namorada do fazendeiro Sean Connery. Marylin, ao saltar da diligência, corre para os braços de seu amor, Gable. Sinatra, cheio de ciúmes, dá-lhe umas chicotadas. Marylin não se contém e, para vingar-se, revela o grande mistério de tôda a história: Sinatra era o traficante das armas que os comanches usavam contra os brancos. Os quatro sobreviventes da batalha se unem e ali mesmo fuzilam o contrabandista Sinatra.

Agora, os noivos sobem ao altar de uma pequena igreja — Connery e BB, Gable (convertido à fé cristã) e Marylin. O padre é Marcello Mastroianni e os Beatles interpretam a **Marcha Nupcial.** Mas ainda não é o fim, pois os coroinhas Peter Sellers e Mazzaroppi, em plena cerimônia, descem do altar e se esmurram pelo amor de Sofia, que assiste emocionada. O padre abandona suas funções e trata de separar os apaixonados. Mas vê Sofia à sua frente, belíssima e em prantos. O amor o atinge inapelàvelmente. Toma uma decisão: renega os votos, arranca a batina e se casa com Sofia. Os coroinhas, desesperados, saem da igreja. Eis, então, que vem passando e latindo o Rin-Tin-Tin. Peter Sellers dá a idéia e Mazzaroppi não demora a executá-la. Última cena: os dois, calmamente, depois de caçar Rin-Tin-Tin, se deliciam com o mais verdadeiro **hot-dog** do cinema americano, preparado por Gary Cooper.

Êste filme maluco, que poderia chamar-se **Nas trilhas da vingança,** seria o recorde absoluto de bilhe-

teria no Brasil, em todos os tempos. Superprodução a côres, direção de Hitchcock, música de Henry Mancini, um elenco bilionário (que não respeita nem os mortos como Clark Gable e Marylin Monroe, além de transformar o corintiano Mazzaroppi em amigo inseparável de Sean Connery), e os clássicos ingredientes de **ação, violência, suspense** e **amor** seriam irresistíveis para o nosso público. Pois os atôres e o diretor do nosso **Nas trilhas da vingança** são os de maior bilheteria dêste país.

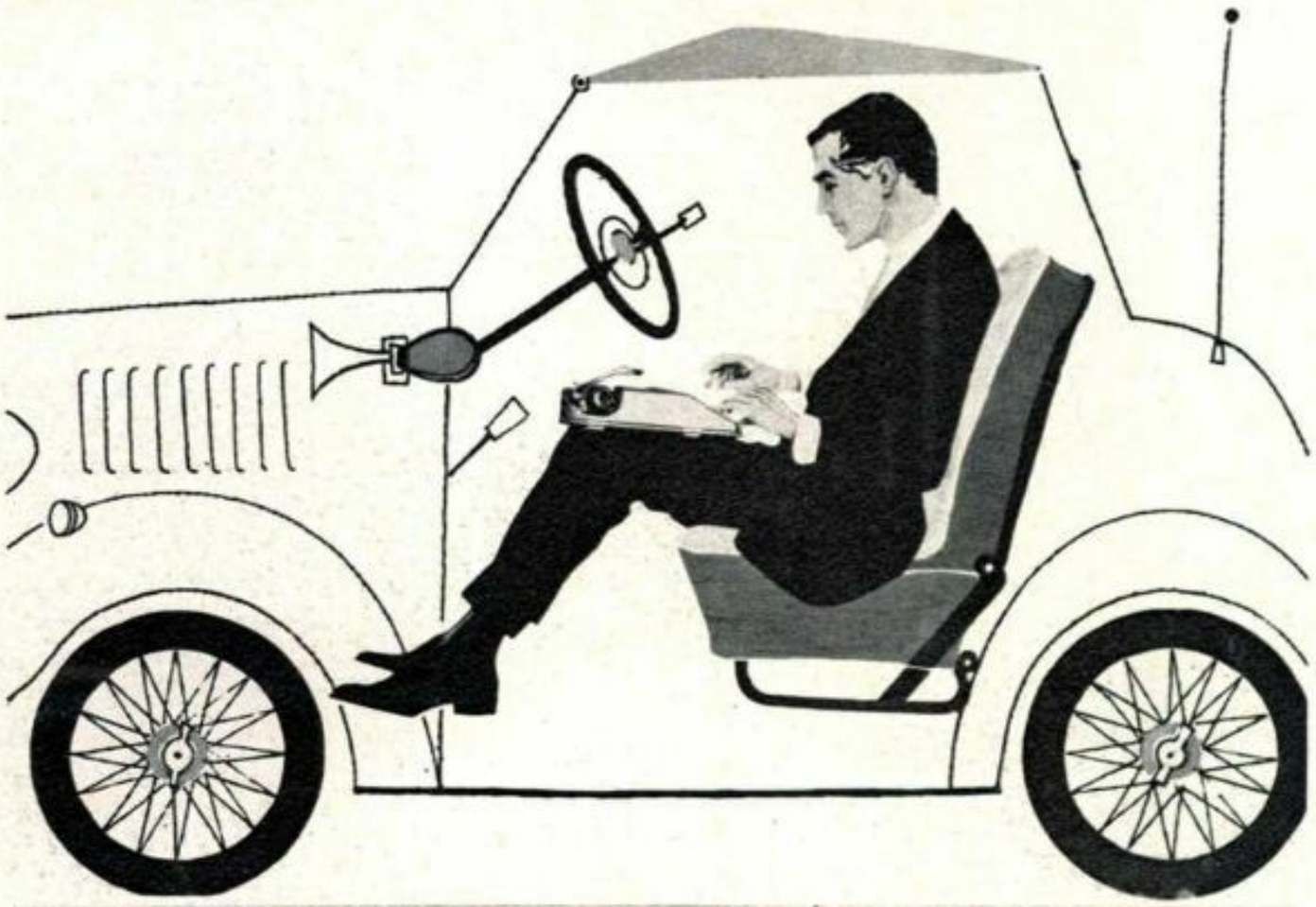
Na história da exibição de filmes no Brasil, **...E o Vento Levou,** depois de 26 anos como recordista absoluto, acaba de perder seu lugar para um musical que lotou os cinemas mais de um ano: **A Noviça Rebelde,** que já rendeu dois bilhões de cruzeiros velhos e ainda tem mais três anos de vida, no mínimo. Apesar dos fortes concorrentes, como **Dr. Jivago,** em cartaz desde julho do ano passado, da série de James Bond, liderada por **Thunderball** (800 milhões antigos) e de **A Bíblia** (quase 50 milhões em duas semanas), **A Noviça,** talvez por ser livre para menores, é agora o maior sucesso de público no Brasil.

Logo a seguir, na escala dos que atraíram mais público, vêm as superproduções: **Os 10 Mandamentos, Lawrence da Arábia** e **Ben-Hur,** empatados com **A Volta ao Mundo em 80 Dias, Psicose, O Manto Sagrado** e **Os Brutos Também Amam.** E já aí entram as grandes comédias sofisticadas: **Irma la Douce, A Corrida do Século, Um Tiro no Escuro, O que é que há, Gatinha?, Se Meu Apartamento Falasse** e **A Pantera Côr de Rosa.**

Mas o que, realmente, decide sôbre o sucesso de um filme é o seu elenco. No Brasil, os grandes cartazes são Frank Sinatra, Sean Connery, Marcello Mastroianni e Peter Sellers, sem contar os falecidos Clark Gable e Gary Cooper. Entre as artistas estão Elizabeth Taylor, Sofia Loren, Cláudia Cardinale, Brigitte Bardot, Jeanne Moreau, Audrey Hepburn, Ursulla Andress, Monica Vitti, Julie Christie e a falecida Marylin Monroe. Em matéria de comédia, Jerry Lewis, Shirley MacLaine, Jack Lemmon e Alberto Sordi. Isso sem falar numa dupla também irresistível: Rock Hudson e Doris Day.

E o cinema nacional? Grande bilheteria mesmo só Mazzaroppi com algumas poucas exceções, como **Tôdas as Mulheres do Mundo,** que, só no Rio, rendeu cêrca de 100 milhões.

Ela é a melhor secretária



a nova HERMES Baby

Foi feita para você. Para acompanhá-lo nas férias, no seu carro, no hotel, no escritório, na casa de campo. É tão leve quanto um bebê. Pesa apenas 4 quilos. Tem os mais bonitos tipos de letra: Paica ou Elite.

9.230-A

ORGANIZAÇÃO Ruf S.A.
Equipamento para Escritórios

Rio de Janeiro: Rua Debret, 79-A - Tel. 32-6767
São Paulo: Rua da Consolação, 41 - Tel. 33-9136
Belo Horizonte: Av. Afonso Pena, 941 - Tel. 2-1902
Curitiba: Rua João Negrão, 45-s/loja - Tel. 4-6822
Pôrto Alegre: Rua dos Andradas, 1234-2.º - Tel. 5886
Recife: Rua da Concórdia, 382-1.º - Tel. 4-0911
Passo Fundo: Rua Independência, 506-R.G.S.

UMA PAUSA DIVERTIDA PARA PESSOAS OCUPADAS

Além de proporcionar às pessoas ocupadas uma pausa bastante divertida, a BIBLIOTECA DE "OUTROS NEGÓCIOS" PARA HOMENS DE NEGÓCIO coloca-as de sobreaviso contra os vigaristas, os bajuladores e todos aquêles que se servem de expedientes escusos para galpar posição e alcançar fortuna e prestígio.

1 - **TUDO COMEÇOU COM MARX**, R. Armour. As teorias de Marx com tal clareza que quase poderão ser compreendidas.
2 - **COMO VENCER NA VIDA SEM FAZER FÔRÇA**, S. Mead. "O sol nasceu para todos e a sombra para quem é vivo".
3 - **A IGNORÂNCIA AO ALCANCE DE TODOS**, N. de Holanda. A própria Sabedoria, de tudo sabendo tanto, não pode saber de quanto o ignorante é capaz.
4 - **TRATADO GERAL DOS CHATOS**, G. Figueiredo. Um método eficaz para livrar-se dos ditos.
5 - **BRASIL PARA PRINCIPIANTES**, P. Kellemen. Economia, finança, indústria e comércio em ritmo de samba.
6 - **FÁBULAS FABULOSAS**, Millôr Fernandes. "No dia em que o industrial chamar de fé às suas escavadeiras, a fé removerá montanhas".
7 - **COMO ROUBAR** (ou aliviar) **O PRÓXIMO**, Babete Rolin. Os grandes vigaristas e suas fantásticas proezas.

Crediário: 6 X NCr$ 15,00.
Plano Econômico: apenas NCr$ 45,00, em 2 x 22,50.

PARAPSICOLOGIA
EXISTEM OS PODERES SECRETOS DO HOMEM?

Você mesmo julgará ao conhecer a série MISTÉRIOS E PODERES SECRETOS (à luz da ciência) que reune o que existe de mais extraordinário nos confins da alma e nos bastidores das organizações secretas.

6 magníficos volumes encadernados em percalux. 2075 páginas. 107 fotografias, mapas e fac-símiles.
1 - **NAS FRONTEIRAS DA CIÊNCIA E DA PARAPSICOLOGIA**, Alfred Still.
2 - **O LIVRO DOS MILAGRES**, Zsolt Aradi.
3 - **SONHOS E PESADELOS**, J. A. Hadfield.
4 - **HISTÓRIA E MISTÉRIOS DAS SOCIEDADES SECRETAS**, H. Achreiber.
5 - **MANIAS E CRENDICES** (em nome da ciência), M. Gardner.
6 - **OS PODERES SECRETOS DO HOMEM**, R. Tocquet.

Crediário: 8 x NCr$ 16,00.
Plano Econômico: apenas NCr$ 63,00 em 3 x 21,00.

OPERAÇÃO ESPIONAGEM

A série TRAMAS E SEGREDOS DA ESPIONAGEM reune fantásticas proezas realizadas pelos mais famosos espiões da vida real, da guerra mundial até os dias de hoje, relatando ainda segredos da contra-espionagem, do FBI e a história confidencial dos arquivos britânicos.

São 6 magníficos volumes encadernados em percalux, com douração. Mais de 2400 páginas, com documentário fotográfico.
1 - **O MUNDO DA ESPIONAGEM**, Ladislas Farago.
2 - **AGENTE SECRETO DO PRESIDENTE**, Upton Sinclair.
3 - **A GUERRA FOI GANHA NA SUISSA**, Pierre Accoce.
4 - **SORGE, O ESPIÃO VERMELHO**, Alain Guérin.
5 - **AS CONFISSÕES DE PENKOVSKI**, Oleg Penkovski.
6 - **O FBI POR DENTRO**, Fred J. Cook.

Crediário: 8 x NCr$ 16,50.
Plano Econômico: NCr$ 66,00 em 3 x 22,00, apenas.

Faça sua reserva em tempo. Não mande dinheiro agora.

(Não querendo recortar o cupom, transcreva-o)

À IBRAT Publicações:
Rua 24 de Maio, 77 - 9.º andar - SÃO PAULO - Tels.: 34-8481, 35-7558 e 36-3741.
Pelo Plano Econômico (já com redução de 50% para venda direta e entrega parcelada dos volumes) enviem-se, conforme anúncio, a série: .....

☐ - Estando prontos todos os volumes, poderão ser remetidos numa só parcela, com 6% de desconto. (Assinalar, neste caso)

Nome: .....
Endereço: .....
Tel.: .....
(Reembôlso, NCr$ 1,00 por parcela. Porte aéreo, NCr$ 2,00).

TELEVISÃO

Com uma buzina êle manda na TV

Poucos o conhecem como Abelardo Barbosa. Tem 45 anos e o rosto quase austero. É casado, pai de três filhos, mora em Copacabana e dirige sua própria firma de publicidade. Só se torna conhecido, entretanto, quando aparece de mini-saia e turbante de califa, atirando bacalhau nos espectadores ou julgando quem dentre êles tem o nariz mais comprido. Êle é o Chacrinha, autor de um esquema que, contrariando tôdas as regras do senso comum, faz do grotesco, do ridículo, e até do macabro, as armas que mantêm seus programas como líderes de audiência na televisão do Rio há cinco anos. Na sua recente transferência para a TV-Rio — emissora de penetração prejudicada pela imagem nem sempre nítida — todos acreditavam que Chacrinha perderia o prestígio. Mas pesquisa do IBOPE, catecismo dos dirigentes das estações, mostrou que na semana da mudança, apenas dois dos programas entre os dez mais sintonizados, não pertenciam à Globo: **Discoteca** e **Hora da Buzina,** ambos do Chacrinha. Qual a explicação?

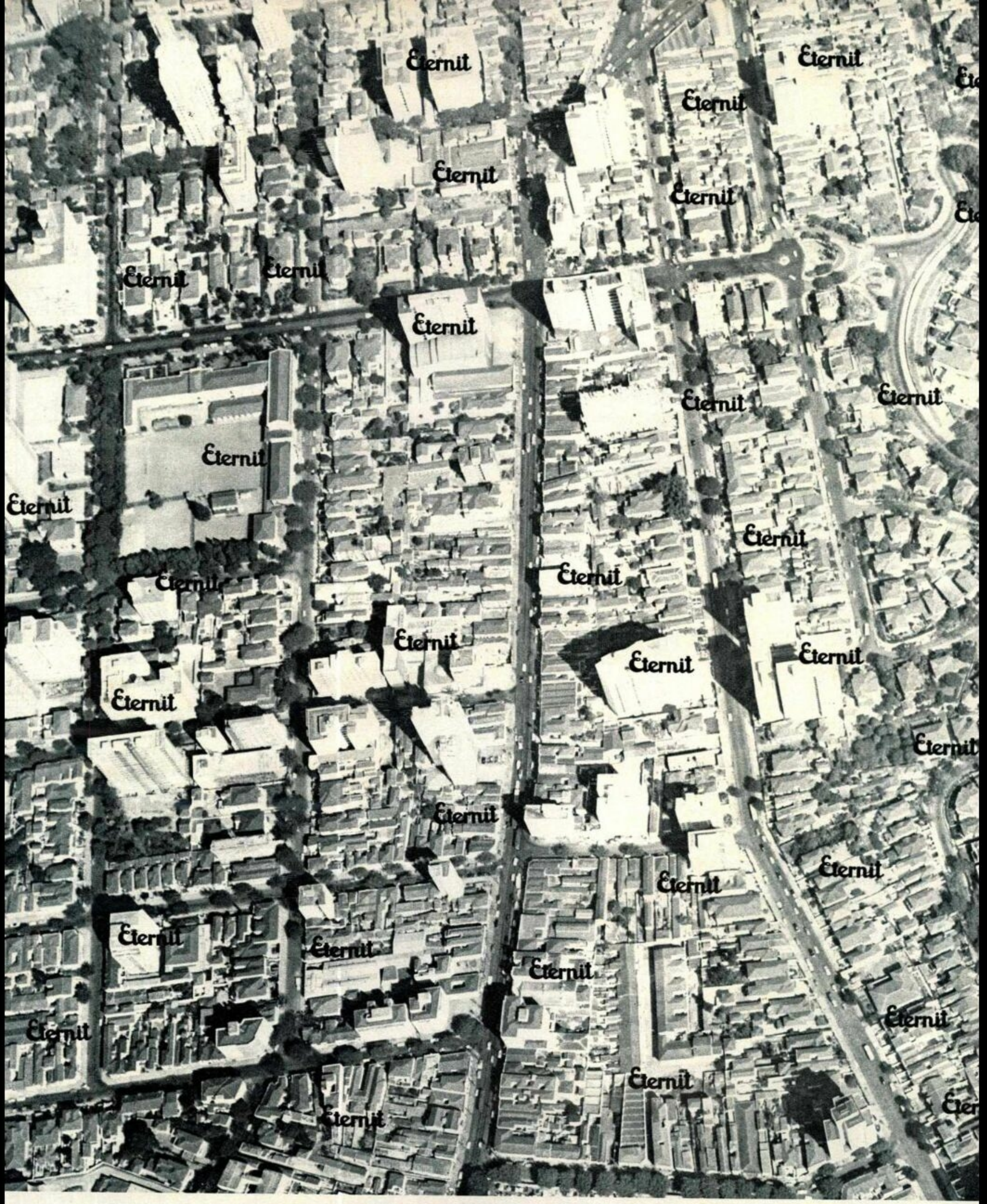
Para Stanislaw Ponte Preta, "Chacrinha é um dos grandes instrumentos da manutenção do subdesenvolvimento nacional. Não é culpa dêle. Se êle quisesse fazer alguma coisa séria, iam logo tirar seu programa do ar, dizendo que o negócio estava muito didático. Sabe como é, para êsses debilóides que fazem as programações, qualquer coisa que lembre cultura é castigo. Todos êles fugiram da escola antes da hora da merenda."

Mas nada disso interessa ao patrocinador carioca que o acompanha há dez anos, Venâncio Veloso, das "Casas da Banha". Êle vê em Abelardo Barbosa uma inteligência criadora, capaz de falar a língua do povo. E mostra uma pesquisa de audiência, indicando a **Discoteca** como o programa de maior índice de audiência no Rio, nos meses de janeiro e fevereiro. E é por isso que interessa ao patrocinador: uma audiência que torne cada vez mais popular a sua emprêsa, mesmo que, para tanto, pague 50.000 cruzeiros novos, por mês, à TV-Rio. Não lhe importa como essa audiência é criada. Isto quem vê é a socióloga Maria Júlia Temer:

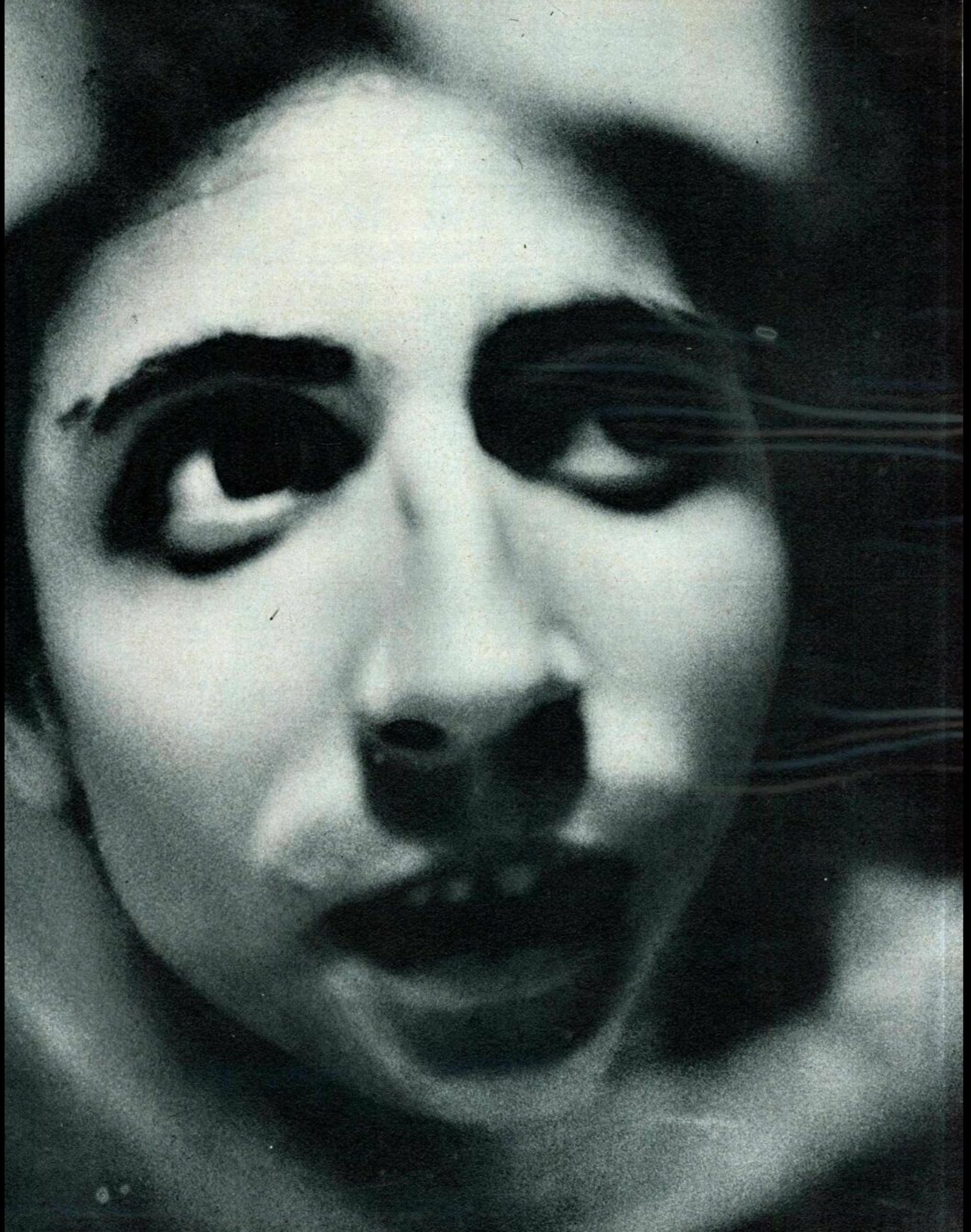
"Chacrinha representa um fenômeno típico de liderança tècnicamente conduzida, com todos os seus componentes, desde a mensagem aos maneirismos. Suas apresentações, aparentemente insólitas, refletem um profundo inconformismo — que não é dêle, mas de seu público — diante das regras de bom comportamento de nossa sociedade. Ao eleger, entretanto, o primarismo brutal como forma de expressão, reduziu todo o alcance de seu desafio, transformando-o em simples mistificação da condição humana. Com efeito, Chacrinha não faz mal a ninguém, pois não há desafio, onde todo o problema do bem e do mal se resume num quilo de banha ou numa buzinada."

Abelardo Barbosa também interessa ao psiquiatra Nikodem Edler, que se preocupa com o comportamento das platéias. Em primeiro lugar, êle coloca a agressividade existente em cada um de nós, e que pode ser autopunitiva, isto é, voltada para o próprio indivíduo, e extrapunitiva, ou seja, voltada contra o próximo. A platéia se delicia com a humilhação do calouro porque se identifica com êle, que é agredido, ou com o Chacrinha, que é o agressor." A segunda razão do sucesso, para o psiquiatra, está "no espírito de competição — que também exprime agressividade — e é característico do programa: o público torce, sente e vibra com a ansiedade de quem está no **trono,** olhando o **inimigo** cantar ou fazer alguma palhaçada. A buzina do Chacrinha, eliminando o candidato transforma-se num grito de guerra."

O que não se pode esquecer é que Chacrinha não é melhor nem pior do que o resto da televisão brasileira. Êle é apenas um detalhe mais evidente. E, como a todos, audiência é a única coisa que lhe interessa. Para Chacrinha isso começou numa estaçãozinha de rádio do Estado do Rio, há quase 20 anos, quando Abelardo Barbosa aproveitou um decreto presidencial para levar seu nome aos jornais. O jôgo fôra proibido e Chacrinha, sòzinho dentro do estúdio, dando pancadas em latas e jogando fichas de ônibus em cima da mesa, conseguiu que a Polícia invadisse a estação para fechar o **Cassino do Chacrinha,** programa musical que êle apresentava pela emissora.



No Brasil há cada vez mais telhados Eternit®



Esta reportagem é uma grave advertência: mais de 100 mil brasileiros — a maioria jovens de 16 a 30 anos — tomam drogas, são viciados. À margem da sociedade, êstes homens e mulheres desajustados fogem da realidade e encontram alguns momentos de prazer a trôco de sofrimentos incalculáveis. A primeira parte do trabalho é uma experiência real, verdadeira, de um toxicômano tomando uma picada. *Um exemplo do que sofrem os escravizados pelo vício. A experiência foi realizada no apartamento de um professor cuja identidade não é revelada e sòmente foi possível com a colaboração do detetive Luís Apolônio, do Setor de Entorpecentes do Departamento de Investigações de São Paulo. A segunda e terceira partes da matéria apresentam o problema do ponto de vista social, médico e policial. O quadro final mostra o que se conhece hoje sôbre as diferentes drogas e os seus efeitos. Esta reportagem vai colocá-lo no mundo dos tóxicos.*

ÊLE É UM VICIADO

Reportagem de Narciso Kalili • Fotos de Cláudia Andujar

O apartamento do professor é igual a centenas de outros existentes em certa região da Vila Buarque, bairro tradicional de marginais e criminosos, que a crônica policial paulista, com razão, mas sem originalidade, apelidou de "submundo do crime". Situado no quinto andar de um edifício de dez, o apartamento tem uma sala-living grande e escura, que o professor dividiu em duas, transformando a parte da frente em escritório. Por um corredor que sai do centro da parede lateral da sala, chega-se à cozinha, ao banheiro e ao quarto de dormir. Mesmo de dia é a única parte clara da casa.

Eram três e meia de uma tarde fresca, quando Cláudia e eu tocamos a campainha, sem obter resposta. Insistimos duas, três vêzes, e já estávamos quase desistindo, quando Mário abriu a porta. Dentro do apartamento fazia frio, mas êle vestia apenas uma camisa de mangas curtas. O professor e sua mulher ainda não haviam chegado do trabalho. A primeira frase de Mário mostrava sua ansiedade:

— Pensei que fôsse a mercadoria.

Estávamos ansiosos pelo que iríamos ver. Mário sentou-se no sofá da sala — uma peça enorme, de forma irregular, forrada de cetim verde — e começou a fumar um cigarro, muito nervoso. Um pequeno rádio tocava iê-iê-iê na estante que dividia a sala ao meio. Na pequena mesinha na frente do sofá, muitas revistas velhas. Mário levantou-se agitado quando tocou a campainha. Olhou pelo visor e abriu a porta. Era um homem moreno, de bigodes. Conversaram em voz baixa, Mário entrou e o homem foi embora.

— Êle trouxe a **mercadoria.**

Eu acenei com a cabeça. Luís, o policial, chegou pouco depois. Custara muito a convencer Mário a nos deixar presenciar a experiência. A presença de Luís e o fato de serem velhos amigos foram decisivos. Mário sentou-se novamente no sofá, esfregou as mãos, seus olhos brilharam. Luís cumprimentou Cláudia e dirigiu-se a mim:

— Tive de pagar mais caro pela Stena. Está em falta na praça. A coca arranjei barato.

Nem bem Luís sentou-se ao nosso lado, a porta abriu-se e o professor entrou, atrás dêle sua mulher. Grande, musculoso, ainda jovem, êle fala alto, gesticula muito. A mulher é enérgica, morena, alta, aparenta de 35 a 40 anos de idade. Começamos a conversar sôbre banalidades: o tempo, o trânsito, a vida cara. Estamos todos excitados: Cláudia, Luís e eu pela experiência que vamos presenciar; Mário porque vai fazê-la; o professor e sua mulher porque têm certeza de que sobrará uma parte da **mercadoria** para êles.

— Então, posso começar?

Mário está impaciente. Levanta-se e anda de um lado a outro da sala, movendo os braços flácidos, magros, a pele branca e doentia. É Luís, o policial, quem responde à pergunta:

— Vamos começar com uma **cheiradinha?**

— Está certo. Arranje uma mesa — é só tirar as revistas daqui de cima. Preciso **dichavar** o pó.

O policial retira as revistas e coloca-as no chão, sorrindo para o professor:

— Não se preocupe. Depois nós arrumamos tudo.

Há poucos móveis na sala: na primeira divisão sòmente o sofá e a mesa de centro. Do outro lado da estante, uma cadeira, escrivaninha, mesinha com telefone e mais um sofá. O professor me oferece a cadeira. O relógio da igreja na praça Roosevelt bate quatro horas da tarde quando Mário começa a fazer o **dichavo.** Com um pente, êle amassava os grãos de cocaína sôbre o mármore da mesinha, separando o pó em pequenas porções. O gravador, que eu instalara logo que entráramos no apartamento, registra as primeiras perguntas da experiência:

— Para que o **dichavo?**

— Serve para libertar meu espírito.

— Todos que tomam cocaína fazem assim?

— Todos. A gente precisa calcular o tamanho da **prisa** — os montinhos. Muito faz mal.

Parou de falar e colocou numa das narinas o canudo de papelão que rodava impaciente na mão fazia algum tempo. Estava sentado na ponta do sofá e abaixou-se até alcançar a altura da mesa. Aproximou o canudo do primeiro montinho de pó — eram três — e aspirou fortemente, tapando a narina livre com o dedo. Aguardou alguns instantes e repetiu a operação com o outro monte; depois com o último. Molhou a ponta do dedo com saliva e recolheu o pó que sobrou, passando-o na gengiva, na base dos dentes inferiores. Sentou-se direito e enfiou as mãos cruzadas entre as pernas. Não falava. A intervalos curtos fungava, como se o nariz estivesse escorrendo. Seus olhos estavam mais escuros e os músculos do maxilar contraíam-se — único sinal de vida no rosto imóvel.

— O que você está sentindo?

— Um calor no corpo. Uma felicidade maravilhosa. Não sinto nem a bôca nem o nariz. É muito bom. Estou em paz, feliz, felicidade...

Na sala, todos os olhos estão postos em Mário. O professor, excitado, fuma um cigarro atrás do outro. Sua mulher esfrega as mãos, nervosa. Luís, o policial, afasta-se do grupo. O professor vai atrás dêle e, depois de uma conversa em voz baixa, some da sala, em direção ao quarto de dormir. Sua mulher vai atrás. Mário, silencioso, continua sentado na ponta do sofá. Sua muito e seu rosto está ficando amarelecido. As mãos não param: ajeitam os óculos, esfregam-se uma na outra, apóiam-se na beira do sofá, numa movimentação contínua e descontrolada, animadas de vida própria. Mário fala num arranco, fazendo fôrça.

— Agora eu quero tomar uma injetável.

A afirmação nos apanha de surprêsa. Faz apenas cinco minutos que êle aspirou a cocaína e já está pedindo Stenamina. O policial ri:

— Guloso!

Mário retira do bôlso dois tubos de Stenamina. Agarra-os impaciente, abre o primeiro, derrama os 25 comprimidos na mão e olha-os feliz. Torna a colocar as **bolinhas** no tubo e levanta-se.

Estou emocionado e confuso. Mas não tenho tempo de analisar meus sentimentos. Mário vai até o quarto do professor. Os dois voltam juntos, Mário com os **instrumentos** na mão: cortadores de ampolas, seringa, uma tira de borracha, uma folha de papel celofane, um pêso de metal e duas ampolas de água bidestilada. Coloca tudo sôbre a mesinha, ao lado dos tubos de Stenamina. Os gestos são exatos, embora as mãos tremam. Faz os preparativos com uma pressa que não consegue esconder. SEGUE

Tudo começou com a maconha, no colégio grã-fino

TÓXICOS
CONTINUAÇÃO

Tôda a inibição que tivera no início da experiência desapareceu. É como se não existisse mais ninguém na sala, enquanto êle prepara a sua **picada.**

Mário retira os 50 comprimidos de Stenamina dos tubos, embrulha-os no papel celofane e vai para um dos cantos da sala. Afasta um pouco o sofá e puxa para fora uma barra de halterofilismo. Cláudia surpreende-se e pergunta para que serve. O professor explica:

— Eu levanto um pouco de pêso para manter a forma.

Mário coloca a barra perto do sofá, em cima dela o pacote de **bolinhas** enroladas no papel celofane. E com o pêso de metal vai pulverizando os comprimidos. As pancadas surdas são, por instantes, o único som que se ouve. Êle amassa bem as bolinhas: primeiro batidas fortes e firmes, depois sem muita pressa, compassadamente. Examina o pacote, fica satisfeito com o resultado e volta para seu lugar no sofá. Enquanto trabalha com os **instrumentos,** Mário continua fungando e chupando o nariz, parece resfriado. Os músculos do rosto estão tensos. De quando em quando, como que independentemente de sua vontade, a testa franze-se em enormes vincos. Falta muito para poder tomar as **bolinhas,** mas isto não o desespera. Parece que sente prazer em demorar nos preparativos. Luís, o policial, acompanha hipnotizado cada gesto de Mário. Cláudia não pára um só minuto de fotografar. Olho para ela, está surprêsa, emocionada. Mais longe, ao lado da mulher, o professor assiste à cena tôda, fazendo comentários em voz baixa.

Mário pede um vidro vazio para dissolver na água bidestilada o pó em que transformou a Stenamina. O professor atende e volta logo à sala. Também funga e chupa o nariz. Pergunto curioso a Mário:

— Você vai tomar tudo?

Mário responde com superioridade:

— Já tomei muito mais.

A mesa é baixa, êle senta-se no chão. Coloca todo o pó dentro do vidro, parte as duas ampolas de água. Despeja uma inteira e metade da outra em cima do pó, fecha o vidro e agita-o vigorosamente. O que existe agora é um líquido leitoso, denso. Mário apanha uma das seringas — há duas em cima da mesinha — põe um pedaço de algodão dentro dela e empurra-o para baixo com o auxílio do êmbolo. Derrama dentro desta seringa a água bidestilada que sobrou, para **molhar o filtro.** Abre o vidro com o líquido leitoso e despeja-o também na seringa. Depois, fazendo muita fôrça, obriga a solução a passar pelo **filtro,** despejando gôta a gôta o resultado no tubo vazio de Stenamina. Terminada a operação, na seringa fica uma pasta branca e no tubo de comprimidos um líquido transparente: é a **picada.**

A excitação de Mário cresce. Os músculos do maxilar não param um segundo. Os olhos, por trás dos óculos, estão enormes. Os braços, antes flácidos, estão enrijecidos. Fico impressionado com a transformação:

— Você parece ansioso. É muito grande a vontade de tomar a droga?

— A preparação me deixa muito excitado. E quanto mais tempo demora, mais a vontade aumenta. É como estar com fome e sentir cheiro de comida.

A vontade de tomar a **picada** é tremenda, agora.

O telefone toca e o professor atende. Fala em voz baixa, combina encontro com alguém e corta a ligação dizendo que está muito ocupado. Mário já transferiu o líquido transparente do tubo para a seringa limpa, colocou a agulha, pousou-a na mesa e agora olha fixamente para a droga. Não está mais tão excitado. Sinto porém que não quer conversa. Fica alguns instantes imóvel. Senta-se novamente no sofá, estica os braços: primeiro o esquerdo, depois o direito. Examina atentamente cada um dêles, apalpando as veias. Demora-se mais no direito, é êsse que escolheu:

— A veia do braço esquerdo está machucada. Quem vai ser feliz é a do direito.

Grandes marcas arroxeadas e negras cercam as veias de seus dois braços. O esquerdo parece realmente pior. Êle acaricia o direito, delicado, atencioso, seguindo a contração e o relaxamento dos músculos, conforme abre e fecha a mão. O policial levanta-se e toma-lhe o pulso:

— Êle vai começar a tomar a Stena com 22 pulsações em 15 segundos: 88 por minuto. É normal.

Usando apenas a mão esquerda e a bôca, Mário amarra o elástico no bíceps, para interromper a circulação e fazer a veia despontar. Depois, apanha a seringa com a mão esquerda, estica o braço direito, agarra uma das pontas do elástico com os dentes e enfia a agulha na veia. Não contrai nenhum músculo. Os olhos, por cima dos óculos, estão fixos no êmbolo. Quando o sangue se mistura ao líquido dentro da seringa, Mário desprende o elástico, solta a respiração e começa a injetar. Devagar, tranqüilo, gozando cada gôta da droga. Então, de repente, num movimento rápido, retira a agulha: na seringa ficou metade da dose. Está calmo, quase alegre, mas sem sorrir. Fala pausadamente quando pergunto se já começou o efeito:

— Ainda não, mas só em saber que já apliquei a Stena, **entro na onda,** fico sossegado.

Luís explica:

— Êle está acostumado. Para os que estão começando, o efeito é imediato.

Os minutos arrastam-se. A escuridão dentro do apartamento aumenta quando o Sol se esconde atrás de uma nuvem. Quase não consigo ver os olhos de Mário atrás dos óculos, mas percebo que brilham e como que saltam das órbitas. Alguns músculos de seu rosto contraem-se em caretas. Espero um pouco e torno a perguntar:

— Alterou alguma coisa?

— Agora sim. Sinto-me calmo, à vontade. Um calor gostoso sobe pelo corpo todo. Calor bom. Isso é que é viver!

Mário sua bastante. No rosto e nos braços. Mas a camisa fica molhada apenas debaixo do braço direito, onde êle tomou a **picada.** Fico curioso, êle explica:

— Eu também não sei, mas sempre foi assim. Nunca suei embaixo do braço esquerdo, só no direito.

Cláudia sentou-se no chão, ao lado de Luís, a máquina fotográfica descansa ao seu lado. O professor e a mulher foram para a cozinha: desinteressaram-se depois que terminou a aplicação de Stenamina. Mário está com vontade de falar e não preciso perguntar nada. O gravador vai registrando:

— Tenho uma sensação de bem-estar. Estou fugindo de todos os problemas, tôdas as preocupações. Estou livre. **Fora da onda** fico deprimido, sem iniciativa nem objetivo. As pessoas me reprovam e eu me julgo um inútil. Quando **entro na onda,** depois de uma **picada,** me liberto da reprovação de todos e tenho um objetivo: gozar a sensação de liberdade, sem pensar em nada.

— Não há outra maneira de você se libertar?

— É impossível. Já tentei, mas não dá certo. Fiz até tratamento médico numa clínica, mas não conseguiram me curar.

— Quem tem culpa de você ser viciado?

— Eu mesmo. Mais ninguém. Sempre vivi bem em casa, meus pais me deram tudo. Sou filho único. Meu pai é engenheiro. Está casado com minha mãe há 27 anos. Nenhuma briga. Nunca vi um casal combinar tanto.

Mário fala frases curtas, pronuncia bem as palavras. Só usa gíria quando se refere ao vício.

— Você experimentou tóxico por simples curiosidade?

— Sim.

— Você se achava feio?

— Não. Nem feio, nem impotente sexual. Moro aqui na Vila Buarque desde que nasci. Minha infância foi normal, a adolescência também. Agora nem sei por que segui êste caminho. Eu estudava num colégio grã-fino, onde meus amigos fumavam maconha. Um dêles me deu um **baseado,** quando eu tinha 17 anos.

Mário tem 26 anos. Hoje, em vez de um cigarro da erva — um **baseado** — precisa de 50 comprimidos de Stenamina para **entrar na onda.** Estou espantado. Mário é um homem derrotado pelo vício. Luís levanta-se do chão para tomar-lhe o pulso:

— Baixou para 16 batidas em 15 segundos: só 64 por minuto!

— Você era um bom aluno?

— Não, não era. Aceitava os estudos como obrigação.

— O que sentiu quando fumou a primeira dose de maconha?

— Já faz uns dez anos, mas acho que era a mesma euforia que sinto hoje. Menor um pouco.

— Você fumou muito no início?

— No começo, só aos sábados e domingos. Comprávamos o fumo de um cara perto do colégio, onde todos os estudantes se abasteciam. O pacote custava 40 cruzeiros, dava para dez cigarros. Hoje custa dez mil cruzeiros. Nós tínhamos entre 15 e 17 anos, precisávamos economizar a mesada para comprar a erva. Nós mesmos fazíamos os **baseados,** depois saíamos **puxando fumo,** conversando coisas absurdas. Quando **passava a onda,** vinha uma fome terrível e a gente jantava num restaurante.

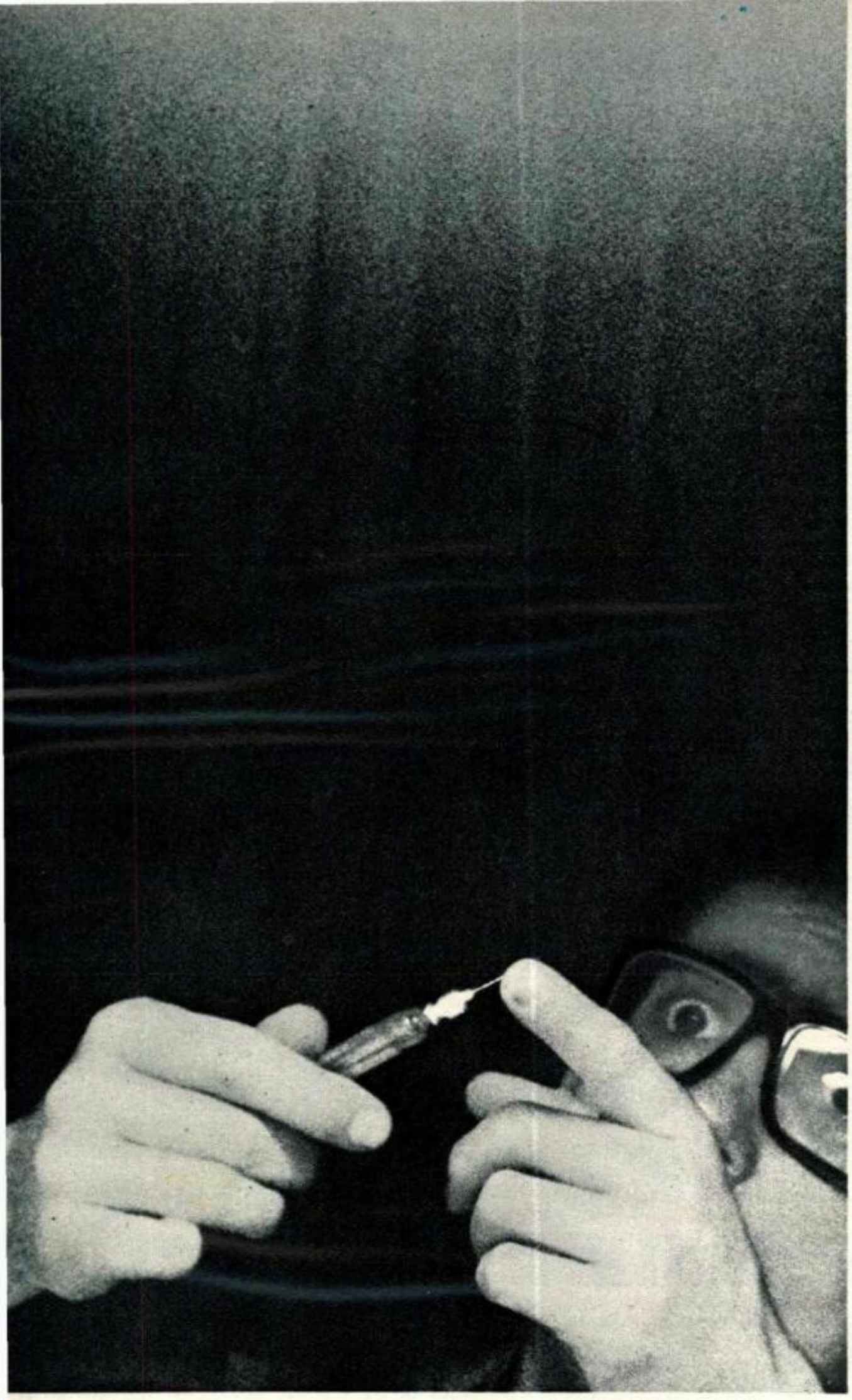
Da cozinha vinha um cheiro bom de café fresco. Mário tinha a bôca sêca e engolia com dificuldade. O pomo de Adão subia e descia, descontrolado, gôtas de suor escorriam pelo rosto. A palidez e o tremor das mãos aumentaram. Os olhos estavam enormes. Fiquei preocupado:

— Está precisando de mais uma dose?

— Não, ainda não.

Mário continua a falar:

— Pouco depois de experimentar a erva, fui abandonando os estudos. Passava o tempo **puxando fumo.** Sabia que alguns colegas tomavam **bolinhas.** Mas era só para passar a noite estudando, sem **onda.** Acho que **bolinha** virou tóxico depois que foi proíbida. Antes a gente comprava nas farmácias, sem receita. Mas nessa época eu gostava mesmo era de maconha. Fumava por prazer. Cheguei a dez **baseados** por dia.



— Como foi que você mudou para as **bolinhas?**

— Foi quando a maconha começou a não fazer mais efeito. Ouvira falar que Pervitin dava um **baratino** violento. A primeira dose comprei numa farmácia mesmo.

Experimentei e gostei: a **onda** era muito maior e durava mais tempo. Passei a variar de produto: sempre em comprimidos. Levei três anos tomando bolinha. Cheguei a 25 por dia. Em 1960 experimentei o Pervitin injetável e passei para a novidade. Hoje prefiro a **Stena** que eu mesmo preparo. É mais forte.

— Então você aumenta cada vez mais a quantidade de tóxico?

— Sim. Preciso cada vez de mais droga, porque meu corpo já se acostumou. Mas se eu der um descanso ao organismo posso parar. A necessidade só volta depois de uma nova dose. Uso tóxicos porque gosto. Não é vício.

Pára de falar, puxa mais um cigarro. A mão treme e uma brasa cai sôbre sua calça cinza, de flanela. Tôda a roupa é simples, a camisa de algodão branco. Pouca barba no rosto, entradas fortes na testa, embora tenha muito cabelo. Luís, Cláudia, o professor e sua mulher tomavam café na cozinha. Eu estava sòzinho com Mário. Êle à vontade, eu confuso. Não entendia por que um homem se entrega a um vício a trôco de sensações tão curtas. Perguntei-lhe como se sentia:

— Estou bastante excitado agora. Fico assim mais algum tempo, depois o efeito começará a cair. Quero cachaça, já.

Chamo o professor, peço a bebida e volto a perguntar-lhe:

— Você não sente fome?

— Nenhuma. Nem sono. Estou há três dias sem dormir.

— Você já amou alguém?

— Vivi três anos e meio com uma mulher. Brigamos há pouco e estamos separados. Mas onde eu vou ela vai e onde ela vai eu vou. Vamos acabar fazendo as pazes. Ela também toma **bolinha.**

Enquanto falava, Mário engolia em sêco. Pergunto-lhe se quer beber porque tem sêde:

— Não. É para completar a sensação de bem-estar.

— Quando foi que seus pais descobriram tudo?

— Quando fui prêso comprando maconha, em 1956. Foi um choque violento para êles. Meu pai me internou numa clínica especializada. Fiz psicoterapia, narcoanálise e desintoxicação por insulina, durante quatro meses, mas após sair do sanatório voltei a tomar **bolinhas**. Isso aconteceu outras vêzes e meus pais desistiram.

— Havia muitos pacientes no sanatório?

— Umas 20 pessoas, na maioria jovens. Alguns queriam curar-se de bebedeira.

De repente, sem que houvesse alguma alteração em seu comportamento, Mário disse que ia tomar a outra dose, a metade que ficara na seringa. Tinham se passado apenas 40 minutos desde o início de tudo aquilo. Cada vez mais surprêso, perguntei-lhe quanto durava nêle o efeito da primeira dose:

— Duas horas. Mas como **ela** já está aí, não posso resistir. Tendo na frente eu quero tomar o mais depressa possível. É por isso que não compro **bolinhas** em grande quantidade. Sou capaz de tomar tudo e morrer.

— E você tem mêdo de morrer?

— Tenho. Sou um inútil, mas não vou morrer assim deliberadamente.

Eu via que Mário ansiava pela droga, mas continuei com a entrevista para ver até onde êle agüentava:

— Você não faz nada?

— Não, nada. Vivo de procurar e tomar tóxicos.

— E onde você consegue dinheiro?

— Meu pai me dá. Invento gastos e aumento o preço das coisas que pretexto comprar. Êle controla todos os meus gastos. Faço uma ginástica terrível: uma **bolinha**, uma só, custa mil cruzeiros. E preciso de pelo menos 20 para começar a conversar...

Mário não agüenta mais. Agora não consegue tirar os olhos da seringa. Estica o braço direito, amarra o garrote, segura uma das pontas com os dentes, enfia a agulha e injeta o líquido, com destreza e impaciência.

Que diferença entre essa e a primeira vez! Enquanto o observo não consigo falar. Mário parece sofrer: a segunda picada, mais demorada, convulsiona-lhe todo o rosto, êle enrruga a testa, sua, abre a bôca, os olhos saltam nas órbitas, enormes, negros, brilhantes. Cláudia está espantada, mas não perde um só dos seus movimentos. Fotografa tudo. Agora a seringa está vazia e o sofrimento sumiu. Espero alguns minutos. Seu rosto vai se descontraindo, as mãos também. Os pés, que estavam virados para dentro, voltam ao normal. Já pode conversar, vou perguntando:

— Você gosta de tomar **bolinhas** só ou acompanhado?

— Sòzinho. Quem toma em grupo é exibicionista. Não é viciado, não gosta da droga. Eu tomo por prazer, porque gosto. Os outros, para mostrar que são corajosos.

— Você já foi prêso quantas vêzes? SEGUE

Quando uma jovem começa a sonhar e amar, chegou a época em que ela espera muito de um perfume.

Então, ela descobre Miss France.

VOCÊ PODE ESPERAR MUITO DE UMA
CRIAÇÃO ATKINSONS.
PORQUE LONDRES É A CIDADE MAIS OUSADA DO SÉCULO XX.
E ATKINSONS VEIO DE LÁ.

Lintas

Uns minutos de êxtase e depois o imenso vazio

TÓXICOS
CONTINUAÇÃO

— Umas dez, mas sempre me soltam. Não é crime comprar **bolinhas** nem ser viciado. Êles me prendem para que eu diga onde comprei. Mas eu não posso informar, senão a **bôca fica suja.**

— Êles batem em você?

Luís se agita com essa pergunta, mas tranqüiliza-se com a resposta de Mário:

— Não, nunca apanhei.

— Você conhece médicos que fornecem receitas para comprar **bolinhas?**

— Não. O que eu sei é que muito viciado rouba receitas em branco e falsifica a assinatura do médico. Eu nunca fiz isso, falsificação dá cadeia.

— Você já injetou cocaína na veia?

— Não, nunca. Tenho mêdo: a gente nunca sabe quando ela é pura...

— Quanto você gasta em **bolinhas** por mês?

— Uns 300 mil cruzeiros.

— Você acharia bom ser internado de nôvo?

— Às vêzes tenho vontade de largar o vício. E o único caminho é a internação, eu sei. Mas quando me lembro do tratamento, desisto da idéia. Os médicos que me trataram não descobriram meu problema. Acho que meu caso é muito difícil.

— Você não pode ficar sem tomar **bolinhas?**

— Acontece que estou acostumado...

Luís resolve também fazer perguntas:

— Se não precisa então por que toma?

— Porque gosto. Quando o efeito acaba, quero voltar a ter as mesmas sensações de antes. Ler um livro, escutar música, ver televisão, estar com uma mulher, tudo fica chato sem as **bolinhas.**

— Quando o efeito acaba, o que você sente?

— Depressão. Se estiver bem fisicamente e tiver dinheiro no bôlso tomo outra dose. Se não, vou dormir.

— Você fica em casa durante o efeito?

— Não. Só fico em casa **quando estou por fora.** Não quero que êles percebam que estou **embalado.**

Tento saber a ligação entre o vício de Mário e suas relações com os pais:

— Você abraça seu pai, beija sua mãe?

— Não, beijar não. Não acredito que mostrar sentimentos com abraços e beijos seja natural.

— Que espécie de carinho você dá a seus pais?

— Nenhum, só quando criança abracei e beijei meus pais. Só em dia de festa: aniversários, Natal, Ano Nôvo.

— Você já pensou em desculpar-se com seus pais por ser viciado?

— Não, porque se tivesse de pedir perdão teria que mudar. Mas como não pretendo fazer isso... Sei que sou uma decepção para êles. Isto me revolta.

— Êles alguma vez demonstram essa decepção?

— Meu pai perdeu a confiança em mim. Se êle voltasse a acreditar em mim, e me considerasse um homem responsável, acho que poderia até tentar um nôvo tratamento. Mas isso parece tão longe...

— E por que você não conquista essa confiança, em vez de ficar esperando que ela lhe seja oferecida?

— Aí que está. Esta confiança oferecida serviria de estímulo para que eu sentisse meu êrro e procurasse me curar.

— Você tem amigos?

— Os poucos que tenho são viciados. Não quero saber dos outros.

— Nunca trabalhou?

— Já, como vendedor. Depois comecei um curso de eletrônica, outro de mecânica, mas não terminei. Cheguei a projetar um automóvel, aperfeiçoado em alguns pontos que achei fundamentais.

Cláudia parou de fotografar e agora também faz perguntas:

— Quando você toma droga, o que faz?

— Fico andando sem destino. Só paro quando entro num bar para beber.

— Você leva os **instrumentos** consigo?

— Não. Se carregar **bolinhas** comigo a Polícia pode me prender.

— Onde você toma as **picadas?**

— Geralmente em minha casa. Mas tomo e saio. Outras vêzes em casa de amigos — como hoje — ou num quarto de hotel.

— Existem pontos marcados para comprar a droga?

— Não. As pessoas que me fornecem mudam constantemente de lugar, para despistar a Polícia. Por isso estou sempre em contato com viciados, para ficar informado.

— Como era o automóvel que você inventou?

— Sob o efeito de **bolinhas,** criei um automóvel perfeito. Mas fatôres políticos me impedem de prosseguir, as negociatas, tudo atrapalha...

Mário começa a desenhar num papel o tipo de suspensão **revolucionária,** do automóvel, mas mistura feixes de mola com Banco do Brasil e patentes internacionais. Luís cochicha em meu ouvido que êle está **entrando em onda.** Seus olhos estão fixos, fala sem parar, não aceita discussões e diz que é o maior entendido no assunto. O professor aproxima-se e confirma:

— Está **baratinado.**

Deixei Luís com Mário quando a mulher do professor me chamou, para saber se sua casa não seria reconhecida pelas fotografias:

— O senhor sabe, nós temos responsabilidades. Somos funcionários públicos.

Seu marido ajudou a justificar:

— Eu e minha mulher só permitimos esta sessão aqui em casa porque isto nos interessa, estamos estudando o assunto. Eu sou professor, você sabe...

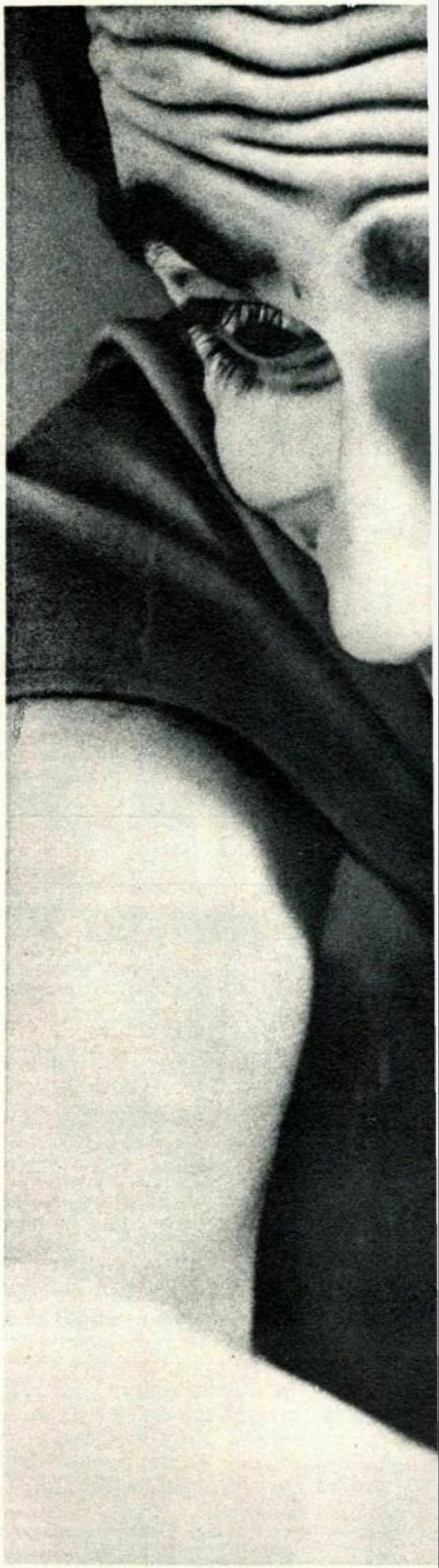
Mário continuava a falar, já mais lúcido, quando resolvi encerrar a experiência. Êle se calou por instantes e, quando já nos despedíamos, resolveu explicar sua participação na reportagem.

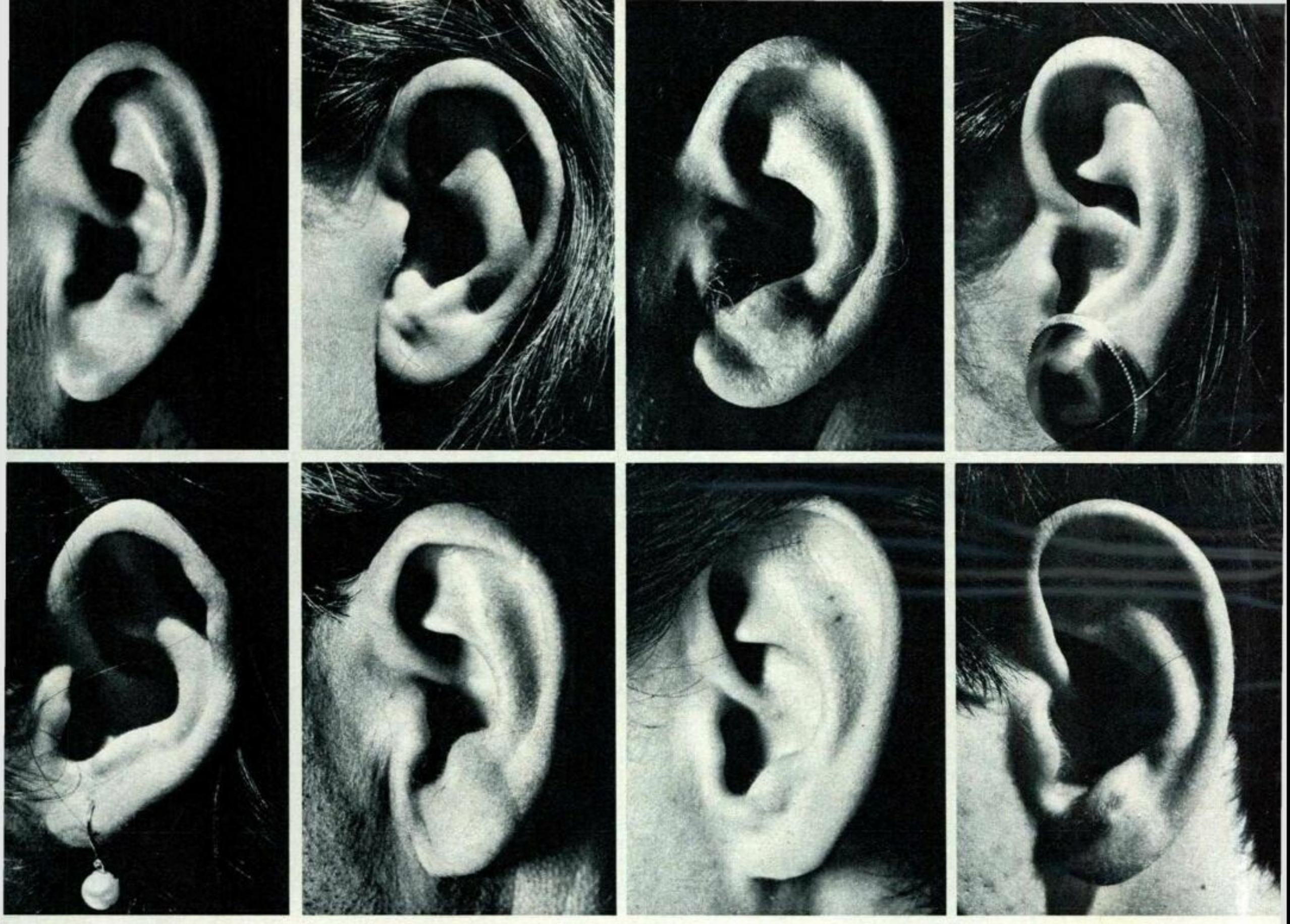
— Estou fazendo isso por duas razões: primeiro, porque gosto das **picadas;** em segundo lugar porque quero colaborar para acabar com o vício. Mas quero que prometam novamente que não vão me identificar. Minha família sofreria muito.

Torno a prometer e êle se despede:

— Preciso andar, não agüento ficar parado.

Mário sai, nós agradecemos, cumprimentamos o professor e sua mulher, e descemos, Cláudia, Luís e eu. Na rua, tomamos um táxi e ainda alcançamos Mário. Quando passamos à sua frente, olhei para trás: êle falava sòzinho, olhando para a frente fixamente, o andar correto e rápido, as mãos no bôlso. Fiquei pensando em tudo o que vira naquela tarde. Me perguntando como um homem pode encontrar tão poucas motivações para continuar vivendo: uma picada de agulha, alguns minutos de êxtase, e o resto — um vazio, um angustiante vazio.

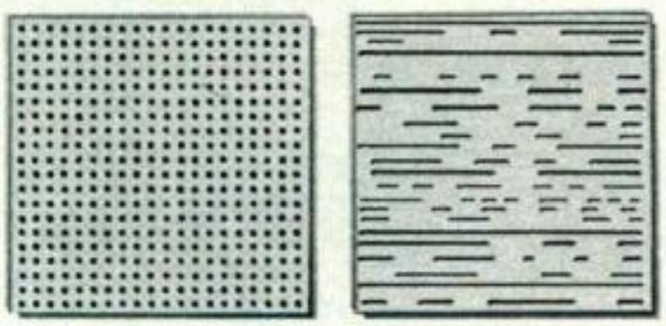




proeme

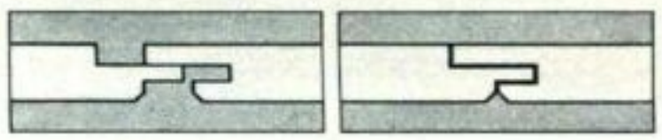
Há gente ficando surda sem perceber.

A lenta e progressiva destruição da sensibilidade auditiva é um dos maiores males da atualidade. Que conduz a outros. "O homem que é exposto aos ruídos por longos períodos fica com depressão nervosa e pode apresentar lesões orgânicas" (Prof. Dr. Vendramini). "O ruído seria uma das causas, entre as mais importantes, da arterioesclerose" (Dr. Carrel). "Ruídos intensos provocam diminuição do rendimento profissional, hipotensão, perda do apetite, aerofagia, astenia e irritabilidade nervosa, cefaléia, distúrbios do sono" (Dr. Bugard). Por isso é que existem materiais que constroem o silêncio, como as chapas Eucatex. No fôrro, dividindo ambientes ou revestindo paredes, as chapas Eucatex chegam a absorver até 93% do ruído ambiental. Você está sempre bem protegido com Eucatex: repousando, trabalhando, vivendo.



Acústico "A" Ranhurado

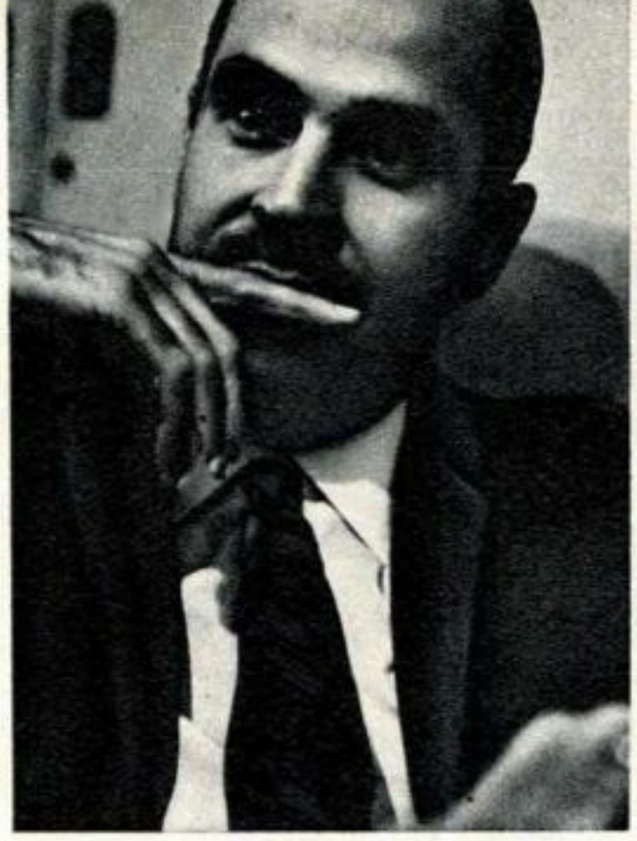
NÔVO SISTEMA DE COLOCAÇÃO DAS CHAPAS EUCATEX T&G — Cada chapa tem uma lingueta e uma ranhura. A lingueta é pregada ou grampeada no tarugamento de madeira. Depois, outra chapa se encaixa na primeira através da ranhura. A colocação é feita com muito mais rapidez, pois as linguetas e ranhuras servem como "guia". Qualquer imperfeição de pregagem ou grampeamento é totalmente encoberta. O que você vê é um fôrro continuo, perfeito, uniforme.



Fôrro é Eucatex

Padrão de exportação, Eucatex é vendido e aplicado nos Estados Unidos, Inglaterra, Holanda, França, Bélgica, México, Líbano, Portugal, Argentina e outros países.

EUCATEX S.A. - São Paulo: Av. Fr. Matarazzo, 530 - Fone: 51-9108 - Caixa Postal 1683 • B. Horizonte: Av. Amazonas, 311 - s/802/803 - Fone: 2-5170 • Brasília: Ed. "Arnaldo Dumont Villares" - O. 17 - Lote 17 S. C. S. - Cj. 221 - Fone: 2-8779 - D. F. • P. Alegre: Ed. "Annes Dias" - Av. Prof. Annes Dias, 154 - Cj. 1701 - Fone: 4-2145 • R. de Janeiro: R. 7 de Setembro, 124 - 7.º - Fone: 43-2754 • Recife: Ed. "Igarassu" - P. do Carmo, 30 - 13.º - Gr. 1304 - Fone: 4-3205 • Curitiba: Av. Getúlio Vargas, 915 - Fone: 4-7768



Carlos Ferreira Castro,
delegado de Polícia, chefe do Setor de Entorpecentes do Departamento de Investigações do Estado de São Paulo, é uma das maiores autoridades brasileiras na repressão ao uso e tráfico de drogas tóxicas. Exerce suas funções naquele setor há dois anos, tendo feito estágio no Departamento Federal de Narcóticos dos Estados Unidos, onde travou conhecimento com as mais modernas técnicas de combate às drogas. É êle quem responde quais as relações entre os viciados, os traficantes e a Polícia.

Polícia: ÊLE É UM CRIMINOSO

TÓXICOS
CONTINUAÇÃO

P — **O viciado é um caso de Polícia ou de medicina?**

R — Doutrinàriamente ou pela jurisprudência, o tráfico de entorpecentes, para uso próprio, não é crime e o problema é resolvido pela Saúde Pública. Mas existe outra corrente que é pela ação penal contra o tráfico de entorpecentes, seja para que fim fôr. Estamos com essa corrente.

Chegamos à conclusão de que o viciado é um traficante em potencial. E mais: como o viciado não usa o tóxico isoladamente, mas em grupos, procura sempre aumentar o número de companheiros.

P — **Mas existe solidariedade entre viciados?**

R — Claro. Um viciado, quando **abastecido,** jamais deixará que falte droga para um seu companheiro de vício. E sempre fará uma **presença,** isto é, dar-lhe-á uma pequena quantidade.

P — **Como o viciado se torna traficante?**

R — Os mais pobres, não podendo comprar a quantidade suficiente para satisfazer o vício, recebem de um traficante alguns gramas ou tubos em consignação, que, revendidos, lhe permitirão tirar sua parte sem despesas. Assim, o traficante mesmo procura levar ao vício pessoas de condições financeiras limitadas, para mais tarde utilizá-las também no tráfico, e conseqüentemente diminuir os riscos de êle próprio ser prêso na venda.

P — **Quais as diferenças entre os vendedores de drogas?**

R — Existem três tipos: o traficante, o intermediário e o passador. E isso vale como regra geral para todo tipo de droga. O primeiro é o chamado **atacadista,** a pessoa que traz a mercadoria da fonte produtora para a praça consumidora. Sua função é apenas trazer o tóxico e vender em grandes quantidades para os intermediários. Geralmente não é um viciado, mas um comerciante. Embora tenha lucro alto — em média cem por cento — corre grandes riscos: pode ser prêso, e pode também ser assaltado por concorrentes. O **intermediário compra** parte da mercadoria do traficante e a distribui aos seus **passadores,** ou melhor, os vendedores que fazem a droga chegar até o ponto final: os viciados.

P — **Socialmente, quem são os viciados?**

R — Entre nós, êles se distribuem em três camadas sociais: 1.º) a elite, onde o entorpecente mais usado é a cocaína, droga muito cara; 2.º) a classe média, principalmente os meios artísticos, usa bastante as chamadas substâncias psicotrópicas — **bolinhas** — tomadas ou injetadas; lamentàvelmente, o uso dessas drogas nos meios estudantis cresce assustadoramente; 3.º) finalmente, a maconha se encarrega de entorpecer o proletariado.

P — **E heroína, existe no Brasil?**

R — Sim. Mas é consumida exclusivamente por elementos da colônia chinesa. Recentemente prendemos um médico diplomado em Hong-Kong, que há três anos agia disfarçado em pasteleiro. Tinha quase um quilo e meio de heroína em estoque, o que pode significar mais de 500 milhões de cruzeiros.

P — **Como "trabalham" os traficantes?**

R — Depende do entorpecente que transportam. A cocaína vem da Bolívia ou do Peru e atravessa nossas fronteiras, por trem, carro ou avião: uma facilidade. O **bom** traficante raramente carrega a droga. Contrata outras pessôas, de preferência mulheres grávidas, porque merecem regalias e respeito nas alfândegas. Em volumes pequenos, a cocaína pode ser transportada em locais que dificilmente despertarão suspeita. Um boliviano prêso há pouco em São Paulo, reincidente no tráfico de cocaína, transportava 400 gramas em dezenas de saquinhos plásticos costurados em seu sobretudo, sob o fôrro das mangas. Os traficantes usam outros truques: mudam o meio de transporte e o itinerário, preparam documentos falsos, e chegam até a alterar seu aspecto físico.

P — **A heroína, quem traz?**

R — Vem do Oriente Médio e do Sudeste Asiático, trazida por tripulantes chineses da marinha mercante holandesa, que fazem a rota Japão-Hong Kong-Cingapura-Rio de Janeiro-Santos-Buenos Aires.

P — **E a maconha, de onde vem?**

R — Atualmente, os maiores centros produtores de maconha estão no Nordeste brasileiro, Alagoas principalmente. Mas há extensas plantações se desenvolvendo em Mato Grosso e Norte do Paraná. Vem sempre escondida em malas, fardos, caixotes. Para descobri-la, seria necessário abrir tôdas as encomendas chegadas aos pontos terminais de rodovias, ferrovias e vias marítimas.

P — **A Polícia tem condições legais de prender os traficantes de psicotrópicos?**

R — Agora sim. Há alguns anos, o uso de psicotrópicos — Pervitin, Dexamil, Estenamina — era liberado. Entretanto, dado o grande consumo e os males que causavam, conseguiu-se enquadrar os traficantes entre as pessoas que colocam em perigo a saúde pública.

P — **Como age a Polícia para combater o tráfico?**

R — É um dos serviços policiais mais complexos. Os traficantes, geralmente, diferem dos marginais comuns. São inteligentes, agem sempre em quadrilhas e têm bastante dinheiro, para comprar drogas e fazer viagens. Isto sem falar na proteção que os **intermediários** e viciados lhes dispensam, para garantir o abastecimento. Assim, a Polícia não pode ter normas preestabelecidas para agir. Além dos meios normais de investigação, o Setor de Entorpecentes do Departamento de Investigações de São Paulo, o mais completo do Brasil, conta com os informantes, muitas vêzes viciados que nos procuram para tentar libertar-se do vício e denunciam seus fornecedores.

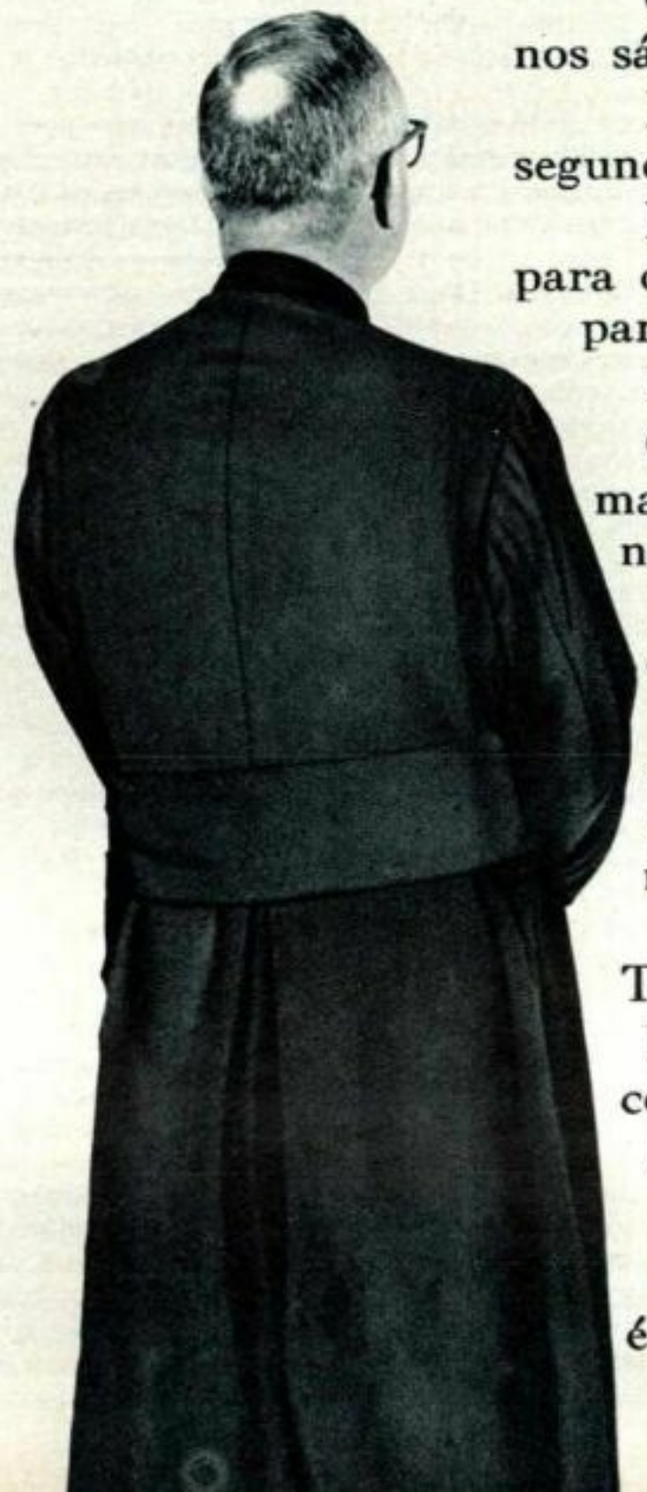
P — **Que representa o Brasil no mercado internacional de tóxicos?**

R — Até bem pouco tempo éramos apenas consumidores. Agora os traficantes bolivianos descobriram o Brasil: há em nosso país linhas aéreas internacionais para aquelas duas regiões. E êles passaram a ter São Paulo e Rio como escala normal de sua ponte para Europa e Oriente Médio, com eixos Bolívia-São Paulo-Líbano e Bolívia-São Paulo-Roma. Nesta última cidade, redistribuem a mercadoria para tôda a Europa.

P — **Que medidas aconselha para melhor combater o tráfico de drogas no Brasil?**

R — No I Congresso Nacional de Polícia, realizado em Brasília, em março de 1966, apresentamos estas sugestões: 1) contrôle das fontes produtoras de tóxicos e entorpecentes, (laboratórios farmacêuticos); 2) contrôle da venda do produto (farmácias); 3) contrôle da exportação e importação; 4 intercâmbio informativo entre as delegacias especializadas; 5) entrosamento com a fiscalização alfandegária; 6) alteração da legislação penal no sentido de estabelecer a pena de internamento do toxicômano não-delinqüente; 7) instalação de hospitais públicos para o tratamento dos toxicômanos.

Graças a Deus já inventaram TERGAL.



Há artigos Tergal para você ficar todo formal em dia de missa.

Ou para você ficar bem à vontade nos sábados.

E para você bater sem dó nem piedade de segunda à sexta.

Há artigos Tergal leves e refrescantes para o verão, e confortáveis e agasalhantes para o inverno.

Nenhum dêles amarrota. Nunca.

Os artigos Tergal podem ser amarfanhados, massacrados, mas voltam ràpidamente ao natural, recuperam o seu caimento impecável.

Êles têm, para sua garantia, uma etiquêta numerada.

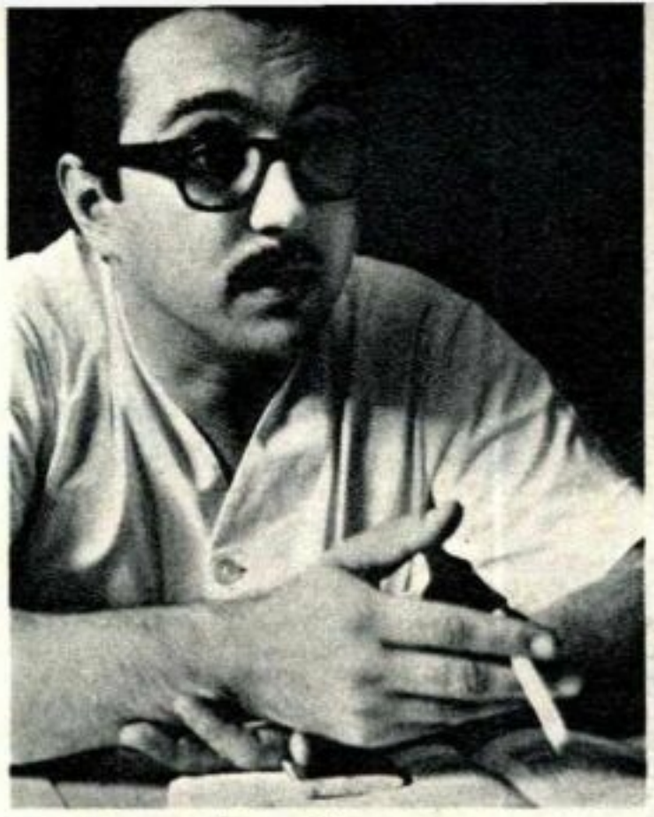
Essa etiquêta é uma espécie de carteira de identidade do produto que você comprou, e representa o contrôle exercido pelos nossos Laboratórios de Qualidade.

Por isso, quando você fôr comprar um artigo Tergal, verifique bem a etiquêta.

Ela é a melhor prova de que a humanidade continua progredindo.

Amém.

A etiquêta é esta:



Luís Barreto de Souza,
médico psiquiatra, é diretor-clínico da
Clínica de Repouso Parque Julieta.
Já trabalhou no
Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha (Juqueri)
e pertence à seção de psiquiatria
do Instituto Nacional de Previdência Social.
Sua longa experiência
no tratamento de viciados em drogas,
possibilitou-lhe
responder às perguntas relacionando
o viciado, as drogas tóxicas e a medicina.

Medicina:
ÊLE É UM DOENTE MENTAL

TÓXICOS
CONTINUAÇÃO

P — **O que é toxicomania?**

R — Toxicomania é um estado de intoxicação periódica ou crônica, nociva ao indivíduo e à sociedade, resultante do consumo repetido de uma droga, natural ou sintética. Suas características são: 1.ª) necessidade imperiosa de usar a droga e procurá-la por qualquer meio; 2.ª) tendência a aumentar a dose; 3.ª) dependência de ordem psíquica (psicológica) e às vêzes física dos efeitos da droga. O Comitê de Peritos da Organização Mundial de Saúde para drogas recomendou, em 1964, substituir o têrmo toxicomania e hábito pelo têrmo único **dependência.**

P — **O que acontece quando falta a droga?**

R — A crise de abstinência é o conjunto de sintomas somáticos e psíquicos que surgem na pessoa que apresenta dependência à uma droga, quando esta lhe é suprimida bruscamente ou a dose é muito aquém da necessária para obter os efeitos desejados. Dependência (no sentido antigo do têrmo) significa a necessidade psicológica ou física de usar a droga. Esta última, seria justamente caracterizada pelo aparecimento da chamada síndrome de abstinência, quando o indivíduo dela fôsse privado. Autores modernos negam a sua existência, referindo-se sòmente a dependência psíquica. Os sintomas então, na sua riqueza, nada mais seriam do que a expressão da ansiedade do indivíduo. Na supressão dos opiáceos (morfina, heroína), o paciente apresenta forte ansiedade, tremores, palpitações, náuseas, vômitos, diarréias e dores pelo corpo, chegando a ter alucinações visuais. No caso dos barbitúricos, a supressão leva a convulsões, alucinações visuais e auditivas, semelhantes ao **delirium tremens** do alcoólatra. Já a supressão da cocaína e dos estimulantes (errôneamente denominados psicotrópicos) como as anfetaminas (Pervitin, Dexedrina) raramente provocam sintomas de tal gravidade.

P — **Existe uma classificação das drogas que provocam a dependência?**

R — Lewin, médico que escreveu em 1925 o livro **Paraíso Artificial,** divide as drogas em cinco grandes grupos: 1) as **eufóricas:** ópio e derivados, e cocaína; 2) as **fantásticas:** ácido lisérgico, mescalina e maconha; 3) **inebriantes:** álcool, éter, clorofórmio; 4) **hipnóticas,** que abrangem os barbitúricos e cardamidas; 5) **excitantes,** de origem vegetal: cafeína e tabaco.

P — **Quais as drogas mais usadas no Brasil?**

R — Coloco em primeiro lugar os estimulantes, maconha e barbitúricos. A cocaína e a morfina estão em último.

P — **A maconha é um tóxico?**

R — Pela definição da Organização Mundial de Saúde, incluem-se entre os tóxicos apenas as substâncias que causam dependência. Segundo minhas observações pessoais, os viciados em maconha conseguem libertar-se sem apresentar nenhum sintoma físico de dependência.

P — **Existe dependência aos barbitúricos?**

R — Sim. Receitados ou usados para combater a insônia (pois são drogas essencialmente hipnóticas), desenvolvem freqüentemente uma tolerância no organismo, que necessitará de quantidades maiores para chegar ao sono, levando muitas vêzes à dependência psíquica e mesmo física.

P — **Com os psicotrópicos também acontece isto?**

R — Os estimulantes, como o Pervitin, Dexedrina, etc., pelo seu uso levam a um estado de excitação em que predomina a insônia e a perda do apetite, sendo pois usados para estudos ou trabalhos noturnos e regimes de emagrecimento. Sua ampla difusão, os fizeram muito usados pelos alcoólatras para "cortar" a embriaguez; pelos viciados em barbitúricos para cortar a sonolência; por deprimidos ou distímicos para substituir a cocaína etc.

P — **Como uma pessoa se torna um viciado?**

R — Por via terapêutica (sedação de dores muito intensas, como acontece com a morfina, insônia ou depressão, como com os barbitúricos ou os estimulantes respectivamente). A simples curiosidade também é apontada pelos autores. Nós achamos que uma minoria de viciados seria constituída por neuróticos e a grande maioria por indivíduos com uma estrutura de personalidade desarmônica, correspondendo ao conceito de "personalidade psicopática". Os dependentes às drogas, inclusive ao álcool, são pessoas com grande necessidade de segurança e de conservar a auto-estima, que procuram fugir à angústia e às frustrações de forma imediata, opondo à realidade objetiva a gratificação do prazer.

P — **Uma pessoa pode ser levada ao vício?**

R — Tratei de uma jovem que chegou à cocaína levada por um amigo. Ela era insegura, tinha mêdo do mundo, dependia bastante dos pais, e tentou libertar-se através da cocaína. Assim, pode-se dizer que uma pessoa pode ter seu vício facilitado, mas nunca se tornará dependente se não tiver internamente as condições psíquicas de um viciado.

P — **O uso de drogas para fins médicos pode determinar o vício?**

R — Claro. Especialmente a morfina. Tive um paciente que acabara de perder dois parentes e, em seguida, sofreu uma crise nos rins. A morfina foi necessária, para suprimir a dor e a depressão. Mas então êle passou a usar a morfina para fugir à realidade. Com os estimulantes isto também acontece.

P — **O viciado é normalmente um solitário ou reúne-se em grupos?**

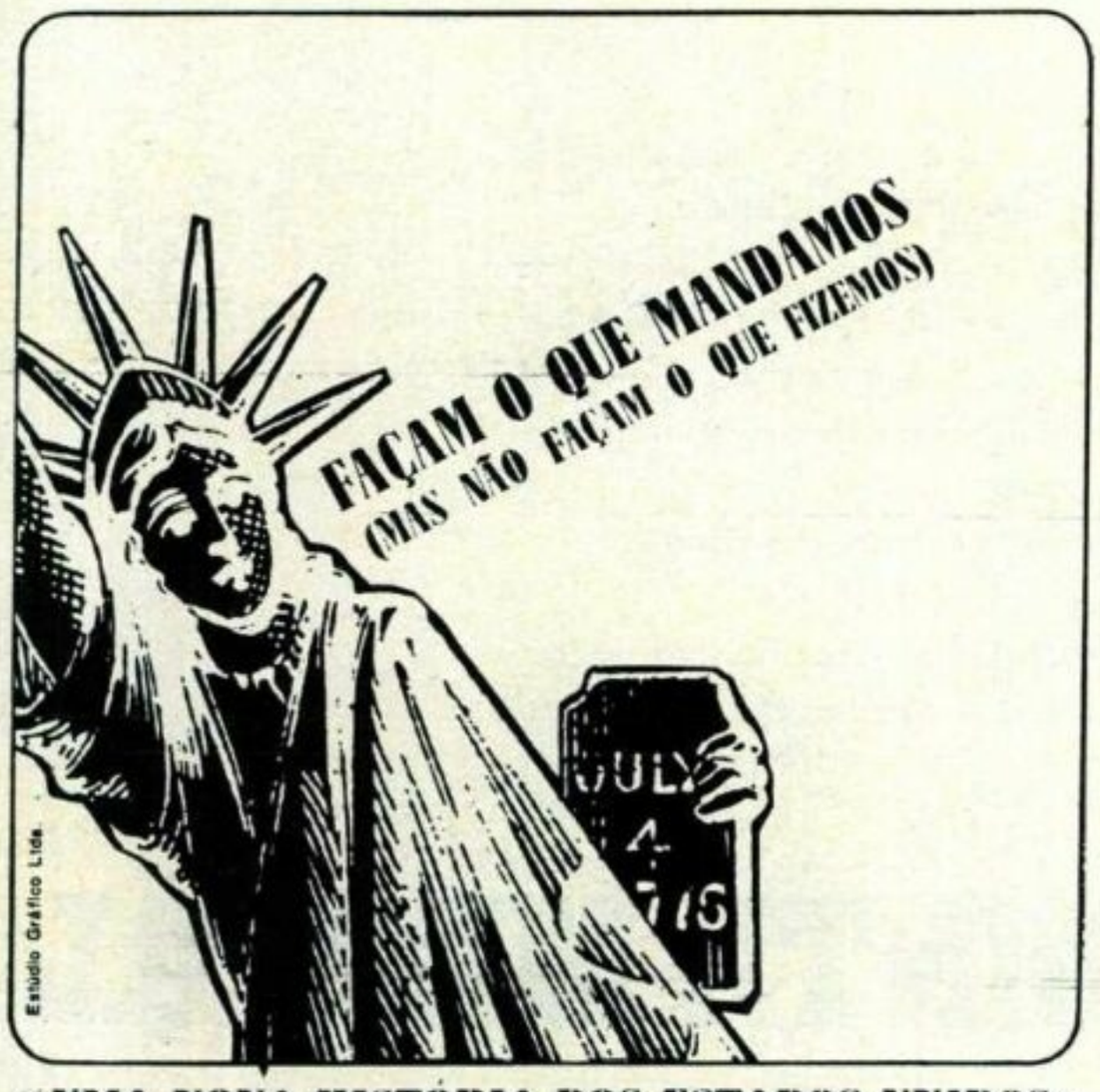
R — A maioria se reúne em grupos, especialmente os marginais e adolescentes — viciados mais numerosos e freqüentes. Isto pela necessidade de afirmação viril perante seus iguais, um exibicionismo que só encontra aprovação no próprio meio de toxicômanos e na agressão aos padrões estabelecidos pela sociedade.

P — **Quem toma drogas pode mais fàcilmente tornar-se um criminoso?**

R — Acho que sim: a droga pode favorecer a criminalidade. O viciado que tem distúrbios profundos de personalidade está sempre mais do que pronto para o assalto, o assassinato, o atentado sexual — para agir **contra** o mundo, enfim. Para se ter idéia de como as drogas favorecem o crime, basta citar o seu uso (estimulantes e álcool) na 2.ª Guerra mundial por vários exércitos...

P — **O que se pode fazer para curar um viciado?**

R — Atualmente, pouca coisa. O viciado precisa ser internado, por um tempo nunca inferior a três meses na primeira vez e seis na reincidência, em hospital especializado. O tratamento varia conforme a droga que toma, mas em geral utiliza-se a desintoxicação, a sonoterapia, a insulinoterapia e o eletrochoque, em alguns casos. Ao mesmo tempo, ou pouco depois, o paciente deve fazer psicoterapia profunda (psicanalítica), dois ou mais anos. O internamento fica hoje em 800 mil a um milhão de cruzeiros velhos por mês. O tratamento psicoterápico, por volta dos 400 mil cruzeiros. Isto limita o número de pessoas que podem se tratar. Além disso, falta pessoal médico especializado e o paciente quase nunca concorda em se submeter ao tratamento.



"UMA NOVA HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS: A ERA COLONIAL - DE HERBERT APTHEKER"

Uma visão econômica e política dos primeiros anos da nação americana. Análise profunda dos motivos que levaram o gigante americano à libertação dos opressores inglêses e ao início de sua consolidação como maior potência contemporânea.

Mais um lançamento de categoria da

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 97
Rio de Janeiro - GB.

Atende-se a Pedidos pelo Reembôlso Postal

EM MAIO DE 1961, CIENTISTAS DE TÔDAS AS PARTES DO MUNDO SE REUNIRAM NA FRANÇA, PARA INVESTIGAR QUAIS OS RECURSOS QUE AINDA RESTAM NA TERRA PARA A SOBREVIVÊNCIA DA HUMANIDADE ?

QUE FUTURO ESPERA A HUMANIDADE ?

O DEPOIMENTO COMPLETO DA REUNIÃO DA ABADIA DE ROY AUMONT, INCLUINDO A TESE DE JOSUÉ DE CASTRO: FOME E SUBDESENVOLVIMENTO.

Rua 7 de Setembro, 97 - Rio de Janeiro - GB.
Atendem-se pedidos pelo Reembôlso Postal

LANÇAMENTO DA EDITÔRA CIVILIZAÇAO BRASILEIRA

No mundo dos tóxicos

O coronel **Floriano Campello**, diretor geral do Departamento de Polícia Federal, antigo Departamento Federal de Segurança Pública, é quem vai comandar, de acôrdo com a nova legislação policial, a repressão nacional ao tráfico de drogas tóxicas. Seus planos estão resumidos nas seguintes frases:

"Dinamizaremos a campanha de repressão ao tráfico de drogas tóxicas através das delegacias do DPF, dando integral apoio ao pessoal habilitado e planejando, orientando e dirigindo o combate através do órgão central competente, em Brasília. Para que tôdas as delegacias disponham de todos os homens especializados que precisam ter, estamos incrementando o aumento da escolaridade de nossos agentes através de cursos de extensão da Academia de Polícia, que funciona em Brasília e brevemente a levaremos em cursos volantes aos maiores centros do país. Queremos torná-los mais hábeis ainda para combater o vício e ajudar nossa pátria.

VICIADOS — Quantos são os nossos viciados? Impossível saber com exatidão. Apenas a capital paulista tem o seu fichário, assim mesmo muito falho. Ali estão registrados 3.500 toxicômanos, que a Polícia acredita serem 10% do total de viciados incorrigíveis e 0,5% dos **estreantes.** Estimativas do Departamento de Investigações de São Paulo calculam em 100 mil o número de viciados no País. Mas devem ser muito mais. São Paulo em primeiro lugar e Guanabara em segundo são os dois maiores centros de viciados. Muito depois, vem Pôrto Alegre. Há muita maconha no Nordeste, onde ela chega a ser vendida até em feiras livres. As drogas mais consumidas por nossos viciados são as bolinhas (anfetaminas, ou psicotrópicos), maconha e barbitúricos. Em seguida, a cocaína. Em último lugar, o ópio e derivados — heroína, morfina.

MACONHA — A dona do mercado, em todo o país. Toma conta principalmente das camadas econômicamente mais pobres e uma larga faixa da população estudantil. A maconha é extraída de certas partes das fôlhas da **Cannabis sativa de Lineu,** cuja fibra é utilizada para fabricar tecidos rústicos, como o cânhamo. Segundo o psiquiatra Oswald Morais de Andrade, a maconha é um excitante que provoca confusões mentais, sonolência, irritabilidade, depressão, enfraquecimento do organismo. O viciado, após as primeiras baforadas, apresenta os olhos vermelhos, os músculos do rosto contraídos. Depois vem a embriaguez: um delírio agradável que logo se transforma em profunda agitação. Uns ficam prostrados, outros cantam, gritam ou correm. A laringe arde, a bôca fica amarga, a cabeça roda numa vertigem. Há uma perturbação circulatória e a saliva fica espêssa. Passado o efeito, o viciado sente muita fome.

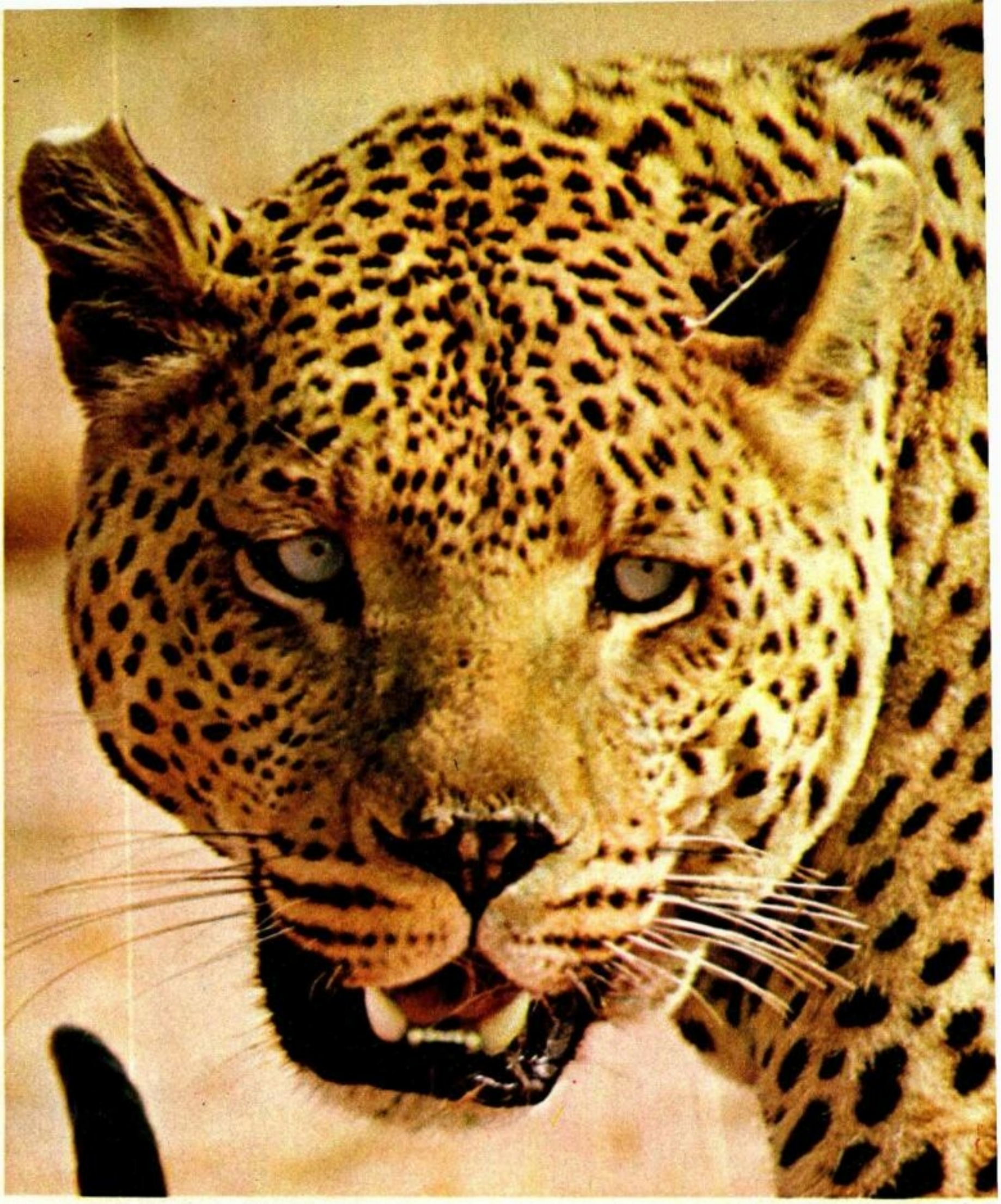
BOLINHAS — Começaram a ser muito usadas após a Segunda Guerra. Estimulam o sistema nervoso, fazem perder o apetite, podem levar à loucura. Tomam-se pela bôca ou injetadas na veia. No Brasil as mais comuns são a Stenamina, o Pervitin, a Dexedrina e o Dexamil.

BARBITÚRICOS — Freqüentemente são usados para neutralizar o efeito das bolinhas. Estas excitam, aquêles acalmam, dão sono, perturbam a coordenação dos movimentos e dos sentidos. Os barbitúricos são obtidos da síntese da uréia ou ácido malônico. Os mais vendidos no Brasil são o Namuron e o Nembutal.

COCAINA — Extraída das fôlhas da coca, planta boliviana, peruana e colombiana. Dá sensação de fôrça, euforia e bem-estar. Tratada, se transforma num pó branco, que é aspirado pelo viciado: a mucosa do nariz é a parte mais sensível à cocaína. O cocainômano é pálido, sofre de taquicardia, insônia e alucinações coloridas. Após o uso prolongado, o viciado sofre enfraquecimento das funções psíquicas, cansaço, irritabilidade, angústia e insatisfação. Comprado na fonte, um quilo de cocaína custa de seis a oito milhões de cruzeiros velhos.

ÓPIO — Das cápsulas de uma flor — a inocente papoula — se extraem os entorpecentes mais poderosos e mais terríveis: os opiáceos. O ópio foi o primeiro tóxico usado pelo homem. A papoula é cultivada no Egito, Turquia, Birmânia, Laos, China, Índia e Paquistão, que exportam os opiáceos para todo o mundo. O viciado em ópio fica excitado, depois vai entrando em sonolência profunda e agitada. Porque para fumar ópio é necessário uma série de objetos e circunstâncias especiais — cachimbo resfriado a água, lugares próprios — é muito difícil o seu uso. Os viciados estão substituindo-o cada vez mais pela morfina. Esta alivia a dor e provoca um sono apenas profundo, além da euforia e outras "vantagens" do ópio. Da mesma forma, porém, enquanto a hora da nova dose não chega, o viciado sente-se angustiado, sua frio, sente palpitações e falta de ar. O uso continuado da morfina faz o paciente perder o apetite e o desejo sexual. A maioria dos viciados são as próprias pessoas que lidam com a droga — médicos, enfermeiros, dentistas, farmacêuticos. A heroína, também derivada do ópio, substituiu a morfina na medicina para diminuir os perigos do vício. No entanto provou que é muito pior: é analgésico de quatro a oito vêzes mais poderoso que a morfina, mas vicia com mais facilidade. Pode ser injetada ou aspirada. Sem heroína, o viciado apresenta os mesmos sintomas que no caso da morfina e pode até morrer de uma síncope. O tráfico do ópio e derivados é comandado pela Mafia e tem representantes em Beirute, Roma, Marselha, Paris e Nova Iorque. Um quilo de heroína em Beirute vale de cinco a sete mil dólares (entre 13,5 e 19 milhões de cruzeiros velhos). Distribuída entre os pequenos vendedores dos Estados Unidos, êste quilo chega a valer cêrca de 400 mil dólares (um bilhão de cruzeiros). FIM

NOTA: OS DADOS DÊSTE QUADRO FORAM TIRADOS DO LIVRO "A DROGA", EDITADO PELA "CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA."

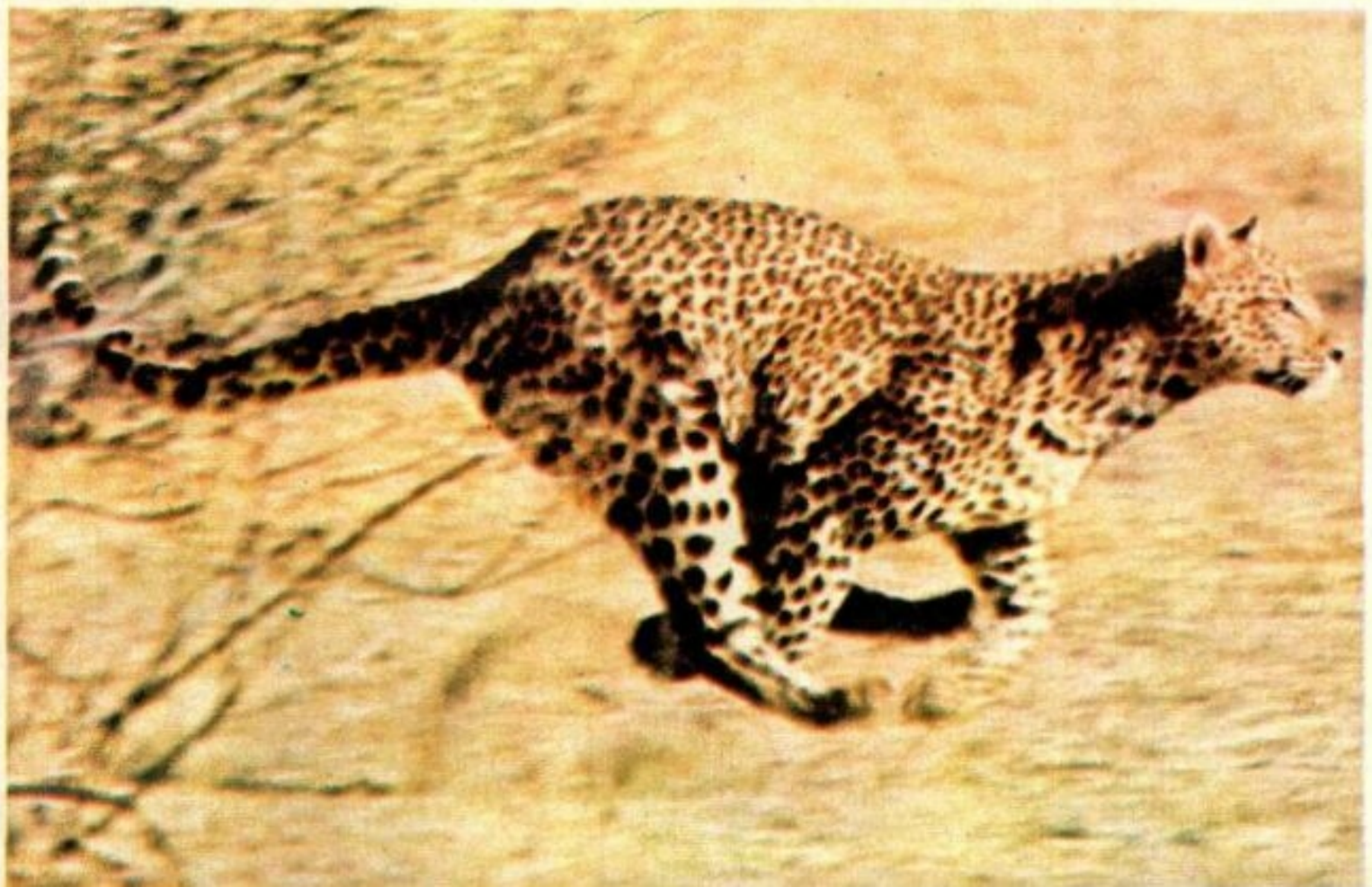


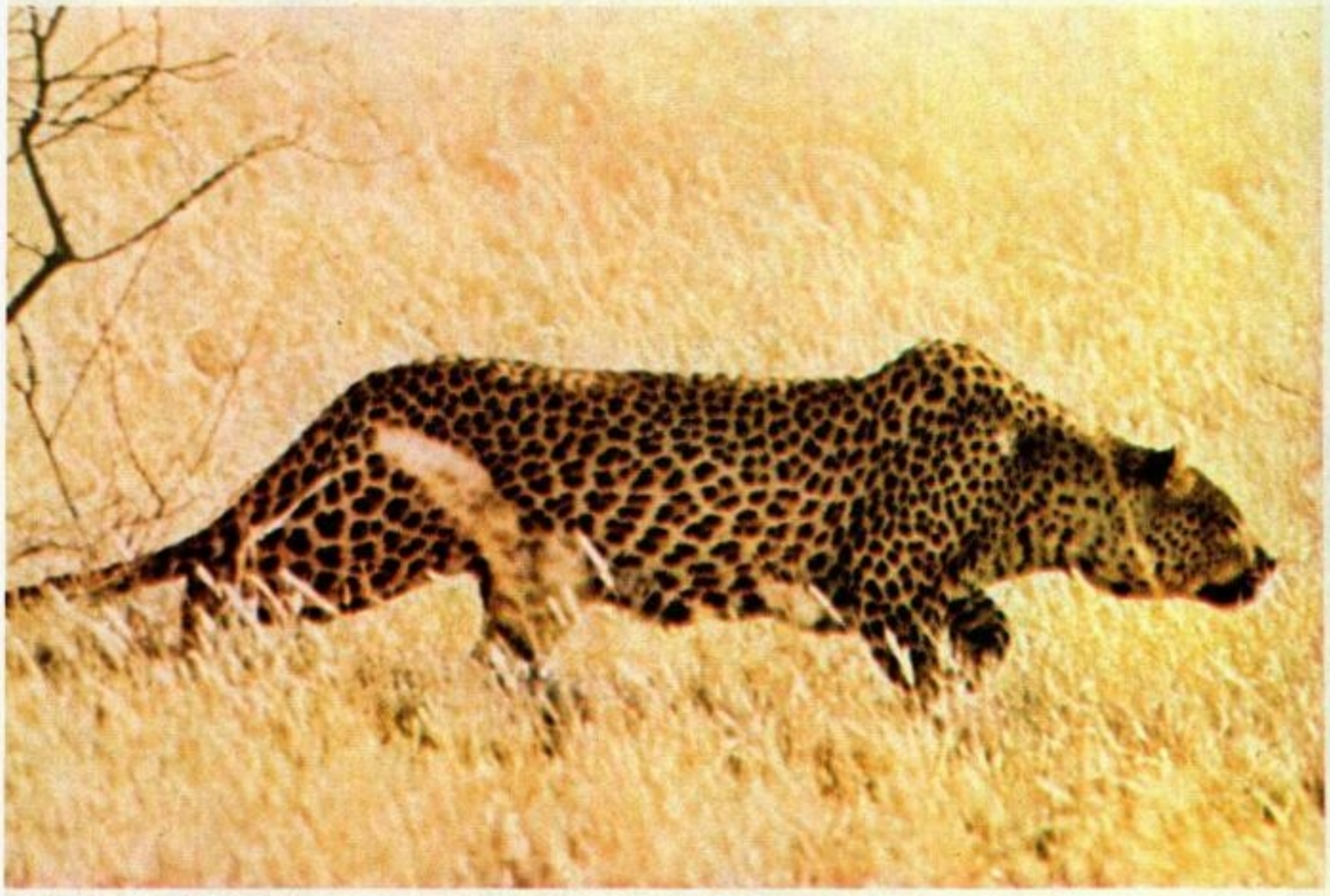
Um gato enorme, astuto, solitário, paciente e mau:

O LEOPARDO

Olhos frios, amarelos, êle está sempre pronto para atacar: poucos animais têm coragem de enfrentar os seus 250 quilos de músculos ágeis, compactos e fortes. Floresta, montanha ou deserto, quase tôda a África é sua casa. Nenhum animal significa nada para êle, nem mesmo a companheira — com quem pouco tempo convive — ou o filhote — que nunca vê. Cuidadoso, é de dia que prefere dormir, entre as rochas, no meio da vegetação, nos galhos das árvores. Traiçoeiramente, é de noite que caça, escolhendo sempre qualquer bicho mais fraco: antílopes, ratos, pássaros, serpentes ou macacos. Especialmente macacos.

Imediatamente êle se concentra
inteiro na ação: movimentos lentos,
o dorso curvo, orelhas em pé,
cauda abaixada, avança
quase deslizando pelo chão,
como uma serpente, escondido
pela vegetação.
De repente, arranca decidido:
êle pode correr a mais de
50 quilômetros por hora.
Em alguns segundos, está a pouco
menos de cinco metros da árvore.
A verdadeira caçada começa aí.



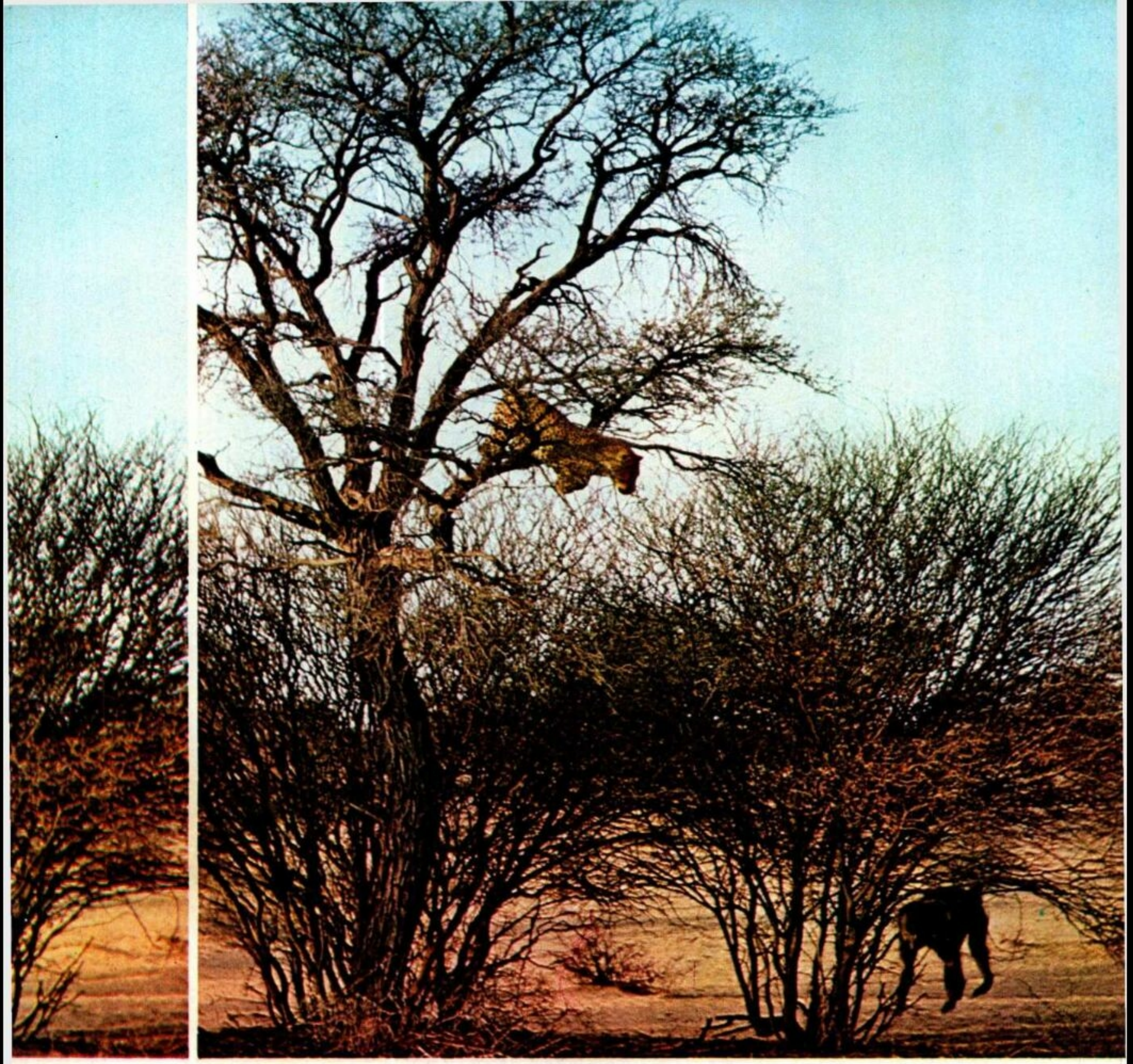


Fotos de John Dominis

...E descobre um macaco: a caçada vai começar

Fim da tarde na planície africana.
É a melhor hora para a caçada.
Com sua visão aguda,
capaz de localizar pequenos animais
a 400 metros de distância,
o leopardo percebe um babuíno —
espécie de macaco da África —
em cima de uma árvore.

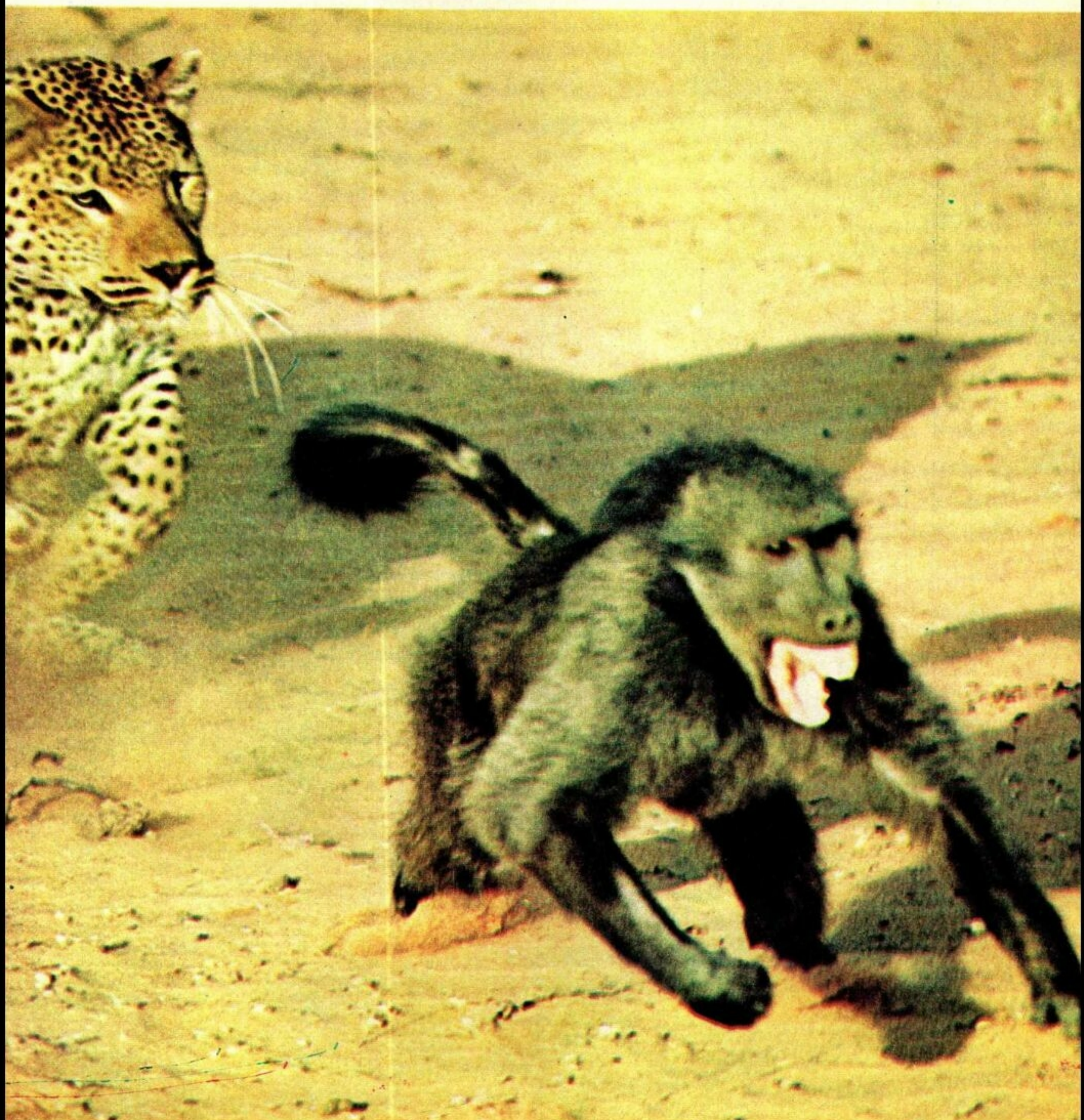
LEOPARDO CONTINUAÇÃO

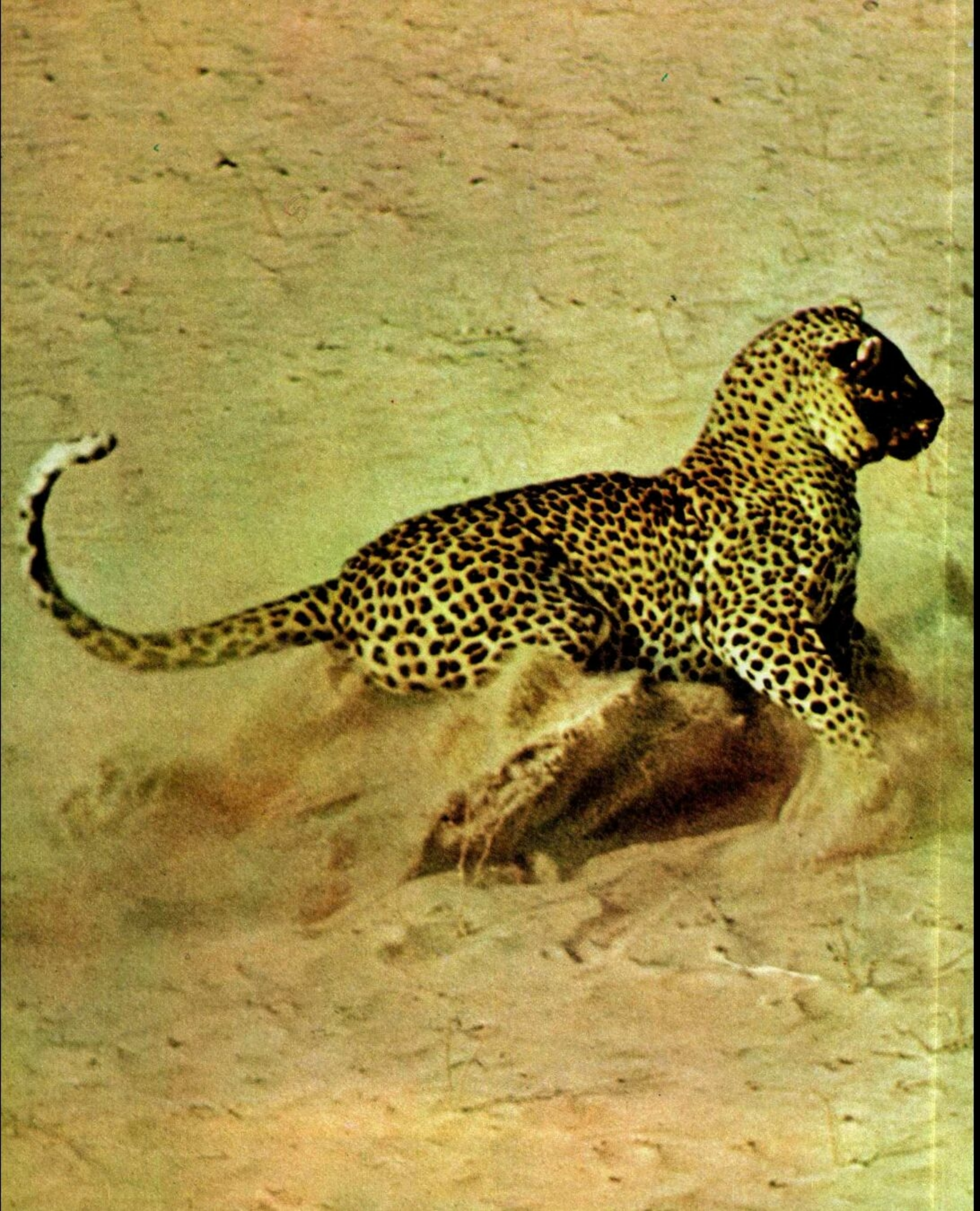


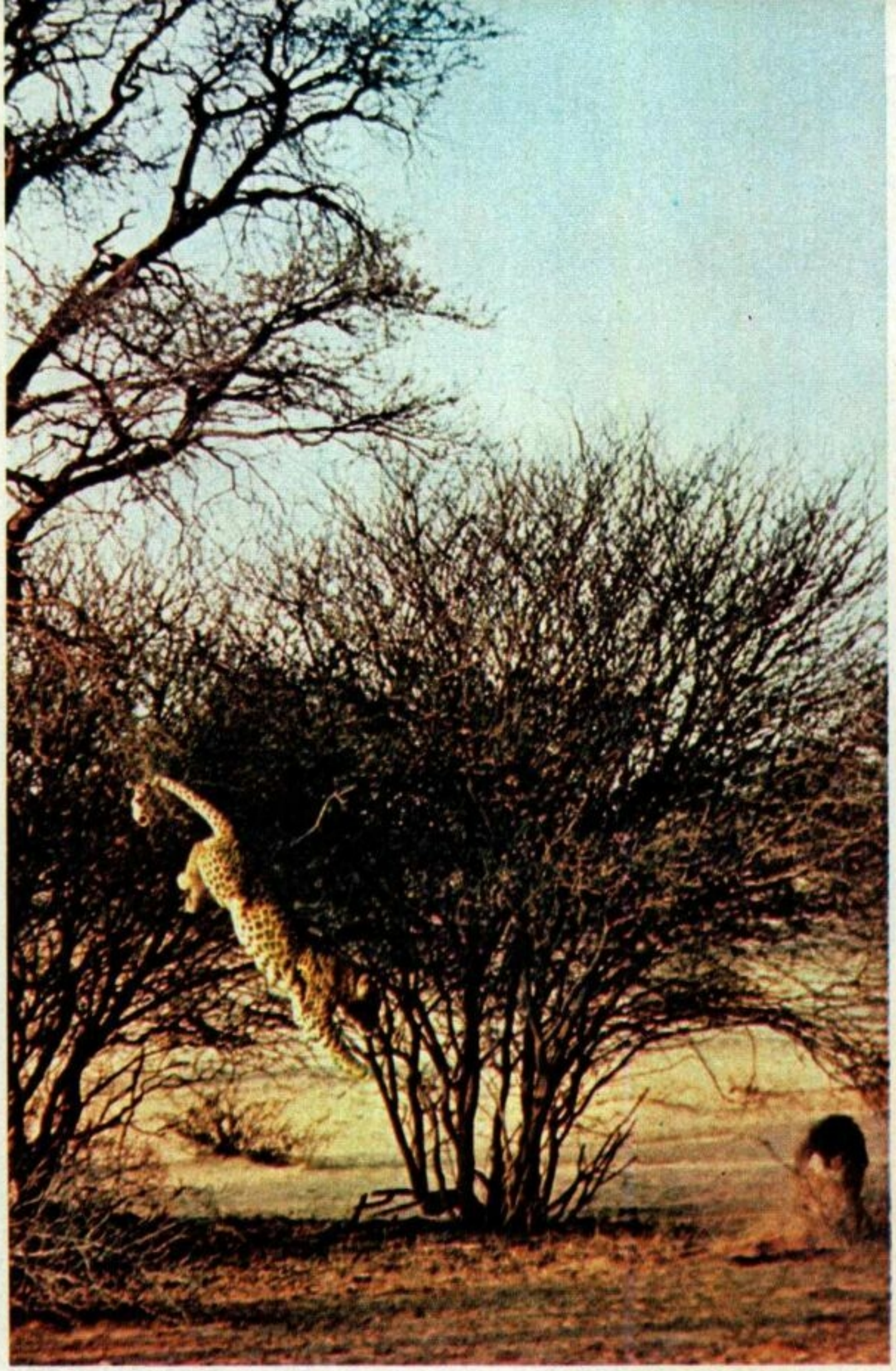
Ágil, veloz e faminto, o leopardo ataca

De um salto apenas, rápido e preciso,
o leopardo já está subindo tronco
acima. Só então a vítima percebe o
inimigo. Desesperado, o babuíno tenta
fugir, aos gritos, para os galhos mais
altos. Inútil: o leopardo é agil
também, e a perseguição continua.
Então o macaco salta para o chão,
sempre gritando: quer chamar
a atenção dos machos mais velhos,
protetores do bando, que às vêzes
conseguem salvar as vítimas,
cercando o leopardo e dilacerando-o
com seus grandes dentes caninos.
Mas não há bando algum
o babuíno está irremediàvelmente só.

LEOPARDO CONTINUAÇÃO



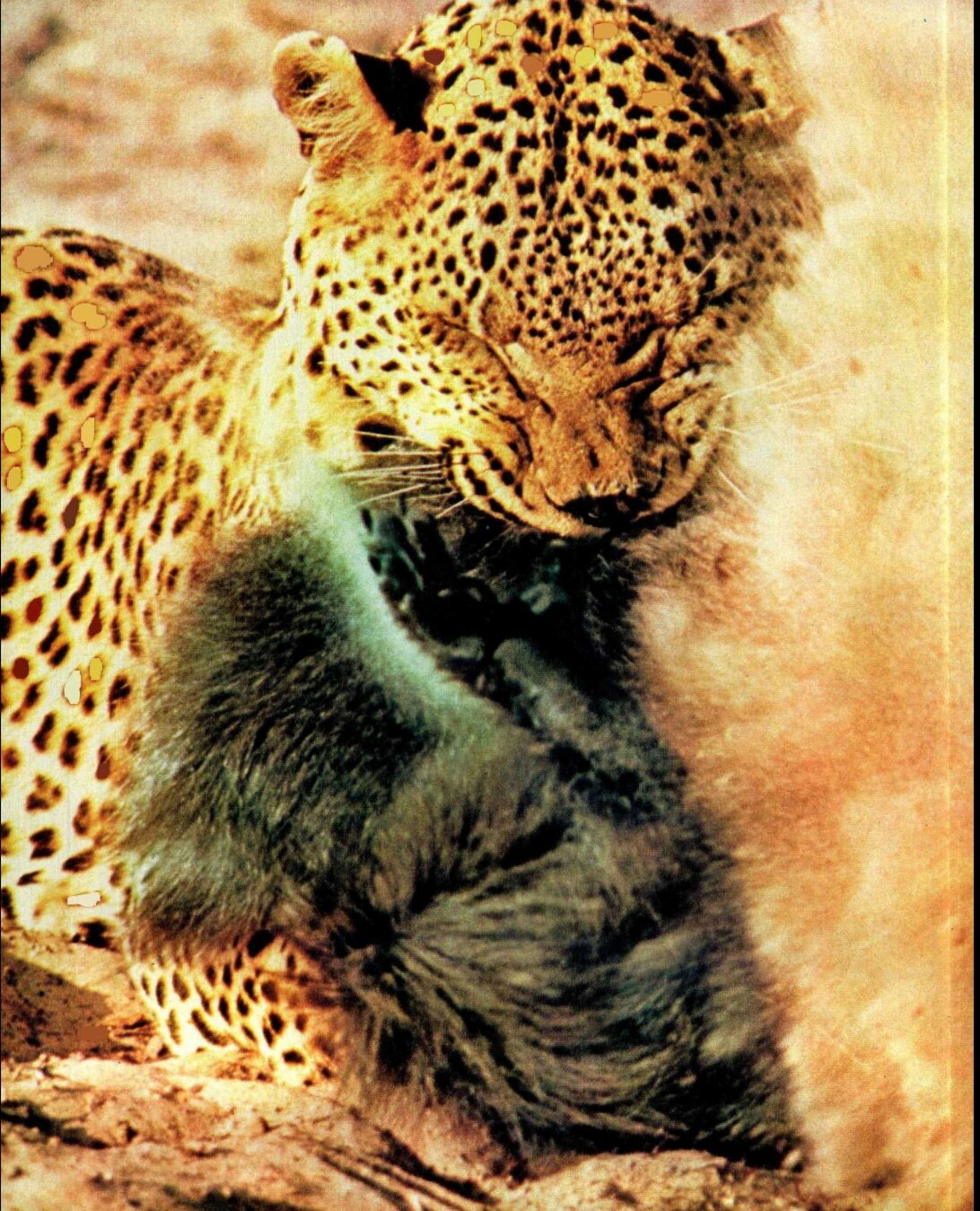


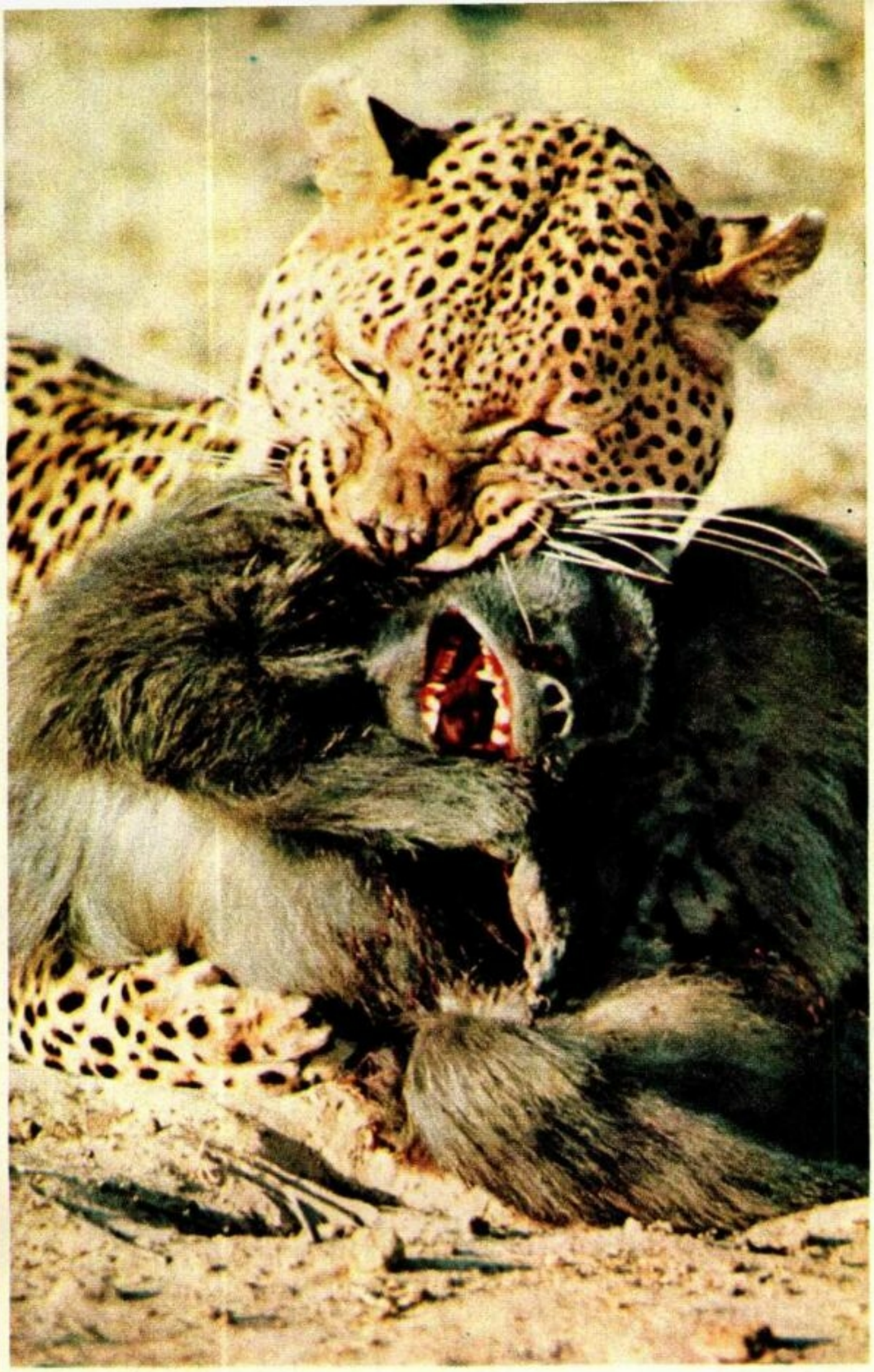


Uma corrida de desespêro e terror

Antes mesmo que o macaco
chegue ao chão, já o leopardo
saltou atrás —
um vôo de seis metros —
e continua perseguindo-o na areia,
cada vez mais perto.
O grande gato já
não tem pressa: está
tranqüilo, certo de sua
superioridade e
da vitória que se aproxima.

O pequeno animal está perdido.
De repente o babuíno estaca,
eriça os pêlos, dá um
grito de terror e reúne as
últimas fôrças para enfrentar
o inimigo com sua única e pobre
arma: os dentes.
Por uma fração de segundo,
o leopardo também pára,
como a proteger-se
contra o desespêro do babuíno.





O crânio é esmagado, a morte é rápida

O golpe de misericórdia já estava
preparado: primeiro a garganta.
E o leopardo,
cauteloso sempre,
mesmo seguro de sua fôrça,
mantém os olhos fechados.
Ao debater-se, as garras da vítima
ainda podem feri-los.
Um segundo depois, as potentes
mandíbulas esmagam o pequeno
crânio. O babuíno está morto.

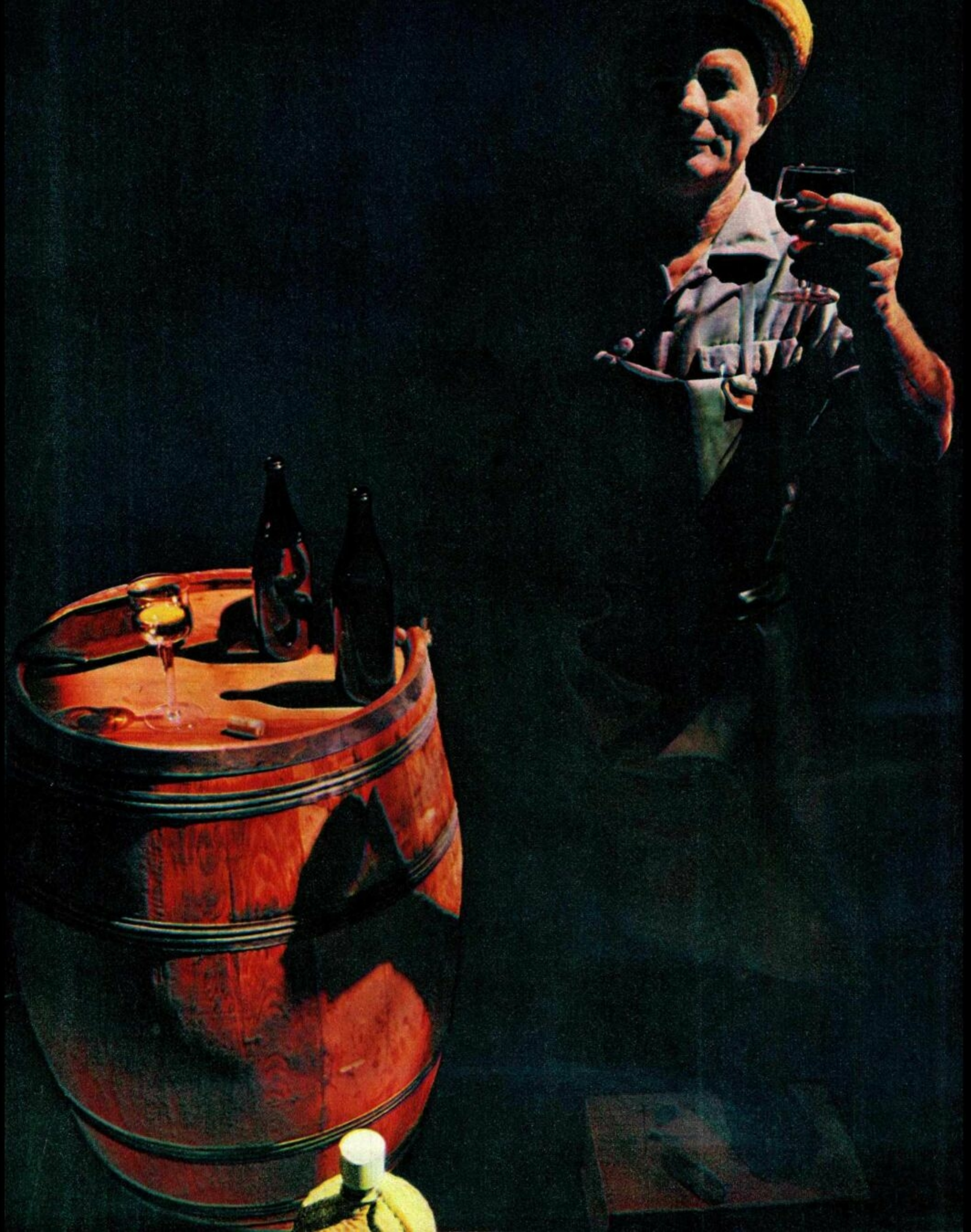
Depressa, o leopardo o devora,
porque tem fome e porque sabe que
podem aparecer bandos de hienas
ou cachorros selvagens,
adversários perigosos quando
em grupo e famintos.
Outras vêzes aparecem leões,
e a prudência manda que o
leopardo abandone a prêsa.
Mas só leão
pode fazer leopardo fugir.

FIM

FRASE QUE SE OUVE
MUITO NAS BOUTIQUES
DE PARIS, LONDRES, ROMA
E NOVA YORK SÔBRE
Imprévu, O MESMO PERFUME
QUE A COTY ESTÁ
LANÇANDO NO BRASIL:

"Nunca um perfume tão suave foi tão provocante."

uma criação internacional da Coty



Senhoras e senhores,

À SAÚDE

Porque aqui se vai falar de vinho, esta bebida que sempre alegrou o coração dos homens.

Um desconhecido e pré-histórico senhor, que já conhecia a roda e sabia dominar o fogo, agachou-se perto de uma poça dentro de sua caverna e sentiu-se perto da terceira grande descoberta da humanidade. Houve raios, trovões, tempestade e tremores de terra, como convém nos grandes momentos da história, ou da pré-história. Êste senhor, cerimoniosamente, bebeu o líquido da poça na concha das mãos e descobriu, para felicidade sua e de seus pósteros, Sua Excelência, o Vinho.

Certamente, no outono passado, as parreiras das proximidades tinham sido pródigas na produção de uvas silvestres. E algumas foram desprezadas, jogadas, pisadas e esquecidas em algum buraco da caverna. O cavalheiro descobridor, provàvelmente impedido de sair de sua residência por razões alheias à sua vontade, estava com sêde e resolveu beber aquêle líquido. Evidentemente tratava-se de um cavalheiro — ainda que conservasse estranhos hábitos, como carregar damas pelos cabelos — pois, na sábia opinião dos **connoisseurs,** o vinho não se deixaria descobrir por um selvagem qualquer.

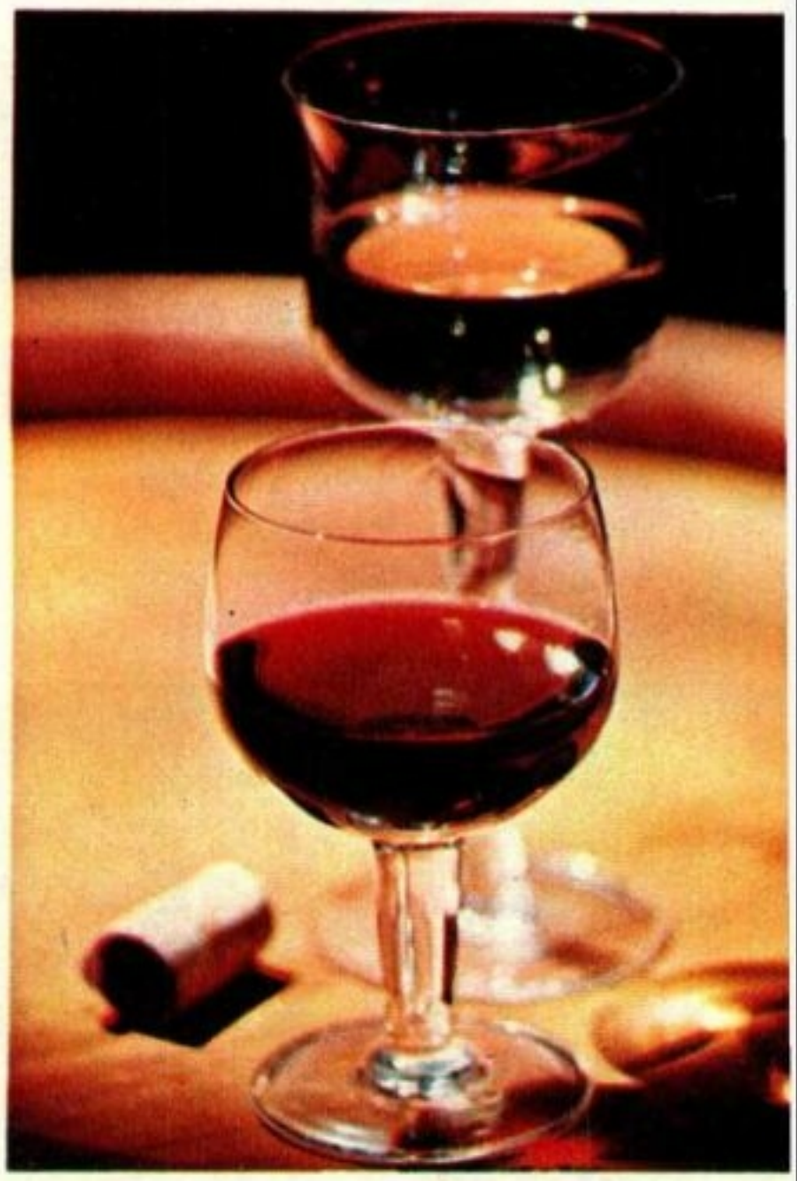
Conforme determinam as etiquêtas, tradições e rituais, o vinho não pode ser servido em qualquer copo, nem acompanhar qualquer comida, nem ser tomado em qualquer temperatura. Precisa ser tirado da adega com muito respeito e cuidado. Exige todo um ritual para ser experimentado, ou degustado — como preferem os senhores **connoisseurs**. Foi bebido pelos sisudos faraós de Tebas e Menfis, segundo irretutáveis inscrições hieroglíficas, e está citado na Bíblia mais de 500 vêzes, segundo a pesquisa de um abade paciente. Todos os grandes **porres** da história foram de vinho, a partir daquela famosa bebedeira em que **Noé**, o da Arca, teve alguns incidentes com seus zelosos filhos. É bebida de pobres e ricos, e não seria completa se não servisse também, conforme as mais seguras tradições, de remédio para muitos males.

Muito orgulhoso, como todos os gaúchos, de gostar, entender e tomar muito vinho, um môço de Pôrto Alegre mandou buscar uma garrafa do vinho-a-tôrno que tinha chegado naquele dia no armazém da esquina. Vinho-a-tôrno é o que vem em barris de madeira. Gostou e, quando acabou a garrafa, no dia seguinte, mandou buscar outra, da mesma pipa. Veio a garrafa. Dez minutos depois, o gaúcho estava brigando com o dono do bar:

— Então, **seu** João, já batizou o vinho, hem? Pois o senhor fique sabendo que de vinho eu entendo. Ninguém me engana não. Aquilo que eu bebi ontem era vinho. E isso, o que é?

Seu João, honrado comerciante, ficou ferido nos brios. Indignado, explicou que com vinho em pipa é assim mesmo: só é bom no dia em que se abre. Depois, entra ar e estraga tudo. Mas não adiantou:

— Ora, desculpa o senhor sempre tem. Passe bem. SEGUE



Êste ítalo-gaúcho é um dos poucos brasileiros que tomam vinho. O consumo anual per capita no Brasil é de 2,2 litros. Enquanto isso, cada francês bebe por ano 121 litros e os argentinos, 87. Mas os gaúchos estão se esforçando para vender mais vinho e aumentar um pouco o nosso índice.

Texto de
José Carlos Marão
Fotos de
David Drew Zingg

Vovô ainda esmaga a uva com os pés

Coisas assim, além de imensas dores de cabeça pós-alcoólicas e comprovadas falsificações com água, álcool e corantes, fizeram o vinho brasileiro ganhar má fama. Mas na verdade existe gente dedicada, trabalhando sério, para que nosso vinho melhore em qualidade e acabe com a corrente dos **francesistas.** Êsses cavalheiros, todos entendidos, consideram inútil qualquer discurso sôbre vinhos, pois com o dólar nessas alturas e tantas complicações alfandegárias, é impossível tomar o Borgonha, o Bordeaux, o brando do Reno, ou mesmo o italiano e o espanhol. Mas outros senhores, igualmente entendidos, acham que o vinho brasileiro já tem alguma tradição, uma história, e se não pode ser comparado aos franceses ou italianos, pode pelo menos ser tomado — coisa que antes era impossível.

— Também, com quase cem anos de idade, já era tempo de ser bom — pode dizer alguém que esteja começando a aderir aos vinhos nacionais. Mas estaria errado, porque um século para aprender a fazer vinho é muito pouco.

Em 1875, os imigrantes italianos que se instalaram na encosta do Planalto Gaúcho trouxeram suas uvas e muita prática da região de Vicenza. Só não puderam fazer aqui o mesmo vinho de lá por causa do terreno, do clima e da falta de recursos. Hoje, seus descendentes são os grandes industriais do vinho, que produzem mais de 80% do consumo nacional, isto é, 2,2 litros para cada brasileiro, por ano. O comêço foi difícil:

— No tempo do meu falecido **nono** Pietro, isto aqui não era assim, não. Não existia caminhão, sabe? Nós abrimos esta terra tôda a facão. E minha família sempre viveu aqui.

Nono Pedro (neto do **nono** Pietro), ainda misturando palavras do dialeto veneto ao português, conta a história de sua família, que mostra bem como se fabricava vinho no Brasil.

— E como o senhor faz vinho, **nono**?

— Eu faço **o vin** como meu falecido **nono** e meu falecido pai faziam. Mas nós aqui só fazemos vinhos para nós mesmos tomar. Para vender, não dá. Olha: ali é onde nós **esmaga** a uva, ainda com o pé. Sabe, o dinheiro não deu ainda para comprar a esmagadeira.

Nono Pedro, junto com sua família, é, provàvelmente, o último filho de italianos que ainda conserva todos os costumes de quando chegaram os primeiros imigrantes. E com certeza o último a esmagar uvas com os pés, para fazer **o vin.** Mora no mesmo sítio de seu avô, a alguns quilômetros de Bento Gonçalves, a cidade que mais produz vinhos no Brasil.

— E depois, **nono**?

— **Bão,** aí vai fermentar, né. É ali, naquela pipa, que fermenta. Depois, a gente engarrafa. Aqui mesmo. Mas é pouco. Só dá para os da casa.

E mostra a prateleira de garrafas empoeiradas.

— O senhor deixa envelhecer muito tempo?

— Tem **vin** aí de 20 anos. Quer um pouco?

Entra um enólogo (entendido em vinhos) na conversa:

— Mas isso é contra tôdas as regras de enologia. O vinho tem vida. Êle amadurece aos quatros anos e depois começa a envelhecer e acaba "morrendo".

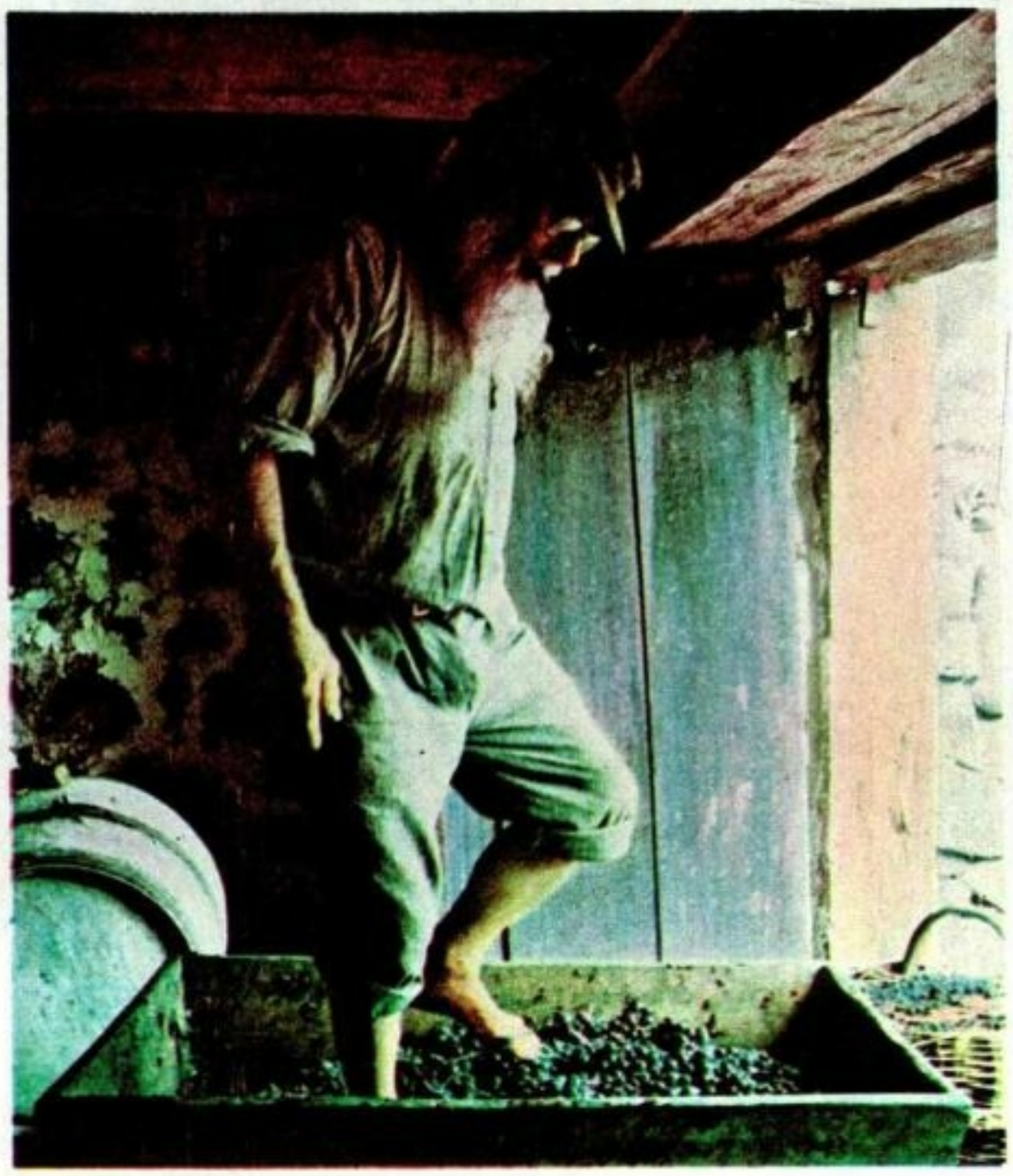
Nono Pedro sobe na prateleira. Com todo cuidado, como se fôsse uma criança recém-nascida, traz uma garrafa. Abre e serve às visitas. Cada um experimenta. O enólogo fala:

— É, deve ser o esmagamento com os pés.

Os avós dos grandes cantineiros do Sul (dizer sempre cantineiro e não fabricante de vinhos, senão ofende) começaram todos como **nono** Pedro faz até hoje. Mas, com o tempo, passaram a vender seus vinhos, a aumentar a produção. Agora, estão tão satisfeitos com os resultados, que três cidades, do chamado polígono do vinho, têm festa comemorativa: em Caxias, a Festa da Uva; em Flôres da Cunha, a Festa das Vindimas; em Bento Gonçalves, a Festa Nacional do Vinho, talvez a mais importante.

Bento Gonçalves, com sua primeira Feira, em março dêste ano, nunca viu tanta gente de fora ao mesmo tempo. A exposição de vinhos e o vinho de graça, jorrando dos barris, atraiu gente do Brasil inteiro.

Na França, a festa do vinho na região de Borgonha é diferente, com banquetes e degustações. E lá existe uma coisa que aqui não fizeram ainda: em Dijon, capital da Borgonha, há um hotel onde os quartos, em vez de números, são identificados por nomes de vinhos, que jorram de suas torneiras. O **Chambertin** é o mais caro.



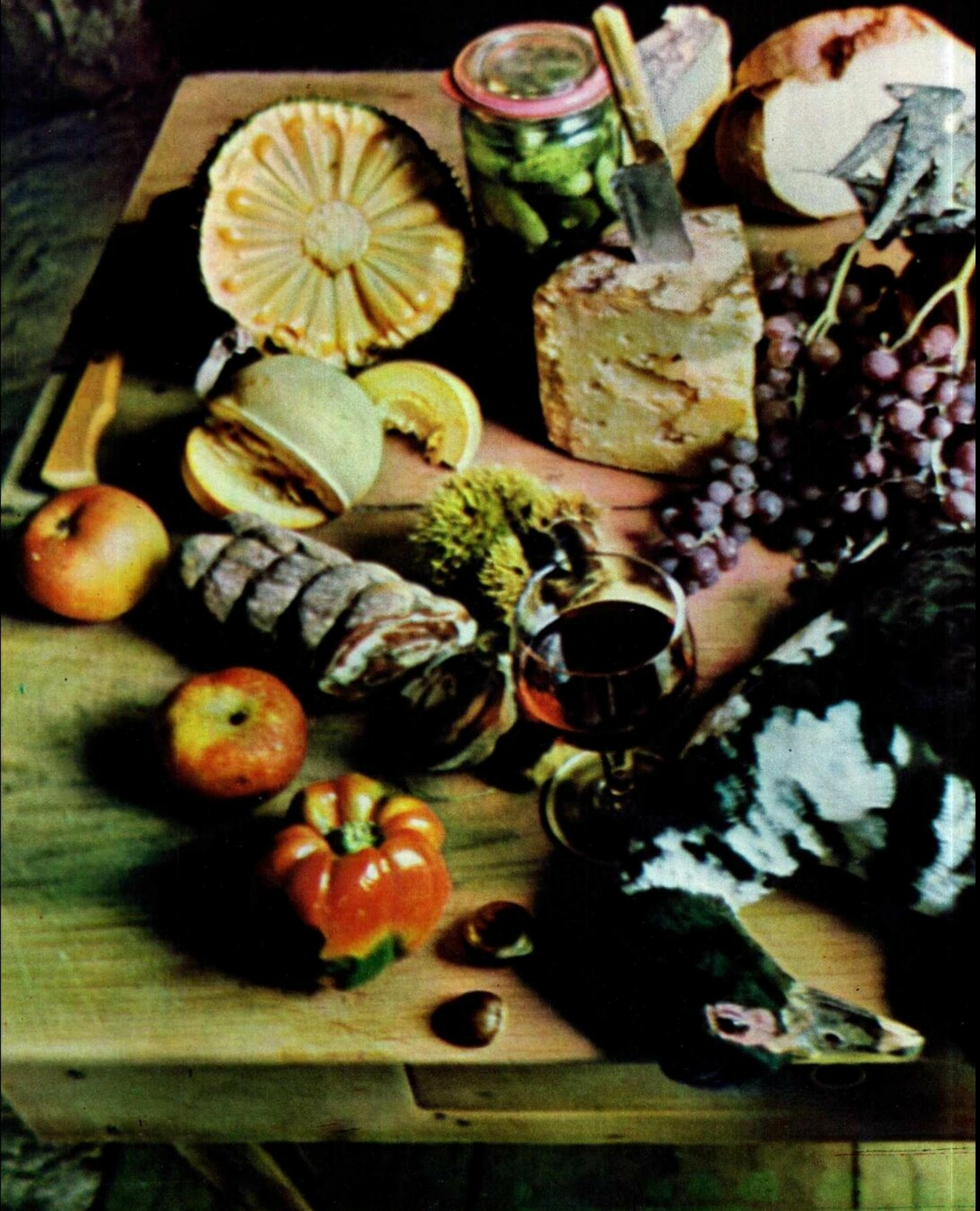
Pôsto que o vinho é feito de uva, quanto melhor a uva, melhor o vinho. E êsse é um dos problemas do vinho brasileiro. Fundamentalmente, há dois grandes grupos de videiras, vulgarmente chamadas **européias** e **americanas.** A maior parte das parreiras do Rio Grande do Sul são da uva chamada Isabel, ou uva comum, aquela que se chupa sem a casca. Só recentemente os técnicos estão introduzindo o cultivo das castas européias. Estas uvas são originárias da Ásia Menor, e foram levadas ao Mediterrâneo há centenas de anos. As castas nobres cultivadas aqui são as Merlot, Cabernet, Riesling e Moscato. Mas a base dos vinhos gaúchos são ainda — para os tintos — as uvas Barbera e Bonarda; e — para os brancos — a Trebiano. Os vinhos baratos, de grande produção, são feitos mesmo de Isabel.

Além disso, a uva é uma fruta caprichosa, quase tão exigente quanto os bons tomadores de vinho. Para ter o seu teor normal de açúcar depende da quantidade de chuva, do sol que tomou, da qualidade do adubo usado. SEGUE NA PÁGINA 49

Pedro Toniolo
é o último
dos românticos.
Faz seu vinho,
para consumo
próprio,
esmagando a uva
com os pés,
do mesmo jeito
que fazia seu avô
quando chegou a
Bento Gonçalves,
em 1883.
Deixa envelhecer
os vinhos
até mais de 20 anos
sem que
êles se estraguem.

O branco é para o que vem do mar

O vinho branco acompanha
peixes, ostras,
lagostas, camarões e qualquer
comida que venha do mar.
Alguns tipos de aves,
como frango e peru,
também devem ser
acompanhados de vinho branco.
Uma vitela pode, igualmente,
admiti-lo.
Sempre levemente refrescado,
em um balde de gêlo.
Os melhores são
os de uva Riesling
(que dão um vinho tipo Reno)
e os de Moscato.



É proibido beber vinho tinto gelado

Segundo os especialistas,
a bebida ideal para acompanhar
carnes e pratos mais fortes
é o vinho tinto.
Êle acompanha também
as caças em geral.
A garrafa
deve ser aberta
pelo menos uma hora antes
da refeição,
para que o vinho
possa respirar e espreguiçar-se.
Importante:
nunca se bebe vinho
tinto gelado - esta é
uma exigência dos entendidos.

Champanhe é o príncipe dos vinhos. Era produzido apenas na região de Champagne, França, mas agora é nome genérico. Pode acompanhar qualquer prato, desde o aperitivo até a sobremesa. Sempre refrescado. O melhor tipo é o brut, *uma bebida superséca.*

Com champanhe ninguém comete gafe

Dizem que a mesma uva, na mesma região, mas plantada em encostas diferentes, isto é, tomando sol de maneira diferente, dá vinhos muito diversos entre si. No Brasil, ainda não se chegou a tais requintes. O grande e único problema é o baixo teor de açúcar, em virtude do excesso de chuvas no Sul.

Os senhores enólogos são unânimes em afirmar que todo vinho, técnica e corretamente elaborado, é um bom vinho. Pode não ser de classe, mas é bom. Opinião da qual discordam plenamente os entendidos. O certo é que, desde os tempos de Noé os meios de fabricar vinho variaram muito. Com a industrialização, pouquíssimos vinhos do mundo são feitos ainda de uvas esmagadas com os pés. Quase todos os fabricantes usam esmagadeiras a motor. A uva é jogada em um grande tanque, quadrado, que se vai afunilando. Na ponta do funil há um buraco, por onde passa a uva para a máquina, própriamente dita. Ali tudo é esmagado e a própria máquina tira os cabinhos das frutas.

Em seguida, a mistura do caldo da uva, da casca e das sementes vai para os tonéis de fermentação. Os cabinhos são aproveitados para adubo das próprias parreiras. No caso dos vinhos brancos, a casca e as sementes são ràpidamente separadas do líquido. Nos vinhos tintos, depois de uma primeira fermentação, de quatro a cinco dias, também é retirado o bagaço.

Depois da fermentação e das correções — às vêzes, quando a uva não tem o açúcar suficiente é preciso acrescentá-lo — o vinho é mudado de pipa, para descansar e envelhecer. O bagaço retirado é muito bem aproveitado. Dêle se tira o **vinho de prensa,** pois o bagaço ainda tem algum líquido. Mas êsse vinho é de qualidade inferior e, em geral, é destilado, para se obter conhaque. E o bagaço, depois de espremido para o vinho de prensa, ainda é destilado, para dar a graspa, ou bagaceira, bebida tão popular no Sul quanto a aguardente de cana.

O bom vinho de consumo ainda passa por algumas fases, na cantina, antes de ir para o comércio: clarificação, esfriamento, filtração, cortes (a parte mais importante, onde se misturam vinhos de várias uvas, para se chegar ao produto final), pasteurização e engarrafamento. E é preciso muito cuidado quando se diz que o vinho melhora com a idade. A verdade é que vinho tem vida, como gente. Cada um tem um ponto ideal de maturação, que pode ser com quatro a vinte ou mais anos de envelhecimento. Depois disso, entra na decrepitude e, em pouco tempo, pode tornar-se insuportável. Os vinhos nacionais não agüentam muito tempo de envelhecimento. Em geral sua maturação ideal se faz quatro anos após a fabricação.

Tôdas as cantinas do Rio Grande têm muito prazer em receber visitas. E sempre gostam de oferecer um pouco de seu vinho. Mas, aviso a quem aparecer por lá em tempo de vindima: muito cuidado com o que êles chamam de **vin dolce,** ou vinho doce. É o mosto, ainda em fermentação, com gôsto parecido ao suco de uva. Os **italianos** gostam de oferecer dêsse vinho, tanto quanto o visitante possa tomar, só para ver a ressaca. É que é uma ressaca especial, que em vez de dar dor de cabeça, como as outras, ataca costumeiramente os intestinos.

É também, muito importante, a etiquêta.

Conta-se que certo cavalheiro, de recente fortuna feita, foi convidado para um jantar de cerimônia. Na hora em que foi servido o vinho, viu todo mundo comentar:

— Mas que **bouquet**!

Êle, que já tinha aprendido um pouco de francês, sabia que **bouquet** era alguma coisa relacionada com flôres, mas viu que ali tinha um sentido diferente. E, logo depois, virou-se para os convidados vizinhos, contente, por poder dizer a mesma coisa do leitão assado que estava comendo.

Primeira advertência aos que pretendem iniciar-se nos prazeres enológicos: os entendidos não admitem gafes. **Bouquet**, tratando-se de vinho tinto, é o aroma, com regras fixas para ser sentido. O copo — em sendo vinho — deve estar cheio apenas um têrço. Olha-se então a côr; depois, dá-se um pequeno giro no copo e leva-se ao nariz, para sentir o **bouquet.** E só então pode-se beber. O que também não é fácil. Deve-se fazer o vinho passar sôbre a língua e levá-lo até perto das fossas nasais, lá dentro. Engole-se então metade, entreabre-se a bôca para deixar entrar um pouco de ar e **mastiga-se** a outra metade. Tudo sem fazer barulho.

Os entendidos juram que todo êsse ritual tem seu sentido. Explicam, à moda dêles, que a chegada às fossas nasais é para perceber os éteres, e a entradinha de ar é para carregar todos os aromas do vinho e impressionar o paladar, antes de se mastigar. Recomenda-se, em seguida aos primeiros goles, falar sôbre o vinho degustado e sôbre vinhos em geral.

Visto que se deve falar de vinho, cada um deve saber o que falar. Seria conveniente, aos candidatos a especialista, entender pelo menos alguma coisa, antes de começar a conversa, para evitar desagradáveis enganos. Para alguns enólogos, e mesmo para certos senhores de muito dinheiro no bôlso e reconhecido bom gôsto, há uma definição: "O bom vinho é aquêle que é bom para a gente. É o que desce bem."

Mas **mestre** Marcelino de Carvalho, o papa nacional das convenções, etiquêtas e rituais, acrescenta: "1 — É preciso habituar o paladar diante de um copo de vinho. Para isso, convém conhecer em que espécie de copo êsse ou aquêle vinho dá mais de si mesmo; 2 — é útil conhecer as principais regiões produtoras e quais as suas qualidades; 3 — é preciso ter muita prática; 4 — não é feio pedir conselhos a quem entenda mais."

Uma classificação elementar, para os absolutamente principiantes, é a da divisão dos vinhos em **tintos, rosados** e **brancos.** Depois, em vinhos de mesa (secos ou suaves), licorosos (Pôrto, xerez) e compostos (vermute). Os vinhos de mesa também podem ser espumantes, como o vinho de Champagne, região da França onde foi fabricado primeiro e que — fora daquele país — virou nome genérico para todos os outros espumantes.

Na América Latina, vinho tem outra classificação, para fins de exportação e importação. Há os vinhos finos, os de consumo corrente e os ordinários. Os vinhos finos são divididos em: grandes vinhos, "os que, no processo de fabricação e envelhecimento, tenham adquirido alto grau de perfeição em suas qualidades organolépticas"; e vinhos de reserva, para os quais se exige não um alto, mas apenas um bom grau de perfeição.

Quanto a saber o que são qualidades **organolépticas,** fica por conta dos degustadores e **connoisseurs.** Que, se forem de gôsto respeitado, poderão encontrar uma série de adjetivos para descrever um vinho: sensual, maduro, nervoso, duvidoso, realizado, cansado, ousado.

A falecida adega — já que hoje, nas grandes cidades, é impossível ter-se uma adega — era fundamental para a boa conservação do vinho. Mas mesmo sem ela, as regras básicas continuam valendo. As garrafas devem ficar no escuro, pois a luz pode influir. Não deve haver barulho nem qualquer outra vibração, como a dos ônibus passando na rua. Não deve haver canos de água quente por perto. E deve estar sempre no subsolo, onde a temperatura se mantém mais constante. É importante também que as garrafas sejam deitadas, de rótulo para cima, a fim de que a rôlha não se resseque e permita a entrada de ar. O rótulo para cima serve para a rápida identificação do vinho sem que seja necessário virar a garrafa, movimento que **turvaria** a bebida, prejudicando suas qualidades.

SEGUE

E na sobremesa um bom pôrto ou xerez

VINHO CONTINUAÇÃO

Os vinhos brancos, segundo a regra, devem ser levemente refrescados. Uma hora na geladeira ou vinte minutos num balde com gêlo. O vinho tinto, para que seu **bouquet** possa ser apreciado, deve ser tomado na temperatura do ambiente. E, portanto, deve ser tirado da adega pelo menos duas horas antes da refeição, para acostumar-se com a temperatura da sala. Para que o vinho possa sentir-se bem disposto, ou **espreguiçar-se**, é também preciso abrir a garrafa uma hora antes de ser servida a refeição.

Abrir a garrafa também tem seu ritual: cortar a cabeça da cápsula sem deixar rebarbas; usar saca-rôlhas de bordas não-cortantes; não furar a parte da rôlha que toca o vinho; tirar a rôlha lentamente. Em seguida, cheirar a rôlha. Se ela tiver cheiro ruim, convém degustar o vinho, pois é provável que esteja estragado.

Capítulo dos mais controvertidos, entre os senhores versados em costumes finos e etiquêtas, é o dos copos em que devem ser servidos os vinhos, de como devem ser êles dispostos sôbre a mesa e coisas dêsse tipo. O copo para água, por exemplo, dá muito o que falar. Marcelino de Carvalho acha que a água quando tiver de ser bebida, deve ser bebida na concha das mãos como era primitivamente. Outros, já pensam o contrário: o vinho é para ser degustado e para acompanhar os pratos, não para matar a sêde. E êsses acham que o copo para água deve ser diferente dos copos de vinho. Água, para êles, bebe-se em copo alto, de fundo chato, sempre colocado à esquerda do prato. À direita, seguem-se, então, os copos de vinho.

Nesses, a coisa ainda complica. O copo deve permitir ao conhecedor ver a **roupagem** do vinho. Nunca usar, portanto, copo colorido. E deve ter levemente a forma de balão, para evitar a dispersão do **bouquet.** E todos copos precisam de pé. Beber vinho em copo sem pé é um atentado contra as tradições.

Os gaúchos são sérios seguidores dêstes princípios do copo. No restaurante ou em casa, nunca aceitariam tomar vinho branco num copo afunilado, próprio para champanhe. Pode dar até briga com o garçom. Mas, num churrasco, êle comete, sem dor na consciência, todos os crimes de lesa-parreira: acompanha carne com vinho branco bem gelado em copo comum, dêsses de bar.

São sempre unânimes os cavalheiros enófilos: é necessário combinar o vinho com os pratos. No aperitivo, recomenda-se evitar bebidas destiladas (uísque, gin, pinga, rum, etc.), que estragam o paladar dos vinhos que virão depois. Com os pratos do mar, bebe-se vinho branco.

Entre os melhores nacionais podem ser escolhidos, os Moscatos e o Riesling da Granja União, ou o Bernard Tailland branco, ou ainda o Mosteiro branco, da mesma fábrica que o Bernard Tailland. O Precioso branco também é bem aceito.

É bom saber ainda que: 1 — nunca se deve beber vinho tinto antes do branco; 2 — nunca o doce antes do sêco; 3 — nunca o mais forte antes do suave; 4 — nunca dois vinhos no mesmo copo.

O uso dos vinhos tintos varia de carne para carne e de preparo para preparo. Assim, Marcelino de Carvalho recomenda vinho tinto para filé minhon e acha que vitela admite vinho branco. Para frango e peru, dependendo do preparo, usa-se geralmente um rosado ou um branco. Com pato e aves de caça, porém, só se toma vinho tinto. E, segundo os especialistas, os melhores tintos nacionais seriam o Cabernet da Granja União (por lei deve ter pelo menos 70% de vinho de uvas Cabernet e 30% de vinhos de uvas tipo europeu), o Bernard Tailland, o Mosteiro, quase igual e o Quinta do Monteiro, nôvo no mercado. O muito vendido Velho Capitão não é apreciado no Sul, embora seja preferido por muitos em São Paulo e Rio. Os gaúchos entendidos pensam, em relação a tôdas essas marcas, que no centro do país estão vendendo vinho pelo preço e não pela qualidade.

Agora, champanhe. Isto é, o vinho espumante, nascido na França, fabricado com as uvas Pinot-Noir, colhidas na região de Champagne e preparado segundo o processo descoberto pelo abade Perignon. Champanhe deve ser tomado refrescado em balde de gêlo, como o vinho branco, e tem uma grande vantagem. Pedindo champanhe, ninguém corre o risco de cometer gafe, ou sofrer surdas críticas de desrespeitosos garçons, ou gozações de indiscretos vizinhos de mesa. Êle acompanha qualquer prato e serve também de aperitivo.

Champanhe sofre dupla fermentação, sendo a segunda dentro da própria garrafa. É usado um vinho sêco, de alta qualidade, de dois a três anos de idade, pôsto em garrafas especiais, de vidro grosso, junto com açúcar e fermento. Quando a fermentação termina, as garrafas vão para uma adega fria, são colocadas em cavaletes de madeira, onde um operário, periòdicamente, dá-lhes um quarto de giro, enquanto aumenta sua inclinação. No fim dêsse período, as garrafas estão quase na vertical. Congela-se então o gargalo, para se tirar a bôrra acumulada junto à rôlha. O congelamento também evita o desperdício de gás carbônico. Obtém-se assim champanhe **brut** (supersêco).

No Brasil, os vinhos tipo champanhe são produzidos por quase tôdas as grandes cantinas, destacando-se Armando Peterlongo, o pioneiro nesse tipo de bebida, que ainda conserva o processo original de envelhecimento na garrafa. Depois, Georges Aubert, Dreher, Michielon. Mas a maioria destas é preparada artificialmente, em autoclaves que gaseificam grandes quantidades de uma vez só.

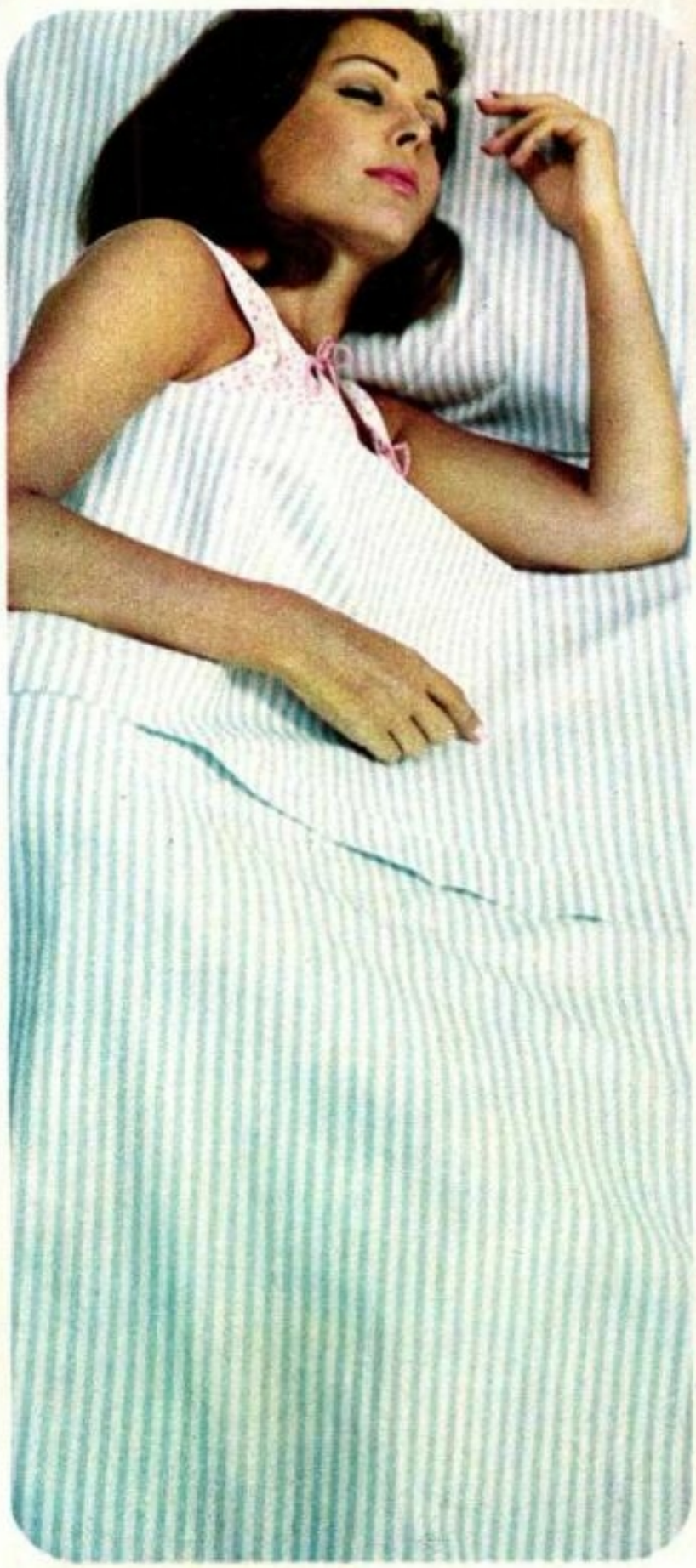
Terminada a lauta refeição, acompanhada de vários vinhos, chega-se aos queijos e à sobremesa, pedindo-se mais vinhos. Aliás, os apreciadores de outras bebidas, que não o vinho, descaradamente, dizem que todos êsses requintes são desculpa para gente que gosta de muito álcool e precisa justificar-se. Mas nenhum **connoisseur** liga para a opinião dêsses intrigantes.

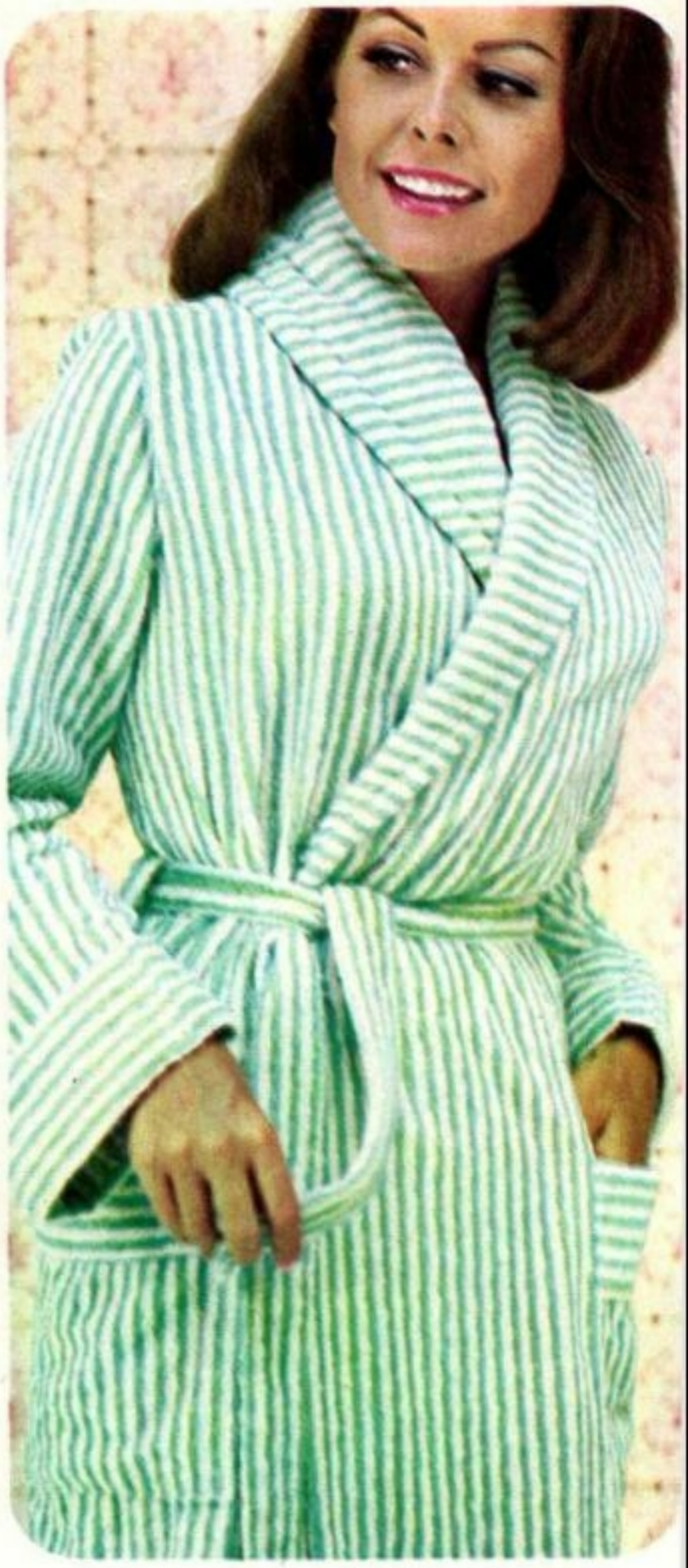
Nas sobremesas, tomam-se os vinhos licorosos finos, em copos pequenos: Pôrto, Madeira, Málaga, Marsala, Sauternes, Xerez e Tokay. São vinhos de maior teor alcoólico (14%) e geralmente bastante doces. Todos êles precisam ser envelhecidos em tonéis de carvalho por, no mínimo, quatro anos. Para acompanhar o café e o charuto, em copo balão, aquecido apenas com as mãos, um velho conhaque. Ou champanhe, que serve sempre.

E à saúde, senhores.

FIM

Graspa é o produto final da uva. É destilada de casca e sementes que já serviram na fermentação do vinho. É chamada também bagaceira e **g**arappa, *pelos italianos.*





viu como é fácil combinar a beleza do quarto com a do banheiro?

(GARCIA CRIOU
LINDOS JOGOS
COMBINADOS DE
CAMA E BANHO)

Repare que o roupão também faz parte do jôgo. GARCIA deu atenção a êsse detalhe pensando no seu confôrto.

TOALHAS E LENÇÓIS

Empresa Industrial
GARCIA
BLUMENAU - SC

A PROVA QUE QUALIDADE NÃO CUSTA MAIS

mpm propaganda

Êle é médico e funcionário público, mas sua paixão é a fotografia. Em suas mãos esta arte se transforma em mágica: pode fazer uma foto colorida com filme prêto e branco ou até mesmo "fabricar" uma foto sem sequer usar a máquina. Já ganhou tanto prêmio internacional que agora só pode participar dos concursos como "convidado especial". Mas no Brasil êle é apenas

UM FOTÓGRAFO ILUSTRE E DESCONHECIDO

Quando em 1928 o menino Herros Cappello saiu de casa, num dia de manhã, com sua máquina de "60 mil réis", fotografando as nuvens do céu de Limeira, Estado de São Paulo, nem sonhava que 36 anos mais tarde fôsse ganhar o maior prêmio que um fotógrafo amador pode desejar: o diploma de **Artista Excelente** da Federação Internacional de Arte Fotográfica, de Berna, Suíça.

Mas já em 1928 o brasileiro Herros Cappello, então com 14 anos e com sua maquininha de foco fixo e fole, sabia que fotografia não era fácil e que precisava estudar, fazer muitas experiências. Por isso, quando o ginásio lhe dava algum tempo, vivia perturbando os dois retratistas da cidade com suas perguntas. Assim, aprendeu os primeiros truques, e em pouco tempo seu laboratório — a banheira de casa — estava cheio de drogas e filmes.

Em 1930, Herros vendeu a maquininha e comprou outra melhor. Em 1935, entrou para a Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, disposto a sair de lá oftalmologista. No tempo da faculdade não fotografou nada: não havia tempo, nem dinheiro. Em 1941, formou-se; em 1943 entrou para o funcionalismo público e casou-se.

Mas foi a partir de 1950 que Herros ("era para ser Heros, mas o escrivão botou um **r** a mais") fêz da fotografia um passatempo sério: comprou, por preço de ocasião — seis mil cruzeiros velhos — uma máquina alemã e entrou para o Fotocineclube Bandeirante. "Naquele tempo era preciso **colar** em quem sabia e ser chato para aprender. Perturbar eu já sabia e acabei aprendendo por exaustão do **adversário.**"

Em 1951, o primeiro concurso. Herros bateu três filmes, fêz várias fotos. Não foi nem classificado. Mas não desanimou e começou a fazer outras experiências.

— Naquele tempo as fotos a côres estavam engatinhando e os filmes dêsse tipo advertiam: não usar antes das oito, nem depois das 14 horas. Entretanto eu achava que sobrava pouco tempo para fotografar e passei a contrariar aquelas indicações.

E foi com essa rebeldia que o Brasil viu as primeiras fotos a côres, contra a luz. E foi também com uma contra-luz, uma glicínia, que Herros recebeu, em 1954, numa exposição em Turim, seu primeiro troféu internacional. "As experiências de Herros eram tão arrojadas e os resultados tão surpreendentes — diz um amigo seu e também fotógrafo amador — que os salões nacionais e internacionais, a princípio, não sabiam o que fazer com as fotos. Muitas vêzes elas não eram nem selecionadas."

Em 1956, porém, no Brasil, Herros ganhou os dois prêmios máximos em fotos a côres e branco e prêto. Hoje os troféus nacionais são mais de 50. E continuam a chegar, quase todo mês.

Em 1959, suas fotos foram selecionadas para os salões de Cingapura, Budapeste, Áustria, Turim. Nos anos seguintes, Biela e Modena (Itália), Luxemburgo, Hungria, Bordeaux e Epinal (França), Buenos Aires, Uruguai; mais de 50 salões internacionais de fotografia reconheceriam e consagrariam seus trabalhos.

Em 20 de março de 1957, "por sua ciência, arte e dedicação à causa da fotografia", Herros recebeu da Federação Internacional da Arte Fotográfica o diploma de **Artista.**

Com um ampliador, que ganhou num concurso, aperfeiçoou seu laboratório, construído no fundo do quintal. Logo depois, a Agfa premiou um seu trabalho como a melhor foto do ano tirada com filme Agfacolor.

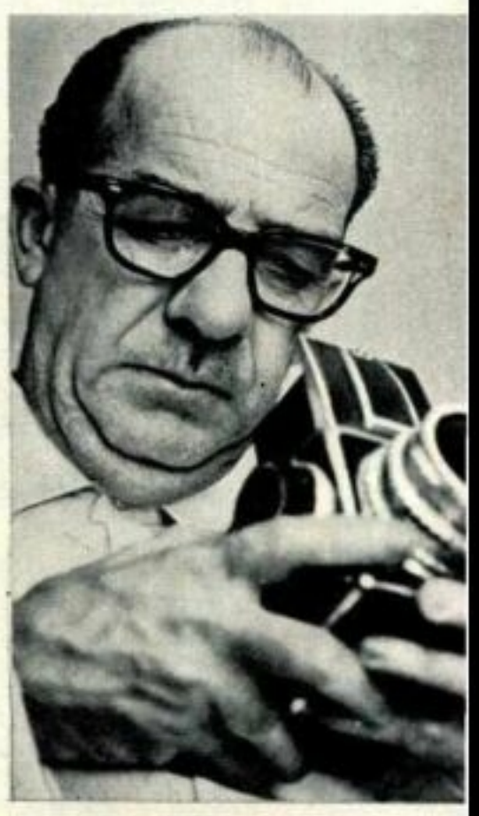
Seus processos originais e suas "mágicas" já lhe davam então plena liberdade de criação e interpretação. Partindo de um negativo branco e prêto, Herros faz fotos com as côres e os tons que bem entende. Com o conhecimento que tem do comportamento dos filmes e das drogas, e com intuição e poder criativo, êle às vêzes dispensa até a máquina para compor as linhas, formas, massas e côres de seus "quadros". E faz isso com tal virtuosismo que de uns tempos para cá a maioria dos salões internacionais só o admitem como "hors concurs".

Às vêzes o efeito não se consegue na hora. Por exemplo, para encontrar a solução para colorir a foto branca e preta das **mãos** (página 55) Herros levou três meses. Pôs o negativo na carteira e cada vez que ia mexer em dinheiro ou nos documentos, lá estava êle, a desafiá-lo.

Mas mesmo tendo passado, em 1966, de **Artista** para **Artista Excelente** da Federação Internacional de Arte Fotográfica, Herros ainda não se julga um homem realizado:

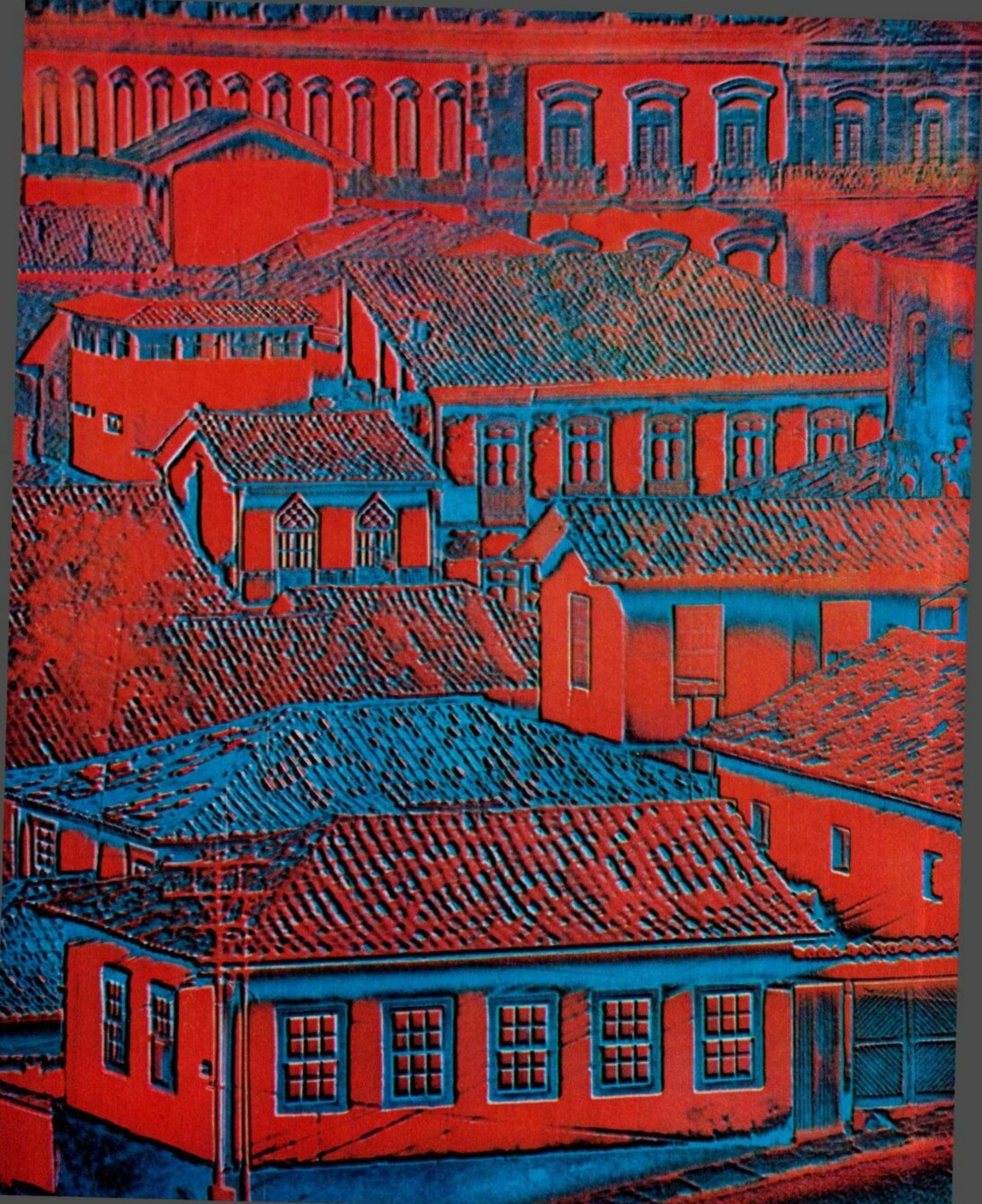
— Se parar por julgar-me realizado, fico imediatamente superado.

E é por isso que todo domingo, com a humildade de quem ainda precisa aprender mais e mais em sua arte, Herros sai cedinho de casa, sempre a máquina a tiracolo.



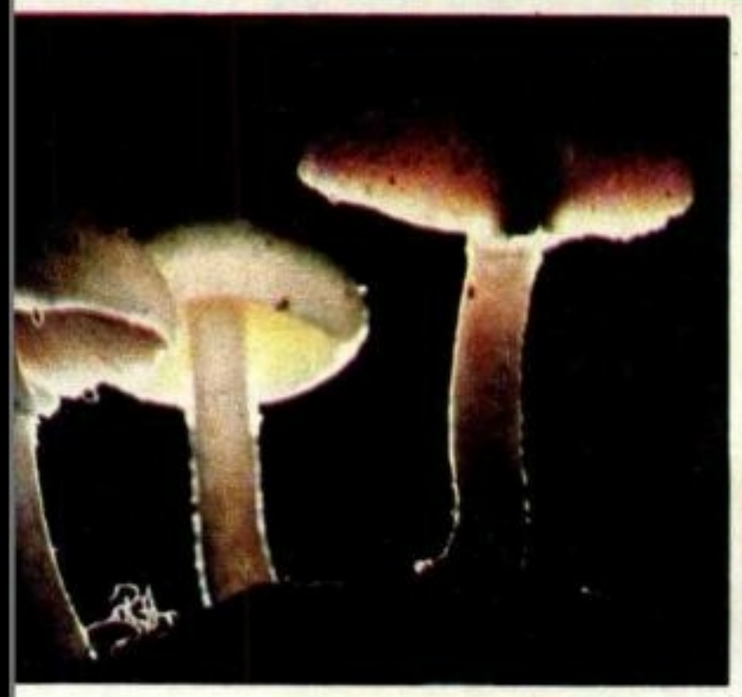
Herros Cappello bateu a foto ao lado, de Ouro Prêto, em filme branco e prêto. A côr foi "fabricada" no laboratório.

Texto de Woile Guimarães



"Menina na janela"
ganhou prêmios
em diversas mostras
internacionais
e em todas as exposições
nacionais de que participou.

"Mãos",
foto feita em filme
prêto e branco.
Depois, no laboratório,
com o uso de filtros,
ganhou côres.



Aqui não houve
truque fotográfico.
O filme
era em côres.
Todo o efeito vem de
um forte foco de luz.

"Portas":
um dos primeiros
trabalhos do artista.
Fotografado
em branco e prêto,
foi colorido pela
utilização de filtros.

CIAL

calçados CIAL
um produto
HERCULES

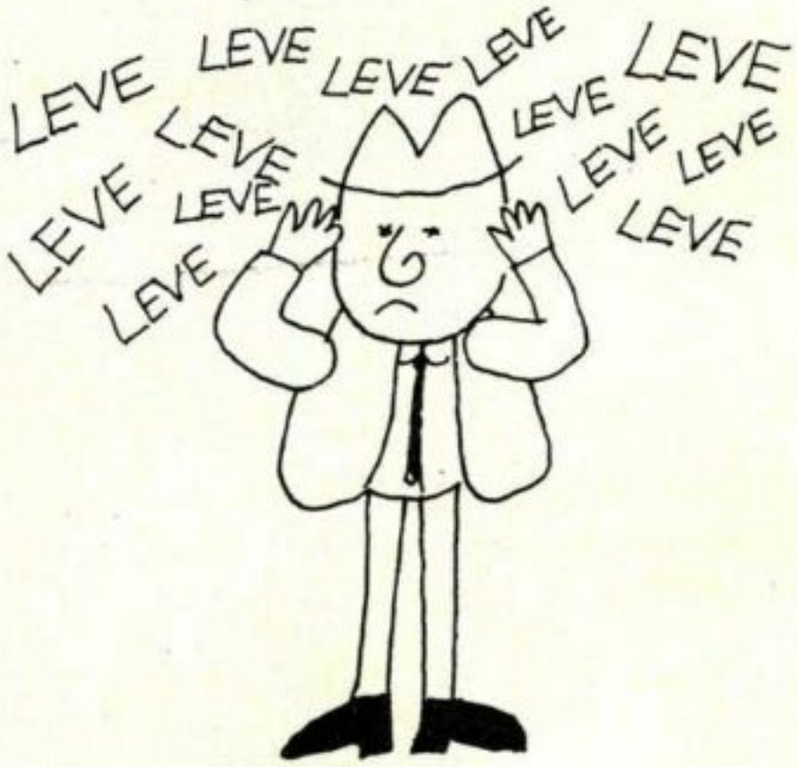
calçados CIAL

v. sabe o valor de um calçado mais leve?...

v. sente os pés mais confortáveis...

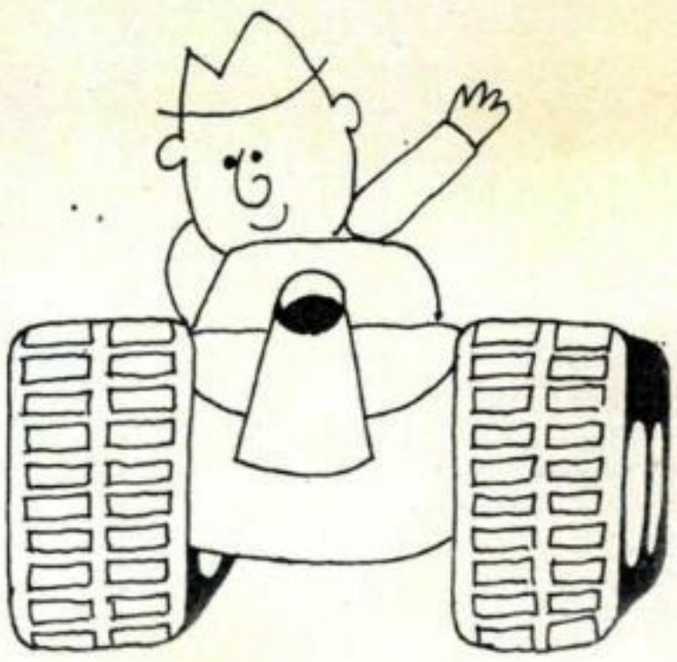
isto quer dizer: v. fica menos nervoso...

por isso CIAL é um calçado mais leve...



mas quem falou que CIAL é só leve?...

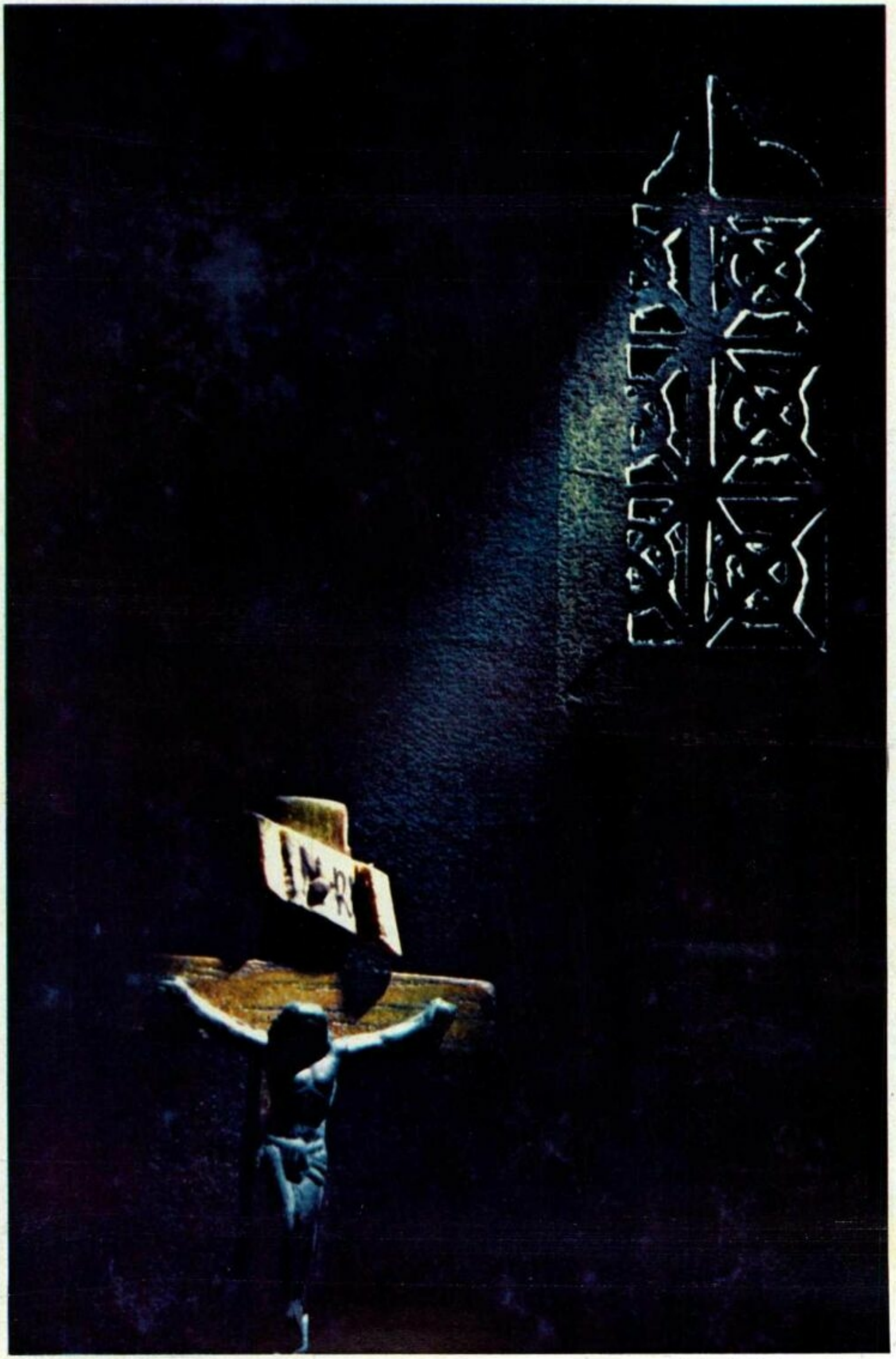
é mais resistente também...



e impermeável!...

a propósito v. sabia que CIAL é mais barato?...

delta



A janela é de cartolina e o crucifixo tem apenas dez centímetros de altura.

FIM

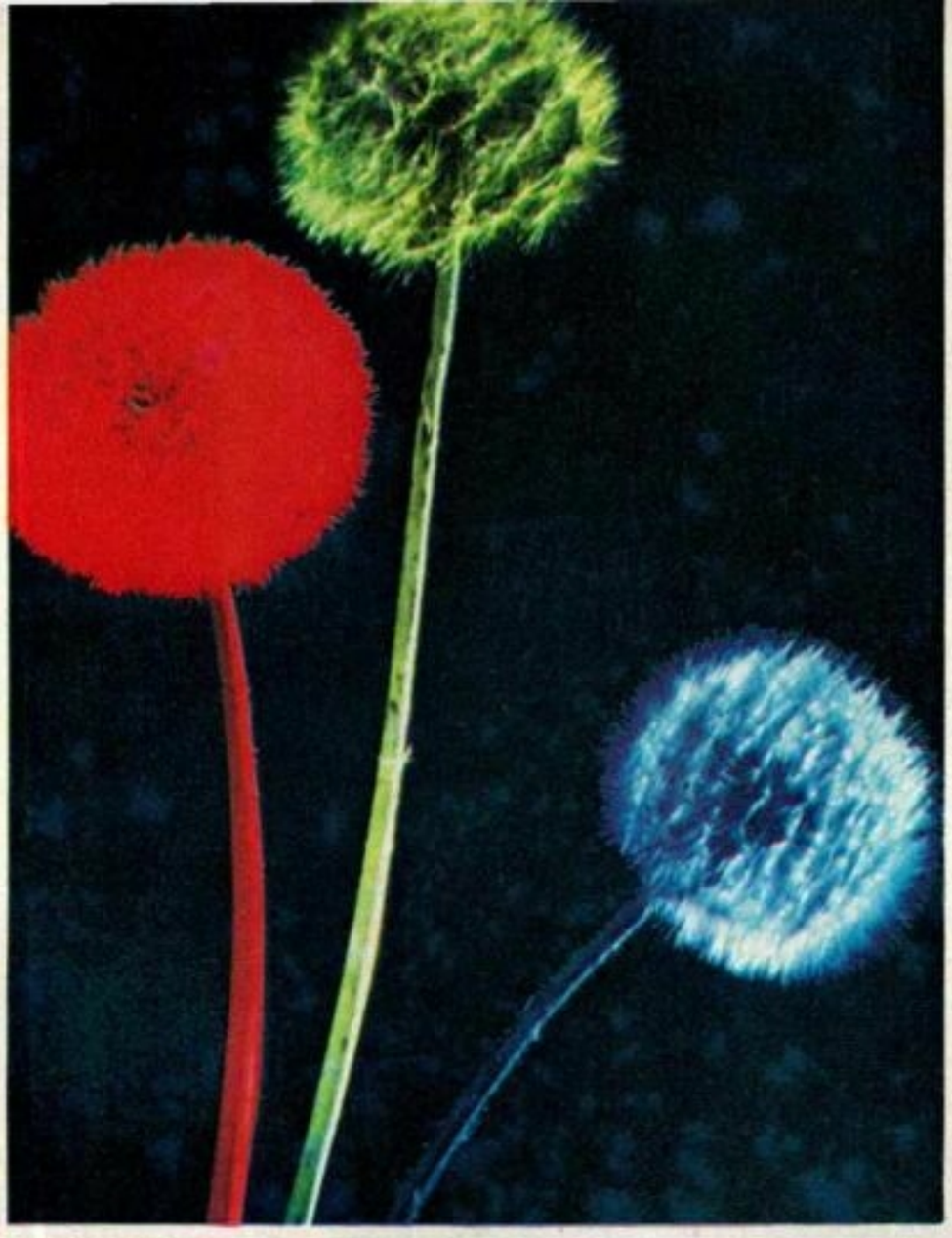
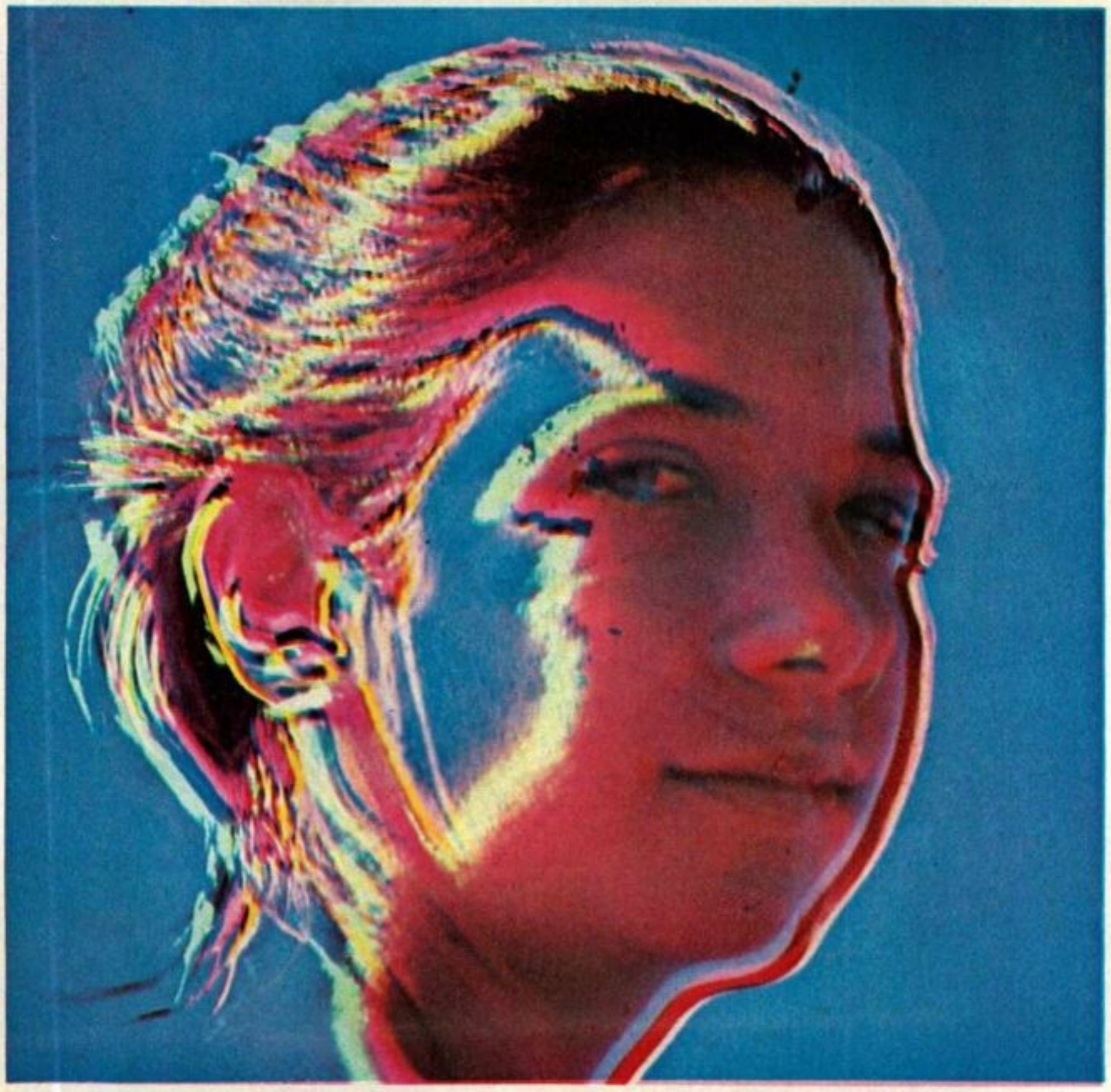
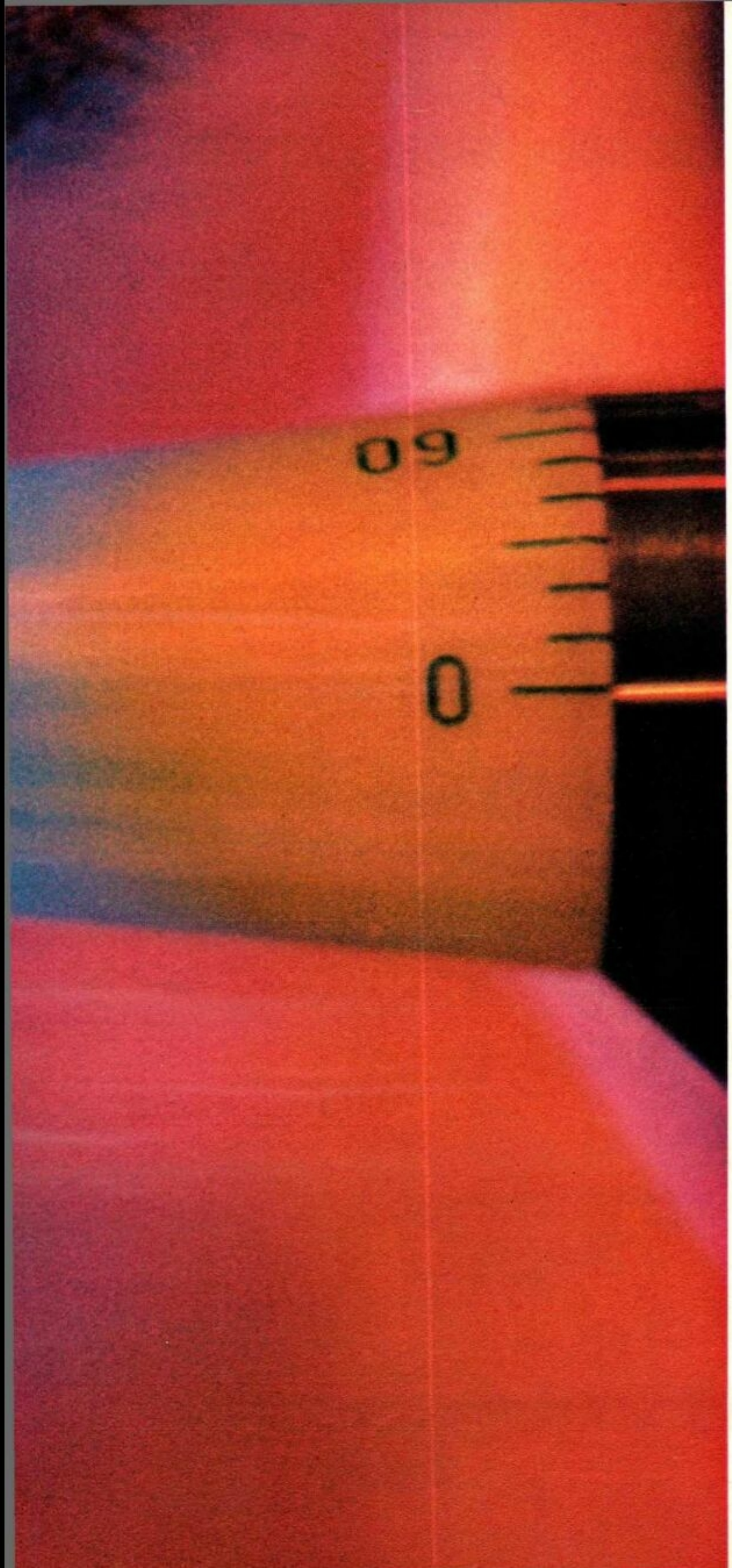


Foto feita numa câmara escura; cada côr foi obtida com filtro colorido.



Trabalho original em branco e prêto. Através de revelação foram eliminadas as partes mais claras. A côr é resultado do emprêgo de filtros.

Este rosto também foi fotografado em branco e prêto. Côres, sombra e luzes surgiram de trabalho em laboratório.



Mário Tadeu já sofria
da vista esquerda quando
percebeu, um dia,
que a direita também
estava falhando.
Com mêdo de ficar cego,
Mário Tadeu foi
imediatamente fazer uma
consulta na mais famosa
clínica da América Latina,
onde soube que a única
solução para seu caso
era uma operação
rara e delicada.
O tratamento começou
quando o médico
o fêz sentar-se diante
de um aparelho
complicado e lhe disse:

ABRA OS OLHOS

Texto de Hamilton Ribeiro
Fotos de Luigi Mamprin

Esta é uma máquina que sabe fotografar e revelar

Mário Tadeu, sitiante na fronteira São Paulo-Minas, ficou assustado quando uma tarde, ao apartar o gado, notou uma mancha escura na vista. E mais assombrado ainda quando, ao tapar o ôlho esquerdo, viu que a mancha não desaparecia: parecia uma teia de aranha na frente dêle. Mário voltou a galope para casa e falou preocupado com a mulher:

— A vista esquerda desde pequeno eu sei que não é boa. Agora aparece esta sombra na vista direita, eu vejo tudo embaçado, sujo, imperfeito. Estou com mau pressentimento, Maria.

Não havia médico em Santa Cruz, a cidadezinha mais próxima, e no outro dia de manhã Mário Tadeu foi pedir ajuda ao farmacêutico Aniceto. Seus conselhos sempre foram muito respeitados:

— Só lhe digo uma coisa, **seu** Mário: quem tem duas vistas, tem uma, quem tem uma, não tem nenhuma. No seu lugar eu ia amanhã mesmo para Campinas, consultar o tal de doutor Buniê.

E Tadeu levou a sério. Voltou para casa, deu instruções ao cunhado para resolver os problemas em sua ausência e arrumou as malas. A mulher, embora preocupada, ainda se lembrou de recomendar que, se o caso fôsse usar óculos, comprasse aquêles de tartaruga, haste bem larga, bonitos.

Mário Tadeu chegou a Campinas depois do almôço, no outro dia. Junto com êle estava Ramon, sobrinho de sua mulher, que estudava em São Paulo e estava passando uns dias no sítio. Na cidade grande uma série de surprêsas os esperava. A primeira delas era que o "tal de doutor Buniê" não tem consultório nem atende mais ninguém. Hoje, com 85 anos, êle já deixou de clinicar. Mas uma equipe de 18 médicos oftalmologistas iria cuidar de Mário em nome do famoso médico baiano. E, a partir do instante em que chegou, Mário Tadeu ia passar dez dias internado na mais conhecida organização particular de oftalmologia do Brasil — o Instituto Penido Burnier, de Campinas.

Como não tinha hora marcada, a môça da portaria informou que Tadeu seria encaminhado ao médico que tivesse menos clientes naquele dia. E começou a fazer-lhe perguntas para a ficha. Mário foi respondendo; casado, 37 anos, três filhos, sitiante, município de Santa Cruz. Recebeu de volta um cartãozinho, que devia trazer tôda vez que viesse consultar de nôvo. Viu o número — 470.002 — e perguntou:

— Tôda essa gente já consultou aqui?

— Sim senhor, e o número vai a meio milhão êste ano. O cliente que receber o número 500.000 vai ganhar consulta e tratamento de graça.

A môça indicou-lhe o consultório D, no fim do corredor. Em menos de uma hora, êle seria chamado.

Enquanto a ficha 470.002 era encaminhada ao médico-assistente da sala D, Tadeu disfarçava o nervosismo, sentado na sala-de-espera.

— O que será que eu tenho nos olhos?

O sobrinho tinha acabado o curso Científico, entendia um pouco do ôlho humano:

— Na sua idade, tio, podem aparecer algumas doenças na vista. Mas disso não conheço muito não. Só sei como funciona o mecanismo da visão. A gente pode comparar com uma máquina fotográfica. O senhor entende?

Tadeu disse que sim. Tinha uma máquina em casa e, como era curioso, mexeu que remexeu no mecanismo até entender o funcionamento. Ramon continuou:

— O ôlho é parecido com uma maquininha redonda, de pouco mais de dois centímetros de diâmetro. Na frente está a córnea, a primeira parte a entrar em contato com a luz. Ela é como um filtro protetor. Depois vem a íris — o diafragma do ôlho. Quando se vai tirar uma fotografia, a gente ajusta o diafragma, isto é, abre ou fecha aquela abertura regulável por onde entra a luz. Quanto mais escuro estiver o ambiente, mais aberto o diafragma; e quanto mais claridade houver, mais fechada a sua abertura. Na íris, o buraquinho por onde entra a luz é a pupila. Quando a gente entra num quarto meio escuro, a íris se contrai e a pupila se dilata para receber mais luz. Ao sair para o claro, a íris se espande e fecha a pupila. A íris é colorida — azul, verde, castanha. É ela que dá a côr dos olhos. Já a pupila, que parece negra, não tem côr: através dela vê-se apenas o fundo do ôlho, que é escuro.

— Mas, e a objetiva da máquina? — pergunta Mário, que na conversa até esqueceu que está doente.

— Pois vem agora: é o cristalino, uma lente biconvexa. Sua função é receber a luz dos objetos e reuni-la em determinado ponto da retina, ou seja; êle põe êsses objetos em foco. Da mesma forma que na máquina a gente ajusta o foco para que os raios luminosos incidam precisamente sôbre o filme. O cristalino focaliza mudando de forma. Se o objeto está longe, êle fica em posição normal. Se está perto, êle se achata, para aumentar o poder de convergência. A partir dos 40 anos, os músculos do cristalino e êle próprio vão se enrijecendo e a focalização de objetos colocados muito perto fica mais difícil. Daí por que quase todos os velhos precisam de óculos para ler.

Tadeu resolve interromper com uma dúvida:

— Você disse que se o objeto está bem longe, o tal de cristalino fica em posição normal. A partir de quantos metros êle começa a se achatar para pôr os objetos em foco?

Ramon sabe, e tem até um exemplo prático:

— A distância mínima para que o cristalino focalize os objetos sem esfôrço é de seis metros. Por isso, essa é a distância ideal para se ver televisão, por exemplo. Mas como nem todos enxergam muito bem, pode-se ter o aparelho até três metros: aí, o cristalino fica em semi-repouso, sem fazer muito esfôrço de focalização.

Tadeu põe em ordem a **aula** que o sobrinho está dando. Como na máquina fotográfica, o ôlho tem um filtro protetor — a córnea; um diafragma — a íris; uma objetiva — o cristalino. Um pouco do resto êle percebe: a câmara escura é o espaço dentro do globo ocular, e o filme é a retina, lá atrás. Falta revelar o filme. Como é? Ramon explica:

— Quando a gente olha uma flor, os raios luminosos que ela emite atravessam a córnea, são **dosados** pela íris e chegam ao cristalino. Êste acomoda-se para convergir os raios exatamente sôbre a retina, e esta fotografa a imagem. Como o cristalino é uma lente convexa, a flor chega à retina de cabeça para baixo — invertida. A revelação é trabalho executado pelo cérebro, para onde o filme é levado pelo nervo óptico. Só então — revelada e copiada a imagem — é que a gente **vê** a flor, agora em sua posição normal. Tudo isso é feito ininterruptamente, com a velocidade da luz: 300 mil quilômetros por segundo.

Uma enfermeira aparece na porta chamando outro cliente. "Ela tem a **íris** verde", observa Mário ao ouvido do sobrinho, notando os olhos verdes da môça.

A enfermeira sai e, depois de uma pausa, Ramon encerra a **aula** com os últimos detalhes que conhece:

— Essa parte branca, que chamamos justamente de o branco do ôlho, é uma camada fibrosa que mantém a forma do globo ocular. Embaixo dela, há outra camada, onde estão os vasos sanguíneos que alimentam o órgão. Recapando-a, em tôda a extensão interna do fundo do ôlho, está a retina, o filme sempre pronto a registrar as imagens.

A ficha 470.002 chega às mãos do médico-assistente da sala D. Recém-formado, êle e mais quatro colegas estão fazendo estágio no instituto, com bôlsas de estudo. SEGUE

NILTON SANTOS
bi-campeão
mundial
de futebol

TUDO É PERMITIDO COM TERGAL

KIVINCO

AURORA

O TECIDO KI NUNCA PERDE A FORMA!

- não amarrota
- não desbota
- não encolhe

TERGAL® **KIVINCO AURORA**
nunca perde o vinco

(EXIJA A MARCA KIVINCO NO TECIDO)

Para secretárias versáteis, criamos a cadeira versátil...

...giratória, de posições certas e confortáveis, em linhas elegantes e côres alegres; vai bem com qualquer decoração. É a cadeira *Giroflex*, da linha Rembo-Luxo, anatômicamente certa.

O encôsto móvel dá apoio total e a necessária liberdade de movimentos. O assento segue moldes anatômicos. Estofamento expêsso, tipo almofadas com gomos. Revestimento em genuíno Courvin ou Tecido Indantren.

As cadeiras da Linha Rembo-Luxo são bonitas, funcionais. E com tôda razão, pois foram idealizadas por nosso especialista em formas, o "designer" Prof. Catedrático Arno Votteler, correspondendo às exigências de estilo atuais. E o padrão é a qualidade *Giroflex*.

EM GENUÍNO Courvin

UM PRODUTO DE QUALIDADE Kelson's

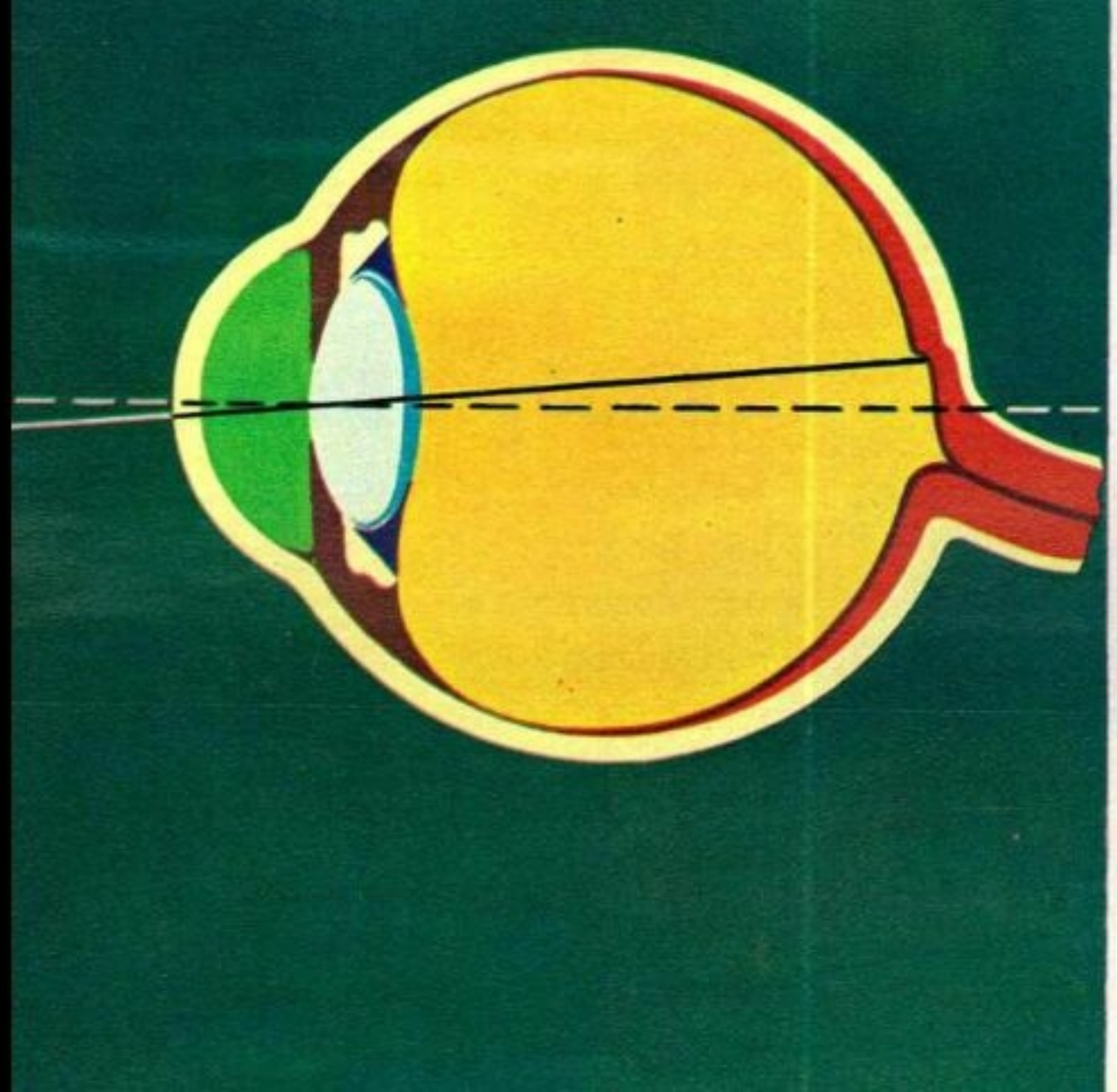
O correto assento anatômico...

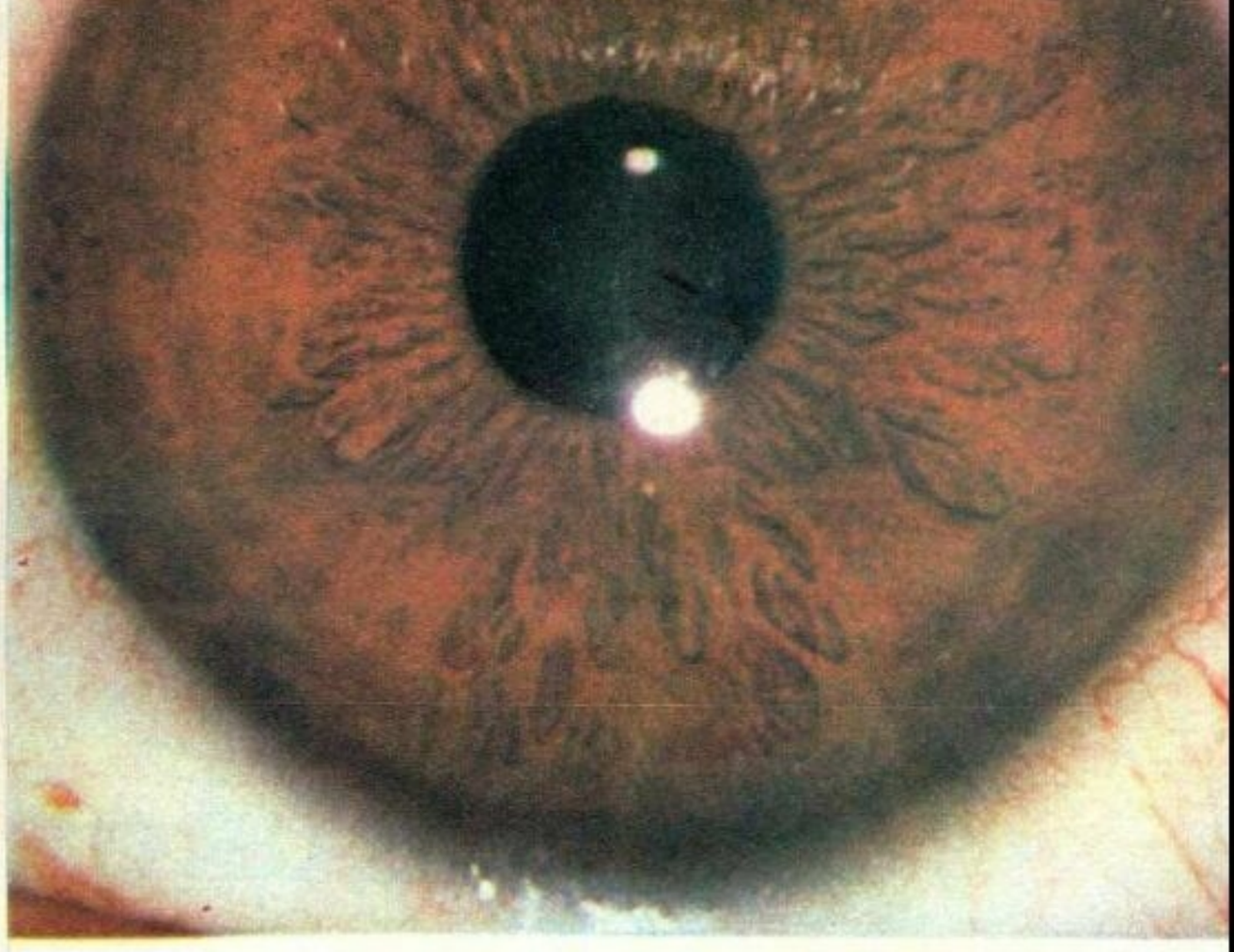
giroflex

Sòmente nas boas lojas de equipamentos de escritório

Giroflex s. a. - c. postal 449 - são paulo

Com êste aparelho faz-se o exame de lentes para ver se o defeito de visão pode ser corrigido com óculos. Embaixo, à direita um ôlho normal; à esquerda: desenho esquemático do ôlho humano: em amarelo-claro — *córnea, membrana dura e transparente;* verde — *humor aquoso, líquido que se localiza na região posterior à córnea;* azul-claro — *cristalino, lente biconvexa;* amerelc-ouro — *humor vítreo, substância gelatinosa transparente;* vermelho — *retina, membrana delicada, que cobre grande parte da superfície interna do globo ocular (é a continuação do nervo óptico);* Marrom — *íris;* linha pontilhada — *eixo óptico;* linha cheia — *eixo visual (o eixo visual, na figura, termina numa depressão da retina, que se chama mancha amarela ou mácula lutea).*



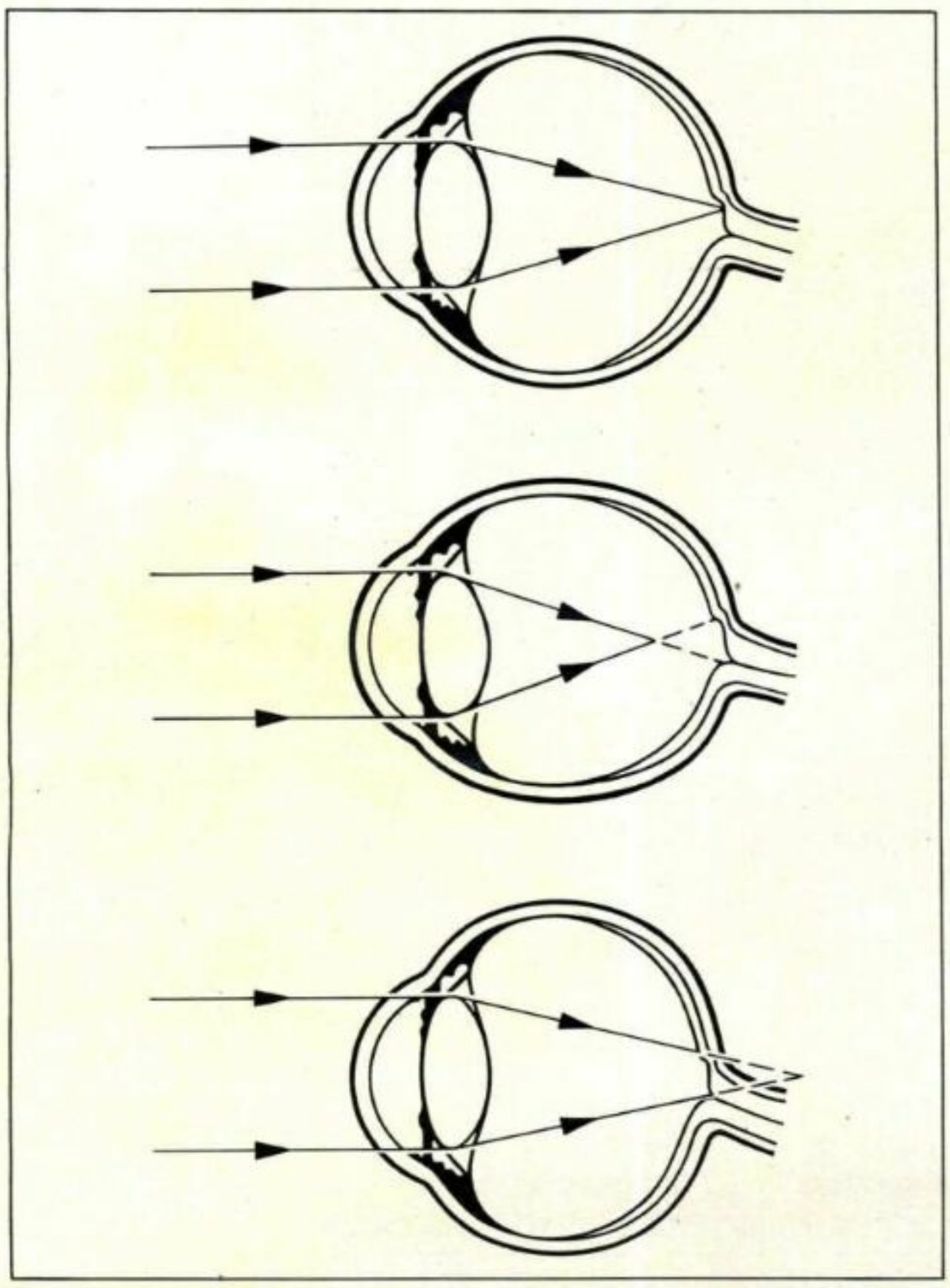


Lentes resolvem nos três defeitos principais

Sua intenção é montar depois um consultório próprio em sua terra, no Rio Grande do Sul.

Com a ficha de Tadeu na mão, o assistente gaúcho começa a viver mais um caso: onde estará falhando esta máquina? A primeira coisa que lhe vem à cabeça são os três **defeitos de refração.**

O ôlho é um mecanismo que se utiliza de lentes, e a relação entre elas deve ser perfeita. O tamanho do globo ocular responde ao primeiro defeito de refração· o ôlho pode ser maior do que devia. Tudo funciona direitinho, mas o cristalino está longe demais da retina. Resultado: os raios luminosos são convergidos normalmente para o lugar onde a retina devia estar, mas ela não está ali, está mais atrás. A imagem forma-se então em pleno corpo vítreo (a massa gelatinosa que fica entre o cristalino e a retina) e chega fora de foco ao **filme**. Êsse defeito é a **miopia**. O contrário disto é a **hipermetropia**, ou seja o ôlho é menor que o normal, a imagem exata se forma atrás da retina e também fica fora de foco. O terceiro defeito de refração é uma questão de curvatura de lentes. Nesse caso, é a córnea que não funciona direito. Está com alguma deformação de curvatura, que pode ser vertical ou horizontal. Assim, mesmo que o cristalino trabalhe direito, a imagem que êle manda para a retina já vai defeituosa: é o **astigmatismo.**



Em cima — *ôlho normal: a imagem de um objeto no infinito se forma na córnea.* No meio — *miopia: o globo ocular é muito alongado, a imagem se forma antes da córnea.* Embaixo — *hipermetropia: o globo ocular é curto, a imagem se forma atrás da córnea.*

O assistente sabe que êsses defeitos se consertam com uma simples receita de óculos. "Pior se fôr uma doença", está pensando êle, quando a enfermeira anuncia o dono da ficha .... 470.002.

O jeito simpático do médico põe Tadeu à vontade:

— Minha maquininha está tirando fotografia com defeito, doutor.

O assistente sorri entendendo a comparação:

— Sua ficha diz que o senhor enxerga pouco com a vista esquerda, e agora apareceu uma sombra na direita. Vamos ver o que pode ser.

— Não será a tal catarata, doutor?

O médico repassa os olhos pela ficha antes de responder.

— É uma hipótese, mas só os exames é que vão dizer. Catarata é uma doença do cristalino. Êle é uma lente, e por isso transparente, mas às vêzes se torna opaco, não deixa passar a luz. Isso geralmente dá em pessoas idosas, mas pode também ter origem numa inflamação interna ou num traumatismo, quando se leva uma estocada no ôlho. Catarata hoje se resolve com uma operação. Tira-se fora o cristalino e põe-se em seu lugar uma lente de contato. Se fôr êste seu caso, não haverá grandes problemas.

Tadeu arrisca outra pergunta:

— E tracoma, doutor?

— Não, não. Nisso nem pense. O Instituto ficou famoso antes de 1940, quando tratava mais de cem tracomatosos por dia. Hoje, com as sulfas e antibióticos, sua cura é total e tracoma só existe mesmo em certas regiões onde não há a mínima assistência médica, no Norte e Nordeste.

— Algum problema na córnea, doutor?

— Não, seguramente não. Qualquer problema da córnea a gente vê logo. Se o senhor tivesse, por exemplo, uma área opaca na córnea, nós lhe faríamos um transplante que muito provàvelmente resolveria tudo.

SEGUE

De baixo para cima, como enxergam: 1) a pessoa normal; 2) o operado de catarata; 3) o hipermétrope; 4) o míope; e, 5) o que sofre de astigmatismo.

A partir dos 35 anos o grande perigo é glaucoma

A gente retirava a sua córnea estragada e colocaria no lugar dela a córnea boa de um cadáver, extraída até 12 horas após a morte. Mais de 80% dessas operações no Instituto Burnier dão certo.

Tadeu tem um arrepio com a possibilidade de ver com ôlho de defunto e fica satisfeito de não ser êsse o seu caso.

O assistente já cercou várias doenças e nenhuma se encaixa ainda no dono da ficha 470.002. Então se lembra de que o sitiante Mário Tadeu tem 37 anos: não será glaucoma? Sim, é possível — pensa êle. Glaucoma é doença que leva à cegueira e sua incidência é grande a partir dos 35 anos. Como os defeitos de refração, ela depende do globo ocular, não de seu tamanho, mas de sua **tensão.** O líquido que preenche o interior do ôlho, entre a córnea e o cristalino — o humor aquoso — é uma espécie de lubrificante e combustível daquela área. Êle é ali produzido, utilizado e o excesso expelido. Mas às vêzes não é expelido regularmente, e começa a aumentar a pressão interna do ôlho. Sendo a córnea resistente, o líquido pressiona mais o cristalino, que empurra o corpo vítreo para trás, fazendo sofrer a parte mais fraca: a retina, que será lesionada irreparàvelmente. Só quando descoberto no início o glaucoma pode ser controlável, e os médicos recomendam que cada pessoa, após os 35 anos, meça regularmente sua pressão ocular. O processo é simples, há aparelhos próprios, e tudo se faz num minuto. O assistente toma uma decisão:

— Vou medir imediatamente a pressão ocular. Tenho quase certeza que aí tem coisa.

Comunica sua intenção ao oftalmologista, êle aprova, e o assistente pede a Tadeu que o acompanhe. Numa salinha própria, está o tonômetro, aparelhinho eletrônico de medir a pressão do ôlho, com um mostrador numerado. Sua extremidade — semelhante a uma caneta fechada — pressiona a córnea de Tadeu, prèviamente anestesiada com algumas gôtas de cocaína. Êle está sentado numa cadeira, com o queixo apoiado numa haste de metal. O mostrador indica o número 17.

— Normal — diz o médico-assistente. De 15 a 20, não há motivo de preocupações. Acima de 20 seria pressão alta, indício de glaucoma.

O caso de Tadeu começava a intrigar o assistente. "Êsses exames vou acompanhar um por um", pensou êle. "Que diabo terá êsse môço?"

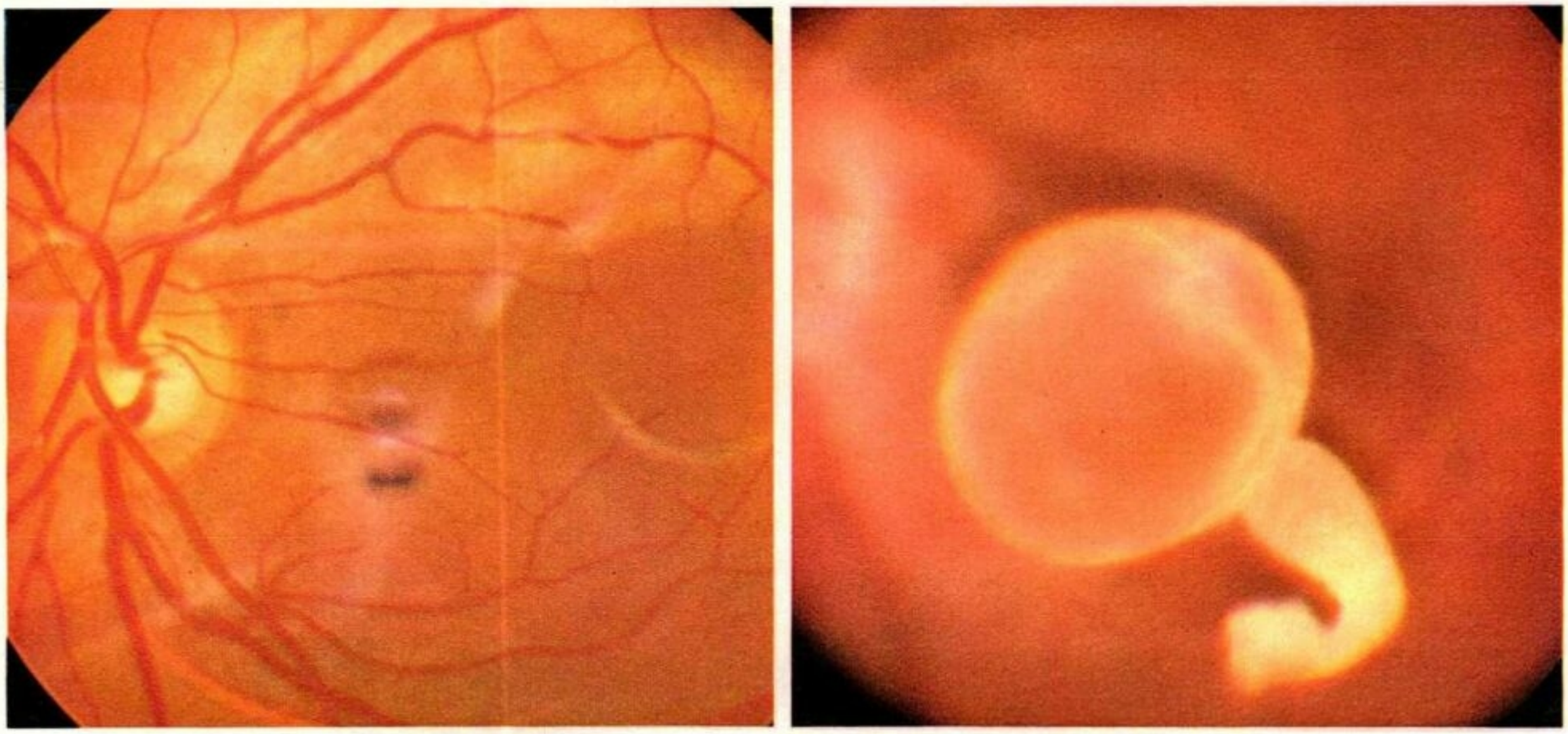
Tadeu voltou à sala de espera e minutos depois a enfermeira o chamava de nôvo. Na sala D. êle era agora recebido pelo oftalmologista, para começar a rotina dos exames. Sentou-se numa cadeira parecida com a dos dentistas e observou o médico: parecia tão môço quanto o assistente.

— Vamos lá, **seu** Mário Tadeu. Vamos ver o que é que o está perturbando.

O primeiro exame foi o de alcance visual. Na parede, a seis metros de distância foram projetadas letras, cada vez menores, e o resultado foi ruim. A vista esquerda tinha só metade da visão. E a direita estava pior: via tudo embaçado.

Na mesma cadeira, Mário passou ao segundo exame: o teste de lentes. Um aparelho ("parece uns óculos de marciano", pensou Mário) foi colocado junto a seu rosto. Era o medidor de refração. Novamente apareceram na parede as letras, só que agora êle ia ver através de lentes que o oftalmologista iria colocando nos buracos correspondentes a cada ôlho. O nôvo teste também não deu em nada. Nenhuma lente melhorou a visão de Tadeu. Não se tratava de miopia, hipermetropia ou astigmatismo, nem de nenhum caso que se resolvesse com óculos. O assistente acompanhava os testes cada vez mais curioso. Então tocou o telefone. Era a enfermaria do quarto andar, chamando o oftalmologista para ver um doente operado naquela manhã. Êle pediu ao assistente que continuasse com os exames, voltaria logo. Era o que o gaúcho queria: desvendar êle mesmo o mistério do 470.002.

Sua primeira providência foi preparar o exame das partes internas do ôlho de Tadeu. SEGUE



Fundo de ôlho normal, na foto da esquerda. Vê-se a retina, que parece vermelha pelo reflexo da coróide, e são visíveis também os vasos e a cabeça do nervo óptico. Na outra foto, é perfeitamente identificável o cisticerco-parasita, levado pelo sangue para o globo ocular.

Quem manda sou eu,
mas êle não falha nunca.
Não recusa carga,
não rejeita estrada.
E come pouco o danado.
Às vêzes dá pena dêle,
porque o lucro
é todo meu.
Fenemê
é bom companheiro.

ARGEMIRO ARAUJO

FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES S.A.

25 ANOS TRANSPORTANDO O PROGRESSO

Cisticerco, um bichinho que pode invadir o ôlho

Pingou-lhe um colírio e deu-lhe licença para ir fumar um cigarrinho. Seria o tempo necessário para que a ação **inibidora** do colírio se fizesse sentir, principalmente sôbre a íris e o cristalino. Ambos se contrairiam, a pupila se dilataria ao máximo para facilitar o exame do ôlho.

— Pronto **seu** Mário.

O sitiante não sabia, mas sua pupila estava tão aberta que quase cobria tôda a íris. Desta vez êle ia passar pelo teste com a lâmpada de fenda. Tadeu viu-se sentado diante de um aparelho — um pequeno microscópio que, através de complexo sistema de prismas e espelhos, projeta sôbre as camadas anteriores do ôlho um facho de luz que permite ver-lhe os detalhes de estrutura, em corte. O aparelho aumenta de 14 a 15 vêzes. O estagiário gaúcho vai examinando com atenção parte por parte.

A córnea está perfeita, o humor aquoso e a íris também. Agora o cristalino. O assistente respira fundo: se houver catarata, ela vai aparecer. Olha, procura, investiga. Nada. O cristalino está limpinho, sem uma mancha. "Se êste homem tem algum defeito, êle tem que aparecer", pensa consigo. "Do contrário, só se fôr tumor do lado de fora do ôlho ou alguma lesão no cérebro. Vamos continuar."

Tadeu foi para outro exame: o de fundo do ôlho.

O outro aparelho, o oftalmoscópio, é igualmente um microscópio de luz própria, que lança um facho sôbre o fundo do ôlho. Atravessa o corpo vítreo e põe diante do médico a camada mais profunda do ôlho, com a retina inteira, a cabeça do nervo óptico a artéria e a veia centrais. Como a retina é transparente, vê-se também, por trás dela, a **corói-de,** avermelhada, com sua rêde de vasos sanguíneos.

O estagiário começou pelo ôlho esquerdo. Imediatamente descobriu por que só tinha metade da capacidade de visão: num ponto próximo da mácula, a região mais sensível do ôlho, havia uma cicatriz fibrosa — uma lesão (irrecuperável) de células nervosas.

— **Seu Mário,** faz tempo que não enxerga bem com o esquerdo?

— Desde pequeno, doutor.

A resposta alivia um pouco o médico-assistente. Se a lesão fôsse recente, poderia ter sido provocada por um foco infeccioso — dente, garganta, por exemplo — e o outro ôlho poderia estar no mesmo caminho. Mas como se tratava de lesão muito antiga e cicatrizada o risco era menos provável. O assistente passou meio desiludido para o ôlho direito.

E então, quando olhou através do oftalmoscópio, descobriu o que até aquêle dia só tinha visto em **slides** e ilustrações de livros: ao lado da mácula — o ponto mais sensível da retina — estava a coisa. Com o aumento possibilitado pelo aparelho, parecia do tamanho de uma lentilha. Esbranquiçado, translúcido, com nítidos movimentos pulsáveis, era inconfundível: um cisticerco!

Concentrou-se todo na investigação para certificar-se e recordou afobado o que havia estudado sôbre aquilo: era um organismo vivo, um parasita levado pelo sangue para dentro do ôlho, e podia cegá-lo completamente. Correu para o telefone e Tadeu percebeu sua excitação:

— Telefonista, enfermaria do quarto andar, urgente.

Em segundos, o oftalmologista estava no aparelho.

Doutor, um cisticerco! O cliente 470.002 tem um cisticerco no ôlho direito. Vem depressa doutor. O bicho é do tamanho de um boi.

Desligou e saiu pelos corredores, interrompendo outros exames e convidando os oftalmologistas a ver o bichinho. Num minuto a sala estava cheia e Mário Tadeu se assustou com a movimentação. O assistente gaúcho veio tranqüilizá-lo:

— O senhor está com uma doença rara. Precisa ser operado, e a técnica utilizada foi aperfeiçoada nesse instituto.

Mário ainda não entende. Êle tem uma doença complicada, precisa ser operado, mas só vê cara satisfeita na sua frente.

— O senhor acha que isso é motivo de alegria, doutor?

— E', **seu** Mário. Porque nosso instituto tem a maior estatística do mundo dessa doença — 270 casos. E o senhor com certeza vai sair daqui com a vista direita perfeita, novinha. Se nós não pudéssemos operar, a situação seria muito pior, não?

Um oftalmologista senta-se diante de Tadeu, examina-o, confirmando o diagnóstico e elogiando a descrição dada pelo assistente. Depois comenta como para consigo mesmo:

— Isso é coisa que já devia ter sumido. Cisticercose é doença de porco e só dá onde a falta de fiscalização permite o abate de animais doentes. Isso não devia existir mais.

Volta-se para Tadeu:

— O senhor pode internar-se agora mesmo? Se sua saúde permitir, operaremos amanhã de manhã.

Mário Tadeu vinha de susto em susto. Consultou o sobrinho, que entrara ao ver a movimentação, e concordaram. Tinham trazido roupa, dinheiro também, e um telefonema para Santa Cruz tranqüilizaria a família.

Enquanto Ramon foi à portaria para escolher o quarto, os médicos fizeram outros exames em Tadeu, para traçar o mapa do campo operatório. A maioria dos exames seria repetida um pouco antes da operação, para confirmar o campo — pois pode ocorrer do bichinho mudar de lugar de um dia para outro.

Mais tarde, já no quarto, outro médico — o clínico geral — apareceu para examinar a saúde de Mário: pressão arterial, pesquisa de focos, sangue. O clínico geral concluiu logo:

— O senhor é um touro, **seu** Mário. Pode ser operado até agora. E em alguns dias estará de pé outra vez, inteirinho.

Às sete e meia do dia seguinte, Mário Tadeu já estava acordado, meio nervoso. A enfermeira cumprimentou-o e pediu o braço para uma injeção na veia. Quase em seguida, Mário ficou grogue, com um sono danado. Mal percebeu que o levavam num carrinho para outro lugar. Pediram novamente o braço, sentiu a picada, depois não viu mais nada.

Na sala de operação estavam o oftalmologista, o assistente gaúcho e duas enfermeiras. O trabalho começou logo, em quatro fases:

1 — Com um aparelho chamado blefarostato, o globo ocular ficou exposto para a cirurgia. Um ponto com fio de nailon no branco do ôlho ia funcionar como **rédea,** para movimentar o globo à direita ou à esquerda. Não foi preciso, como às vêzes acontece, descolar nenhum músculo do ôlho, para dar maior liberdade ao cirurgião.

2 — Com outro aparelho — o oftalmoscópio binocular, que dá visão total de profundidade — o médico vai observando a situação do fundo do ôlho e o local onde se encontra o corpo estranho. Começa então o cêrco sôbre êle. Com uma agulha elétrica, o cirurgião vai queimando, em pontinhos, o branco do ôlho — a esclera. A queimadura provocada pela agulhinha atravessa a esclera, a coróide (que é a segunda camada) e marca um minúsculo sinal na retina. O operador confere então a distância entre o pontinho e o cisticerco. Vai dando em seguida outras picadas, cada vez mais perto do alvo, até saber exatamente em que lugar deve ser feito o corte na esclera, para que se alcance o bichinho em linha reta. É preciso muito cuidado para não dar a agulhada em cima do cisticerco, pois isso pode matá-lo e tornar problemática sua saída. Finalmente, o último pontinho é marcado, bem ao lado do parasita, e tem-se o local exato onde deve ser feito o corte. O tamanho dêsse corte, na esclera, vai ser de três milímetros, o dôbro do tamanho do cisticerco, para que êle saia com facilidade.

3 — Com o bisturi, o oftalmologista corta a esclera, e em seguida cauteriza, para não sangrar. Abre também a coróide, mas não a retina, pois o parasita está localizado justamente entre estas camadas. SEGUE

Tempo de sorrir...

Quando todos se unem para construir um lugar cada vez melhor para viver e trabalhar. Quando as emprêsas realmente integradas na vida do país contribuem para o objetivo comum.

É por isso que oferecemos planos de incentivo e aperfeiçoamento profissional a estudantes, jornalistas, artistas, representantes de todos os setores de atividade.

E sobretudo à nova geração.

Tôda gente sabe que nosso negócio é petróleo.

Mas vamos um pouco além.

ESSO

Gente como você trabalhando para servi-lo

Óculos ficam para depois

Feito o corte, observa a situação pelo oftalmoscópio. Agora, com ligeiras massagens do dedo sôbre o globo ocular, faz com que o bichinho se mova e acabe saindo naturalmente de dentro do ôlho.

4 — Retirado o cisticerco, o médico faz uma revisão geral do fundo do ôlho. Tudo certo. Começa, então, a volta: sutura da coróide e da esclera, libertação da rédea de náilon e retirada do blefarostato. Faz o primeiro curativo e o ôlho é tapado com algodão e gaze. Total da operação: uma hora e 18 minutos. O cisticerco é colocado num vidrinho cheio de formol e ainda se mexe, por dois minutos.

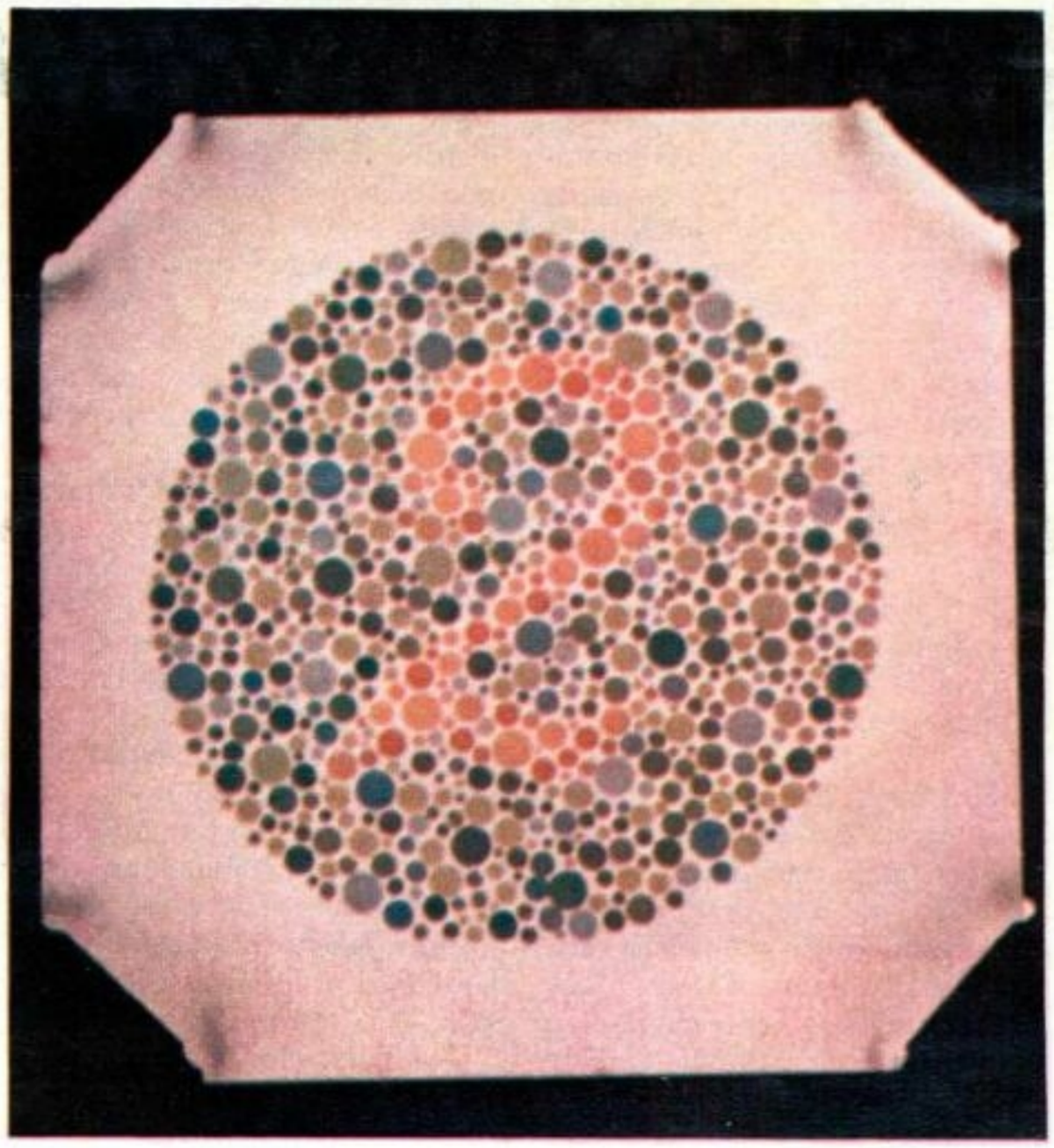
Quatro horas depois, Tadeu acorda. O sobrinho, ao lado, lhe conta que foi tudo bem. O assistente aparece para vê-lo.

— Vou ver normalmente de nôvo, doutor?

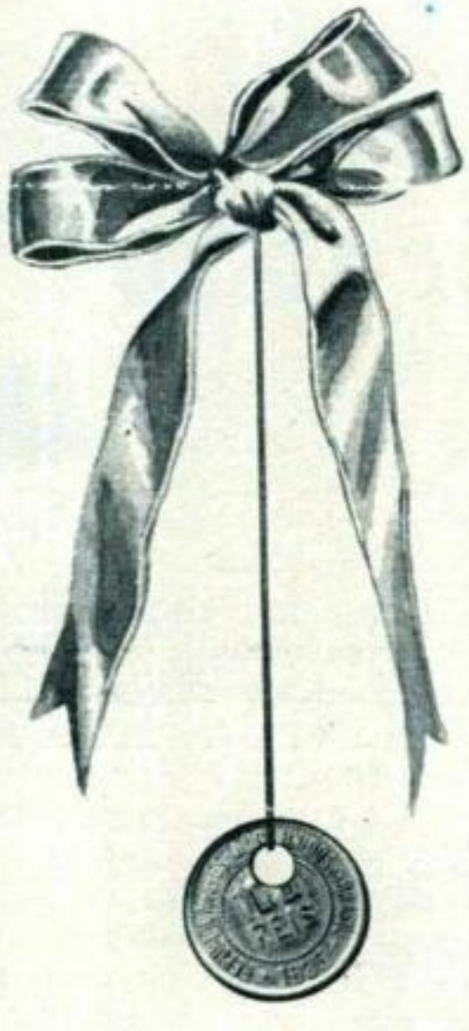
— Seguramente. O senhor teve sorte até de o bichinho não estar morando na mácula, a parte nobre da retina. O mal que êle possa ter feito até agora é pequeno, mas se continuasse lá, o senhor acabaria com ôlho de vidro. Agora está tudo bem. Daqui a uns dias estará em casa.

O assistente retira-se e Ramon comunica ao tio que vai para Santa Cruz, avisar que a operação foi bem e, quem sabe, trazer a tia para visitar o marido. Tadeu lembra-se da recomendação de Maria.

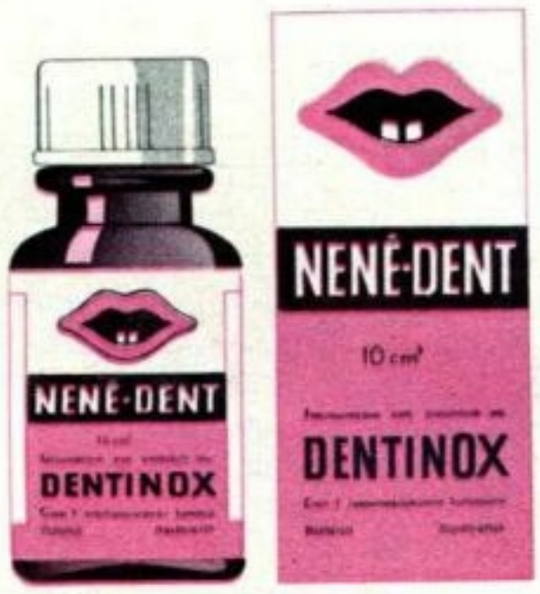
— Olha, Ramon, fala para ela que o defeito não era na máquina, mas sim no filme. Os óculos de tartaruga ficam para daqui a mais alguns anos, quando o tal de cristialino começar a fotografar fora de foco. FIM



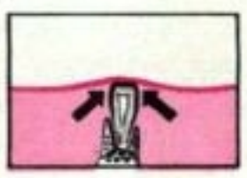
Quem olhar o desenho acima e não enxergar o número dois é daltônico, isto é, tem cegueira para uma das côres fundamentais, principalmente o vermelho e o verde. Não se conhece ainda a origem dêsse defeito; só se sabe que dá mais nos homens que nas mulheres.



Tostão furado no bercinho adianta?

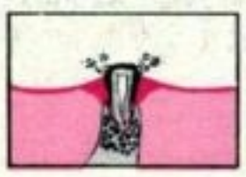


NENÊ-DENT na gengiva do bebê adianta. Está mais do que comprovado. Veja porque

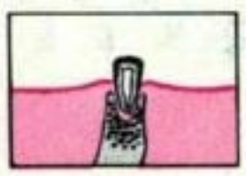


Ao nascer, o dentinho força o tecido provocando tensão na gengiva.

Essa tensão deixa a gengiva inflamada e irritada, surgindo a dor.

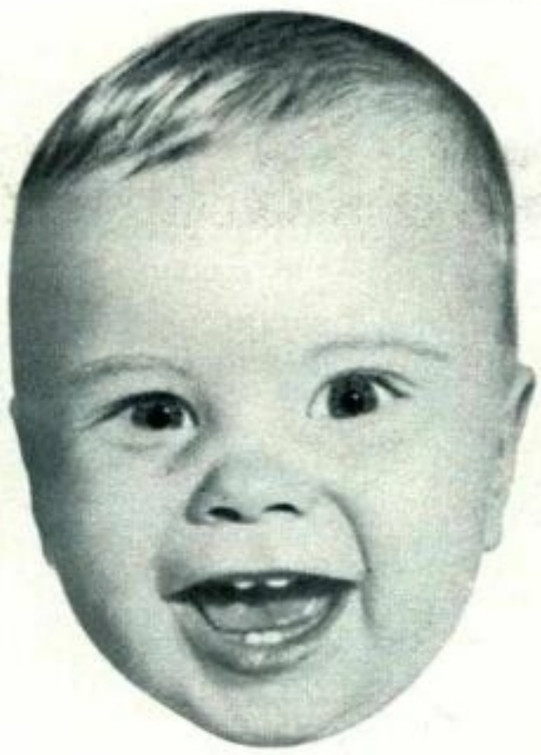


Rompida a gengiva, os germes penetram, causando infecção.



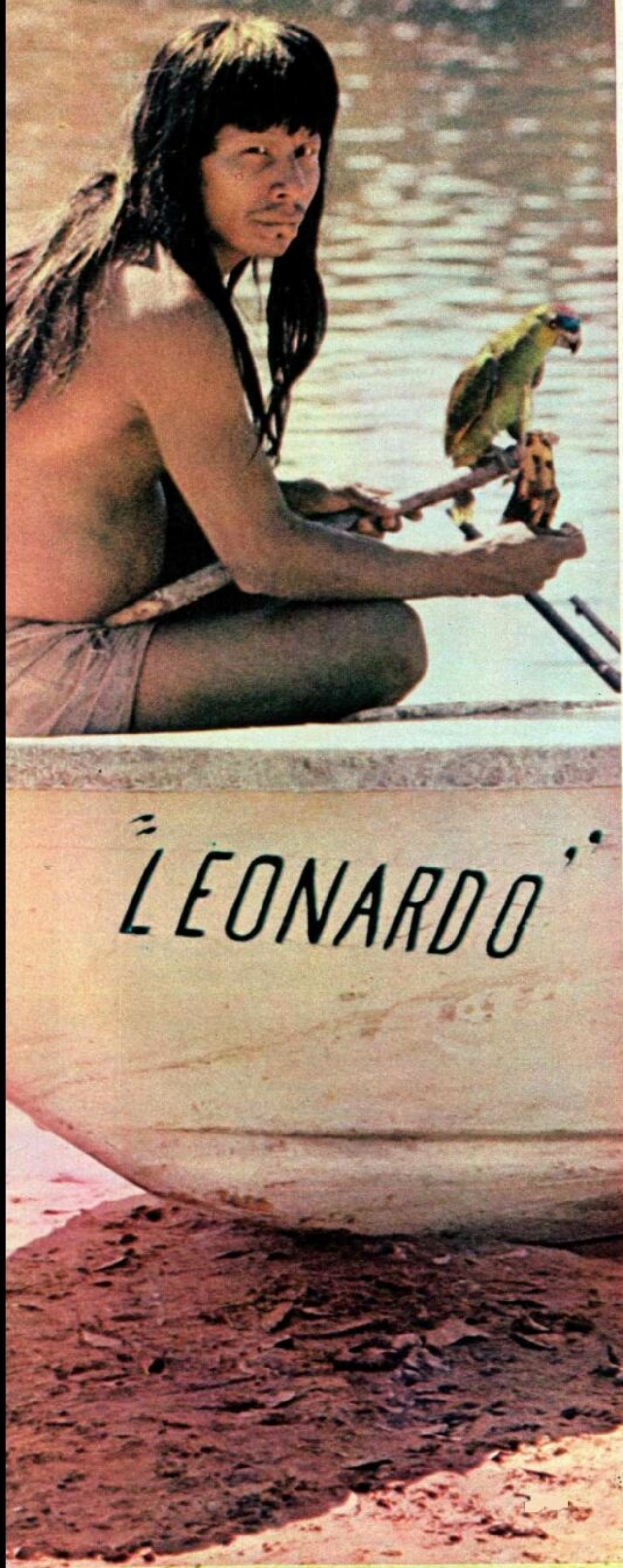
Nenê-Dent evita a irritação e a infecção. O dentinho nasce sem dor e sem complicações.

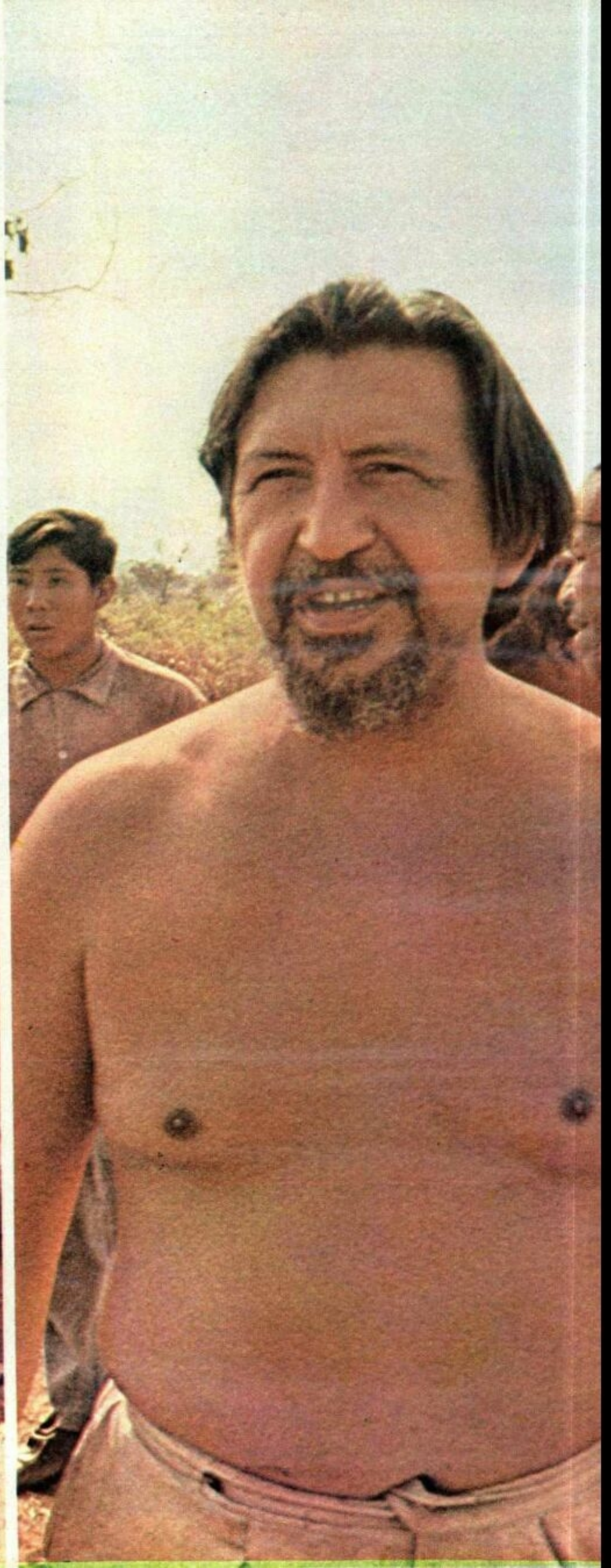
Aplique Nenê-Dent, delicadamente, com um pouco de algodão, na gengiva do Nenê.

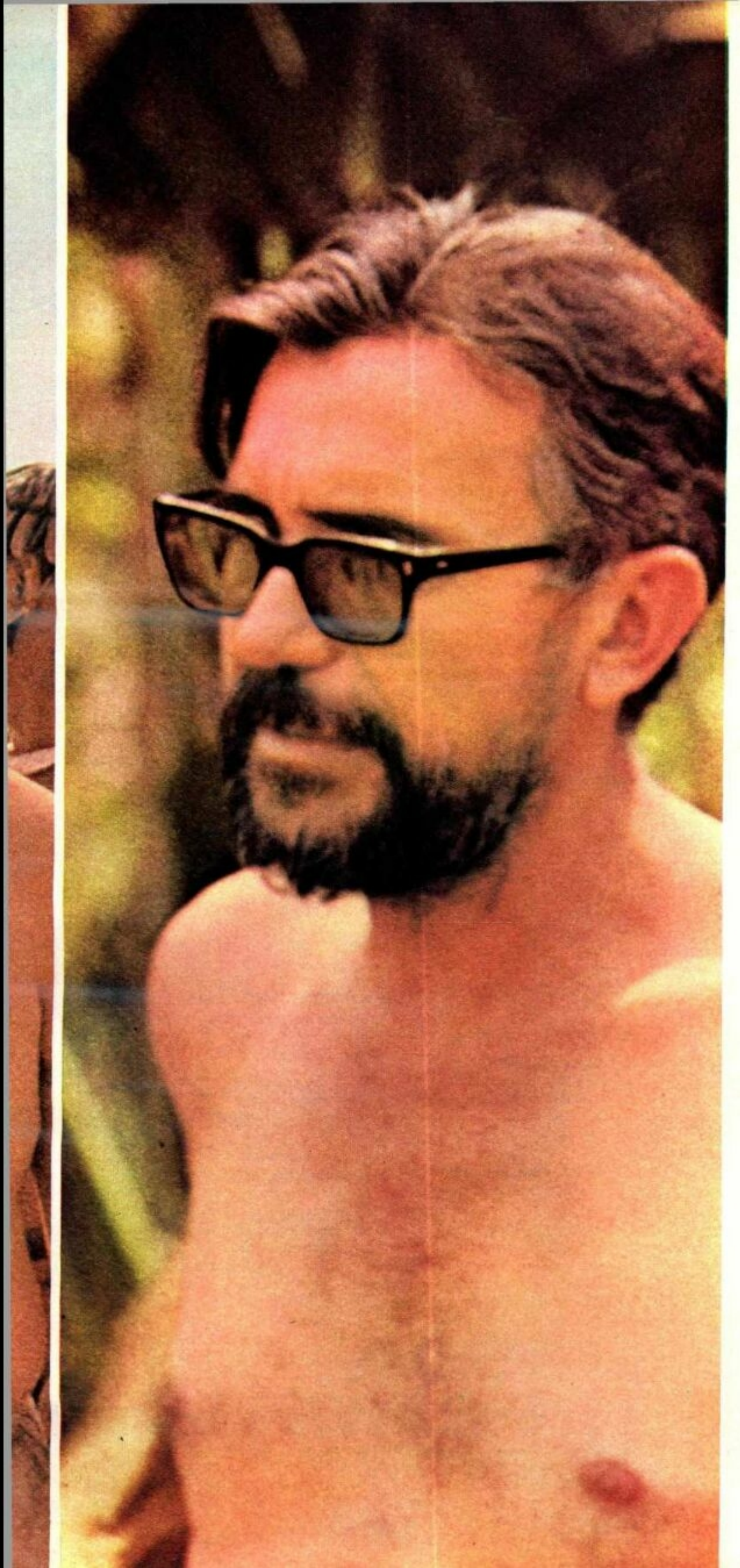


colábor

Pergunte às mães que já passaram por esta fase. A ação de Nenê-Dent é que acaba, de vez, com os choros e irritações do bebê quando os dentinhos estão nascendo. E é o fim da irritação da familia também. Bebê sorridente outra vez. Mamãe feliz.


"LEONARDO"





A maioria dos 70 mil índios que ainda vivem no Brasil desaparecerá quando a civilização ocupar a Amazônia. Entre os poucos que sobreviverão estão os 1.200 índios das 14 tribos que moram no Parque Nacional do Xingu protegidas por dois homens brancos.

A BOA ALMA DOS VILAS BOAS

Texto de Carlos Azevedo
Fotos de Luigi Mamprin

Numa noite de inverno do ano passado, os txucarramães que tinham vindo visitar o pôsto para ganhar presentes mataram um porco e comeram até a barrigada, como é seu costume. Os txucarramães são comilões, quando estão com muita fome comem até terra de cupim. Mas desta vez deu encrenca, o porco não era dêles, era do Pôsto Diauarum. E os jurunas, que cuidam das coisas do pôsto, ficaram muito irritados.

Quando amanheceu, ninguém foi à margem do rio Xingu tomar seu banho. Dentro das casas se falava baixo e se preparavam grandes maços de flechas para a briga. A tensão aumentou quando três meninos jurunas jogaram pedras num menino txucarramãe que estava comendo goiabas no alto da goiabeira. SEGUE

Leonardo agora é nome de barco. Orlando e Cláudio continuam a obra que os três iniciaram juntos.

Cláudio nunca sabe onde guardou seus óculos

Lá de seu rancho, que fica no centro do semicírculo formado pelas casas dos índios, Cláudio Vilas Boas mandou um recado para os jurunas se acalmarem. E também mandou chamar Cretire, o chefe dos txucarramães. Cretire não veio sòzinho. Pintados de prêto, seus guerreiros vieram junto, mas Cláudio, que estava sòzinho como sempre, só quis falar com o chefe. Cretire falou primeiro:

— **Clódio,** você não é meu pai, não tenho mêdo de você, mato você.

Acrescentou que seu povo era muito forte, que destruiria o pôsto e mataria todo mundo. Cláudio ouviu sentado em sua rêde, o revólver pendurado na parede, longe de sua mão. Depois, em voz mansa e pausada, explicou ao índio quanto os "txucarramães são crianças ainda, não sabem nada". E falou assim por duas horas. No fim, Cretire estava chorando, abraçava-se a Cláudio e, encostando cabeça com cabeça, prometia:

— Txucarramãe agora vai ficar bonito. Txucarramãe ainda não sabe nada.

Isto foi em meados de 1966. Desde então os txucarramães não têm mais se pintado de prêto e estão se comportando muito bem quando vão ao pôsto, ainda que de vez em quando seus meninos briguem com os meninos jurunas. Quando alguém pergunta a Cláudio como conseguiu convencer o cabeça-dura do Cretire, êle respondeu rindo:

— Falei-lhe da filosofia de Kant.

Homem bom não tem sono

O Pôsto Diauarum (onça preta), fica 100 quilômetros ao norte do Pôsto Leonardo, que é a sede do Parque Nacional do Xingu, no Brasil Central. O Pôsto Diauarum é a casa de um homem arredio. A floresta ao fundo, as casas feias, o silêncio que torna cortante o canto de um pássaro, o ritmo preguiçoso das águas do rio Xingu, o andar discreto dos índios, tudo contribui para formar a imagem de um lugar muito antigo, embora seja recente. O Diauarum tem alguns anos e um jeito de eterno.

Ali mora Cláudio Vilas Boas por longos períodos, interrompidos apenas pelas ocasionais penetrações na selva, viagens ao Pôsto Leonardo e raras idas a São Paulo, para visitar os parentes. Nesse refúgio onde só se chega de avião ou de barco, êle pode se esconder das pessoas que não lhe são íntimas. Pois **amizade** é alguma coisa muito valiosa para Cláudio, que demora a fazer amigos e arma barreiras em defesa de sua capacidade de amar sem cuidados. Há quem diga até que Cláudio gosta mais de índios que de civilizados. Não é verdade, pois sua formação humanística só lhe permite ver, em todos, sêres humanos. Mas é certo que com os índios não precisa de reservas, porque êles não têm o gôsto de ferir.

Há diferenças no tratamento: com os brancos Cláudio é gentil e sóbrio. Para os índios escolhe as melhores palavras e gestos ingênuos de amor. Além de cuidar de Diauarum, Cláudio gostar de ler ou de ficar na rêde, pensando. Sua coleção de livros de filosofia é respeitável. Quando Bertrand Russel soube por um jornalista inglês que nas selvas da Amazônia um homem lia e discutia sua obra, mandou-lhe o volume **Ciência e Religião,** autografado.

Ao entardecer Cláudio faz, habitualmente, um passeio: dá uma volta de cinco quilômetros em redor do campo de aviação, seu único elo de ligação com o resto do mundo. Leva a espingarda, mas caminha tão distraído que muitas vêzes a caça lhe escapa. Contudo, é grande atirador, daqueles que mantêm uma lata no ar, durante seis tiros de revólver. Revólveres são a sua distração: tem 15, raros e caríssimos, de grande precisão e potência. "Aborrecido é lubrificar 15 revólveres", costuma dizer, para dar exemplo de coisa aborrecida. Excelente caçador, tem pena dos bichos, especialmente de macacos. Prefere a caçada difícil e sutil do macuco, uma ave muito arisca. Chama-a de dentro das moitas, imitando seu assobio curto e doce. A ave vem, muito desconfiada. Qualquer descuido e ela voa ràpidamente. Cláudio diz:

— Gosto dessa caçada porque nela não é o tiro que importa, é dado de alguns metros. O que importa aí é que a gente vence pela astúcia.

O rancho de Cláudio é modesto. Uma mesa, um banco, uma estante de livros, a moringa, um espelho e uma pia. Num canto, sua rêde branca. Há no pôsto um motor gerador de eletricidade. Mas se não tem visita, Cláudio não o põe para funcionar: "É muito barulhento". Prefere a luz da lamparina. Come pouco e o mesmo que os índios — peixe moqueado, beiju e arroz — em horas incertas. Também dorme pouco.

Porém, nem tôdas as suas noites são silenciosas. Pode estar na posição habitual, sentado na rêde, a lamparina no colo, lendo a **A Filosofia do Direito,** de Gustavo Radebruch, e ser interrompido. São os índios, que não têm cerimônia, resolvem cantar e dançar no seu rancho. E ficam ali a noite tôda. Pode acontecer que Cláudio durma no meio da festa, mas é difícil porque êle gosta muito das canções e coreografias.

Conhece bastante a música dos índios, afirma que os txucarramães são os melhores cantores e os mais melodiosos. Mas a sua canção preferida não é dos txucarramães. É a do **javari** (um espírito protetor), dedicada aos velhos. Camaiurás e cuicuros são os índios que a cantam melhor. Explica:

— É um canto belo e triste. Pode ser ouvido à noite ou de madrugada. Recorda a infância e a juventude, caçadas, festas. Ao ouvi-la os velhos choram. Eu também, às vêzes.

A figura tresnoitada de Cláudio, suas roupas largas e amarrotadas (êle mesmo lava, mas não passa), seus óculos de míope, não se casam com a imagem do arrojado desbravador de selvas que é. Tem os gestos lentos, mas precisos. Habituado a andar no mato, mesmo em terreno limpo parece estar se desviando de obstáculos. Os passos são quase trôpegos e o tronco se curva para frente, como a desviar de galhos e cipós. Os olhos cravados no chão, procurando o caminho. Outra coisa que êle está sempre procurando, em casa ou nos acampamentos, são os óculos que deixou em alguma parte, bem guardados para não perder.

No mato é que se vê do que êste homem é capaz. Aquêle mesmo passo desconcertante o leva a grandes distâncias, carregando nas costas um fardo nunca menos pesado do que 30 quilos. Não acelera, mas também não pára. Não parece sentir a caminhada, a não ser pela roupa que fica empapada de suor. Tem mil habilidades que executa ràpidamente sem nunca parecer apressado.

A panela precisa de uma trempe para ir ao fogo? Corta uma forquilha que dá exatamente e a finca no chão. Enquanto os outros descansam, faz a comida. E, mesmo que haja falta de alimentos, com um resto de farinha, um jacu, ave saborosa mas de carne duríssima, faz um ensopado forte, temperado só com sal, que alimenta 20 pessoas esfomeadas.

Costuma dizer que para viajar no mato a fórmula é simples: sal, farinha e confiança total nos índios. Êles arranjarão a caça e sempre encontrarão o rumo.

Como dorme pouco, é o primeiro a levantar e logo prepara o café. Quem já estiver acordado poderá ouvi-lo assobiando alegrinho, mas em surdina, alguma valsa de 40 anos atrás: **Peregrina Flor** ou **Saudades de Matão.**

Quando está disposto gosta de discutir. Então, fica-se sabendo de que se ocupa seu pensamento nos longos períodos em que não fala com ninguém. Atualizado e mostrando que o afastamento físico não o desligou das questões que preocupam a humanidade, êle às vêzes fala várias horas, entusiasmado. Convencido de que o ser humano construirá um mundo cada vez melhor, Cláudio, contudo, é assaltado freqüentemente por dúvidas angustiantes. Tendo perdido a fé no Deus tradicional dos cristãos, procura-o com insistência em alguma coisa, uma fôrça, uma vontade que justifique os atos dos homens. Desabafa:

— Há questões que meu raciocínio não consegue elucidar. Se uma criança morre de fome ou na explosão de uma granada numa guerra, quem reparará esta crueldade? Deus? Os governos? Não. Eu acho que quem paga por isso é a nossa civilização. Cada vez que uma criança morre assim, nossa civilização volta ao marco zero, e tem que começar tudo de nôvo.

Há um poeta escondido em Orlando

Não há ninguém mais prático e decidido do que Orlando Vilas Boas, o irmão mais velho de Cláudio. Orlando vive no Pôsto Leonardo, a sede do Parque Nacional do Xingu.

Muita gente sabe quanto trabalho tem lhe custado o parque, desde a pacificação dos índios, a concessão das terras pelo govêrno, as verbas de manutenção, a construção dos aeroportos e a edificação das casas dos Postos Leonardo e Diauarum. Por isso, ùltimamente, quando êle apareceu dizendo que ia refazer com tijolos as casas dos dois postos, ninguém duvidou, apesar das dificuldades que êsse trabalho significa no meio da floresta amazônica.

Orlando fêz então um ajuste com a FAB para usar a olaria da base aérea do Xingu, que fica perto do Pôsto Leonardo, contratou alguns oleiros e pôs sua tropa de choque, os caiabis, para cortar lenha. Pouco depois co-

meçava a aparecer tijolo no pôsto e as novas construções foram iniciadas.

Tudo isso sem prejuízo das suas outras funções, que vão desde bater alegres papos com os índios, fazer a contabilidade do parque, e escrever a correspondência oficial enviada pelos aviões da FAB (que passam duas vêzes por semana pelo Xingu), até falar no rádio duas vêzes por dia, comandando de 2.000 quilômetros de distância as compras e os entendimentos que seu irmão mais nôvo, Álvaro, faz junto a comerciantes, industriais, médicos e autoridades, em benefício dos índios.

Orlando é também o cozinheiro do Pôsto Leonardo. Ao meio-dia, quando termina de falar no rádio, vai para a cozinha. O almôço costuma já estar encaminhado por Catingé, um suiá de 17 anos. Orlando chega de calção e sandália havaiana, óculos empurrados para o alto da cabeleira, e olha as panelas que estão no fogo: feijão, arroz, peixe cozido. Prepara o tempêro para tudo, faz salada, providencia o café. Como o espaço é pequeno no refeitório — duas mesas e quatro bancos compridos — serve primeiro os índios, depois os visitantes, que costumam ser muitos.

Orlando não passa o ano inteiro no mato, como Cláudio. Em novembro, quando as chuvas começam a ficar fortes, êle se muda para São Paulo, de onde comanda até fins de março do ano seguinte a fase de grandes compras, acordos de assistência médica com hospitais e viagens ao Rio e Brasília, lutando por mais verbas para o parque. É o que êle chama de seu trabalho "político", sempre bem sucedido por causa de seu bom-humor, sagacidade e insistência. No meio disso faz conferências e proclama para todo lado sua admiração entusiástica pela naturalidade e felicidade dos índios. Suas histórias deixam as platéias encantadas. Mas Orlando não faz isso apenas para conseguir ajuda. Êle acredita no que diz.

— E como não acreditar — costuma perguntar — pois se entre os índios tenho vivido as mais belas experiências humanas? Veja o que aconteceu ao rei da Bélgica, o que abandonou o trono em 1945. Êle veio passar uma temporada no Xingu em 1964. É um estudioso, passava o tempo procurando peixes, ajudado pelos índios. Gostava especialmente de Acanain, um menino meinaco de oito anos. Saíam sempre juntos, para explorar as águas do Tuatuari. Numa manhã, porém, o rei se distraiu, ouvindo um sabiá cantar bonito. Emocionado, mas impedido de se explicar falando com o menino, apontou-lhe o pássaro numa árvore. Acanain pensou que entendeu, flechou e matou o pássaro. A primeira reação do rei foi de aborrecimento, e o menino, que se alegrara com flechada certeira, confundiu-se, começou a chorar. Então, o velho homem de 70 anos tomou o menino nos braços e, mais confuso ainda, chorou também.

No convívio com os civilizados, Orlando está sempre armado de uma ironia brincalhona. Mas com os índios êle se desarma. Costuma dizer:

SEGUE

Míope, cabeça baixa, tronco curvado para a frente, Cláudio não mostra logo quem é.

Orlando fêz piada até para escapar da morte

— Gosto de fazer índio rir. Sei que entre os civilizados eu seria um palhaço, mas isso não me mata a vontade de fazer palhaçadas. E a melhor platéia é uma turma de índios.

Orlando gosta de chegar de surprêsa perto dos índios. Uma tarde, deixou seu abafado escritório, empurrou os óculos para a testa e saiu de **short** e descalço para o pátio. Um índio pediu-lhe um cigarro. Orlando estava fumando, mas tinha deixado o maço de cigarros no escritório. Estendeu o seu dizendo:

— Sirva-se doutor.

Todo mundo riu, inclusive o filante, que tirou uma tragada e passou o cigarro para outro. Enquanto isso, Orlando voltou-se para um índio que estava mais distante:

— Não cumprimenta mais os conhecidos? Boa tarde.

O índio respondeu encabulado e a turma riu alto, gozando-o. Um terceiro, que estava muito saliente, zombando dos outros, levou traiçoeiro pontapé atrás. Era Orlando que tinha dado a volta por trás do grupo para acertá-lo. Os outros se divertiram mais ainda e desta vez foi o índio acertado pelo pontapé que encabulou. Mas logo Orlando o abraçou dizendo:

— Me dá um abraço, seu bêsta.

Daí a pouco, outro índio vinha chegando de sua aldeia trazendo a família. Era um homem môço e forte. Orlando voltou-se para êle e perguntou, como se estivesse falando com os outros:

— Quem é aquêle **muirá** (velho) que vem ali tão cansado?

O homem sorriu apenas e a turma caiu na gargalhada de nôvo.

Orlando pode ficar horas fazendo brincadeiras ingênuas como estas e os índios não se cansam. De vez em quando um fica perto dêle o tempo todo, onde êle vai o outro vai atrás. Êste é o costume dêles quando querem alguma coisa. Mas ficam esperando que Orlando pergunte o que querem. Pode ser sabão, fumo ou munição, mas o índio também pode pedir com o mesmo ar sério:

— **Ólando,** planta bananeira.

Com palhaçadas, Orlando e Cláudio já acalmaram mais de uma tribo enraivecida. O expediente só não deu certo com os txucarramães em 1953, na época da pacificação dessa tribo. Ia tudo bem, mas a certa altura, instigados pelas mulheres que estavam zangadas porque achavam que tinham recebido poucos presentes, os txucarramães cercaram Orlando, Cláudio e dois jurunas que os acompanhavam. Os jurunas quiseram reagir, mas os Vilas Boas os acalmaram. Os txucarramães estavam bravos, haviam feito um círculo em volta dêles e gritavam ameaçadoramente.

Orlando não teve dúvidas: plantou bananeiras, cantou fêz caretas. Mas os índios não sorriam. A situação era grave, as mulheres tinham decidido abandonar os homens, em represália à distribuição desigual dos presentes. Os índios disseram a Orlando que deveria chamá-las de volta. Êle gritou inùtilmente por elas durante muito tempo. Com certeza teriam sido mortos naquela ocasião se na orla da floresta não tivesse aparecido uma velha anunciando que as mulheres tinham resolvido voltar. Mais tarde Orlando perguntou ao irmão por que desta vez não o havia ajudado, fazendo palhaçadas. Cláudio respondeu, impassível:

— Eu não estava com vontade.

Civilizados acabam com os bichos

Orlando foi atraído ao pátio por uma gritaria dos índios. Apontavam para o varjão que fica do outro lado do rio Tuatuari. Um índio lhe disse:

— Um bicho vem andando para cá.

Outro acrescentou:

— É um macaco prêto.

E um terceiro afirmou:

— É o macaco João.

Há algum tempo Orlando teve um macaco chamado João, mas faz três anos que êle fugiu. Olhou para o campo e não viu nada. Voltou para o escritório, comentando:

— Aparece cada índio mentiroso.

Daí a pouco os índios o chamaram de nôvo, pois do outro lado do rio — a uns 200 metros do pôsto — um macaco prêto estava parado olhando para o grupo. Os índios chamaram:

— João, João, vem cá.

Como êle não vinha, mas também não ia embora, foram buscá-lo. Assustou-se um pouco, mas não correu, foi fácil apanhá-lo. Agora Orlando também tinha certeza. O macaco mansinho que se agarrou às suas pernas logo que desceu da canoa só podia ser o João.

Orlando gosta de bichos, mas aos poucos desiste de criá-los, porque não tem sorte. Antigamente o pôsto vivia cheio de animais. **Pretinho,** o cachorro, desapareceu numa expedição. O mutum-castanha foi morto por um civilizado que atirou de dois metros e depois apareceu com êle na cozinha, entusiasmado.

— Que fartura de caça! Matei êste mutum na porta do pôsto...

As gaivotas sumiram tôdas. O caitetu que vinha coçar seus pêlos duros nas pernas dos visitantes virou leitão de Natal quando Orlando estava de viagem. Os curicas e os papagaios todos se foram nas mãos dos civilizados.

Por isso, agora quando um índio aparece perguntando: "Quer um tracajá?" (espécie de tartaruga), Orlando diz que não. Ou então, responde com um simples "deixa aí" e dá para o primeiro civilizado que passa. Por duas razões: primeira, para não gostar demais; segunda, porque o civilizado vai pedir mesmo.

Os irmãos prometem um livro

As relações dos dois irmãos Vilas Boas com os índios vão muito além das brincadeiras e do trabalho de assistência. Para os indígenas êles são dois chefes brancos muito importantes, respeitados como pais. Funcionam como conselheiros e juízes nos planos e nas rixas das tribos. Esforçam-se para que elas mantenham certos costumes úteis, que enriquecem sua cultura, como a forma arquitetônica das casas. Desestimulam outros, como por exemplo, o uso dos txucarramães de enfiar botoques nos lábios e cortar as orelhas, desfigurando o rosto. Não gostam quando certos índios ficam muitos dias no pôsto sem necessidade (as casas em volta dos postos são para doentes e visitas rápidas). Querem que êles fiquem nas aldeias, construindo dia a dia o desenvolvimento de sua cultura.

Nesses 23 anos de convivência os irmãos Vilas Boas têm tentado conhecer o máximo da vida cultural indígena, penetrar-lhe a intimidade e desvendar suas formas de pensamento. Leonardo, o irmão que já morreu, conhecia várias das línguas faladas na região. Cláudio também conhece. Os índios têm-lhes revelado segredos que jamais contaram a qualquer civilizado. Os Vilas Boas prometem o lançamento de um livro com essas informações, que deverá se chamar "Xingu". O trabalho está dividido assim: Cláudio fará a descrição do meio físico e outros capítulos, entre êles a **pajelança,** medicina indígena. Orlando fica com a parte das lendas e costumes.

Por isso, Orlando é visto muitas vêzes aos cochichos com os velhos. Os índios gozam:

— Orlando gosta de velho.

É que êle está colhendo as lendas. Sabe que entre os velhos está a sabedoria da tribo.

Apesar da intimidade, os Vilas Boas se esforçam para evitar interferir na cultura indígena. Se um homem acusado de feitiçaria é ameaçado de morte, tentam impedir, mas não discutem se a ação é boa ou má. Assim, também dão assistência médica aos índios, mas não ridicularizam a pajelança: quando qualquer dos dois adoece, recebe com paciência o tratamento dos pajés. E aproveita a ocasião para aprender mais sôbre seus remédios de ervas, óleos vegetais e animais.

Uma família muito unida

Dos onze filhos do sr. Agnelo Vilas Boas cinco já morreram. Os seis irmãos restantes — Acrísio, Maria de Lourdes, Orlando, Cláudio, Álvaro e Ana Terezinha — continuaram muito unidos. Gostam-se, auxiliam-se e falam um no outro com freqüência. Êles acham que a razão dessa união foi a harmonia em que viviam os pais e o amor que inspiravam. O pai, maçon grau 33, advogado combativo e progressista, foi o primeiro que lhes falou da igualdade dos homens e da sua inalienável condição humana, base de tôda a obra dos seus filhos sertanistas. Morreu um mês após a morte da espôsa, desconsolado e saudoso.

Qual dos dois é o líder entre êstes irmãos que trabalham juntos há tantos anos? Cláudio responde que é Orlando, o mais velho. Orlando diz que não há líder. Explica:

— O que não há é uma liderança formal, pois nós sempre resolvemos tudo à base de entendimento coletivo.

Oficialmente, Orlando é o diretor do parque, e Cláudio, seu primeiro funcionário. Os salários são diferentes: com a gratificação de chefia Orlando recebe cêrca de 600 mil cruzeiros velhos. Cláudio ganha 300 mil. Mas o dinheiro dêles é propriedade comum. Serve àquele que está necessitado, e geralmente não é nenhum dos dois, mas um índio ou o próprio parque.

Apesar da jovialidade dêles, entretanto, a vida dura deixa marcas. Orlando ùltimamente

fica irritado com facilidade. "É o excesso de trabalho", diz Cláudio em sua defesa. Mas Orlando admite que a idade também colabora para sua irritabilidade — está com 51 anos. Cláudio com 48. Ambos são solteiros.

Leonardo foi o único dos irmãos que teve relações com uma índia, com quem se casou. Quanto a Orlando, apaixonou-se algumas vêzes por mulheres brancas, mas não chegou ao casamento. Cláudio se explica:

— Abstinência sexual. E por que não? Levei isso também em conta quando escolhi viver entre os índios. É um sacrifício pesado, hoje posso afirmá-lo, mas digo com tôda a humildade que eu o aceitei como parte de minha contribuição a esta obra, porque é uma obra em favor da humanidade.

Êles queriam aventura: tiveram

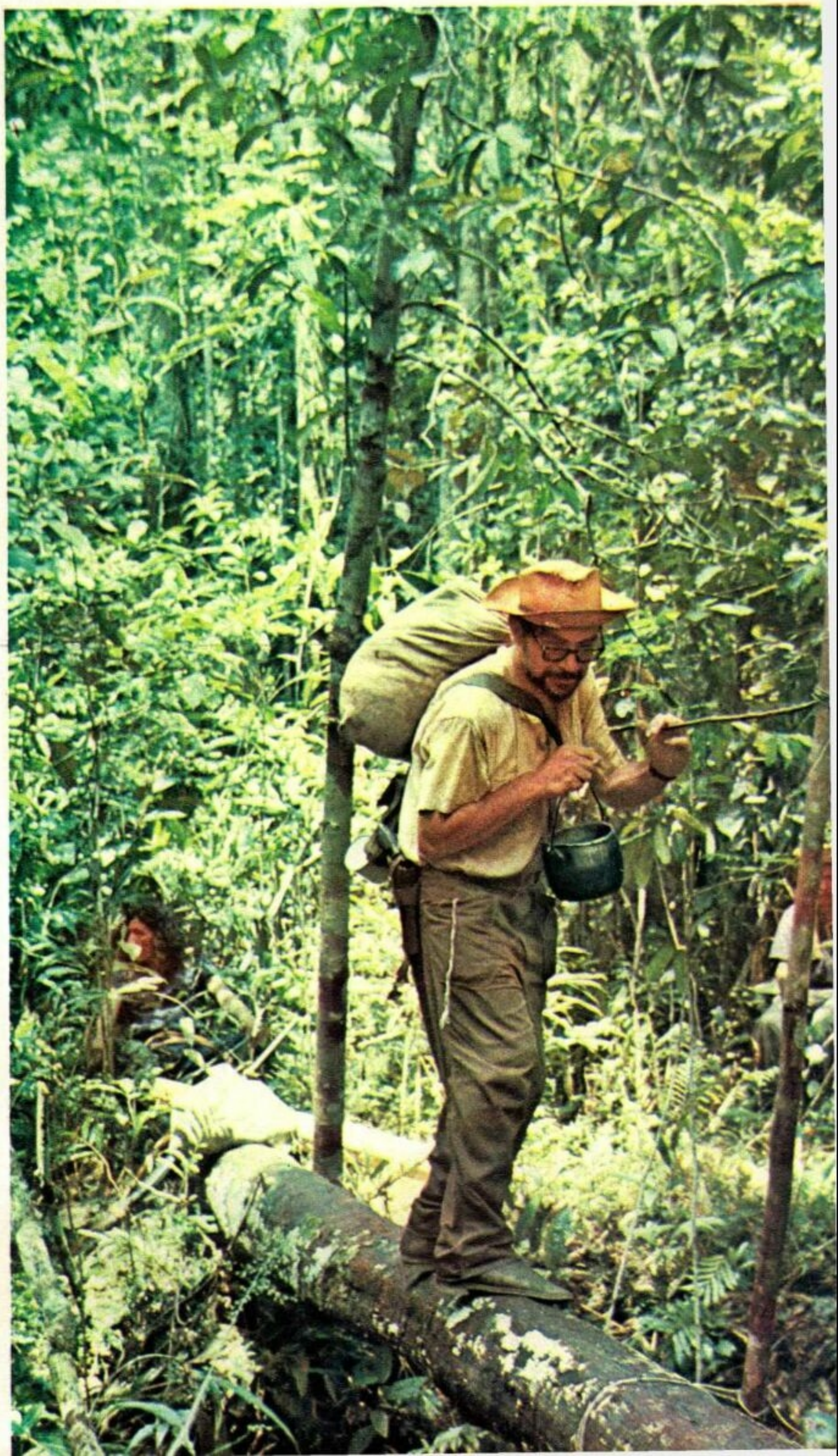
Em 1944 — há 23 anos — Orlando, Cláudio e Leonardo chegaram ao Xingu. Êles vieram a pé desde Xavantina, abrindo picadas, fazendo campos de aviação, dando nome aos rios e serras com que cruzavam. Estavam em missão do govêrno, que queria desbravar o Brasil Central. Por onde passaram nasceram alguns povoados e muitas fazendas. Os três irmãos comandaram a expedição "Roncador-Xingu" — a "Marcha para o Oeste" ordenada por Getúlio Vargas.

Em três anos vararam a mata até a serra do Cachimbo. Abriram 400 quilômetros de picada, com quatro metros de largura, em linha reta. A picada precedia uma rodovia que só agora está sendo construída.

Antes de tentar fazer aventura nas selvas, os três rapazes de Botucatu (SP) quase não tinham prática de mato. Apesar disso, logo que se engajaram na expedição foram nomeados chefes de vanguarda. Tinham saído da capital de São Paulo, onde viviam há vários anos. Orlando deixou um emprêgo na Light, Leonardo saiu da Companhia Telefônica e Cláudio despediu-se do balcão de uma loja.

Haviam feito ginásio ou pouco mais, e moravam num quarto alugado na rua do Arouche. Na parede havia um mapa imenso que Leonardo pregara. Foi, na verdade, ali na pensão humilde que as aventuras começaram. Os três irmãos percorriam rios e florestas, mas então só em sonho, seguindo as linhas do mapa.

Êles conheciam e admiravam o trabalho do marechal Rondon, que instituíra no país uma política de proteção ao índio e respeito às suas terras. Era o tempo do lema: "Morrer se preciso fôr; matar, nunca". Baseados nessa política e num sentimento de humanidade que é das suas melhores qualidades, os Vilas Boas fizeram com que a comitiva se portasse de tal modo que ao atravessar o território xavante ao norte de Mato Grosso e oeste de Goiás, não tiveram um só atrito com os índios. Compreendiam a ferocidade dêles e, quando percebiam ameaça de ataques, afastavam-se prudentemente, deixando-os em paz. SEGUE



Cláudio viajando no mato: é aqui que êle vira um gigante, tudo sabe e tudo vence.

Êles descobriram que quem cativa fica prêso

Alguns anos depois, usando o caminho aberto pelos Vilas Boas, o sertanista Francisco Meireles pacificou os xavantes. Depois disso, nos últimos 20 anos, êsse poderoso povo foi quase que inteiramente destruído pelo contato com a civilização. Orlando sente grande tristeza por isso.

— Quem sabe se com mais calma não se teria encontrado uma solução melhor para os xavantes? Outro dia encontrei um engraxate índio numa rua de Uberlândia, Minas. Estava maltrapilho e com fome. Disse que era um xavante. E eu fiquei pensando que alguns anos antes êle era um guerreiro orgulhoso que podia ter me matado ou podia ter me oferecido sua amizade. Agora êle não pode mais nada.

Depois dos xavantes vieram muitos outros. Sempre havia índios no caminho dos Vilas Boas. Encontraram os calapalos, os camaiurás, os iaulapitis, os auetis, cuicuros, vaurás, meinacos, nauquás, matipuís, trumaís, caiabis, jurunas, suiás e txucarramães. Algumas dessas tribos já tinham tido contatos esparsos com civilizados, mas foram realmente pacificadas pelos três rapazes que entravam encantados nesse mundo de antepassados. Êles tinham procurado aventura e haviam encontrado.

Já na época das primeiras expedições, os Vilas Boas sentiram uma inquietação: era muito fácil cativar os índios. Logo êstes lhes dedicavam um amor sem restrições. Confiantes, entregavam-lhes sem mêdo o destino de suas tribos. Os três irmãos sabiam o que tinha acontecido a tantas tribos que iniciaram dessa forma o convívio com os brancos: êstes as cativavam, depois as abandonavam, e elas pereceram. Os rapazes sentiram claramente que com aquêle amor nascia um compromisso. Podiam ignorá-lo como antes todo mundo fizera. Mas resolveram aceitar a responsabilidade de ajudá-los, embora soubessem que a tarefa poderia tomar-lhes tôda a vida. Mas como ajudar?

Fumando desajeitadamente — porque só aprendeu há quatro anos, num dia em que se sentiu "muito só" — Cláudio Vilas Boas senta-se num banco de madeira de seu rancho no Pôsto Diauarum e tenta recordar tudo.

— Nosso primeiro encontro foi com os calapalos. De início êles se esconderam na mata. Nós chamamos e êles voltaram para fazer uma alegre camaradagem. Pouco mais tarde conhecemos os camaiurás, que nos receberam com flechas atiradas por cima de nossas cabeças. Não fugimos e êles vieram conversar. Foi o comêço de outra grande amizade. Sabendo disso, Rondon nos nomeou representante do Serviço de Proteção aos Índios na região. Então, tínhamos duas missões contraditórias: desbravar a selva e proteger os índios. Mas aos poucos nós iríamos descobrindo o que fazer. Nessa época nos debatíamos constantemente em busca de uma orientação. Conhecíamos a de Rondon: atitude pacífica, respeito à terra, não-intervenção em seus costumes, pacificação seguida de tentativa de integração em nossa sociedade. Sabíamos também que, apesar disso, as tribos pacificadas continuavam desaparecendo. A tentativa de integração de uma tribo a destruía tanto quanto uma horda de seringueiros.

— Ao tentar integrar-se, o agrupamento indígena tinha de atravessar verdadeiras barreiras de bacilos e doenças — gripe, pneumonia, tuberculose, sarampo, verminose — e quando se tornava relativamente imunizado, já havia perdido mais da metade de seus indivíduos. Uma estrutura social baseada num coletivismo primitivo, como a dos índios, ao perder metade de sua população fica desorganizada. E era nessa situação crítica que a tribo enfrentava a etapa mais dura do processo: integrar-se, tornar-se produtiva.

— O abismo existente entre as duas culturas, os preconceitos, a ambição e a malícia de muitos civilizados se encarregavam de concluir a destruição. Em poucos anos a tribo estava reduzida a mendigos, bêbedos e prostitutas.

Cláudio pára de falar. Uma índia entra no rancho, queixando-se de que está doente. Cláudio vai com ela à farmácia. Êle mesmo cuida dos doentes a maior parte do tempo, pois as enfermeiras não se acostumam à solidão e pobreza de Diauarum. E os índios aqui têm um ar temível, beiços imensos, grandes cabeleiras.

Da rêde de Cláudio se pode ver pela porta uma parte do grande terreiro arenoso do Diauarum, cheio de laranjeiras, limoeiros, mangueiras, cajueiros e goiabeiras, cujos frutos dificilmente se consegue aproveitar, pois as crianças os arrancam antes de amadurecer. Ao redor do rancho as casas dos índios formam um semicírculo, com um raio de 200 metros, que se interrompe no rio Xingu. Dentro dessa meia-lua ficam o galpão dos hóspedes, a farmácia, a oficina, o armazém e a cozinha.

Uma doutrina incompleta

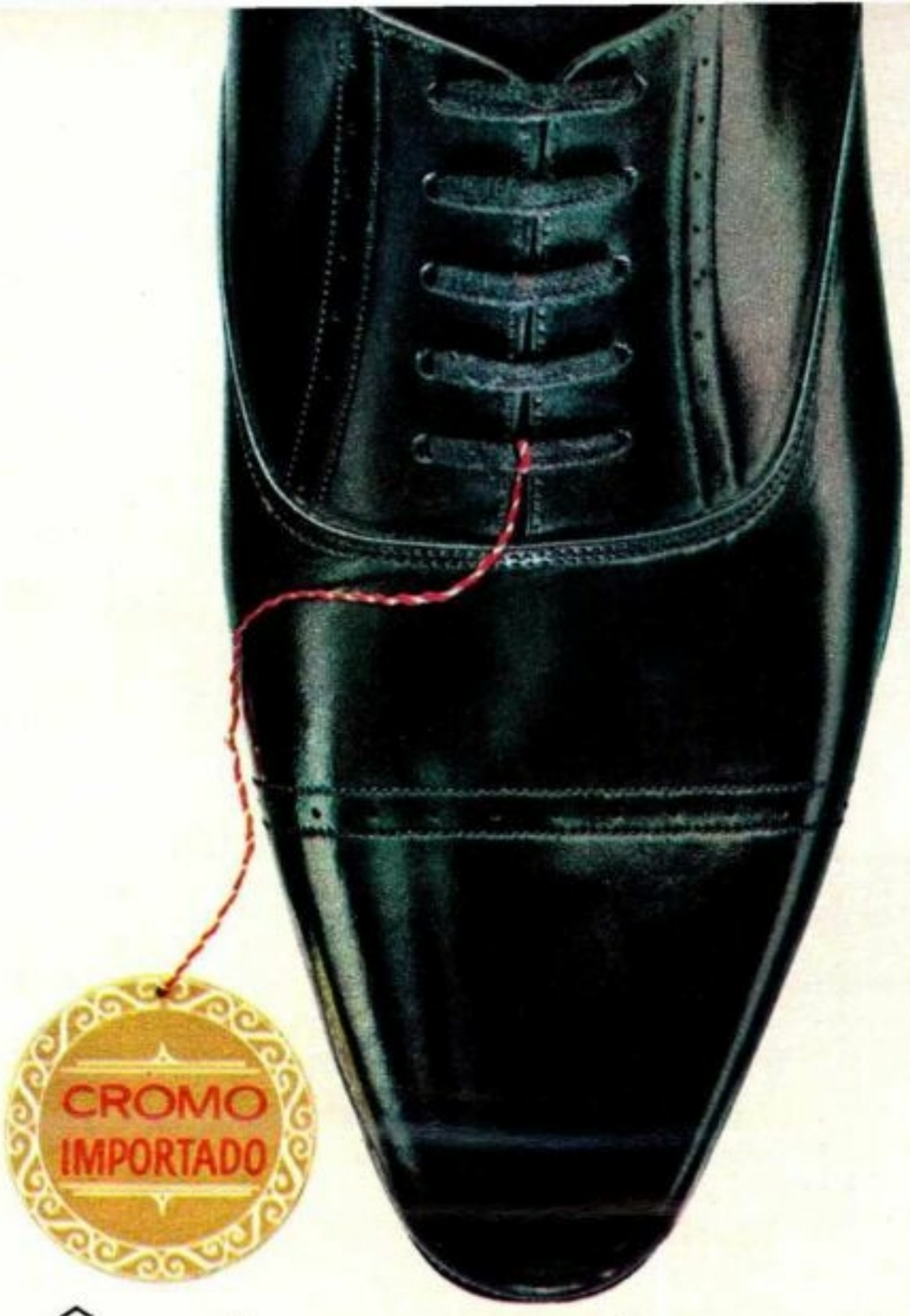
Cláudio volta dizendo que está aparecendo muita gente gripada: "É êste tempo sêco", comenta. Retoma o assunto:

— A intensidade do drama que vive um índio ao tentar integrar-se é igual àquela que um homem de nosso tempo enfrentaria na mesma situação, defrontando-se com uma civilização incrìvelmente superior em sua estrutura e técnica, sêres que apareçam em aparelhos tão espantosos quanto o avião é para os índios, e que, além de explorá-lo econômicamente, trazem-lhe doenças para as quais seus remédios não funcionam. Asseguram-lhe do alto de sua superioridade que seus deuses não são senão mitos, que seus costumes e sua ética fazem rir, que suas leis não têm valor. O nosso homem civilizado se sentiria esmagado.

— Tínhamos notado que a doutrina de Rondon não previa esta situação: o índio não podia saltar direto para a nossa civilização. Também rejeitávamos a tese de manter os índios indefinidamente afastados da sociedade brasileira, pois sentíamos que era uma atitude romântica, que negava a realidade, e os levaria à destruição também, só que mais tarde. Em vários anos de trabalho, sempre encontrando mais índios e tentando ajudá-los, enfrentando com êles epidemias de gripe e de sarampo, pensávamos nisso. A solução ia sendo idealizada dentro mesmo do nosso trabalho. Concluímos que só havia um caminho: estabelecer um ritmo muito lento de desenvolvimento para o processo de integração, dar-lhes um prazo de 50 a 70 anos. Só assim as tribos teriam tempo de atravessar as barreiras de bacilos, tornarem-se resistentes a êles, recuperarem-se em número e em organização tribal. Nesse meio tempo iam entrando aos poucos na civilização.

SEGUE

Amor é isto: Orlando abandona seus trabalhos de diretor do PNX para cozinhar.



Êste é um sapato de cromo importado, feito à mão, e custa cêrca de cento e vinte mil cruzeiros.

Êste é um modêlo Vulcabrás e custa cinco vêzes menos.

Desculpe-nos. Nós o enganamos.

É justamente o contrário.

O sapato com a etiquêta "cromo importado" é um genuino Vulcabrás clássico.

E o sapato com a etiquêta "Vulcabrás" é um legitimo cromo importado, feito à mão por eximio mestre sapateiro.

Desculpe-nos a brincadeira. Mas fizemos isso só para mostrar-lhe que a única grande diferença entre um Vulcabrás e um sapato de cromo alemão é o preço.

De fato, Vulcabrás custa cêrca de cinco vêzes menos.

Vulcabrás é feito de vaqueta de primeirissima qualidade. É macio, confortável, gostoso de usar.

Além do mais, Vulcabrás tem outras vantagens: é impermeável, absolutamente impermeável. É durável.

Conheça os novos Vulcabrás.

Todos os modelos são modernissimos. Inclusive os das linhas Infantil, Juventude e Colegial.

Não se engane mais. Da próxima vez, compre um legitimo Vulcabrás.

VULCABRÁS

Caixa Postal 47 - Jundiaí - SP

Denison

Agora Leonardo é um grande retrato na parede

Enquanto falava estas coisas, Cláudio tinha-se denunciado. Êle é normalmente muito calmo, mas falando de índios se altera. Primeiro adquirira um ar vibrante, uma expressão combativa. Depois, tôda a face se abrandara num sorriso. Êle mesmo se confessa um emotivo, um "banana". Então continuou, mais calmo:

— Atualmente, os índios do parque, em sua maioria, já atravessaram as barreiras dos bacilos. Recuperaram-se e agora têm a mesma saúde que tinham antes de conhecer os civilizados. Há três anos não morre uma criança no Xingu. Suavemente a técnica civilizada vai entrando em suas vidas, de modo que êles possam conjugá-la com a sua técnica primitiva. A espingarda, a rêde de pescar e o machado os ajudam. Os jovens estão aprendendo a trabalhar com motores de pôpa, jipe, trator. Já existem bons mecânicos. A maioria fala português. Penso que se o parque sobreviver por mais 50 anos, é provável que êstes índios entrem para a sociedade brasileira, não como párias, mas como indivíduos úteis, produtivos.

Os Vilas Boas não esqueceram as experiências de Rondon, que mostram ser improdutivo o sistema de presentear os índios: estimulava a indolência. No parque, os presentes são dados por merecimento. O ideal é que as tribos se mantenham em suas aldeias, plantando as roças, fazendo as festas, vivendo a sua cultura. Quando as famílias vêm ao pôsto, e isto acontece periòdicamente, recebem tratamento médico, dentário, ganham munição, sal, anzol, fumo, roupas e ferramentas.

Índio que vive passeando no pôsto, que não trata bem da família, provoca atritos, ou quer mudar sua arquitetura para imitar a dos brancos, numa tentativa de abandonar seus costumes, fica mais ou menos no **gêlo** por algum tempo, e os presentes escasseiam. Orlando deixa de brincar com êle, assume um ar severo e reclama amargamente de sua indolência. O sistema talvez não funcionasse com mais ninguém, mas com os Vilas Boas funciona.

Aqui está o PNX, o parque

PNX é uma sigla de aviação e quer dizer Parque Nacional do Xingu.

— Como êste parque tem dado trabalho!

Quem fala assim é Orlando sentado no seu cadeirão, atrás da escrivaninha no escritório do Pôsto Leonardo. Ali a paisagem é mais alegre que no Diauarum. Fica no alto de um barranco e, como no outro pôsto, as casas dos índios formam um semicírculo que se interrompe no rio, o Tuatuari, estreito e de águas claras. A mata é mais rala em redor das casas. E do outro lado do rio é o **varjão,** único e plano, que se estende por muitos quilômetros.

No centro do meio-círculo fica igualmente a casa de Orlando, ladeada por casas de trabalhadores e tendo à frente a farmácia, o gabinete dentário e um quarto para doentes. Lá na beira do rio está o barracão, coberto, mas sem paredes, que tem lugar para 40 pessoas armarem suas rêdes. A casa de Orlando é retangular; na frente está o escritório, os quartos ficam em duas alas que se ligam à cozinha. No centro existe uma área descoberta onde crescem um gramado e um pé de mamão.

Orlando se recorda das lutas que teve para criar e consolidar o parque:

— Tivemos de enfrentar os poderosos latifundiários de Mato Grosso que não queriam ceder as terras, embora fôssem devolutas, porque preferiam comprá-las para fazer especulação. Êles tinham voz no Congresso, e a luta se estendeu até lá, foi para os jornais, sensibilizou fortes correntes. Dava até desânimo e nós tínhamos de cuidar dos índios, muitos recém-pacificados, outros, doentes.

— Mas tivemos aliados. A imprensa nos ajudou e também amigos dedicados: antropólogos, políticos, militares. E foi por isso que em 1961 o presidente Jânio Quadros assinou o decreto de criação do parque. Dava-lhe um território de 22 mil quilômetros quadrados, no Norte de Mato Grosso, apenas dez por cento do que considerávamos necessário para reunir o maior número de tribos possível e resguardá-las do avanço da civilização. Mas era uma vitória e nós recebemos com alegria.

Orlando se interrompe. A tarde está quente, e êle grita pedindo água. Isntantes depois aparecem três indinhos apostando corrida, cada um com um copo de água. Orlando comenta: "acho que gritei muito alto". Não quer melindrar nenhum, bebe a água dos três. Enxuga a barbicha grisalha e a barriga lustrosa sorrindo como se tivesse feito uma molecagem das boas. Procura o maço de cigarros e dá uma tragada antes de continuar.

— Depois, o trabalho foi consolidar o parque. Atualmente 14 tribos com quase 1.200 índios vivem aqui. Apesar da dificuldade de recursos, estão convenientemente assistidos e para isso nos equipamos — não imagina através de que malabarismos — com um avião "Paulistinha" usado, um caminhão, um jipe, um trator, três motores de pôpa, quatro botes, dois geradores de eletricidade e um catavento para puxar água. Hoje, há farmácias com fartura de remédios nos dois postos, enfermeiras, um dentista com seu gabinete dentário e assistência médica da Escola Paulista de Medicina.

Sacode a cabeça e franze os lábios. De repente sentiu-se fazendo um balanço de sua vida, por um instante parece cansado. Conclui:

— Há um Vilas Boas a menos. Leonardo morreu em 1957 numa operação do coração.

De sua cadeira Orlando pode ver um retrato de dois metros de altura pendurado na parede. É Leonardo, o mais jovem dos três, barbudo, de quepe, parecendo um guerrilheiro cubano. Mas Orlando não olha para êle. Já está contando que, viajando a pé, de canoa, e com a ajuda dos aviões da FAB ("não se esqueça de falar bem da FAB, ela sempre nos ajudou muito"), êles exploraram a região amazônica em todos os sentidos num raio de mais de 500 km.

— Nós abrimos 26 campos de pouso no Brasil Central sem contar pequenas pistas de emergência nas aldeias de índio. Três pistas, a do Leonardo, do Diauarum e da base da FAB, que fica dentro do parque, comportam grandes aviões. Elas têm muita importância: são o elo de ligação, a única possibilidade de pouso para os aviões que ligam Manaus ao Sul do país pela aerovia do interior.

Nessas expedições, os Vilas Boas deram nome a centenas de rios, serras, lagoas e enriqueceram os mapas brasileiros. Enfrentaram a dureza da mata sem nenhum recurso.

Mas andar no mato ainda não é passado para êles. Todos os anos os dois programam uma ou duas penetrações pela selva, para tentar contatos com índios ainda afastados, ou que estejam em dificuldades.

O parque, na prática, está dividido em duas regiões. A do Sul, do Pôsto Leonardo, em volta do qual moram os índios camaiurás, cuicures, calapalos, vaurás, manquás, matipuís, iaulapitis auetis e meinacos. Estas nove tribos têm uma população de 600 pessoas que convivem pacìficamente há centenas de anos e desenvolveram uma cultura comum, chamada pelos entendidos de **cultura xinguana.** Ela se desenvolveu apesar das diferenças de língua — há ali línguas provenientes de três grandes grupos indígenas: tupi, aruaque e caribe.

Na área Norte, a do Pôsto Diauarum, vivem mais cinco tribos: os jurunas e os caiabis, que falam línguas tupis impuras; txucarramães e suiás, do grupo lingüístico jê; e os truimaís, que têm uma língua de origem ainda não identificada. Essas últimas tribos são diferentes culturalmente entre si e também não participam da cultura xinguana. Contudo, os suiás e os trumaís vêm aos poucos se identificando com ela. Os índios da área Norte formam uma população de 550 pessoas.

A última pacificação feita pelos Vilas Boas foi em 1953, dos txucarramães. Mas tudo indica que a população do Xingu ainda vai crescer. Há anos, os dois irmãos vêm tentando cativar a tribo dos txicãos. Nessas expedições, Orlando e Cláudio vão sempre juntos. Não é difícil perceber que êste trabalho é o que mais os fascina: o encontro com os índios. Foram recebidos com flechas na primeira vez que visitaram os txicões. Mas depois já voltaram à aldeia três vêzes. A última foi em fins de 1966 e os Vilas Boas esperam que brevemente essa tribo venha morar no parque.

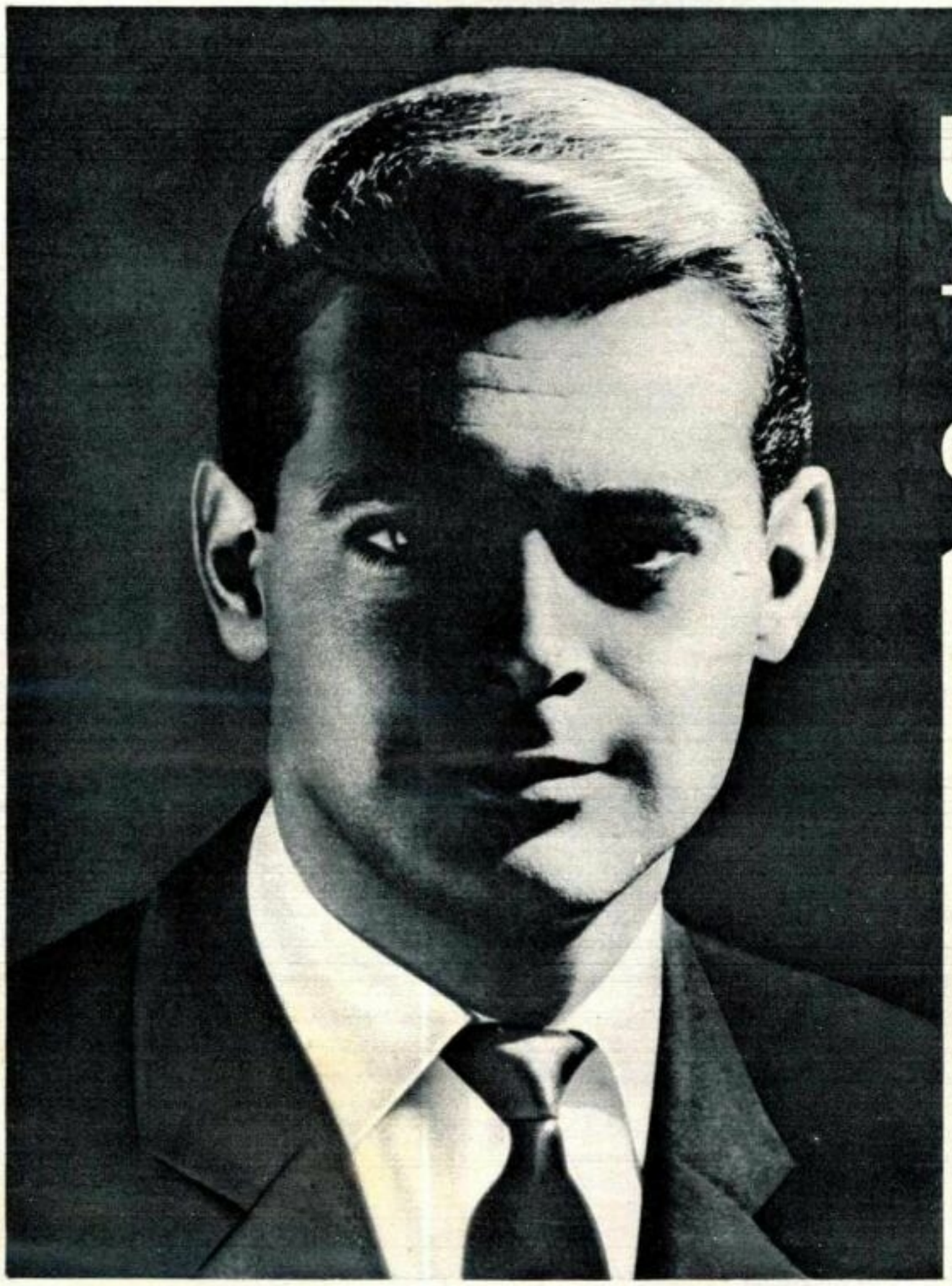
A liberdade: um índio e sua flauta

A parede do escritório no Pôsto Leonardo é de ripas trançadas. A claridade do Sol e a brisa que vem do varjão entram pelas frestas. Orlando parou de conversar, ficou olhando para fora. Um homem, um índio camaiurá, passava pelo pátio. Seu corpo nu estava inteiramente pintado de vermelho e prêto, penas de arara nas orelhas. Tocava uma tôsca flauta. Orlando disse mansamente:

— Não sei explicar o que sinto e o que significa esta vida aqui no Xingu. Por ora minha resposta é só esta: olhe para aquêle índio.

Fôra uma tarde muito quente, mas agora o Sol ia se escondendo por trás das árvores. O índio já havia preparado sua roça para plantar quando as chuvas chegassem. E naquela manhã havia pescado o suficiente. A sua liberdade, a disponibilidade do homem plenamente realizado eram evidentes nos seus passos descansados pelo gramado do pátio. A musiquinha da flauta, alegre, se repetia monòtonamente. E o fato de êle estar fazendo isso àquela hora, naquele lugar, sem nenhuma razão senão a sua vontade, era espantoso e belo.

FIM



Um fixador diferente

De fato! WELLAFORM é diferente aos demais cremes para pentear: Tôda qualidade de cabelo se beneficia. Seja fino ou grosso, longo ou curto. É apenas uma questão de quantidade. Uns aplicam pouco, outros um pouco mais. Muito nunca é necessário. Esprema Wellaform entre as palmas das mãos e espalhe levemente no cabelo. Veja como se torna jeitoso e fácil de pentear!

WELLAFORM não endurece os cabelos. Ao contrário, sem engordurar, mantém-os bem penteados o dia inteiro. Wellaform, suave mas agradàvelmente perfumado, assenta bem e com distinção.

WELLA *tem tudo para o cabelo e da melhor qualidade*

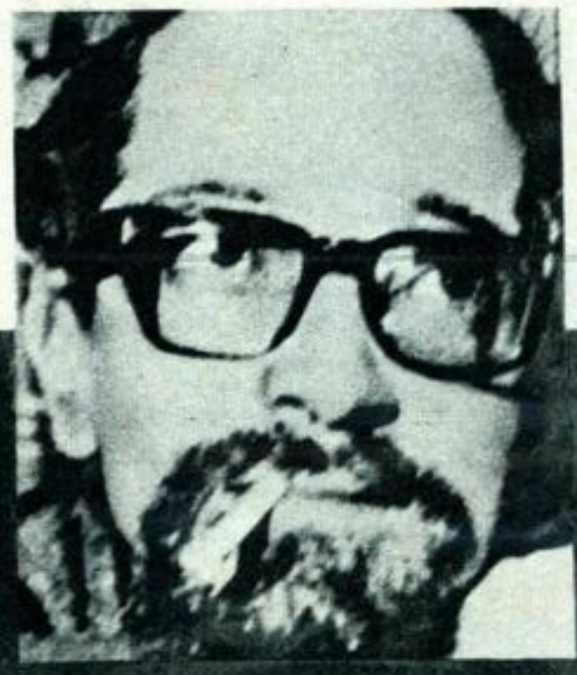
WELLA

Cosmética do cabelo de fama mundial

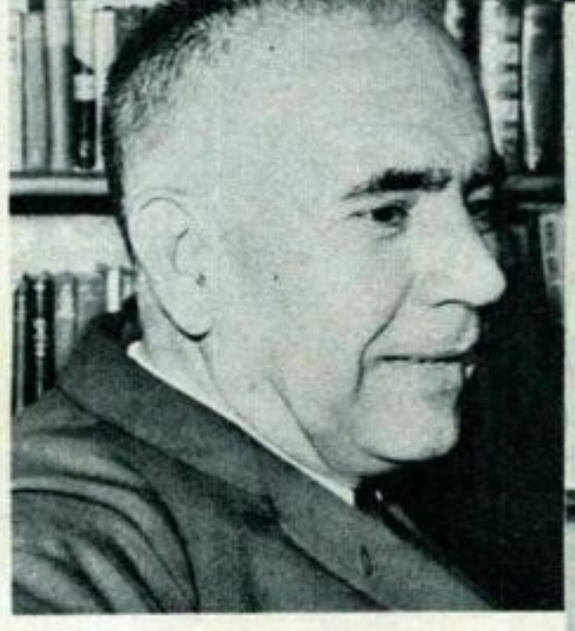
CLÍVIA

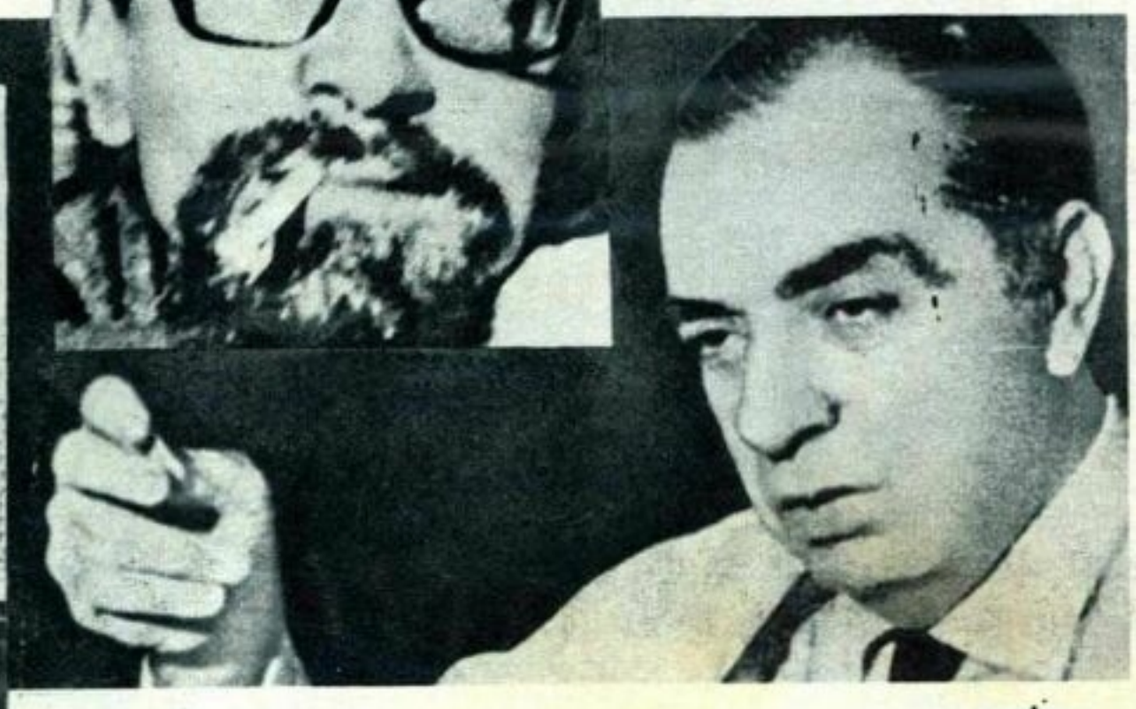
mpor an e para um bom jorna é o leitor

o senhor romancista, érico veríssimo



o cronista jovem, josé carlos de oliveira





o colunista bem informado, ibrahim sued

o carioca que vive, nelson rodrigues

mestre alceu, tristão de ataíde

e ainda as colunas de sérgio jockyman, carlos fehlberg, jayme keuneke, carlos coelho, mendes ribeiro, carlos nobre, paulo raymundo gasparotto, saul júnior, gilda marinho, maria teresa ely, tânia faillace, goida, luís fernando veríssimo, armando burd / artigos de moysés vellinho, guilhermino cesar, josé fernando carneiro, paulo amorim, pilla vares, sidnei schestatski / charges de bendati, ilustrações de jorge ivan / economia e finanças, movimento sindical, mundo estudantil, pergunte ao doutor, conselhos domésticos, contos românticos, estórias em quadrinhos, fotonovela / cobertura internacional da france presse e united press international, com radiofotos.

zero hora

O único jornal gaúcho filiado ao IVC

A Alemanha é o Reno... castelos medievais... música e cerveja. É o bom gôsto internacionalmente apreciado. O bom gôsto que personaliza o fumante de

minister

FILTRO DE LUXO

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

GRANT-R. M. 3

um cigarro
de agrado
internacional

AMERICANOS E RUSSOS CONTRA A BOMBA (DOS OUTROS)

Quando a conferência de desarmamento recomeçou, em Genebra, o mundo passou a assistir a um nôvo fenômeno: Estados Unidos e União Soviética, competidores tradicionais da guerra fria, decidiram juntar seus esforços para impor uma **ordem atômica** à humanidade. As duas nações, que há 20 anos disputam a hegemonia mundial, firmaram na prática um acôrdo bilateral para evitar que as armas nucleares se vulgarizem. No centro das preocupações das duas superpotências está a China, que já explodiu quatro engenhos atômicos, usando mesmo, numa das experiências, um foguete transportador.

Os inglêses, que atuam como fôrça auxiliar nesse esfôrço conjunto russo-americano, definem o problema com clareza. "Os Estados Unidos devem adotar uma política atômica de comum acôrdo com a União Soviética, para impedir que seja rompido o equílibrio de fôrças no mundo", vive dizendo lord Chalfont, ministro do Desarmamento da Grã-Bretanha. Para lord Chalfont, o perigo real, na década de 70, não se situará no Centro da Europa, mas no terceiro mundo — Ásia, África e América Latina — o que torna necessário bloquear, desde já, o afluxo de armas atômicas para "continentes incandescentes".

Segundo um relatório norte-americano, as duas superpotências dispõem de pouco tempo para conter a disseminação nuclear. É provável que a partir de 1968 pelo menos 20 países estejam em condições de fabricar engenhos baratos, mas eficientes. Entre êles, países "explosivos", como Índia, Paquistão, Israel, República Árabe Unida, Japão e Indonésia. Daí a advertência do ministro do Desarmamento da Grã-Bretanha:

— A questão fundamental é saber se a União Soviética e os Estados Unidos conseguirão livrar-se, a tempo, das atitudes de guerra fria, encontrando um terreno comum de entendimentos para os problemas dos próximos 15 ou 20 anos.

Agora, é o pequeno contra o grande

A perspectiva de um acôrdo entre os Estados Unidos e a União Soviética, para a imposição de uma ordem atômica ao resto do mundo, provocou um tipo de reação que substitui, de uma certa forma, os conflitos ideológicos por conflitos entre potências maiores e potências menores. A intensificação dos contatos diplomáticos entre a Itália, Japão, Índia e Alemanha Ocidental, com vistas ao reinício da conferência de desarmamento, traduziu, antes de tudo, a decisão dos menores de assegurar conquistas no campo da energia nuclear. Durante as negociações para reduzir a ameaça de uma tragédia atômica, tanto o govêrno norte-americano como o govêrno soviético revelaram intenções consideradas "inaceitáveis" pelas potências secundárias, quando da discussão final do tratado de desnuclearização da América Latina. O govêrno norte-americano fêz o possível para que êsse tratado proibisse até testes com finalidades pacíficas, o que seria um obstáculo para que a América Latina se desenvolvesse num dos campos-chave da tecnologia moderna. Aparentemente de comum acôrdo com os Estados Unidos, a União Soviética fêz as mesmas reservas, mas o tratado foi finalmente redigido com a cláusula que defende o direito dos latino-americanos de desenvolverem a técnica nuclear sem objetivos bélicos.

Em Genebra, as duas superpotências encontram, desde o reinício das negociações de desarmamento, resistências do mesmo gênero. Países como Japão, Índia, Itália e Canadá não admitem que sejam prejudicados seus programas de desenvolvimento no campo da energia nuclear. Muitos exigiram ainda que os Estados Unidos e a União Soviética iniciem a redução gradual de seus estoques de armas, como complementação necessária a um acôrdo contra a proliferação atômica.

Ninguém confia em ninguém ainda

Apesar dos esforços conjuntos, a realidade é que, entre si, norte-americanos e soviéticos não alcançaram até agora um estágio de confiança mútua capaz de pôr fim à sua própria corrida armamentista. Em 1964, as verbas de defesa da União Soviética foram reduzidas de 600 milhões de rublos, mas em 1965 elas aumentaram de nôvo. E, em dezembro de 1966,

Vasily Garbuzev, ministro das finanças, apresentou ao Soviete Supremo o maior orçamento militar da história da URSS. Nos Estados Unidos, Johnson entregaria ao Congresso, pouco depois, um orçamento militar ultrapassando a barreira dos 60 bilhões de dólares.

O exame dos gastos militares dos dois países compõe um quadro estatístico quase inacreditável:

1. O orçamento militar norte-americano representa cêrca de 42 por cento dos gastos militares mundiais.

2. Em 1966, cada norte-americano contribuiu, em média, com mais de 300 dólares para fins militares.

3. O orçamento militar soviético representa, de acôrdo com os dados divulgados oficialmente pela União Soviética, 24,5 por cento dos gastos militares mundiais.

4. Em 1966, cada soviético contribuiu com 150 dólares para fins militares.

Juntos, Estados Unidos e União Soviética ficam, portanto, com dois terços da soma dos orçamentos militares de todos os países do mundo. E essa parcela pode aumentar indefinidamente caso as duas superpotências se lancem, irremediàvelmente, à construção de sistemas caríssimos de proteção contra foguetes.

Desde 1957, quando foi lançado o primeiro Sputinik, o têrmo **gap** é a dor de cabeça dos estrategistas das duas superpotências. **Gap,** em inglês, significa brecha. Em linguagem militar significa inferioridade.

Durante alguns anos, os americanos consideraram o primeiro Sputinik como prova da superioridade soviética no campo de foguetes estratégicos. Êsse **gap,** reforçado em relatórios da CIA, que apontavam as fôrças terrestres soviéticas como em condições de pulverizar, numa só ofensiva, as defesas do Ocidente na Europa, dominou as eleições de 1960 nos Estados Unidos. Quatro anos depois, diante de repetidas acusações da direita republicana de que o govêrno democrata levara os Estados Unidos à debilidade, Robert McNamara, secretário da Defesa, foi obrigado a revelar ao público o seguinte:

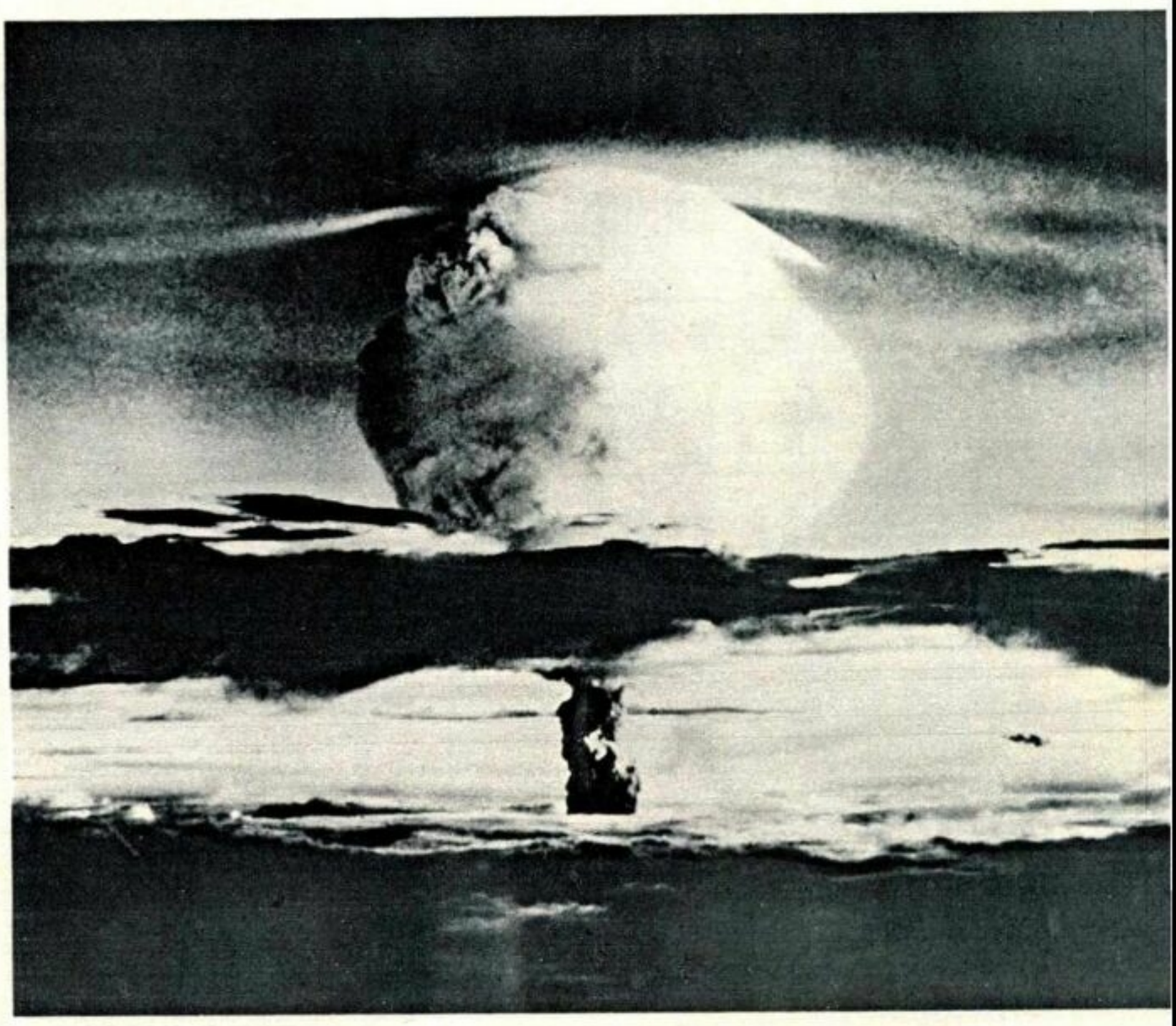
1. De 1961 a 1964, o poderio atômico norte-americano aumentara de 150 por cento.

2. No mesmo período, as fôrças especiais, principalmente tropas treinadas para a guerra de guerrilhas, tiveram seus efetivos elevados de 800 por cento.

3. Em 1964, os estados Unidos tinham 500 foguetes intercontinentais prontos para ação e já se previa um aumento para 1.700, até 1966.

4. O número de foguetes táticos, em condições de transportar cargas atômicas na guerra submarina, aérea ou terrestre, era de dezenas de milhares.

SEGUE



Texto de Newton Carlos

listas publicidade internacional

Use Signal e fale de perto.

Sòmente Signal tem listas vermelhas. Nas listas vermelhas está o hexaclorofeno. Signal é garantia de hálito puro.

O hexaclorofeno de Signal é um moderno antisséptico que purifica o hálito. Enquanto isso, o elemento branco limpa e clareia os dentes. Signal é gostoso, refrescante.

Os dois querem o antifoguete atômico

5. Tinham os Estados Unidos, em 1964, prontos para decolar em 15 minutos, 1.100 bombardeiros supersônicos com moderno equipamento eletrônico para seus foguetes e bombas.

É difícil avaliar, com segurança, a exata relação de fôrças entre os Estados Unidos e União Soviética. As estimativas em geral aceitas como "criteriosas" são as feitas anualmente pelo Royal Institute of International Affairs, de Londres. A última estimativa dessa organização, divulgada em setembro de 1966, se limita a dar os números do poderio atômico das duas superpotências: 1.500 foguetes atômicos intercontinentais para os Estados Unidos e 325 para a União Soviética. Na prática, segundo os analistas militares, êsses números não parecem traduzir um **gap** inquietante para os soviéticos: tanto os Estados Unidos como a União Soviética estão em condições de destruir um ao outro. Apesar disto, 1966 foi um ano de muito falatório na disputa armamentista entre norte-americanos e soviéticos:

1. Em fevereiro, o marechal Malinovsky, ministro da Defesa soviético, afirmou que a União Soviética superara os Estados Unidos na fabricação de armamentos atômicos e de "foguetes adaptáveis às diversas exigências".

2. O mesmo marechal Malinovsky anunciaria pouco depois, durante uma visita à Hungria, que a União Soviética dispunha de um nôvo sistema defensivo "que permite derrubar ou capturar qualquer foguete ou avião atacante".

Arma absoluta: EUA estão atrasados

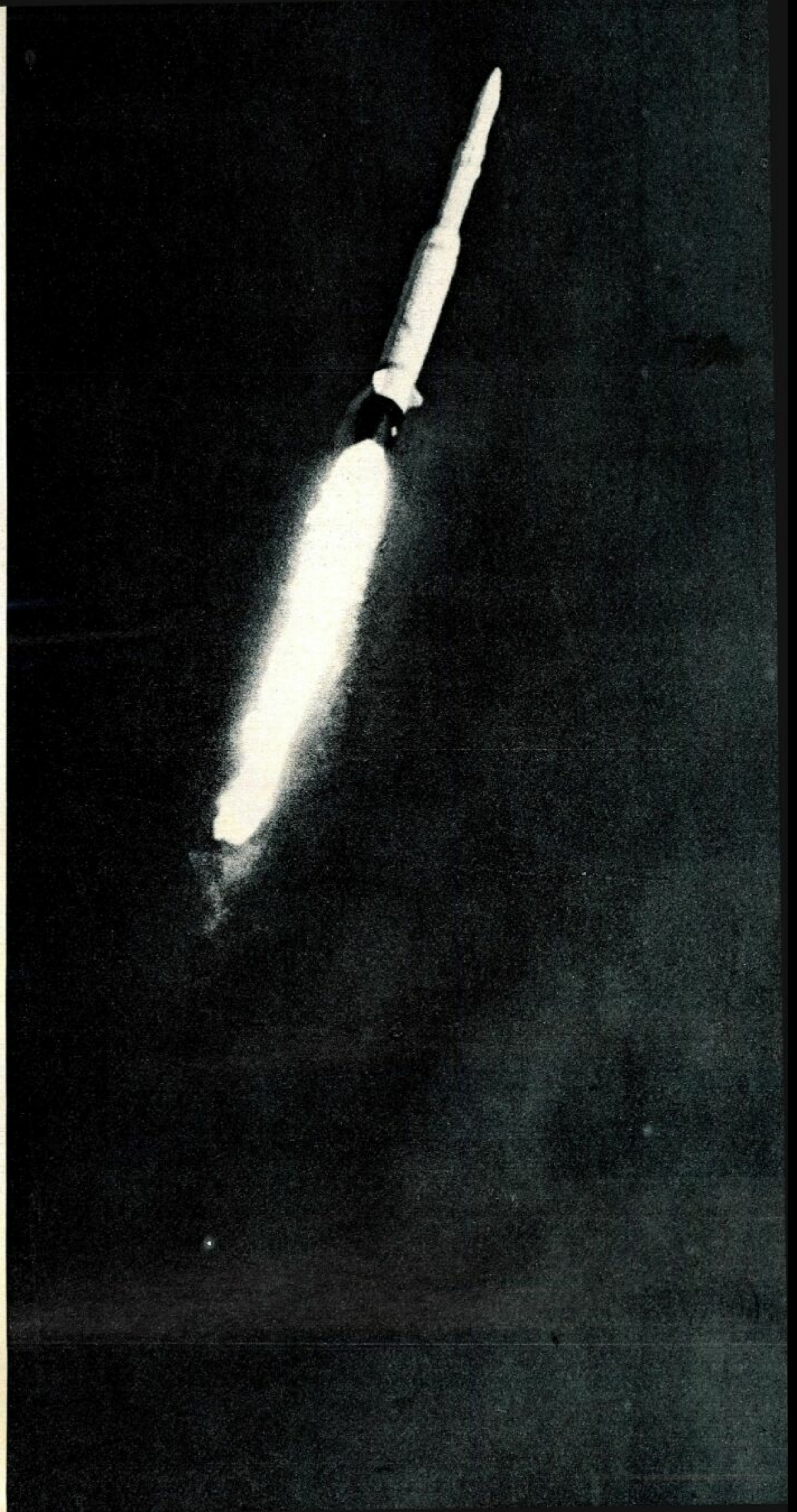
Foram êstes os primeiros sintomas de que os Estados Unidos e a União Soviética se batiam num duelo que levava a corrida armamentista a nova etapa. No último trimestre de 1966 surgiram sintomas mais concretos:

1. A 27 de outubro a União Soviética fêz uma experiência subterrânea na ilha ártica de Novaya Zemblya, explodindo uma bomba atômica de um megaton, o que equivale a um milhão de toneladas de dinamite.

2. A 20 de dezembro os Estados Unidos fizeram um teste, também subterrâneo, no seu campo de provas de Nevada, explodindo outra bomba, também de um megaton.

Os dois testes tiveram finalidade idêntica: desenvolver ogivas atômicas para foguetes antifoguetes. As duas superpotências se aprofundavam, portanto, na busca do que muitos já definem como a **arma absoluta,** e é justamente nesta busca que alguns estrategistas do Ocidente receiam que os Estados Unidos estejam atrasados. O relatório de setembro de 1966 do Royal Institute of International Affairs afirma que "já foram colocados, simbòlicamente, foguetes em tôrno de Moscou e Leningrado".

SEGUE



De um negativo Kodacolor, V. também pode obter (fàcilmente) uma fotografia assim:

AMPLIAÇÃO 5R — de qualquer negativo Kodacolor retangular

Se V. não conhece direito as possibilidades que a qualidade Kodak lhe oferece para obter sempre boas fotografias, com qualquer câmara, leia estas indicações:

Kodacolor é um filme negativo para fotos em côres, destinadas a cópias ou ampliações em papel.

Lembre-se de que a Kodak possui um serviço econômico de magnicópias (ampliações), em formato retangular ou quadrado. Lembre-se também de que, utilizando os filmes e serviços Kodak, V. já está com meio caminho andado para obter os melhores resultados, pois a Kodak lhe dá a garantia da mais alta qualidade internacional. O resto depende de V.

Se V. já penetrou no mundo maravilhoso dos "slides" (diapositivos), isto é, se já possui também um projetor de "slides", então o seu filme é o Ektachrome-X (ou Kodachrome). É um filme reversível: na revelação, transforma-se diretamente em filme positivo, ou seja, em "slides" em côres prontos para serem projetados (depois de colocados nas respectivas molduras). Para fotografar cenas interiores, use "flash" azul ou "flash" eletrônico. Se V. não possui "flash", mas possui uma câmara com maiores recursos, também pode obter boas fotografias de interiores, usando o filme Ektachrome High Speed, de altíssima sensibilidade. Em qualquer caso, a superior qualidade Kodak constitui uma garantia indispensável. Quanto mais V. fôr tomando gôsto pela fotografia e pelo registro daquelas cenas que não devem ficar esquecidas, mais irá valorizando as fotos em prêto e branco. O filme Verichrome Pan e o filme Plus-X se impõem, neste caso. Com êles, V. obtém os mais sugestivos efeitos de contrastes em prêto e branco.

E agora, é só colhêr os magníficos resultados de suas habilidades fotográficas. Como fazem — no mundo inteiro — milhões de homens, mulheres e adolescentes que confiam na qualidade Kodak.

Kodak

Para os EUA, o alvo ainda é Moscou

Em novembro, o próprio Robert MacNamara, secretário de Defesa norte-americano, reconheceu pùblicamente que a União Soviética dispunha de um foguete antifoguete de vários estágios e cuja provável dimensão seria "muito superior" à dos foguetes intercontinentais Minutemen, os melhores do arsenal americano.

Mesmo admitindo o avanço soviético, McNamara é contra os Estados Unidos se lançarem agora, de corpo e alma, na execução do programa antifoguetes com custo total estimado em mais de 40 bilhões de dólares. Além do aperfeiçoamento e fabricação de antifoguetes, o programa prevê a construção de abrigos antiatômicos nas principais cidades norte-americanas. Já tendo a guerra do Vietnã como sorvedouro interminável de dólares, Johnson aceita, em princípio, as teses de McNamara, mas desde que seja possível acertar com a União Soviética medidas de contenção da corrida armamentista em seu nôvo lance bilionário: os antifoguetes. O govêrno soviético já aceitou discutir essas medidas.

Acôrdo consolida a coexistência

McNamara se destaca, cada vez mais, como o dirigente norte-americano que melhor assimila as teses de que a solução para o mundo não é a "pax" norte-americana, mas uma ordem imposta de cima pelo esfôrço comum das superpotências — Estados Unidos e União Soviética — em condições de compor uma hegemonia impossível de ser desafiada. Nessa linha de pensamento está o esfôrço russo-americano para a assinatura de um tratado de contenção atômica, prejudicado por dois motivos: 1) as desconfianças de potências menores de que fica aberto o caminho para a construção de um diretório de superpotências; 2) a incapacidade dos Estados Unidos e União Soviética de superar muitas divergências básicas.

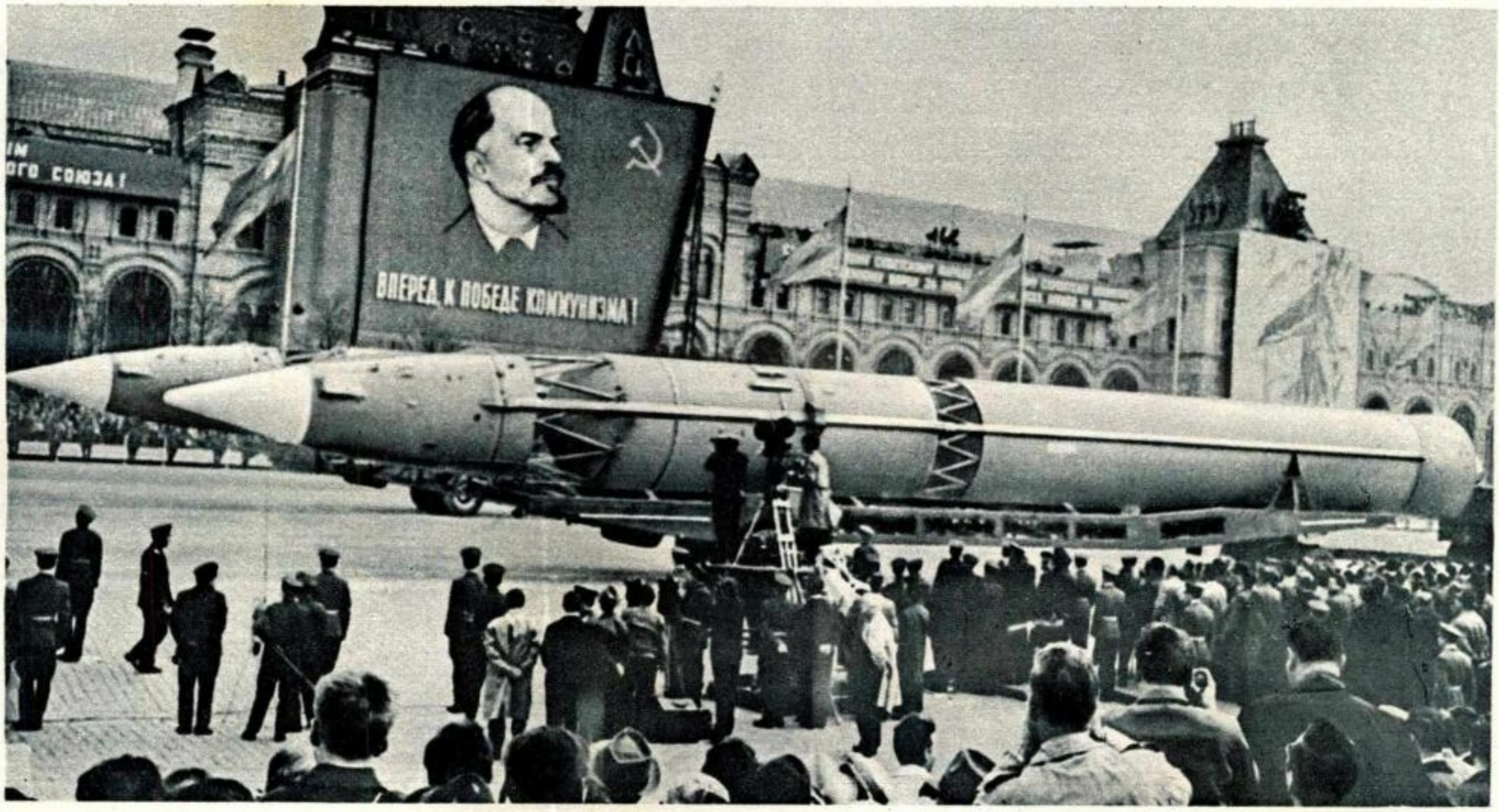
Nos Estados Unidos, essa incapacidade é agravada por um jôgo aberto de contradições. Em fins de fevereiro dêste ano, os chefes do Estado-Maior Conjunto norte-americano voltaram a insistir na necessidade de ultimar um sistema de defesa antifoguete, mostrando, uma vez mais que os militares dos Estados Unidos ainda não se libertaram do conceito de que o alvo principal é a União Soviética, isto é, de que o conflito central do mundo moderno continua sendo **capitalismo e comunismo,** em têrmos clássicos, e tendo Washington e Moscou como pólos principais.

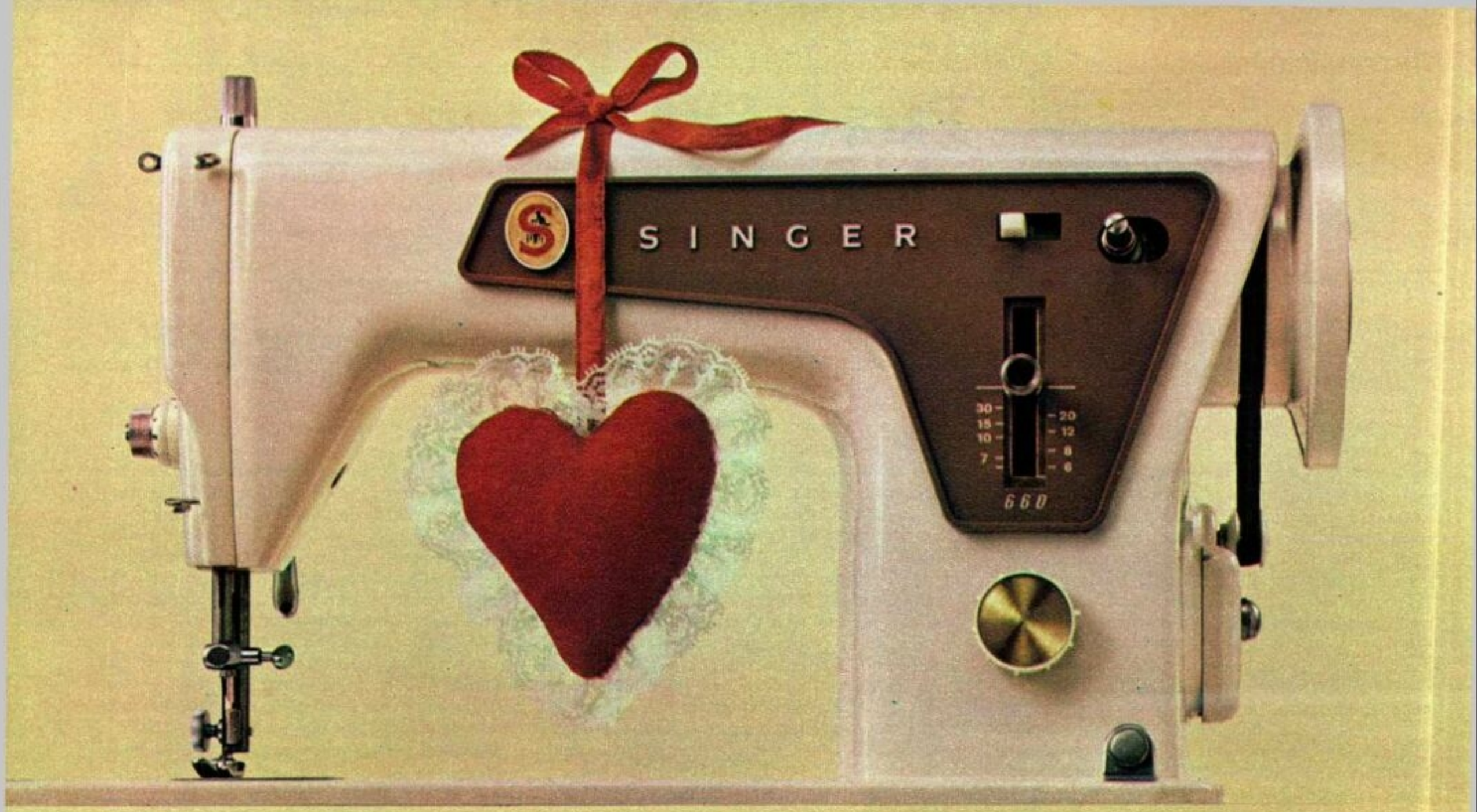
O resultado de um certo duelo entre Johnson e grupos mais radicais do Congresso e govêrno norte-americanos indica que é possível dar um "status" sólido, com projeção garantida para o futuro, à convivência entre os Estados Unidos e a União Soviética. Trata-se da ratificação, pelo Congresso americano, do acôrdo consular entre as duas superpotências.

Quando começou a sentir-se suficientemente seguro à frente do govêrno norte-americano, depois da posse imprevista em novembro de 1963, Johnson decidiu adotar medidas concretas que refletissem sua intenção de continuar a política de Kennedy, de aproximação com a União Soviética. Em junho de 1964, êle acertou os têrmos definitivos de um tratado que facilitasse o intercâmbio comercial e turístico entre os Estados Unidos e a União Soviética, por meio da multiplicação de consulados soviéticos em território norte-americano e consulados norte-americanos em território soviético. Até então, cada país só tinha um consulado no território do outro. Com receio, porém de uma derrota parlamentar, Johnson evitou que o tratado consular com a União soviética fôsse examinado pelo Congresso em 1964.

Na época, o simples endôsso do presidente norte-americano já constituía um fator importante de convivência com os soviéticos. Em 1965, o Comitê de Relações Exteriores do Senado dos Estados Unidos decidiu discutir o assunto, aprovando o tratado por 15 votos contra cinco. Mas nem em 1965 ou 1966 foi tomada qualquer iniciativa para submetê-lo a plenário. Diante do agravamento da guerra do Vietnã, sentiu Johnson que a normalização das relações consulares tornava-se questão vital para a política de coexistência com a União Soviética.

SEGUE





amor à primeira vista —para sempre:

SINGER 660 Ponto de Ouro

Singer em maio. Presente que vai direitinho para o coração. O amor é à primeira vista e continua para sempre. Amor para com a beleza e suavidade de linhas da Singer Ponto de Ouro. Amor e admiração pela facilidade com que ela permite costurar, bordar, cerzir, alinhavar. Amor e carinho pela excepcional qualidade e durabilidade da Singer Ponto de Ouro. Amor para tôda a vida.

Gabinete 486 — Singer Mesalete, em marfim ou mogno brilhante. Com motor ou com pedal escamoteável, ou ainda, ambos juntos.

Gabinete 456 — em imbuia, com acabamento brilhante. Extrema funcionalidade.

Gabinete 351, Copenhague — elegante móvel - - escrivaninha em perobinha, com banqueta da mesma madeira.

Gabinete 451 — em marfim, estilo clássico. Linhas sóbrias. Realça em qualquer ambiente.

Gabinete 404 — imbuia ou marfim. Cinco amplas gavetas para maior comodidade.

Mod. 297, Portátil — moderna e luxuosa, com base de madeira. Fácil de transportar.

Apresente êste cupom na sua Loja Singer e receba uma máquina à sua escolha para demonstração gratuita durante uma semana. RE

NOME _____

RUA _____ BAIRRO _____

CIDADE _____ ESTADO _____

Johnson malabarista: guerra na Ásia, paz na Europa

Essa normalização mostraria que os dois países poderiam entender-se em medidas bilaterais de aproximação, apesar das dificuldades criadas por uma guerra na qual Moscou e Washington estão em campos distintos. Daí a decisão do presidente norte-americano de conseguir, afinal, a plena aprovação do Congresso ao tratado firmado em 1964 pelos dois governos.

Não foi fácil, no entanto, a tarefa dos líderes parlamentares de Johnson. O Comitê de Relações Exteriores do Senado voltou a aprovar o tratado, por 15 votos contra quatro. Mas a palavra final, em plenário, só agora foi dada. Os que combatiam, em Washington, essa aprovação utilizavam, em síntese, os seguintes argumentos:

1. O tratado prevê a instalação em território norte-americano de mais oito ou dez consulados soviéticos e garante imunidade diplomática aos seus funcionários.

2. Com os novos consulados, o número de diplomatas soviéticos em serviço nos Estados Unidos aumentará em mais de 20 pessoas.

3. Tanto a multiplicação de consulados soviéticos pelo território norte-americano como o aumento do número de diplomatas dificultarão a ação do serviço de contra-espionagem dos Estados Unidos.

Um depoimento de J. Edgard Hoover, diretor do FBI, reforçou a posição dos que sustentavam tais argumentos. Mas o Departamento de Estado norte-americano anulou os efeitos do depoimento de Hoover divulgando documentos nos quais está o consentimento do FBI à assinatura do tratado, em 1964. No entanto, o conflito com tendências conservadoras já fôra estabelecido. "As duas nações mais poderosas do mundo farão um esfôrço sério para trabalhar juntas, em benefício mútuo, ou recuarão aos piores dias da guerra fria?", perguntou em editorial, antes da ratificação do tratado, o **New York Times.**

Para Walter Lippman, um dos analistas políticos mais influentes dos Estados Unidos, a luta pela ratificação do tratado consular transformou-se num teste da capacidade dos norte-americanos em melhorar suas relações com a União Soviética. Êsse teste indicou, por exemplo, que há uma forte tendência, nos Estados Unidos, favorável à tese de que é preciso continuar encarando o comunismo soviético do mesmo modo como nos primeiros anos do após-guerra. Os que se opunham ao tratado consular sustentavam, a rigor, que a União Soviética de hoje é a mesma dos tempos de Stalin. Intervindo no debate, declarou George Kennan, considerado a maior autoridade norte-americana em comunismo soviético:

— Ao apreciar o problema das relações russo-americanas, é necessário libertarmo-nos das tensões e reflexos anormais que nos impuseram as últimas décadas. Devemos aprender a pensar na União Soviética simplesmente como em outra grande potência mundial, com seus próprios interêsses e preocupações, muitas vêzes em conflito com os nossos. Não pensar, no entanto, em têrmos de uma perspectiva trágica. Já não é valida a concepção que se tinha há 20 anos do comunismo soviético.

Num discurso feito em junho de 1966, uma das principais figuras do govêrno norte-americano, Robert McNamara, secretário de Defesa, já absolvera parcialmente o comunismo, declarando:

— Mesmo que não existisse a ameaça comunista, a violência continuaria crescendo no mundo. Seria uma torpe simplificação considerar o comunismo o fator central de todos os conflitos no mundo subdesenvolvido.

A recente aprovação do tratado consular mostra que as teses de Kennan e McNamara estão ganhando terreno entre os americanos.

Comprovando isto, um inquérito de opinião pública, feito pelo Instituto Gallup, revela que os norte-americanos são hoje muito menos hostis à União Soviética do que há dez anos.

A luta pacífica, um grande passo

Os norte-americanos que defendem a política de aproximação com a União Soviética, jogam hoje com um forte trunfo: a última reunião da OTAN — Organização do Tratado do Atlântico Norte — é um marco na história das relações internacionais. No comunicado final está a decisão unânime de lutar contra "as barreiras existentes, para tornar mais livre e mais amistoso o intercâmbio entre países de sistemas sociais diferentes". Foi também estabelecido o compromisso de que continuará o esfôrço "para assegurar melhores relações com a União Soviética e os países comunistas do Leste europeu, nos campos econômico, social, político, científico e cultural".

Esta foi a primeira vez que os temas de contenção militar do comunismo não deram o tom de uma conferência da OTAN. O tom foi dado pela proposta do ministro belga Pierre Harmel, aprovada por todos, determinando a realização de estudos sôbre "as tarefas futuras da OTAN, tendo em vista a evolução política dos últimos anos". Os Estados Unidos já seguiam de perto êsse fenômeno. A decisão de Washington, de concordar em elevar o nível de suas relações diplomáticas com a Hungria e a Bulgária, traduziu acima de tudo uma mudança de atmosfera nas relações internacionais. Num discurso pronunciado em outubro de 1966, o presidente Johnson fizera a seguinte afirmação:

— Não permitiremos que divergências sôbre o Vietnã, ou qualquer outra espécie de divergência, nos impeçam de explorar tôdas as oportunidades de reconciliação com o Leste europeu.

No Departamento de Estado norte-americano, o esfôrço no sentido dessa reconciliação não se concentrava sòmente em conseguir a aprovação do tratado consular. Os estrategistas da diplomacia norte-americana lutam, também no Congresso, para conseguir a aprovação da nova lei de relações comerciais Leste-Oeste. O principal objetivo é dar a Johnson, uma autoridade flexível para usar o comércio como arma de negociações com a União Soviética e os países comunistas europeus. É o que se convencionou chamar de **luta pacífica.**

No quadro dessa luta pacífica já se inscreve um nôvo acôrdo, firmado há pouco, interditando o uso do espaço exterior e dos corpos celestes para fins militares. Quando anunciou, a 8 de dezembro de 1966, a conclusão dêsse acôrdo, Johnson disse:

— Trata-se do passo mais importante já dado no campo do desarmamento, desde a assinatura do acôrdo de 1963, proibindo os testes na atmosfera e nos oceanos.

O documento mais recente do Royal Institute of International Affairs, de Londres, prevê, como vital para os interêsses tanto soviéticos como norte-americanos, o aprofundamento da ação comum dos dois países no campo das relações internacionais. A desintegração das alianças européias, marcada especialmente pela retirada da França da OTAN e pelos movimentos de independência da Romênia dentro do Pacto de Varsóvia, leva as duas superpotências a considerar sèriamente a criação de um nôvo sistema de segurança européia. Um sistema baseado no fenômeno que pode ser definido como aliança entre os **Estados Unidos e a União Soviética** e que modificará por completo a estrutura da guerra fria na Europa: estrutura tão ultrapassada como as teses de guerra inevitável entre soviéticos e norte-americanos.

Em sua última entrevista coletiva, Johnson declarou:

— Devemos manter a mão estendida e as posições de guarda. Estas para a nossa defesa, e aquela para a paz.

Washington quer ação comum com Moscou

É como o presidente norte-americano explica uma política interpretada por muitos como de **malabarismo.** De um lado, intensifica êle a guerra na Ásia. E de outro intensifica a ação comum Estados Unidos-União Soviética.

A realidade, no entanto, é que êsse malabarismo aparente já marcou alguns pontos importantes: tratado consular, acôrdo aéreo estabelecendo uma linha direta Moscou-Nova Iorque, acôrdo de utilização pacífica do espaço, decisão de conter a proliferação das armas atômicas, crescente intercâmbio comercial e concordância em debater um convênio limitando a produção de foguetes dirigidos e antifoguetes — êstes vistos como a **arma absoluta,** contra a qual não haveria defesa possível. FIM

MENGO, TU É O MAIOR

Texto de Mílton Coelho
Fotos de Nélson Di Rago

O gol no Maracanã é um grito de duzentos mil

No Palácio da Alvorada, dona Iolanda Costa e Silva entra silenciosamente na sala em que o marido conversa com dois ministros. Êle sorri quando ela lhe dá a notícia do gol marcado a 1.200 quilômetros de distância. Quase o mesmo sorriso do sr. João Goulart, sentado na varanda de sua fazenda uruguaia entre um rádio a todo volume e a cuia de chimarrão. O sr. Café Filho, em seu apartamento de Copacabana, levanta-se feliz para tomar um refrêsco de mangaba, enquanto o marechal Eurico Gaspar Dutra decide que já pode dormir satisfeito.

No morro do Salgueiro, o pedreiro Francisco de Sousa também vibra de alegria com o pequeno rádio-transistor prêso nos dedos crispados. Duas horas atrás, êle tinha brigado com a mulher, porque ela não quis sacrificar a feira do dia seguinte para lhe dar o dinheiro da entrada no Maracanã. Mas agora êle volta ao barraco e, todo sorridente, grita ainda da porta: "Conceição, o Ademar fêz o gol". E os dois se esquecem da briga.

Assim é o Flamengo, o time de futebol de maior e mais fiel torcida em todo o mundo, um fenômeno emocional cuja interpretação desafia sociológos e psicólogos. E cujas dimensões talvez tenham sido definidas por um advogado austero — Eduardo Bergalo — num momento de exaltação flamenguista: "No Brasil de hoje não há 200 mil nada. Nem getulistas, nem udenistas, nada. Só nós do Flamengo conseguimos ser 200 mil juntos a qualquer momento, ali no Maracanã."

A côr em questão

Há quem acredite ser a combinação de côres — vermelho e prêto — a causa principal da preferência do povo pelo Flamengo. O presidente do clube, deputado federal Veiga Brito, acha inclusive que o aproveitamento dessas côres na bandeira do PTB "foi um golpe para capitalizar subliminarmente o prestígio do Flamengo".

Mas o Flamengo é o único clube rubro-negro nessa situação. Em Salvador, o Vitória não consegue a mesma popularidade do Bahia e, em Recife, o Esporte não consegue desbancar o Santa Cruz. Em São Paulo, Minas e outros Estados, nem existe clube de futebol rubro-negro de importância. E fora do Brasil também não se conhece nenhum caso.

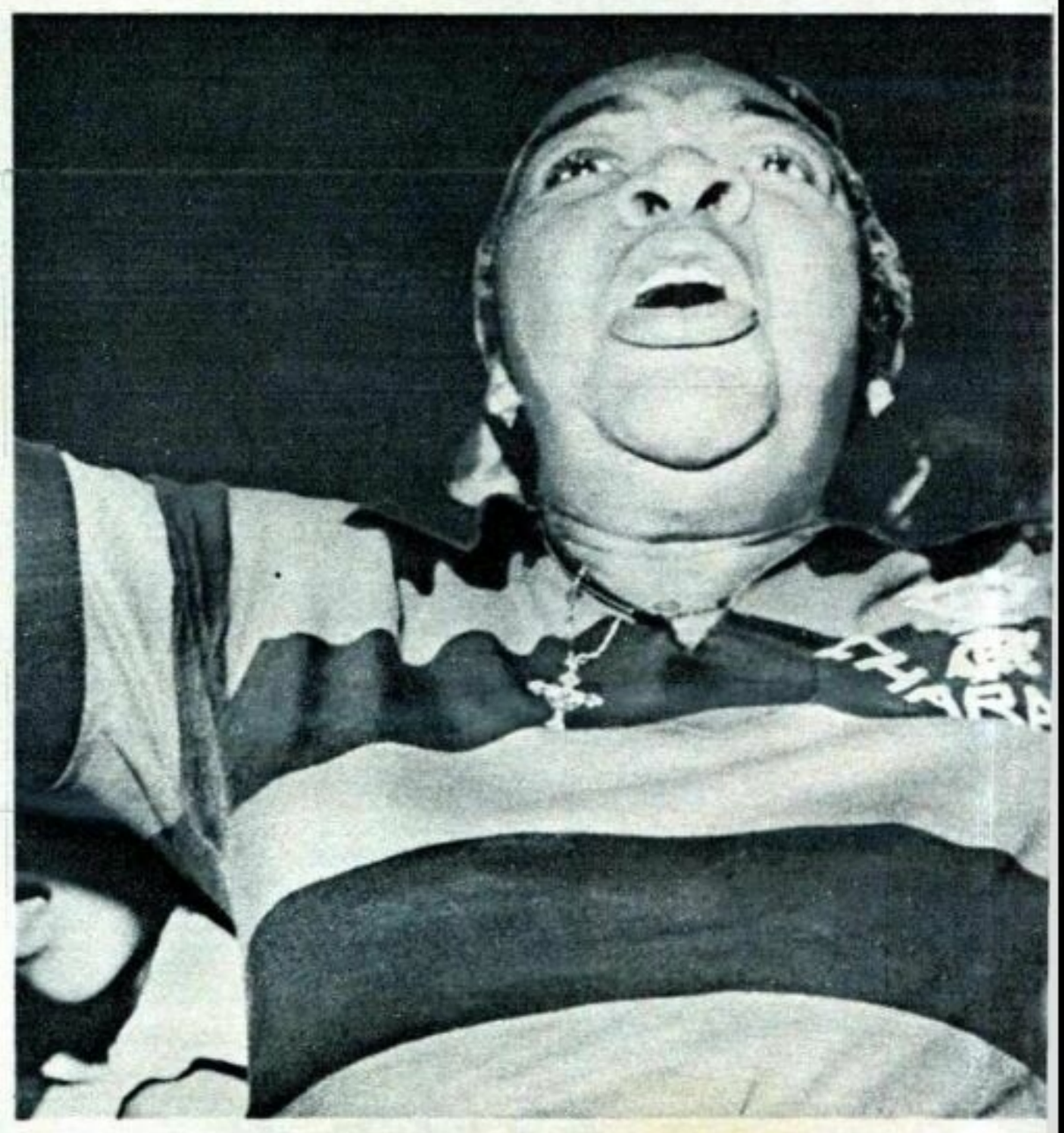
As côres podem ser, assim, um fator favorável, mas nunca decisivo. Para se explicar o fenômeno Flamengo, há razões melhores: as origens do clube, a inexistência de alternativas para o gôsto popular e a epopéia das vitórias obtidas.

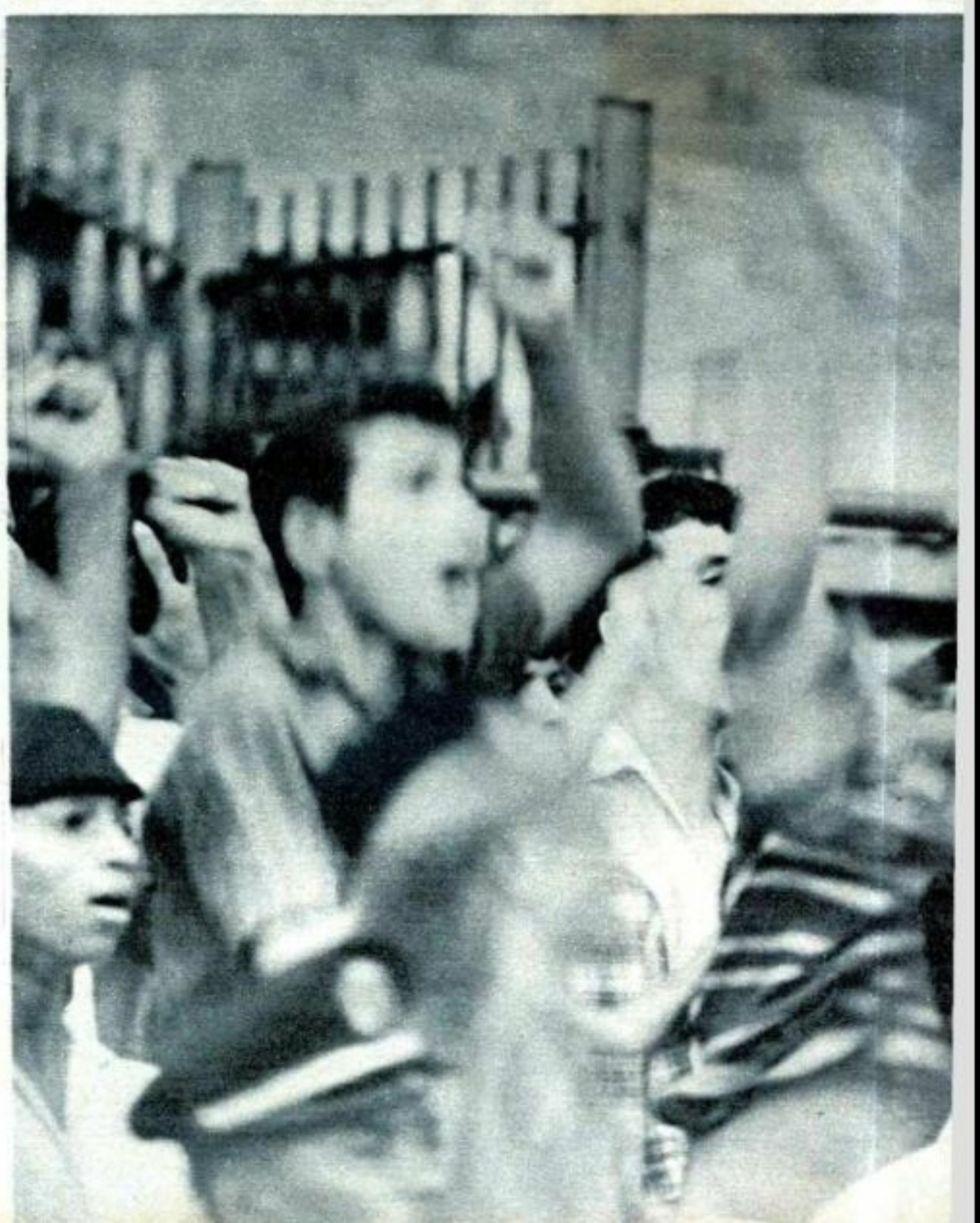
A origem republicana e boêmia

O Flamengo nasceu como clube de regatas, em novembro de 1895. O remo era, na época, o esporte mais popular. Dia de regata era dia de festa na baía de Guanabara.

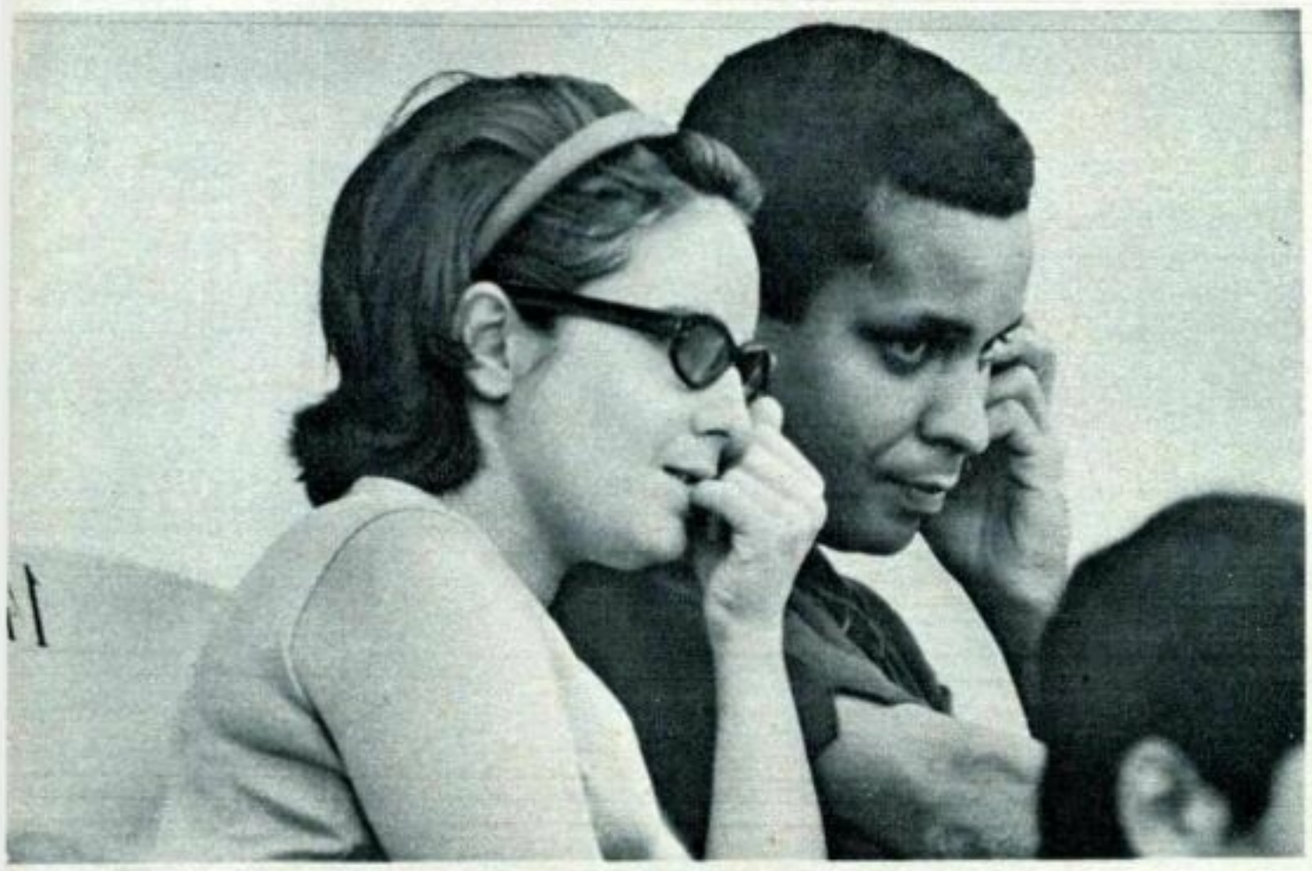
O clube foi fundado por estudantes, e a sede na praia do Flamengo era também uma república estudantil, a República Paz e Amor. Sempre que o Flamengo ganhava uma regata, a vitória era comemorada com música, chope e muita alegria. A cidade começou a simpatizar com os moços que faziam banquetes com os pavões e os jacus dos jardins do Palácio do Catete e escandalizavam as freiras do colégio vizinho ao clube trepando nus nas árvores que cobriam o muro.

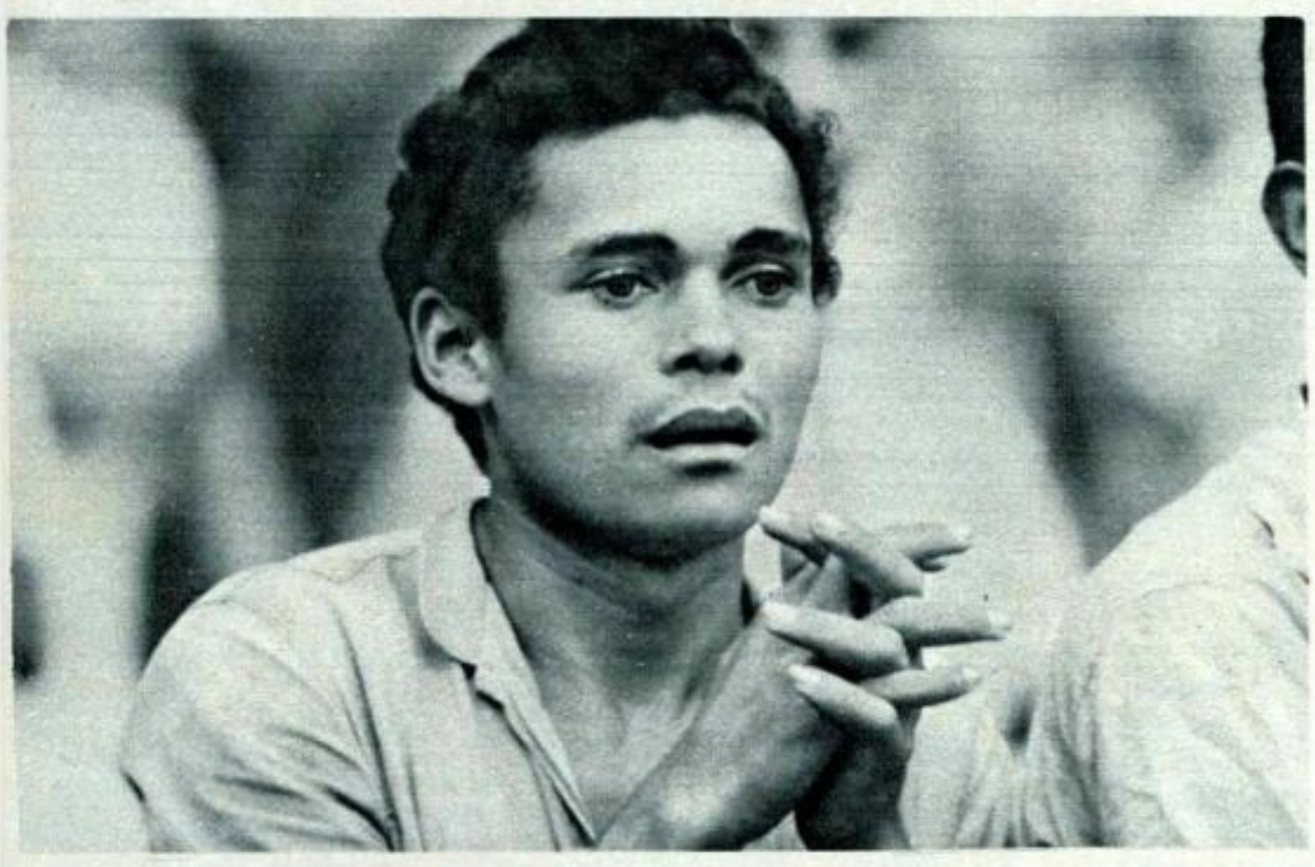
Flamengo e futebol só se encontraram em 1911. Nessa época já existia o Fluminense, time formado quase todo por filhos de famílias ricas. Alguns dêles trabalhavam na Bôlsa de Valôres, como ajudantes de corretores. SEGUE

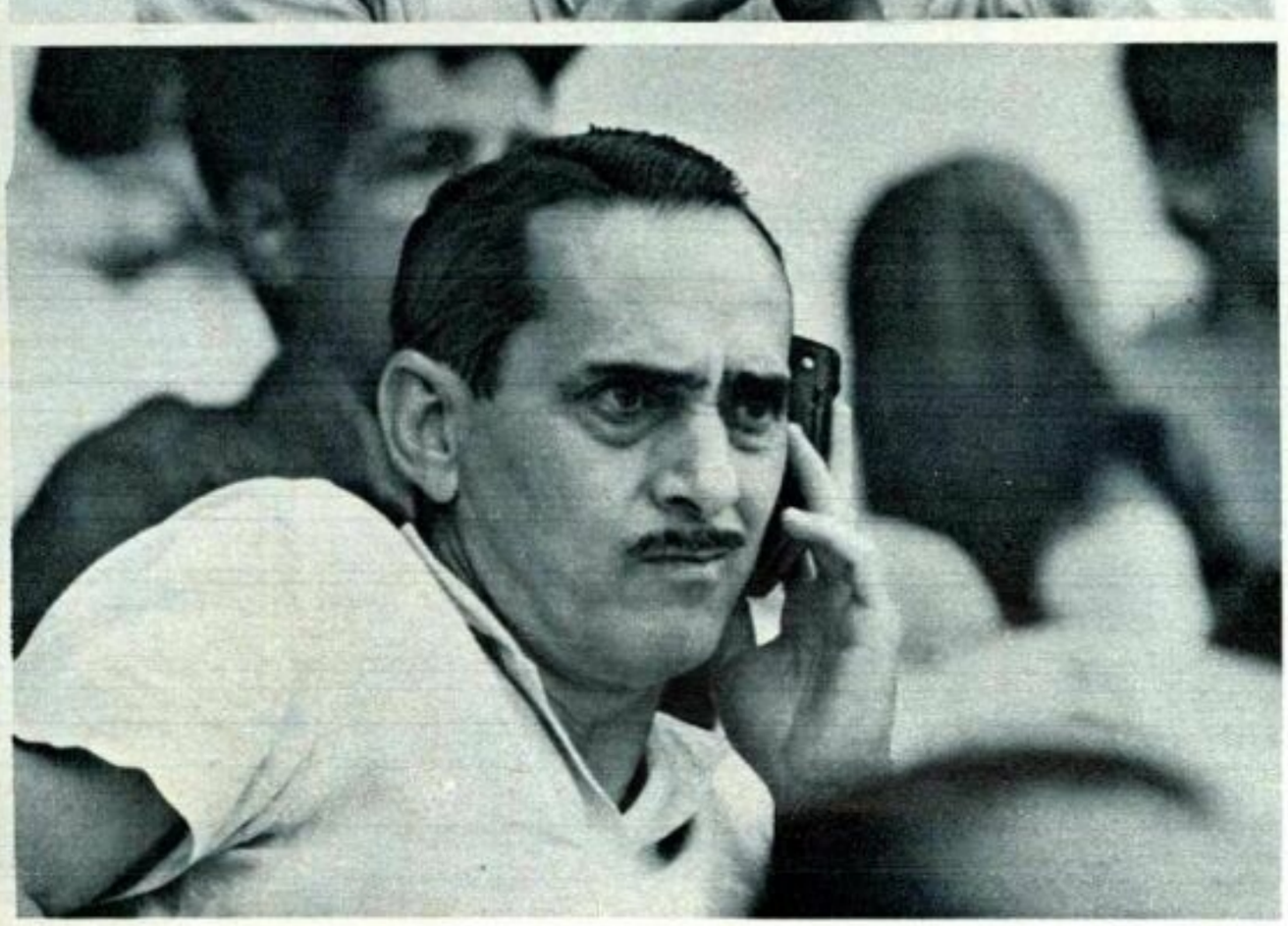




Êste velho amor não acaba porque vem do povo







Uma encrenca surgida na Bôlsa logo contaminou o Fluminense e pràticamente todo o time resolveu abandonar o clube das Laranjeiras. No comêço pensou-se em fundar um nôvo clube, mas o Flamengo estava ali pertinho e já tinha crescido bastante para tentar uma nova aventura.

Os tricolores dissidentes tornaram-se rubro-negros e, em 1912, o Flamengo disputava seu primeiro campeonato de futebol.

O time de futebol usava camisa diferente. Ao invés daquela de listras horizontais do quadro de remadores, o futebol tinha uma camisa de quadros vermelhos e pretos. Mas era horrível e cedo ganhou o apelido de **papagaio de vintém.** Para piorar, os jogadores começaram a cismar que a camisa dava azar, após os fracassos nos dois primeiros campeonatos. Passaram então a usar uma camisa de listras horizontais, mas — ainda para serem diferentes do pessoal do remo — com listras brancas também. Foi com essa camisa — apelidada de **cobra coral** — que o Flamengo conquistou o bicampeonato de 1914-15.

As listras brancas foram eliminadas quando alguém notou que a camisa do Flamengo, no futebol, tinha as côres da bandeira da Alemanha Imperial. O mundo estava em guerra, e os jogadores passaram a usar a mesma camisa dos remadores, que permanece até hoje.

A turma vinda do Fluminense manteve, durante algum tempo, os costumes trazidos das Laranjeiras. As vitórias eram comemoradas com almoços ou saraus dançantes, de colarinho e gravata. Mas as farras da garagem do remo logo os contagiou. E o Flamengo ganhou as ruas: sempre que havia algo a comemorar, todos saíam em bloco, cantando pela cidade.

Nessa época o futebol deixa de ser esporte de rico. As fotografias anteriores a 1915 mostram as arquibancadas do Fluminense apenas semi-ocupadas, mesmo em jogos internacionais, com senhoras muito bem vestidas e cavalheiros arrumadíssimos, sempre de colarinho duro e chapéu.

A **pelada** começou a ganhar os subúrbios, o futebol tornava-se ràpidamente a grande paixão esportiva do povo. Para jogar, a garotada precisava apenas de uma bola, porque terrenos vazios não faltavam em todos os bairros cariocas. E o Flamengo já oferecia uma razão a mais para a simpatia popular: seus treinos eram realizados num terreno aberto no campo do Russel. Enquanto os outros trancavam-se em seus estádios, mantendo distância do povo, no campinho improvisado junto ao Outeiro da Glória, os garotos podiam ver os craques rubro-negros quase todo dia e fazer dêles os seus ídolos.

A falta de outro amor

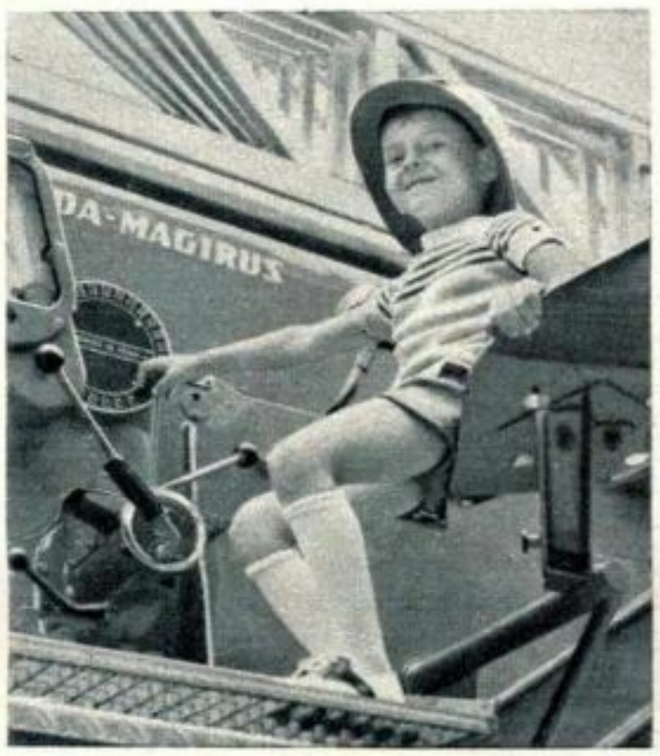
Em 1923, o Vasco da Gama também entrou no futebol, depois de ser apenas um clube de regatas durante 25 anos. E foi ganhando de todo mundo. Na penúltima rodada do campeonato, faltando apenas um jôgo — contra o Flamengo — o Vasco já era campeão.

De repente, começou a correr uma onda: "Imagine só, êsses portuguêses começaram êste ano e já dêsse jeito. Se levarem o campeonato invictos, ninguém consegue aturá-los. Só se o Flamengo..."

Flamengo tornou-se a esperança de uma cidade. Muito provàvelmente, no fundo de cada coração, ainda havia a lembrança das aulas de História. Todos se sentiam na obrigação de torcer pelo Flamengo, não para derrotar apenas o Vasco, mas para vencer Portugal.

O Flamengo fêz 3 a 0 . O Vasco reagiu, chegou aos 3 a 2. Quando marcou o gol de empate, um gol mais do que legítimo, o juiz Carlito Rocha anulou-o sem a menor cerimônia. SEGUE

"Dessa vez ninguém me pega!"



O exercicio foi bruscamente interrompido
porque salvamento para os bombeiros é um ato reflexo.
Todos correram em direção à escada. O sargento, que estava mais próximo.
em alguns saltos segurou o garoto, já lá em cima. Então, todos riram relaxando a tensão.
Levado à presença do comandante, o menino afirmou categórico:
"O senhor viu como já posso ser bombeiro?" Foi um custo convencer-lhe que ainda não.
Antes, teria que crescer, ficar um homem forte.
E para tanto, deveria, primeiro, cuidar de ter ossos fortes.
Musculatura faz-se a qualquer tempo. Mas, ossos fortes, só na infância.

Sôbre ossos débeis, não se assentam músculos rijos.

CALCIGENOL
IRRADIADO
é cálcio para uma estrutura sadia

ENGENHO & ARTE

Para ser o mais querido enganou os portuguêses

E quem não era vascaíno lhe deu absoluta razão. Onde é que já se viu o Vasco querer levar um campeonato invicto, derrotando todos os brasileiros logo no primeiro ano? E o Flamengo cresceu, no coração e subsconsciente do povo, como terapêutica do complexo colonial.

A taça que veio do poço

Setembro de 1927. **O Jornal do Brasil** lança um concurso para eleger o "clube mais querido do Brasil", oferecendo como prêmio a Taça Salutaris.

O carioca começou a recortar os cupãos publicados pelo **JB** e a acompanhar as apurações, que iriam até o último dia do ano. Até 25 de dezembro, clubes como o Vila Isabel, o Modesto, o Benfica, ainda disputavam as primeiras colocações. Daí em diante, porém, Vasco e Flamengo se distanciam dos demais.

Cada açougueiro, garrafeiro ou quitandeiro português, ao comprar jornais das freguesas, recortava cuidadosamente os cupãos e os mandava para a sede do Vasco. O Flamengo, mesmo com seus escoteiros espalhados pelos quatro cantos da cidade, pedindo jornais de porta em porta, começou a sentir que não poderia enfrentar o poderio e a organização da colônia lusitana.

No Café Rio Branco, na rua São José — quartel-general da campanha rubro-negra — um diretor flamenguista sossega os companheiros: "Não se preocupem com os portuguêses. Tratem de arranjar votos porque eu tenho um plano infalível."

No dia 30 de dezembro, a contagem acusa 93.466 para o Vasco e 53.032 para o Flamengo. Os rubro-negros têm milhares de votos guardados para entregar nos últimos minutos da apuração, no dia seguinte, 31. Mas o Vasco também deve ter muitos.

Na noite de 30 há uma reunião secreta no Café Rio Branco. Aquêle diretor otimista do Flamengo expõe o seu plano infalível, enquanto tira do bôlso vários distintivos do Vasco: "Amanhã vamos para a porta do **JB** com êstes distintivos. Vamos botar camisas de meia como os portuguêses e falar como êles. À medida em que forem trazendo votos para o Vasco, vamos dando sumiço na papelada."

Durante todo o dia 31, a porta do jornal ficou bloqueada pela turma do Café Rio Branco. Chegavam automóveis e caminhões com votos para o Vasco, e êles acorriam: "Pode deixaire, patrício, que nós lebamos os botos lá pra cima". Os portuguêses entregavam os pacotes e os votos vascaínos foram entupindo tôdas as privadas do prédio. Depois passaram a ser jogados no poço do elevador — e eram tantos, que o elevador já não alcançava o nível exato do térreo. Mas o ascensorista também era rubro-negro e, com um sorriso malicioso, avisava criteriosamente os passageiros: "cuidado com o degrau".

Na primeira semana de janeiro, o Flamengo recebeu a Taça Salutaris.

SEGUE

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Tudo nêle é exagerado.

O exagêro começa na plaquinha 1.300, na tampa do motor.

Ela poderia ser prêsa com dois parafusos. Nós a prendemos com três.

Nunca fizemos com menos o que podemos fazer com mais.

Por exemplo: será que é mesmo necessário pintar uma carroçaria três vêzes? Nós o fazemos.

E para estarmos bem seguros, pintamos uma quarta vez.

Sabe como testamos o estofamento?

Friccionamos amostras de plástico com um disco que gira 85 vêzes por minuto. Fazemos isso 1.000 vêzes. Se o plástico não se estragou depois dêsse teste, liberamos o lote.

Por isso é que v. não precisa se preocupar com o seu estofamento durante vários anos.

Outro exagêro é a chapa de aço que colocamos embaixo de cada VW.

Nenhum outro carro tem essa chapa, embora ela sirva para proteger fios, cabos de comando, tubulações etc. etc.

Proteção que nós achamos extremamente importante nas estradas ruins, onde existem pedras, água, lama e outras pequenas coisas que podem causar grandes estragos.

Mas é como dizemos: gostamos de nos prevenir.

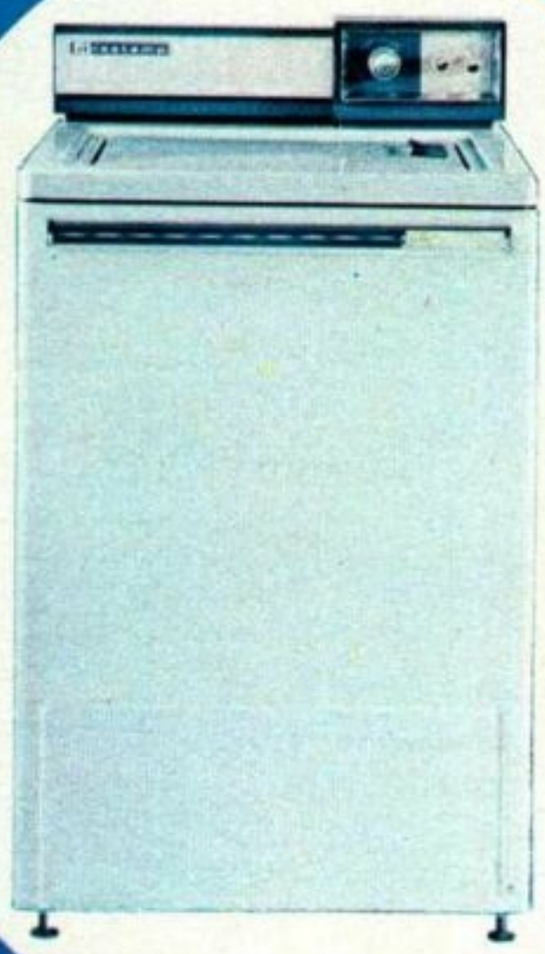
Até as barras de torção levam uma camada de pintura. Apesar de já estarem protegidas dentro de tubos.

Na verdade, até o nôvo motor que nós colocamos no VW é um exagêro: tem 10 HP a mais. E até hoje ninguém tinha sentido falta dêles.

Mas parece que todo mundo gosta dêsses exageros.

Tanto assim que estão rodando no Brasil mais de 400.000 VW.

Sem exagêro.



Qualidade e mais Qualidade

BRASTEMP

As lavadoras e secadoras BRASTEMP são produzidas no Brasil sob licença da WHIRLPOOL CORP., que vende, anualmente, nos EE.UU. mais de 2.500.000 dessas máquinas.

lavadora

- Garantia integral para o cêsto porcelanizado.
- Conjuga os dois processos consagrados como os melhores: agitação e centrifugação.
- A água e o sabão só entram em contato com superfícies porcelanizadas.
- Totalmente automática; basta colocar a roupa e girar o botão.
- Filtragem permanente de água: lava em água limpa sem que o filtro se constitua em obstáculo para a lavagem da roupa.
- Pés automàticamente niveláveis compensam qualquer irregularidade do piso.

secadora

- Seca as roupas com qualquer tempo, evitando os varais incômodos, anti-estéticos e que ocupam grande espaço.
- Secagem por insuflação de ar quente, através das roupas em movimento.
- Graças a isso, as fibras dos tecidos conservam sua tensão natural. Basta dobrar e guardar.
- Tambor projetado de forma a garantir às roupas o mais suave tratamento.
- Afofa e areja cortinas, cobertores, travesseiros, etc.
- A gás ou elétrica.
- Baixo consumo.

Brastemp
– o que há de melhor

A coisa mais gostosa do mundo é ser Flamengo

No mesmo dia, Raul Campos, o mais conhecido vascaíno da cidade, recebeu em sua loja de artigos de esporte um caprichado embrulho em papel de sêda e cordão dourado. Enquanto êle abria o pacote sôbre um dos balcões, uma pequena multidão flamenguista se juntava do outro lado da rua. Quando Raul finalmente desembrulhou o pacote, encontrou um urinol, com um pequeno cartão amarrado à asa: "Taça Salutaris para o Basco". E êle quase explodiu de raiva quando uma salva de palmas estalou na calçada fronteira.

Tôda a cidade riu com o Flamengo, que mostrava seu caráter irreverente, bem carioca.

Os trunfos negros

O Rio não tinha alternativa senão amar o Flamengo. Fluminense e Botafogo não faziam questão dêsse amor. Eram clubes de elite. O Vasco pertencia à colônia portuguêsa. O São Cristóvão era o time dos cadetes e outros militares do bairro. O América era também de portuguêses, dos alunos do Lafayette e do Colégio Militar. Todos tinham a fama de clubes fechados. Só o Flamengo não era de nenhum bairro, nem de aristocratas, nem de estrangeiros. Era de quem o quisesse amar.

Mas seria o Vasco, e não o Flamengo, o primeiro grande clube a romper com o preconceito de côr. E, fazendo isso, começou a ganhar prestígio com negros e mulatos. Com a chegada do profissionalismo, entretanto, os **cartolas** rubro-negros não conseguiram mais manter a barreira racial. O Flamengo, entre outros, contrata Leônidas, Fausto, Jarbas e Valdemar de Brito. E aí começa uma nova e decisiva fase de sua história de clube mais querido do país.

Já se nasce Flamengo

"Ninguém é Flamengo ou se torna Flamengo — diz Everardo Guilhon, cronista esportivo carioca — a gente já nasce assim. Ser rubro-negro é um estado, não é nem nunca foi uma contingência. Odeio todos os outros clubes. Não gosto do escrete brasileiro e dou gargalhadas quando o Santos perde. Acho que o Flamengo devia ganhar todos os jogos. Aliás, o Flamengo nunca perde, deixa que os inimigos ganhem..."

Oscar Maurício Azêdo faz a **Crônica da Leonor,** em **Última Hora.** No Maracanã, é um desvairado que chega a chorar de raiva quando o juiz apita contra o seu time. Em sua opinião, "talvez tenha sido a adversidade um dos fatôres do fascínio do Flamengo. Ela colocava em destaque a lealdade e a paixão de sua torcida, que chorava na derrota e fazia carnaval nas grandes vitórias. No Flamengo e em sua torcida estão refletidas as melhores virtudes do povo, sobretudo sua capacidade de amar. Lá no meio da torcida a gente se sente como uma família unida que torce unida. Na hora do gol, abraça-se um desconhecido; na derrota, encontra-se o consôlo de uma palavra amiga. É uma das coisas mais gostosas do mundo ser Flamengo."

O bom torcedor do Flamengo é capaz — como o cantor Ciro Monteiro — de achar que o melhor presente para um netinho é uma camisola de listras vermelhas e pretas. Ou de não aceitar derrota, preferindo que o jôgo termine em sururu; ou ainda queimar a camisa de um jogador, por achar que êle não se empenhou numa partida. Não lutar em campo até o último fôlego é, para a torcida rubro-negra, mais que um insulto. Ninguém se esquece daquele jôgo que o Flamengo perdeu e os torcedores acharam que Jair da Rosa Pinto — um dos maiores jogadores brasileiros — não se esforçara suficientemente. Não houve hesitação: todo o passado do craque foi esquecido e a camisa que êle vestiu foi queimada. Para completar, êle nunca mais pôde entrar no clube.

Há 30 anos, os salários dos jogadores eram baixos e o subôrno era comum. Mas o Flamengo sempre foi o clube que teve menos casos de suspeita. Conta-se até hoje a história de um jôgo, em 1944, em que a diretoria recebeu uma denúncia: o goleiro Jurandir teria recebido um bom dinheiro para **amolecer.** Como não havia provas, seria um risco substituí-lo. Assim, Jurandir entrou em campo. No primeiro minuto do jôgo, houve um centro sôbre a área do Flamengo; Quirino — o beque rubro-negro — foi cabecear, mas pegou a bola de mau jeito e ela foi indo para o cantinho da meta de Jurandir. O goleiro fêz uma das maiores defesas de sua carreira, espalmando a bola para escanteio. Um dos diretores não se conteve e berrou: "Não há dinheiro que compre essa camisa".

Pequeno por dentro

A caminho dos 72 anos de idade, o Flamengo tem hoje um patrimônio avaliado em 50 bilhões de cruzeiros velhos, mais do que qualquer outro clube brasileiro (diretores vascaínos preferem afirmar que o do Vasco é ligeiramente superior; em São Paulo o do Palmeiras vale uns 15 bilhões e o do Corínthians, 12 bilhões).

Mas a maior parte dêsse patrimônio é resultado de uma doação feita pelo presidente Dutra — o edifício da sede nova, no morro da Viúva. Porque se o Flamengo fôsse esperar pelo dinheiro dos sócios, seria o mais pobre dos grandes clubes.

Êle tem hoje perto de 18 mil sócios patrimoniais com as prestações em dia. Êsse número é ridículo perto dos 50 mil sócios do Vasco, dos 55 mil do Palmeiras ou dos 100 mil do Corínthians.

Na política interna, vale tudo. Certa vez, a luz se apagou durante uma assembléia, e desapareceu a ata. Em outra ocasião, um presidente foi acusado de "dilapidar os fundos do clube", porque autorizara um pagamento extra de 100 mil cruzeiros ao responsável pela concentração dos juvenis. Nessa época, os juvenis estavam jogando à noite, e o responsável esperava o time até meia-noite para servir um mingau aos jogadores.

Por essas e outras coisas, costuma-se dizer no Flamengo que êle é grande por fora e pequeno por dentro. Tudo isso, no entanto, faz parte do espírito rubro-negro. Se alguém entra na sede, ninguém lhe pede a carteira de sócio. E poucos clubes protegem tanto seus ídolos do passado como o Flamengo. Galo, que fêz parte do primeiro time de futebol, até hoje vai diàriamente ao clube, que é o seu mundo há mais de 50 anos. Biguá, Jaime, Luís Borracha, Aristóbulo e outros tornaram-se funcionários, alguns até sócios-proprietários.

Dom Hélder Câmara explicou uma vez por que torce pelo Flamengo:

SEGUE

"VIVA A MÚSICA"

72 gravações exclusivas! Música dansante... música romântica... música de cinema... música jovem!

"GÊNIOS DA MÚSICA"

10 peças clássicas completas! As mais aplaudidas sinfônicas e filarmônicas do mundo!

Veja que seleção! A mais completa e variada apresentada até hoje!

'VIVA A MÚSICA" 6 discos LP - 72 sucessos!

① SUCESSOS MUSICAIS

"Os Titulares do Sucesso". Arranjos: Maestro Portinho

1. Disparada 2. El Presidente 3. Vem chegando a madrugada 4. Stranger in the night 5. Merci chèrie 6. A partida 7. A banda 8. Morrer ou viver 9. Pare o casamento 10. Guantanamera 11. Mamãe passou açúcar ni mim 12. Upa neguinho.

② MÚSICA DE JUVENTUDE

"Turma Legal"

1. Esqueça 2. The more I see you 3. Yesterday 4. Pobre menina 5 California dreamin's 6. Submarino amarelo 7. See you in September 8. Meu bem 9. Call me 10. Monday, monday 11. Here, there and everyhere 12. Love me, please, love me.

③ MÚSICA DANÇANTE

"Melody Swing Hits Orchestra". Arranjos e regência: Hector Lagna Fleta

1. Fly me to the moon 2. Tijuana taxi 3. A praia 4. Spanish flea 5. O Carango 6. A taste of honey 7. Tristeza 8. Et maintenant 9. Les cornichons 10. South of the border 11. Luar de Nápoles 12. La banda borracha

④ MÚSICA BRASILEIRA

"Quinteto de Bossa e Balanço"

1. Feitiço da vila 2. Canção de não cantar 3. Formosa 4. Olé, olá 5. Meu refrão 6. Lá vem o bloco 7. Se acaso você chegasse 8. Inútil paisagem 9. A Rita 10. Carinhoso 11. O pato 12. Máscara negra.

⑤ MÚSICA DE CINEMA E TV

"Orquestra de Espetáculos". Arranjos e regência: Hector Lagna Fleta

1. Soli 2. What's new Pussycat 3. Sete homens de ouro 4. Zorba 5. Who's afraid of Virginia Wolf? 6. O dólar furado 7. Tema de Lara 8. The shadow of your smile 9. Born free 10. Il silenzio 11. Chim chim cheree 12. Theme from the monkees.

⑥ — ROMÂNTICO

"Os Românticos". Arranjos e Regência: Ciro Pereira

1. Dear heart 2. Io ti daró di piú 3. Maria 4. Una casa in cima al mondo 5. And I love her 6. Moment to moment 7. Si fa sera 8. Michelle 9. Days of wine and roses 10. Sentimental demais 11. Cominciamo ad amarci 12. Walk away.

"GÊNIOS DA MÚSICA" 6 discos LP - 10 peças completas!

① BERLIOZ - Sinfonia Fantástica op. 14. ORQUESTRA FILARMÔNICA DE BERLIM

② CHOPPIN - Concêrto para piano n.º 2 em fá menor, op. 21

LISZT - Concêrto para piano n.º 2, em lá maior ORQUESTRA FILARMÔNICA DE HAIA

③ BOCCHERINI - Concêrto para violoncelo, em si bemol maior

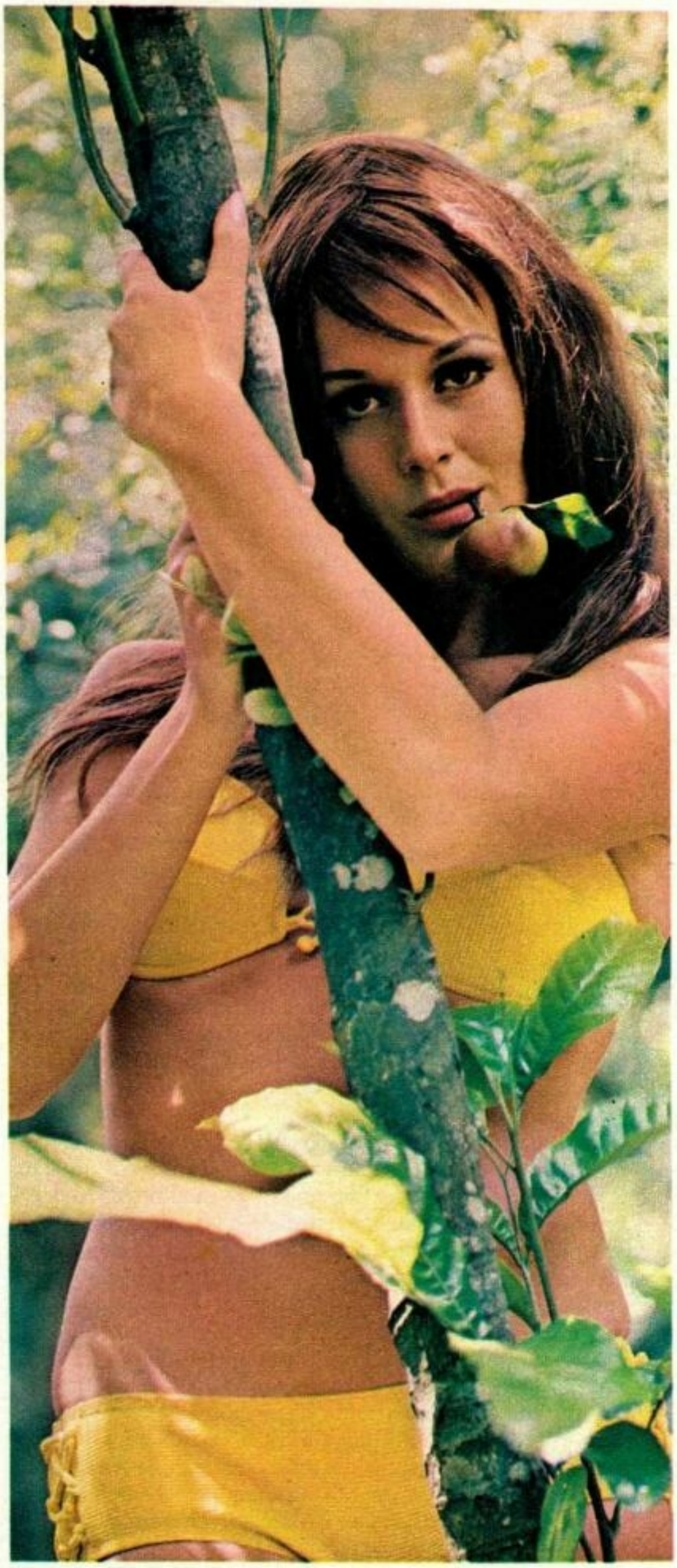
HAYDN - Concêrto para violoncelo, em ré maior, op. 101. ORQUESTRA SINFÔNICA DE VIENA

④ MOZART - Concêrto n.º 1, para flauta, em sol maior, K 313. Concêrto n.º 2 para flauta, em ré maior, K 314 ORQUESTRA SINFÔNICA DE VIENA

⑤ BEETHOVEN - Concêrto para violino, em ré maior op. 61. Romance para violino, em fá maior, n.º 2, op. 50 ORQUESTRA SINFÔNICA DE HAIA

⑥ BACH - Suite n.º 1, em dó maior, BWV 1066. Suite n.º 3, em ré maior, BWV 1068. ORQUESTRA DO CONCERTGEBOUW, AMSTERDÃ

Mais um lançamento para a sua
DISCOTECA ABRIL CULTURAL - *sempre maior e melhor!*



Flamengo até morrer

— Quem não torce pelo Flamengo, Mangueira e São Jorge, não compreende o povo.

Para João da Silva, que pega o trem das cinco tôdas as manhãs, marmita na mão, o Flamengo não é apenas a distração que a boate representa para o milionário ou o teatro para o intelectual. O Flamengo integra-o em alguma coisa; não o retira da rotina diária, simplesmente, mas lhe dá algo de que se orgulhar. Constitui uma fuga, como dizem os psicólogos. Daí por que a popularidade de um clube está na razão direta de suas vitórias. João da Silva, que sofre durante tôda a semana, quer ter alegria pelo menos de vez em quando. Se o Flamengo perde, seu sofrimento se confunde com o de uma imensa multidão e também com a esperança — ou a certeza — de que a vitória virá na próxima.

Gilberto morreu de amor

Gilberto Cardoso ficou viúvo relativamente môço e transferiu tôda a sua afeição para o Flamengo. Presidente do clube, não faltava a uma só competição, fôsse de futebol, regata ou volibol. Onde estivesse a camisa vermelha e preta, lá estava Gilberto. No final do campeonato de basquete de 1955, o Flamengo perdia por um ponto para o Sírio-Libanês, faltando nove segundos para o final da partida. Foi quando do meio da quadra o rubro-negro Godinho, em desespêro de causa, atirou a bola à cesta; ela bateu no aro e Algodão, com a ponta dos dedos, colocou-a na cesta. O coração de Gilberto não resistiu e êle morreu poucas horas depois.

Essa mesma carga emocional faz com que as fábricas de velas do Rio produzam velas vermelho-e-pretas, que são consumidas em grandes quantidades, antes e depois do jogos do Flamengo, nos altares de São Jorge e São Judas Tadeu, êste um santo que se tornou popularíssimo graças ao entusiasmo do pároco de sua igreja — padre Góis Campos — pelo clube da Gávea.

É por causa dessas coisas que ninguém estranha que o cobrador do Flamengo consiga entrar no cais do pôrto do Rio ou nos escritórios da **Light,** onde nenhum outro cobrador consegue passar. Como também é natural que o Flamengo seja o time mais cantado pelos compositores populares. Da década de 40, há um samba que diz assim: "Tirei o domingo para descansar/ não descansei/ regressei do futebol/ todo queimado de sol/ o Flamengo perdeu/ pro Botafogo/ amanhã vou trabalhar/ meu patrão é vascaíno/e de mim vai zombar".

Da época do tricampeonato 53-54-55, há êste outro: "Flamengo joga amanhã/ eu vou pra lá/ vai haver mais um baile no Maracanã/ o mais querido/ tem Rubens, Dequinha e Pavão/ eu já rezei pra São Jorge/ pro Mengo ser campeão." Existe ainda o chorinho **Flamengo,** de Jacó do Bandolim, e outros sambas e marchas falando do clube. Sem esquecer que o Flamengo é o único clube que tem dois hinos — um de Lamartine Babo (**Uma vez Flamengo, Sempre Flamengo**) e outro de Paulo Magalhães, que de tão popular chega a ser cantado em bailes carnavalescos: "Flamengo, Flamengo, tua glória é lutar/ Flamengo, Flamengo, campeão de terra e mar."

O operário, o milionário, o presidente da República, cada um dêles é um pedaço do Flamengo e todos se sentem liderados de Jaime de Carvalho, o chefe da banda rubro-negra. O mesmo Jaime que comandou a torcida brasileira na Suíça, em 1954, e a quem alguém quis fazer uma gracinha na volta da Copa, perguntando:

— Como é, Jaime, o pessoal gostaram da charanga?

Jaime olhou meio espantado e respondeu:

— Se gostaram? O pessoal endoidaram.

FIM

OBTENHA o máximo de RENDIMENTO por centimetro

Cada centímetro gasto em publicidade deve refletir no aumento de seus negócios. O espaço que o seu anúncio ocupar no jornal, deverá repercutir diretamente na velocidade da venda do seu produto. Cada centímetro gasto em publicidade no "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" é um investimento que renderá juros. O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" é um dos veículos para fomentar as suas vendas e acelerar o ritmo de seus negócios porque:

1 — O "Diário de Noticias" é o matutino MAIS LIDO DE TERÇA A SEXTA-FEIRA.

2 — O "Diário de Notícias" é o matutino MAIS LIDO NA CLASSE A.

3 — O "Diário de Notícias" é o matutino MAIS LIDO PELO PÚBLICO FEMININO.

4 — O "Diário de Notícias" é o matutino MAIS LIDO PELOS JOVENS DE 15 A 19 ANOS.

5 — O "Diário de Notícias" é o matutino MAIS LIDO PELOS HOMENS E MULHERES ENTRE 20 E 29 ANOS.

6 — O "Diário de Notícias" é o matutino MAIS LIDO PELO PÚBLICO FEMININO DA CLASSE A.

7 — O "Diário de Notícias" é o matutino MAIS LIDO PELO PÚBLICO FEMININO DE 15 a 29 ANOS que é o grupo de idade comprador por excelência.

8 — O "Diário de Notícias" é o matutino MAIS LIDO PELA CLASSE A, e B, com 74% dos seus leitores divididos entre as duas classes.

9 — O "Diário de Notícias" é o matutino DE MAIOR NÚMERO DE LEITORES POR EXEMPLAR. (3,3)

PESQUISA REALIZADA POR MARPLAN — PESQUISAS E ESTUDOS DE MERCADO LIMITADA

Diario de Noticias

RIO — Av. Almirante Barroso, 4-A
SÃO PAULO — Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 54 - 7.º and.
PÔRTO ALEGRE — Av. Alberto Bins, 362 — S/302
BELO HORIZONTE — Rua Chopin, 281 — Prado
FORTALEZA — Av. Tenente Benévolo, 1408
BRASÍLIA — Av. W, n.º 3 — Quadra 16 — C/66

pdp. propaganda

VOCÊ VAI GOSTAR AINDA MAIS DE "VIVA A MÚSICA" & "GÊNIOS DA MÚSICA"

NÔVO e espetacular lançamento
da Discoteca Abril Cultural — *sempre maior e melhor!*

ABRIL CULTURAL

Remetente: .....

Endereço: .....

Envelope Resposta
Autorização n.º 727
Portaria n.º 75
De 21 de junho de 1966
SÃO PAULO

ENVELOPE RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE ENVELOPE

O sêlo será pago por:
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO — SP

Compre d scos sem sair de casa...

82 gravações em verdadeira alta fidelidade!

"VIVA A MÚSICA"

NCr$ 33,50 à vista

preço normal de 6 LP populares = NC$ 51,00

Ganhe NCr$ 17,50

"GÊNIOS DA MÚSICA"

NCr$ 37,50 à vista

preço normal de 6 LP de música clássica = NCr$ 60,00

Ganhe NCr$ 22,50

oferta de lançamento:

As 2 coleções
(12 discos LP
82 gravações)
apenas NCr$ 66,50 à vista

Ganhe NCr$ 44,50 (17,50 + 22,50 + 4,50)

Preencha, com letra bem legível, o cartão-pedido abaixo. Recorte e dobre-o nas linhas indicadas.
Cole o envelope e remeta-nos, ainda hoje, pelo correio (não precisa selar).
Se não quiser cortar a Revista mande-nos seu pedido por carta.

DOBRE AQUI

REALIDADE

Á
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO — SP

Queiram enviar-me, com urgência, o seguinte pedido:

- ☐ Coleção "VIVA A MÚSICA", 6 LP populares:
  à vista, contra entrega = NCr$ 33,50
- ☐ Coleção "GÊNIOS DA MÚSICA", 6 LP clássicos:
  à vista, contra entrega = NCr$ 37,50
- ☐ As 2 coleções, 12 LP — (82 gravações)
  OFERTA DE LANÇAMENTO:
  à vista, contra entrega = NC$ 66,50

DOBRE AQUI

NOME .....

.....

PROFISSÃO .....

ENDERÊÇO .....
(para entrega e cobrança)

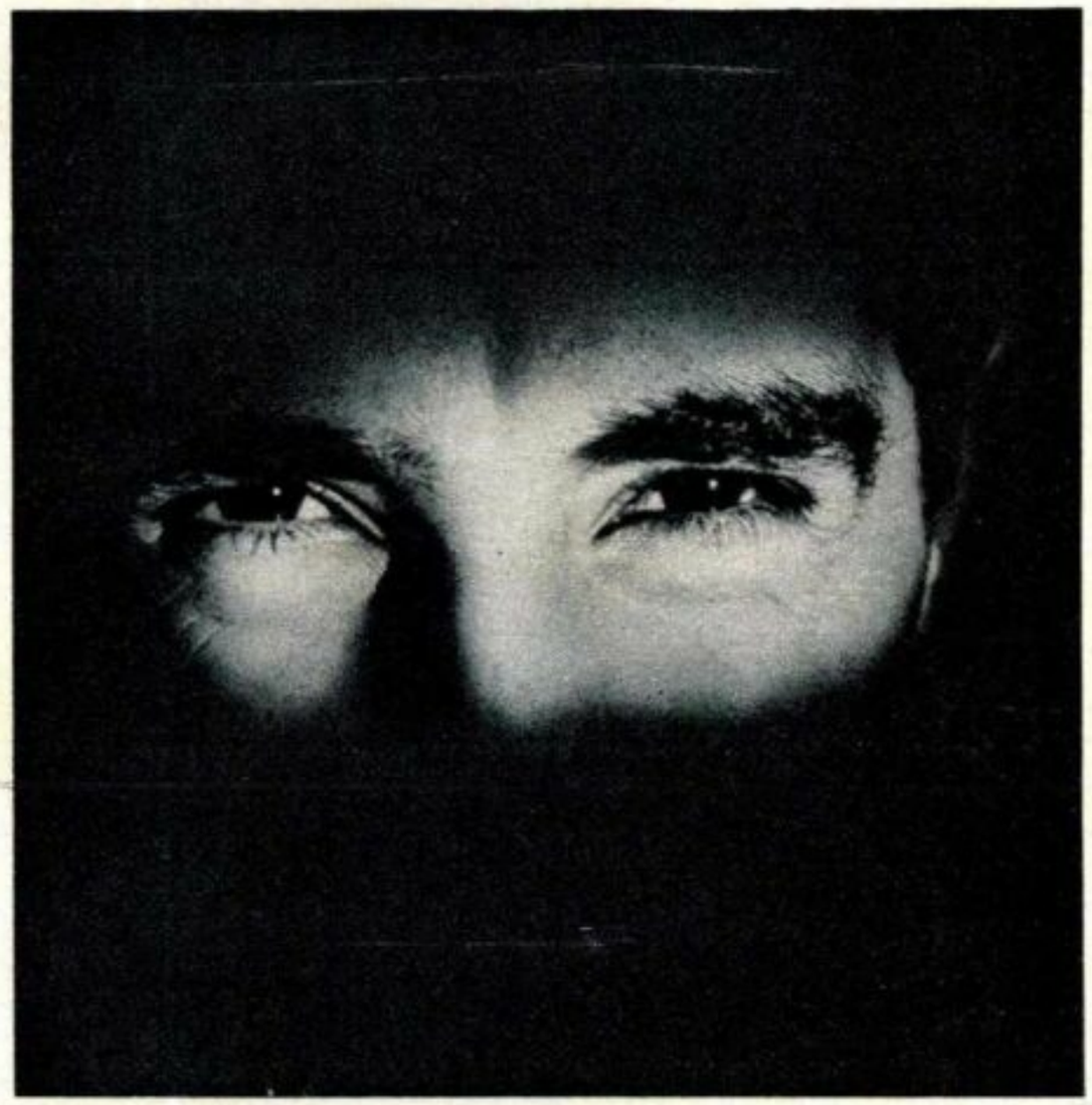
N.º ..... BAIRRO ..... FONE .....

CIDADE ..... ESTADO .....

ASSINATURA .....

DOBRE AQUI

Depto. Promoções - Editôra Abril



OLHE NOS OLHOS DE UM VICIADO.

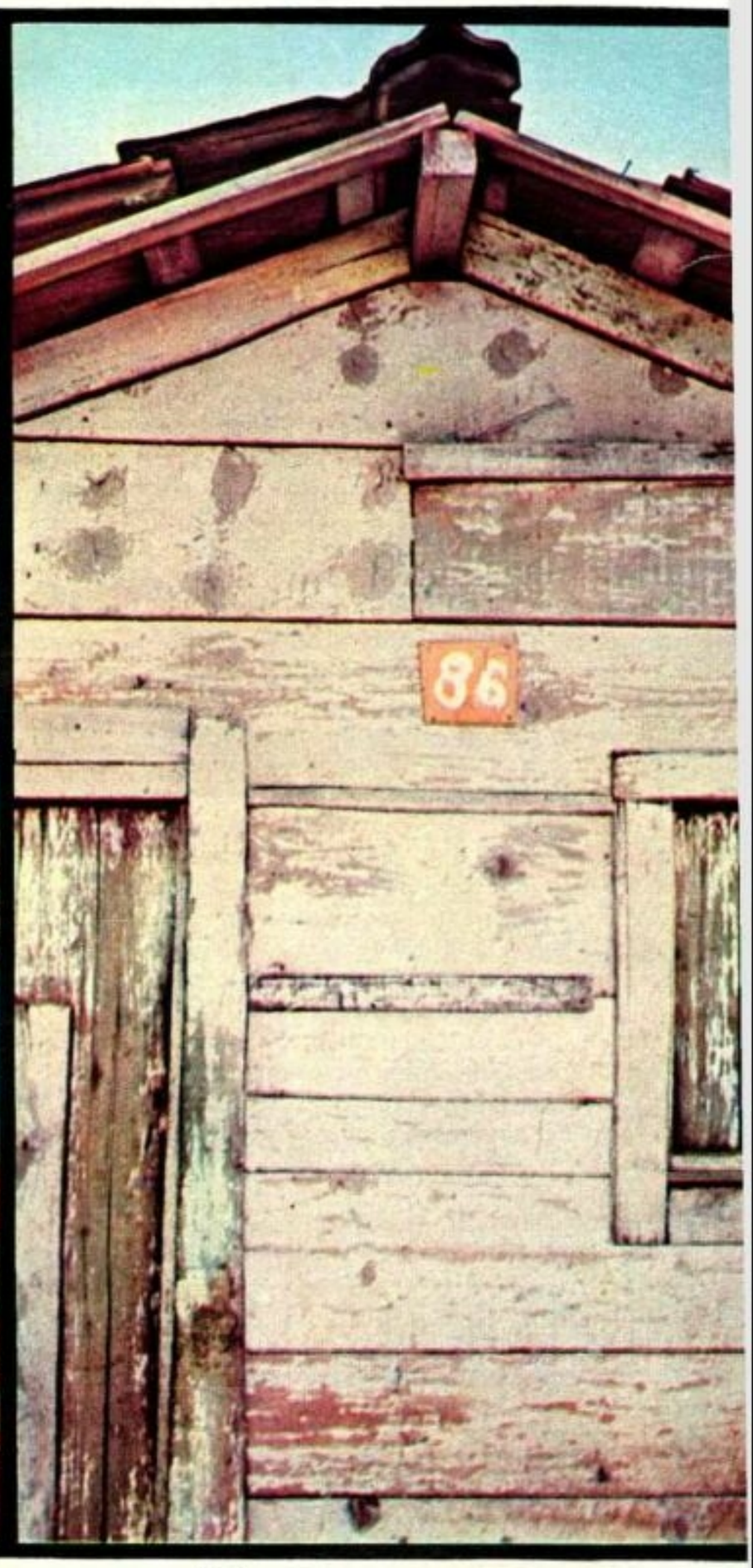
Você sente piedade, repulsa ou vontade de ajudá-lo?

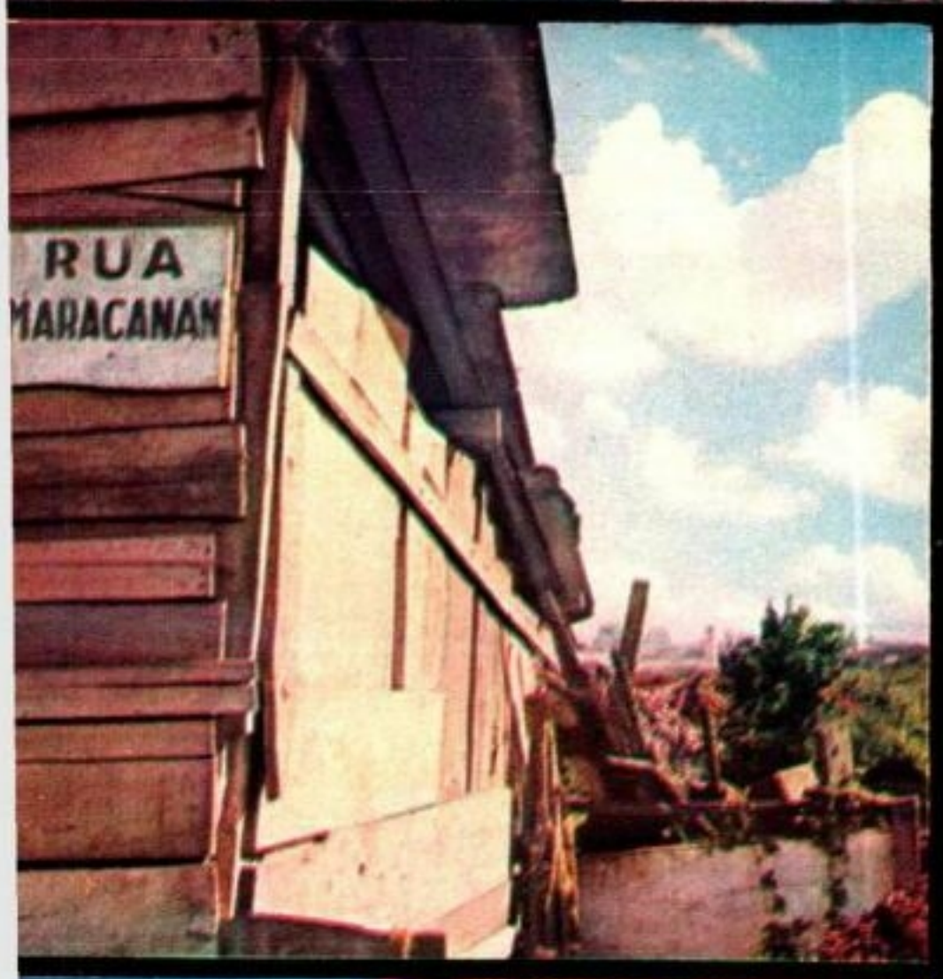
Olhos injetados e lacrimejantes; pupilas contraidas; trêmulo; sonolento; respiração lenta; nervoso; negligente com todos os princípios de higiene e decência.
Um viciado, geralmente, morre cêdo e está a um passo de roubar ou matar.
Agora que você já sabe tudo isso, saiba também que há sempre tempo de salvá-lo.
Você, por exemplo, pode ajudar um viciado.
Comece por compreendê-lo e, não, culpá-lo.

Não o repudie. Ao contrário, procure fazer com que êle ouça um conselho bom.
E, se você não tem idéia de como agir para ajudá-lo, há pessoas que podem auxiliar muito.
Ligue para um dêstes telefones:
2-6701 (Brasilia); 52-3574 (Guanabara); 52-0797 (São Paulo); 2-4052 (Pôrto Alegre); 4-4731 (Belo Horizonte); 4-3165 (Curitiba); 2-2955 (Salvador); 2-027 (Manaus); 1-1651 (Fortaleza); 4-429 (Campo Grande — MT.)

DEPTO. FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Eu não tenho onde morar, por isso moro na areia é a solução do samba, mas não resolve o problema de sete milhões de famílias brasileiras que esperam sua casa própria. O govêrno está decidido a atacar o problema e o Banco Nacional de Habitação promete realizar o sonho de todo mundo daqui dez anos. Por ora, a verdade é outra.





O BRASIL NÃO TEM ONDE MORAR

Texto de Eurico Andrade • Fotos de Roger Bester

Há um financiador que não fa ha: o sogro

HABITAÇÃO
CONTINUAÇÃO

Manuel Marques, o alfaiate mais famoso de Vila Maria, São Paulo, aos 45 anos está com todos os cabelos brancos. No último sábado de março, depois de trabalhar oito horas na mudança, estava cansado e feliz. Acabava de realizar seu maior sonho: a casa própria. Não era grande coisa — sala, cozinha, banheiro e dois quartos — para êle, a mulher e dois filhos já moços. Mas depois de pintada, até que ficou bonitinha. Agora faltava pagar 180 prestações mensais de 147 cruzeiros novos, reajustáveis de acôrdo com a inflação, e pronto: estava resolvido o problema habitacional do alfaiate Manuel Marques. Êle tem razão por sentir-se feliz e sua mulher, d. Carmem, está certa em considerar a casa própria um milagre. Nos últimos 25 anos, êle foi um dos 25 mil contemplados com o financiamento da Caixa Econômica Federal de São Paulo.

25 mil casas novas. É muito pouco. Porque o problema habitacional continua existindo para sete milhões de famílias brasileiras. E não vai acabar tão cedo, pois a solução exige muito mais dinheiro do que o país tem. O simples crescimento da população obrigaria só neste ano a construção de 550 mil casas, num gasto de mais de 6,6 bilhões de cruzeiros novos — quase o orçamento inteiro da União. No entanto, se tudo correr bem, apenas umas 200 mil famílias terão casa própria. As outras 350 mil se unirão aos sete milhões que esperam, morando em velhas casas ou apartamentos alugados, em favelas, mocambos e cortiços.

Roberto Campos, ministro do Planejamento do govêrno Castelo Branco, disse que nenhum govêrno em particular tem culpa, mas todos têm. Economistas anti-Campos preferem colocar a questão em têrmos mais amplos: o culpado de tudo isso é o nosso subdesenvolvimento. O quadro não existe só no Brasil. Já em 1961, as Nações Unidas calculavam que 67 milhões de famílias latino-americanas não tinham onde morar. Em todo caso, Roberto Campos tem uma opinião de que ninguém discorda:

— O problema habitacional brasileiro é o óbvio ululante.

E isto é um pouco do óbvio: a população favelada do Rio duplicou nos últimos dez anos, agora são mais de um milhão de cariocas morando em barracos; em Recife há 80 mil construções de alvenaria ou concreto, contra 130 mil mocambos; a capital paulista só abriga com decência metade de seus cinco milhões de habitantes (a outra metade precisaria de umas 100 mil novas casas por ano, mas recebe apenas 18 mil).

Em 1948, o govêrno piorou tudo

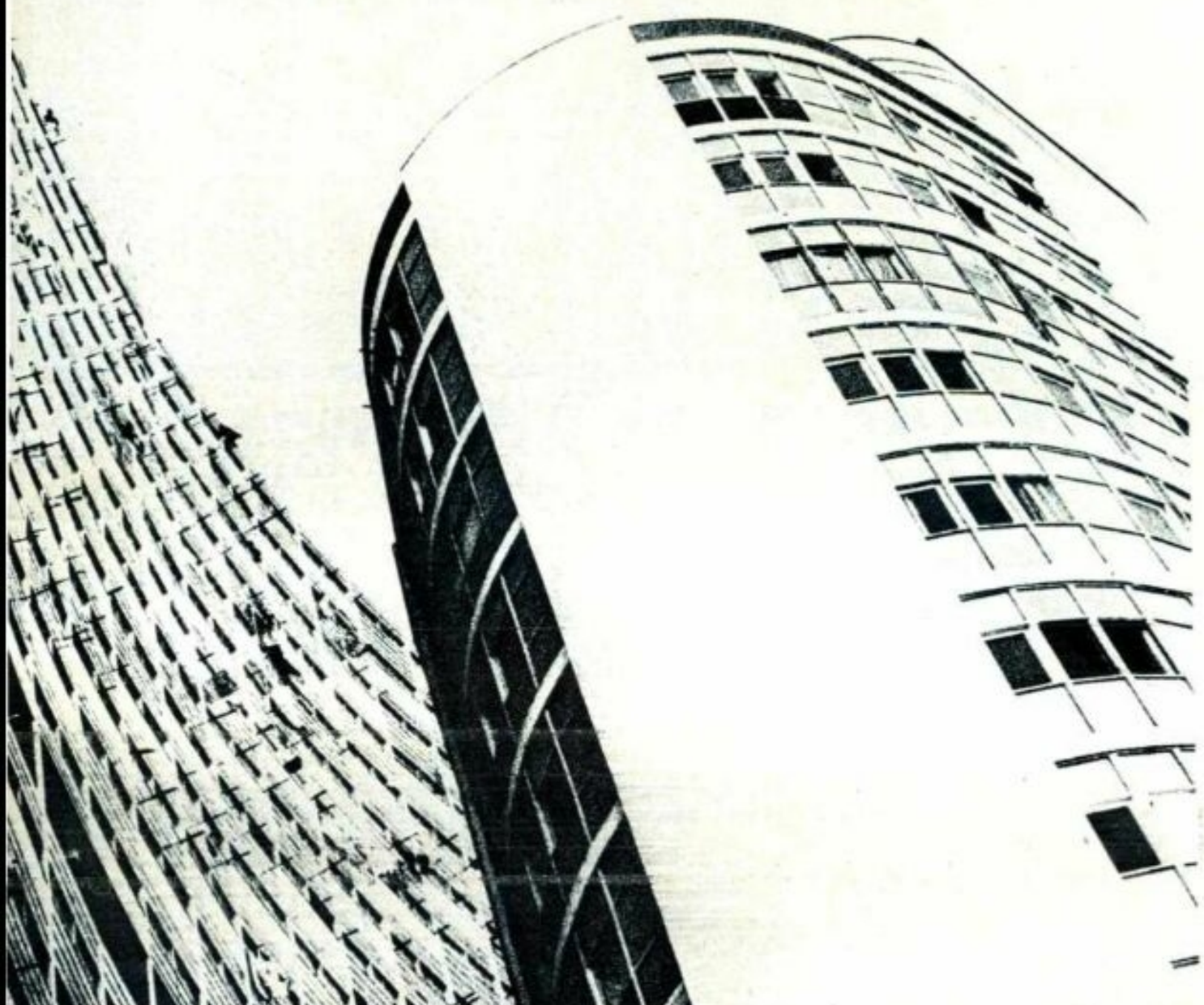
Fora o milagre, como o caso do alfaiate Manuel Marques, há poucos caminhos. O govêrno aponta o seu: o Banco Nacional de Habitação. Mas um corretor paulista, com larga experiência no assunto, indica com segurança:

— O financiador mais seguro até hoje é o sogro. Se a gente fizer uma estatística, vai encontrar o apoio dos sogros em pelo menos 30% das transações imobiliárias nas grandes cidades.

E 30% é uma participação bem maior que a do govêrno. Êste se omitiu até 1965. E às vêzes, entrava para atrapalhar, como começou a fazer a partir de 1948. Até aí, a construção de residências em todo o país ia atendendo ao mercado sem grandes problemas. Companhias seguradoras, bancos hipotecários e outras emprêsas particulares operavam com financiamentos a longos prazos, mesmo nas faixas de baixo poder aquisitivo. Uma só dessas companhias chegou a vender 40 mil casas no Rio. O único setor-problema era o dos trabalhadores rurais que iam para as cidades, cada vez em maior número, procurando emprêgo na florescente indústria nacional.

Aí chegou o govêrno, em vez de enfrentar êste problema, dificultou os empréstimos imobiliários, congelou os aluguéis (para tirar da classe média o ônus da inflação) e deixou tudo pior do que estava, desestimulando a iniciativa privada. Nos anos seguintes, já com a inflação galopando à tôda, sem rédeas, as companhias hipotecárias foram saindo do mercado. Só ficou quem não tinha mêdo de falir: as Caixas Econômicas, os Institutos de Previdência, a Fundação da Casa Popular.

Mas o trabalho destas instituições não podia ter futuro. Seus empréstimos eram um presente do céu: amortização em 20 anos, juros de 6% com uma inflação de 60% ao ano. A partir do segundo ou terceiro ano, as prestações ficavam mais baratas que a conta de luz. Ainda hoje existe gente pagando mensalmente dez mil cruzeiros velhos por um apartamento que já vale 20 milhões ou mais. Assim, todo mundo queria obter financiamento. Era uma verdadeira batalha, em que entravam compra de votos, pistolões e boas ligações com políticos. Mas as Caixas não recebiam seu dinheiro de volta. Resultado: construíram pouquíssimas casas para alguns milhares de protegidos da sorte.



Crediário para artigos supérfluos

— Isso é demagogia e paternalismo — disse o engenheiro carioca Maurício Roberto, em 1959, quando era presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, entidade que a partir daquele ano começou a denunciar os erros dessa política habitacional.

E tinha mais: êle propunha um caminho para o govêrno, num anteprojeto de lei de financiamento imobiliário, que previa a correção monetária através de juros reais e vinculação da prestação ao valor do salário-mínimo. Ou seja, o mínimo subia, a prestação também aumentava, na mesma proporção. Além disso, pedia uma ampla política de planejamento urbano, sem o que "nosso destino será a favela".

SEGUE

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

No Karmann Ghia 1.500 as paisagens vão passar um pouco mais depressa.

No seu nôvo Karmann Ghia 1.500 v. pode ficar admirando as paisagens enquanto não acelerar.

Mas em 3.ª ou em 4.ª elas já vão passar um pouquinho mais depressa.

Aproveite então para admirar um pouco o próprio Karmann Ghia.

Lembra, por exemplo, como foi rápido andar mais rápido?

Foi só o instante de v. encostar o pé no acelerador.

E como as subidas agora acabam mais depressa?

Antes de v. mudar a marcha, elas já chegaram ao fim.

Por falar nisso, lembra como faz tempo que v. não muda de marcha?

É porque cada uma delas agora tem mais fôrça, e assim v. usa menos tôdas elas.

V. vai ter bastantes coisas para admirar no nôvo Karmann Ghia.

Principalmente, se v. já teve um modêlo anterior.

O 1.500 tem tudo aquilo que já existia, e mais 16 HP no motor.

Por acaso v. é um inveterado amante da Natureza?

Nesse caso, ande um pouco menos em 3.ª e 4.ª.

Hoje só construímos 50 m'l casas por ano

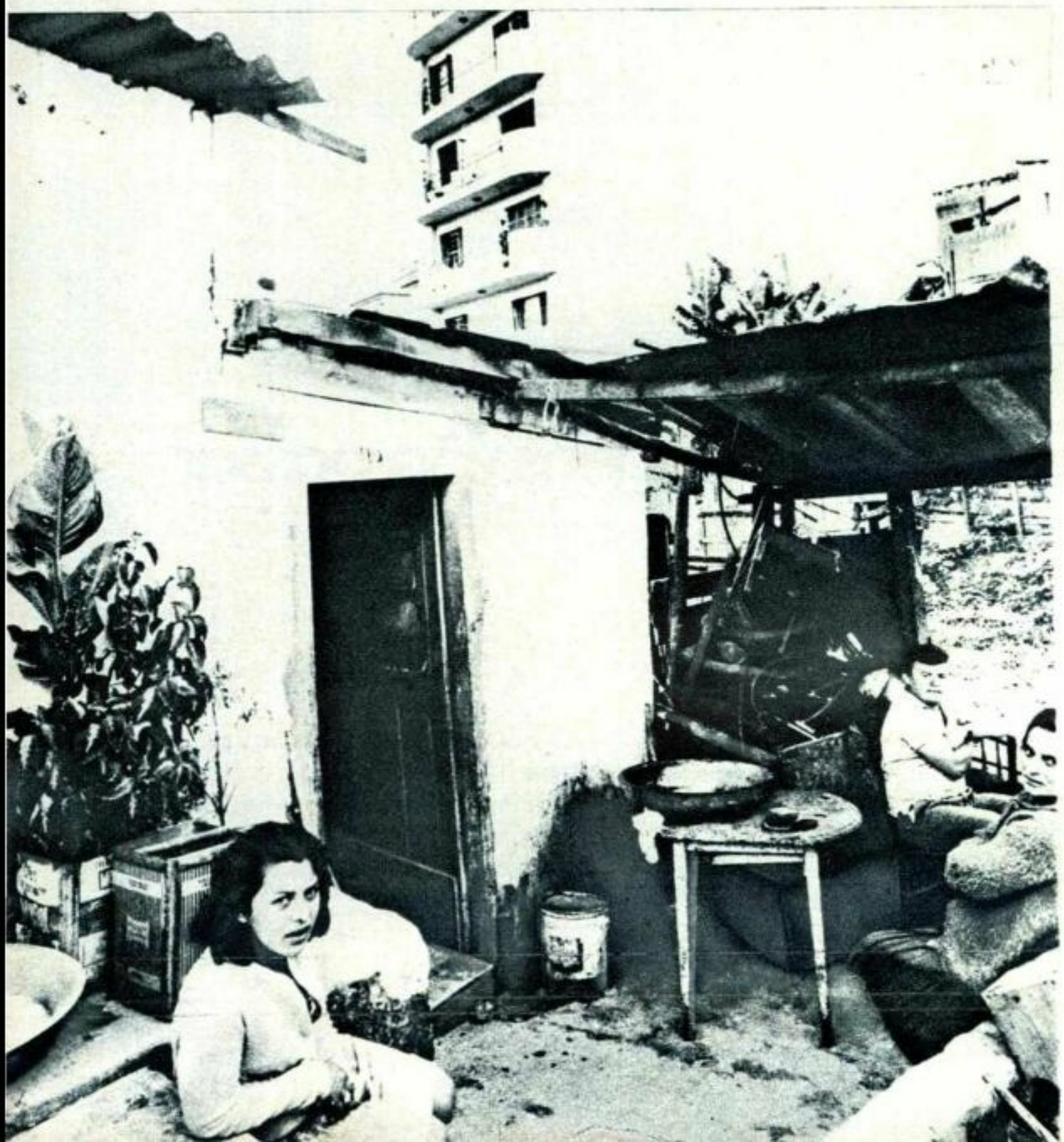
HABITAÇÃO
CONTINUAÇÃO

E o destino dessas sugestões foi o arquivo. Os arquitetos continuaram com as denúncias e as companhias imobiliárias foram procurar seus próprios meios para enfrentar a inflação.

Os meios adotados pelas imobiliárias foram drásticos: reduziram os prazos de financiamento de 20 para 3 anos; passaram a cobrar quase metade do valor do imóvel antes de entregá-lo; e ainda incluíram em seu preço um "superlucro antiinflação". O número de compradores se reduziu, os imóveis viraram especulação e o problema habitacional em nossas cidades entrou na fase da calamidade pública, segundo o mesmo Maurício Roberto, em documento publicado em 1960. Então, já não eram os trabalhadores vindos do campo, mas largos setores da população urbana que iam para as favelas, cortiços e mocambos. Com uma "compensação": o dinheiro do aluguel ou da prestação impossível serviria para a televisão, o radinho de pilha, o carnaval. E o govêrno, que tinha cortado os financiamentos imobiliários "para evitar a inflação", alimentava assim uma das formas mais espetaculares de inflação: crediário para artigos supérfluos. O sujeito mora na favela, mas com todo "confôrto": tem até barbeador elétrico.

Ricardo Atala é um corretor experimentado. Tem muitos anos de profissão e uma casa que vale 30 milhões. No último fim de semana, Ricardo deu plantão num **stand** da companhia imobiliária em que trabalha. O movimento não tinha sido bom, e o último cliente que o procurou parecia ser mais um **sapo** — sujeito que não tem dinheiro mas passa o fim de semana visitando obras. O negócio, entretanto, saiu: junto com o môço estava um senhor decidido, conhecedor do assunto, maneiroso: o sogro. E o môço passou a ser mais um dos 22 condôminos de um bonito prédio de nove andares, 18 apartamentos e quatro lojas, num bairro elegante de São Paulo. No mesmo dia, num grande jornal paulista, a imobiliária de Ricardo tinha publicado o anúncio: cada apartamento tem 102 metros quadrados, **living,** dois dormitórios, quarto de empregada, banheiro completo e cozinha espaçosa. E o preço?

Para começar, só o terreno do edifício custou 130 mil cruzeiros novos. Portanto, em média no preço de cada um dos 18 apartamentos e das quatro lojas deve entrar cêrca de 6 mil cruzeiros novos, correspondentes a uma fração do custo do terreno. A construção — até o dia 1.o de julho — está prevista em NCr$ 13.849,00. A partir daquele dia, o comprador vai pagar parcelas semestrais corrigidas, "de acôrdo com a alta geral dos preços". Além dessas duas parcelas anuais, o contrato prevê uma taxa de 5% sôbre o preço do terreno e 10% sôbre o preço da construção, "a fim de remunerar a imobiliária". A remuneração do construtor está incluída no item construção: 13% do custo total. Para sintetizar e não complicar muito: o apartamento que Ricardo Atala vendeu ficaria em NCr$ 20.099,00 se não houvesse mais inflação. E será pago em 34 meses e ficará pronto apenas quando fôr liquidada a última prestação. A entrada, já dada pelo sogro do môço, foi de NCr$ 1.719,00. As parcelas semestrais fixas serão seis, de NCr$ 910,00. As 34 prestações reajustáveis começarão em NCr$ 380,00.



— Quem vai tentar pagar as mensalidades é meu genro mesmo — explicou o senhor maneiroso, duvidando que elas permanecessem estáveis.

Ricardo explicou-lhe então que, se a inflação acabasse hoje, as prestações seriam sempre de NCr$ 380,00. Mas se, por exemplo, crescer novamente e provocar uma elevação contínua de 40% ao ano nos preços da construção, a prestação inicial irá para os NCr$ 456,00 após seis meses; NCr$ 644,00 no semestre seguinte; NCr$ 793,00 no outro. E as quatro prestações finais serão de NCr$ 952,00. O apartamento sofrerá, durante a construção, um aumento de NCr$ 7.574,00. O construtor Atala pergunta ao cliente:

— O senhor entendeu?

O homem prefere virar-se para o genro:

— Você precisa ganhar bem, meu filho. Durante êsses 34 meses terá de pagar o aluguel da casa e ainda as prestações do apartamento.

E piscando um ôlho para o corretor:

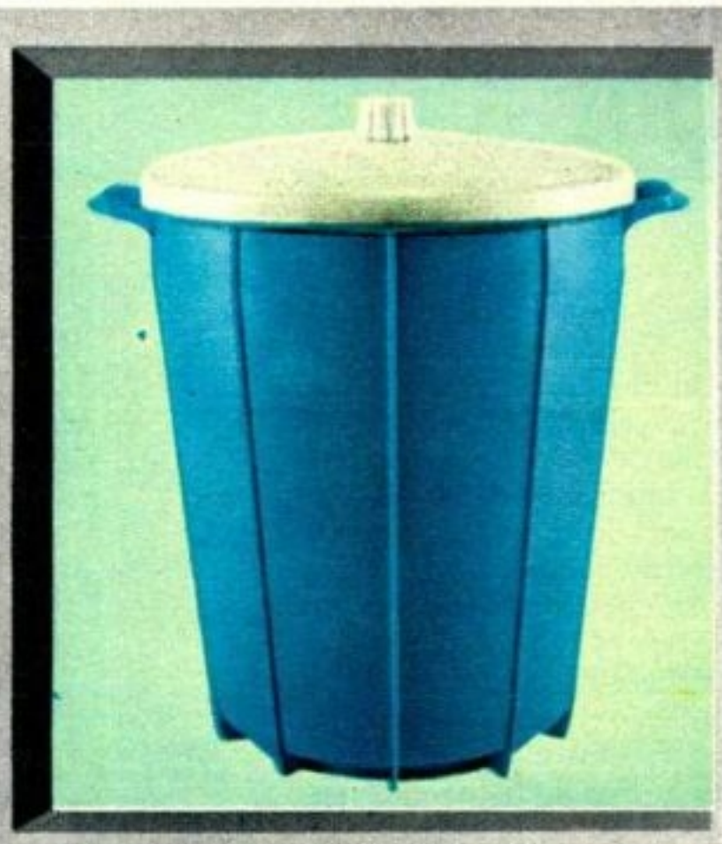
— A não ser que eu continue ajudando a pagar...

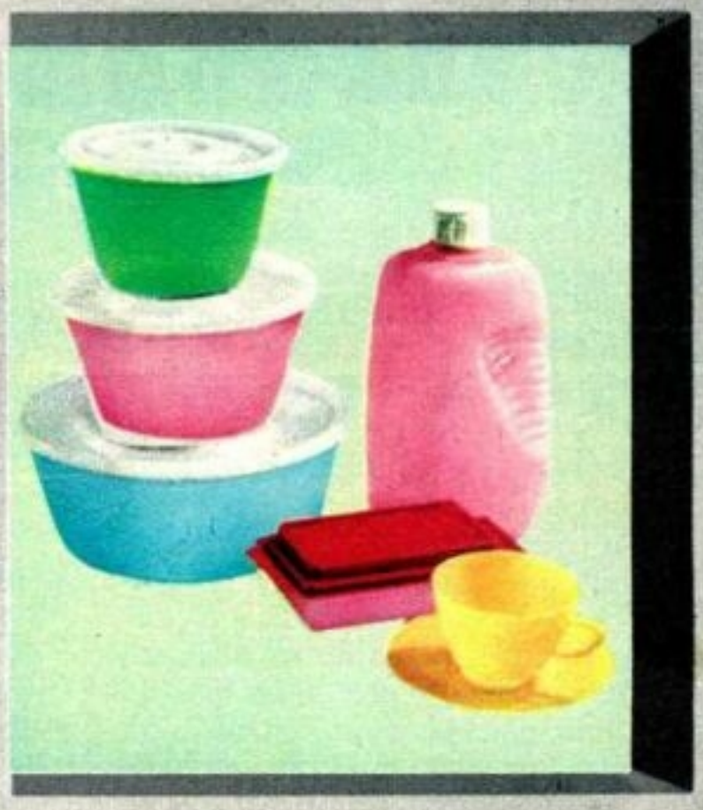
É por isso que hoje só se constroem 150 mil novas residências por ano no Brasil. Quando o ano está bom. O mercado imobiliário reduziu-se a uma pequena parcela das necessidades. Casa deixou de ser assunto popular.

Um proprietário a mais um subversivo a menos

Mas dar casas ao povo era o maior sonho de Castelo. Sobretudo porque em sua visão político-estratégica o homem que tem casa própria não quer saber de baderna. Um proprietário a mais é um subversivo a menos.

Logo após sua posse, em 1.º de maio de 1964, a Agência Nacional anunciava a decisão: prioridade para o problema da habitação popular. No dia seguinte o Ministério do Planejamento anunciava: o plano já está em elaboração. SEGUE





A linha Flex-A Carioca inclue uma variedade fabulosa de Utilidades Domésticas inquebráveis, flexiveis e de bom gôsto. Por isso representam o máximo em economia e resistência.

Exija sempre...

UTILIDADES DOMÉSTICAS

FLEX-A
Carioca

FLEX-A
Carioca

é utilidade para tôda a vida!

086

Êste ano o BNH terá dois b˚ hões por dia

HABITAÇÃO
CONTINUAÇÃO

Dias depois os jornais diziam: Castelo recebeu o Plano de Habitação e o enviou ao Congresso. No dia 21 de agôsto de 64 o plano era lei. Estava fundado o Banco Nacional de Habitação.

Logo em seguida começavam as críticas: economistas, arquitetos e políticos acusavam o govêrno de preocupar-se apenas com o aspecto financeiro do problema. Fundamentalmente, diziam que habitação se resolve com desenvolvimento econômico, mais poder aquisitivo do povo, amplo planejamento urbano para as cidades, eliminação do atraso na agricultura. O atual diretor da Carteira de Habitação da Caixa Econômica Federal de São Paulo, Armando Veiga Castelo, tem esta opinião:

— Não se pode resolver o problema de modo isolado e estanque, destacando-o do resto da economia nacional. A solução definitiva, a curto, médio e longo prazo, só virá com o desenvolvimento.

O carioca Maurício Roberto, em nome da classe dos arquitetos, voltou a criticar o govêrno, usando mais ou menos os mesmos argumentos:

— Êles partem do particular para o geral. É uma aberração.

Mas o govêrno queria dar casas com urgência às camadas humildes. E achava que da classe média para cima tudo se resolveria com a liberação dos aluguéis, decretada contra a gritaria geral.

Uma grande crise na construção civil mostrou que alguma coisa estava mesmo errada no plano. O govêrno mexeu nos aspectos legais do Banco Nacional de Habitação, mas não conseguiu nada. Num só dia, 29 de novembro de 1965, a lei inicial foi modificada três vêzes, e a crise continuava. As construções estavam paralisadas em todo o país. Não havia solução.

D. Sandra Cavalcanti, primeiro presidente do BNH, tinha prometido acabar com a falta de habitações em quatro anos, mas naqueles dias, fins de 1965, estava pessimista. Apareceram escândalos nas cooperativas criadas pelo Banco. Construtores particulares acusavam-na de incompetente. Arquitetos diziam que a política de habitação simplesmente não existia. A meta ambiciosa do govêrno impopularizou-se.

O marechal decidiu-se: mandou d. Sandra embora e mudou a lei do BNH. Agora, os recursos vêm do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, que êste ano colocará nas mãos do Banco Nacional de Habitação dois bilhões de cruzeiros velhos por dia. E hoje o Banco tem muito mais dinheiro que no tempo de d. Sandra.

Plano brasileiro recomendado para a América

No tempo de d. Sandra, o BNH tentou repetir em escala nacional o que ela própria fizera na Guanabara, durante o govêrno Lacerda: criar vilas de casas baratas para os favelados. Foi o caso da Vila Kennedy, que deu protesto de Zé Kéti — "daqui do morro eu não saio não!" — incêndio em favela e a briga entre d. Sandra e o Instituto dos Arquitetos do Brasil.

A política de d. Sandra era apoiada pela Aliança para o Progresso, que a financiava, mas era combatida sempre por engenheiros, arquitetos, economistas, sociólogos e políticos. As críticas choviam:

— Construir vilas em bairros distantes é solução errada, porque não leva em conta o planejamento da cidade. Carregar favelados à fôrça para 30 quilômetros do seu local de trabalho, sem oferecer transporte, é crime. Essas vilas são guetos para isolar as populações pobres.

Técnicos anti-sandristas, desta vez, faziam críticas apontando soluções baseadas em experiências concretas: um plano realizado por arquitetos pernambucanos no govêrno Arrais. Com sua cassação, o projeto foi suspenso, embora um Congresso de Habitação celebrado no México em 1963 o recomendasse para tôda a América Latina. Funciona assim: o govêrno urbaniza uma área de terreno, instala escolas, luz, saneamento, e cria cooperativas de produção e pequenos estabelecimentos, que dêem trabalho a todos os moradores da nova comunidade. Depois, êles próprios constroem suas casas. O govêrno financia apenas os materiais, utilizando recursos locais e baratos. O financiamento é descontado na produção das cooperativas e as casas são construídas por todos, em mutirão. Dêsse modo, cada um constrói mais ou menos livremente, de acôrdo com suas possibilidades e necessidades. Os arquitetos e engenheiros do govêrno se limitam a orientá-los. Com isso, o custo das habitações é bem, mas bem menor, que o custo segundo a solução clássica. Por fim, levantadas as casas, o govêrno cuida da instrução, trabalho, transporte e integração social.

A própria Aliança para o Progresso chegou recentemente a uma conclusão bem mais próxima da opinião dos arquitetos do que das vilas de d. Sandra: "Chegou a hora de reconsiderar a tese que a construção intensiva de casas baratas é a melhor solução para os problemas habitacionais urbanos da América Latina".

SEGUE

8

Mr. Simpson-Walles surpreendeu-se ao encontrar pisos Paviflex no Brasil. Só que se enganou no nome.

Em lugar de Paviflex, Mr. Simpson-Walles disse "Marleyflex", que é o nome dado na Inglaterra para o mesmo produto. Mas depois pensou melhor e acrescentou: "afinal, não há motivo para surprêsa. O Brasil possui uma das arquiteturas mais avançadas do mundo e nada mais natural, portanto, que venha adotando também os materiais mais modernos. Marleyflex, perdão, Paviflex, é piso de hoje em dia. Colorido, prático e fácil de conservar, amortece ruídos e isola frio e calor. Lógico que aqui, como em todo o mundo, esteja substituindo cada vez mais os pisos convencionais".

garantido pela FADEMAC
Fábrica de Materiais de Construção S/A.

piso vinyl-asbestos
PAVIFLEX

SÃO PAULO: AVENIDA SÃO LUÍS, 86 - 5.º ANDAR - CONJUNTO 52 - TELEFONE: 32-9046 - RIO DE JANEIRO: RUA SÃO CRISTOVÃO, 769 - TELEFONE: 28-8617

O Banco divide a população em três fa˙xas

Em primeiro lugar, o preço das chamadas casas baratas não é suficientemente baixo para atingir o nível de renda dos grupos mais desesperadamente necessitados. Certamente, não se deve abandonar a construção de casas baratas, mas isto precisa ser conjugado com extensos programas novos para promover urgentes melhoramentos nas condições de vida em favelas e outras áreas de habitação inadequadas."

D. Sandra foi demitida e não teve chance de provar se tinha razão. Mas com sua saída tôdas as brigas contra o BNH acabaram. O govêrno voltou ao otimismo e muita gente foi envolvida por essa "euforia habitacional". Savelli, diretor da Urbanizadora Continental (SP), um dos maiores construtores particulares do país, acha que desta vez o BNH acertou. O próprio Maurício Roberto parou de criticar e parece ter muita confiança na diretoria do Banco, atualmente presidido pelo engenheiro-civil Mário Trindade. No Rio, como em São Paulo, as grandes companhias de financiamento estão apostando tudo no sucesso do Banco. Cêrca de 80 mil operários já aguardam suas casas, através de inscrições em cooperativas organizadas pelos sindicatos. O presidente do BNH informa com a frieza de um empresário particular:

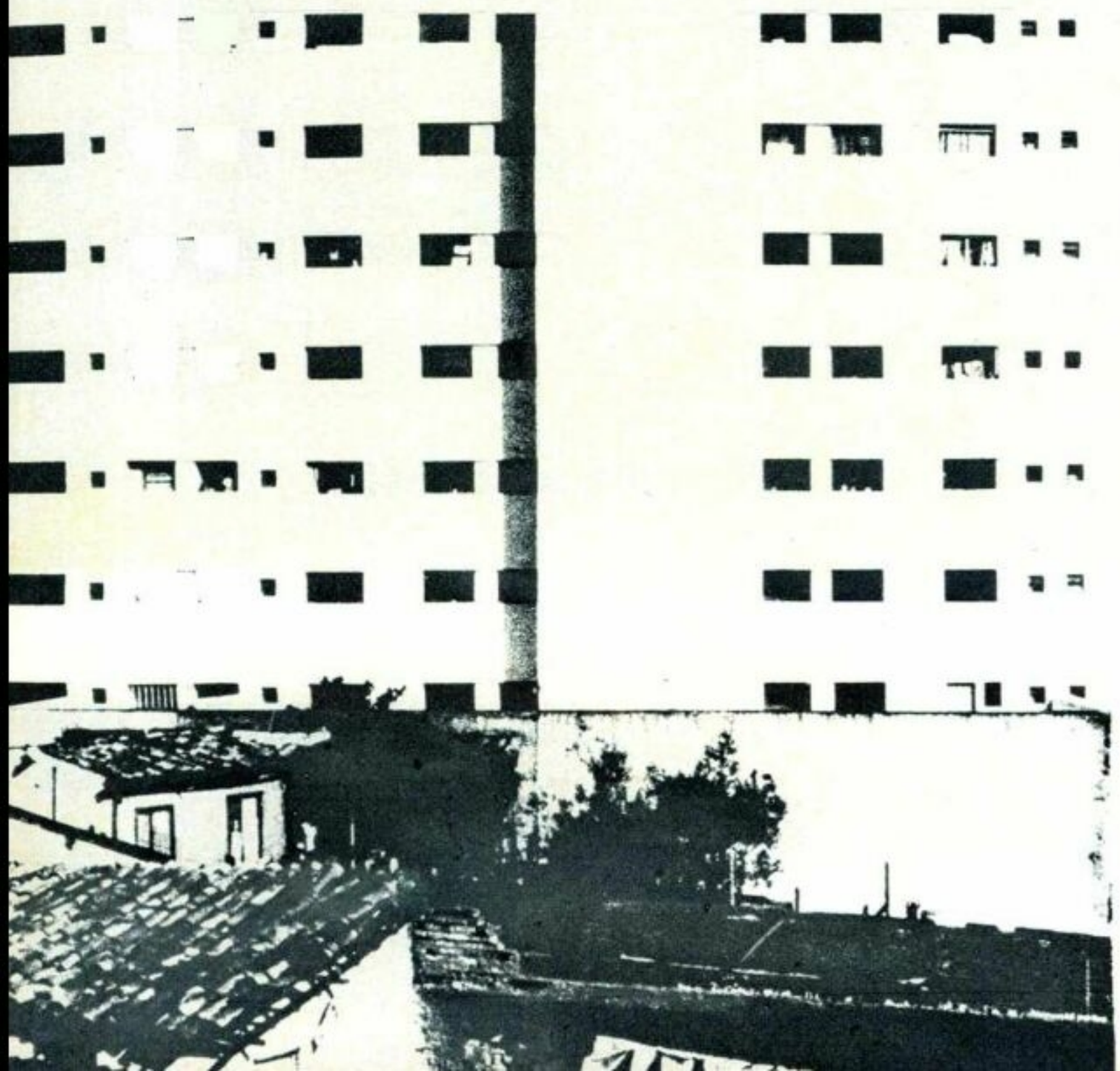
— Até fevereiro passado, o Banco tinha 93.607 residências construídas, em construção, ou contratadas. Êste ano, esperamos entregar 170 mil novas casas. O dinheiro para isto já está em caixa: 1 bilhão e 350 milhões de cruzeiros novos.

E Savelli, o construtor particular da Urbanizadora Continental, dá as suas informações com tanta euforia, que parece presidente de uma instituição oficial:

— No ano passado construímos 700 residências em São Paulo. Agora, vamos erguer uma verdadeira cidade na divisa da Capital com o município de Osasco: seis mil casas para classe média, com escolas, lojas, áreas verdes — uma cidade com perto de 30.000 habitantes. A área — um milhão de metros quadrados — foi comprada ao Frigorífico Wilson, o que nos custou 180 telegramas urgentes enviados aos Estados Unidos. O projeto está pronto, aprovado pelas duas prefeituras, e representa 120 milhões de cruzeiros novos. Vamos vender as casas depois de prontas, com financiamento de 85% em 10 anos, a juros de 10% ao ano. Estamos fazendo uma revolução no mercado de imóveis.

Os recursos para o projeto vêm da venda de letras imobiliárias, que o povo compra com mais velocidade do que as Obrigações Reajustáveis do Tesouro. O BNH apóia e auxilia.

Mário Trindade, o presidente do Banco Nacional de Habitação, é um entendido em seguro, com passagem pela COSIPA, Cia. de Seguros Lowndes e serviço público. Não pára, agora, em lugar nenhum: percorre todo o país, quer criar outra mentalidade em matéria de construção civil. Enquanto isso, o diretor-financeiro, Luís Eduardo de Oliveira, cuida do dinheiro como se fôsse um gerente de banco particular: e os arquitetos, engenheiros e economistas estudam, projetam, racionalizam os custos, propõem novas técnicas. Aos poucos, o BNH vai se preparando para executar seu Plano Nacional de Habitação, com base na ferramenta principal que a lei lhe deu: a correção monetária.



Todos podem ter sua casa

O esquema do BNH divide a população em três faixas de poder aquisitivo. O operário Pedro Tenório, morador num barraco alugado na zona Norte do Rio, está na primeira faixa, que inclui os candidatos com renda inferior a dois salários-mínimos. Se Pedro Tenório quiser obter casa própria, tem que saber essa receita: o Banco criou cooperativas habitacionais, com o apoio de prefeituras e governos estaduais. A cooperativa — COHAB —, de alguma maneira, ganha o terreno, recebe o projeto que pretende executar do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo e leva-o ao Banco, onde obtém o financiamento. Pedro Tenório precisa inscrever-se na COHAB, para candidatar-se a uma casinha de 30 metros quadrados, com sala, quarto, cozinha e banheiro, que êle vai pagar em 20 ou 25 anos, sujeito à correção monetária, juros de 4 a 6% ao ano. Se o operário Pedro Tenório fôr aprovado amanhã, provàvelmente passará a pagar a prestação média atualmente: NCr$ 40,00. Quando o salário-mínimo subir, Tenório passará a pagar, 60 dias depois, uma prestação aumentada na mesma proporção. Se Pedro Tenório fôr habilidoso, poderá construir mais um quartinho: o terreno dá.

Na segunda faixa, o Banco coloca as famílias com renda mensal entre dois e cinco salários-minimos. O bancário Alípio Fernandes, que mora com a mulher e dois filhos num pequeno apartamento de subúrbio em São Paulo, e ganha NCr$ 500,00 por mês, pode candidatar-se. Sua receita começa no sindicato. Ou num clube, ou em qualquer associação que tenha criado uma cooperativa assessorada pelo BNH. O caminho desta é o mesmo: obter um terreno, o projeto das casas e o financiamento do Banco. Só que a casa do bancário Alípio será maior: poderá ter até três quartos e área de até 70 metros quadrados. Em compensação, Alípio tem de pagar uma entrada de 15% sôbre o valor da casa, o que êle pode fazer em prestações também, enquanto espera a hora de receber a chave. A mensalidade média nessa faixa é a mesma: cêrca de NCr$ 40,00. Recebida a casa, Alípio terá de pagar o saldo em 8 ou 15 anos, a juros de 6 ou 8%, prestações sempre sujeitas a correção monetária, igualmente segundo as variações do salário-minímo.

SEGUE

Temos muita experiência atrás de nós, diz o Volkswagen com seu motor traseiro.

Temos muita experiência na nossa frente, diz o DKW com seu motor dianteiro.

Na nossa frente, pois o motor do DKW é na frente. E não apenas o motor, mas também o diferencial. E as rodas de tração.

V. nota o que significa motor dianteiro e tração nas rodas dianteiras, principalmente nas curvas, estradas em condições precárias ou com mau tempo.

Se raciocinarmos em têrmos de anos, a Vemag, com seu DKW, também tem muita experiência atrás de si. A tração nas rodas dianteiras do DKW já existe há 36 anos. E só existe há tanto tempo, porque tem dado bons resultados durante todos êsses anos.

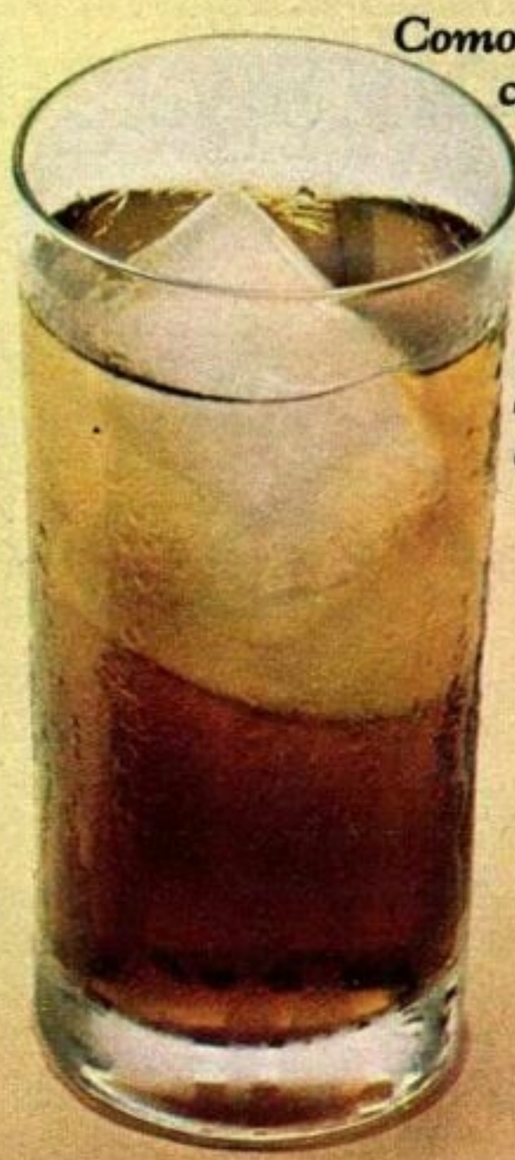
O mesmo acontece com o seu motor de 2 tempos: tem apenas 7 peças móveis. Por tudo isso o DKW é tão seguro. E econômico no uso e na manutenção. E tem garantia de 6 meses ou 10.000 km.

Como já dissemos, na frente, motor e diferencial. O que mais ainda temos pela frente?

Um futuro promissor.

Os copos variam, mas todo mundo concorda que St. Raphaël é um ótimo aperitivo ✻

Êste é o copo para quem gosta de tomar puro (toma-se bem gelado com uma casquinha de limão).



Como "long drink" com gêlo, soda e algumas gôtas de suco de limão (há quem prefira St. Raphaël a uísque).

"On the Rocks" em copos médios, redondos ou não (com alguns cubos de gêlo e uma casca de limão ou laranja).

É impróprio beber da garrafa. Mas é de bom-tom tê-la sempre à mão para servir aos amigos.

St Raphaël L'APÉRITIF DE FRANCE

✻ Aperitivo. Mas também pode ser tomado longe das refeições

PRODUZIDO POR MARTINI & ROSSI S.A., MEDIANTE LICENÇA E SOB SUPERVISÃO DIRETA DE SOCIETÉ ST. RAPHAËL. 8 RUE DU PARK-ROYAL – PARIS, 3.o

O govêrno precisa encontrar outras saídas

HABITAÇÃO
CONTINUAÇÃO

O publicitário Álvaro Tomé ganha dois milhões de cruzeiros por mês e mora numa boa casa de bairro em São Paulo, alugada por 400 mil cruzeiros. Mas o sonho da casa própria não lhe sai da cabeça. Êle está incluído na terceira faixa, que atende candidatos com renda até 20 salários-mínimos. Álvaro Tomé pode pretender uma casa no valor de até 500 salários-mínimos (hoje, cêrca de 50 milhões de cruzeiros velhos); ou de até 400 salários-mínimos para as operações com as Caixas. Nesta faixa, o BNH não financia sòzinho: conta com a venda das letras imobiliárias e trabalha com a iniciativa privada.

O melhor caminho para Álvaro Tomé seria êste último: a iniciativa privada. Na capital paulista, 700 casas já foram entregues por êsse sistema. Um primo de sua mulher mesmo, acabou de comprar um sobradinho por 20 milhões de cruzeiros velhos, dando 4 milhões de entrada. Tem 60 metros quadrados de área construída, numa rua pavimentada, com água, luz, galeria pluvial e tudo. Embaixo há sala, cozinha, banheiro e quintalzinho nos fundos; em cima, dois dormitórios, banheiro e pequeno vestíbulo, no fim da escada. Taco no chão e eucatex no fôrro. Mas há casas menores, de até NCr$ 8.800,00, com 20% de entrada, também parcelada em 90 dias. Depois de receber as chaves, paga-se o resto em 10 anos, juros de 10%, pela Tabela Price. A prestação era no comêço de NCr$ 79,30. Nessa faixa, a correção baseia-se nos índices das Obrigações Reajustáveis do Tesouro, com acréscimos trimestrais. Assim, aquela prestação de NCr$ 79,30 já passou agora a NCr$ 120,00. E irá subindo cada três meses até acabar a inflação. Ou acabar a dívida.

Álvaro Tomé, entretanto, antigo correntista da Caixa Econômica Federal, preferiu recorrer a ela: sua casa sairá mais fàcilmente. Deixou um saldo depositado de NCr$ 100 e inscreveu-se no primeiro dos três planos da Caixa, o mais rápido, porque exige uma entrada de 20%. Pelo segundo plano, êle deveria depositar o correspondente à entrada durante seis meses, numa conta a prazo fixo, com correção monetária. O terceiro plano dá um prazo mais longo, para pagar e para receber a casa também. As Caixas Estaduais, Institutos e outras entidades trabalham igualmente entrosados com o BNH, que os financia. A vantagem de Álvaro Tomé é ter-se inscrito na Caixa Econômica Federal, onde as 18 prestações iniciais são fixas, sem correção monetária. Só existe uma desvantagem para Tomé: muita gente tem conta lá há mais de 20 anos e entrou na fila. Assim, em São Paulo, são 17.400 pessoas esperando a vez. No ano passado, já com a ajuda do Banco, só 1.200 foram atendidas. E o número de inscrição de Tomé — 8.714 — não é muito baixo.

As letras imobiliárias, cuja venda financia a construção dessas casas, são atualmente os melhores **papéis** do mercado financeiro nacional: juros de 10% ao ano, mais correção monetária igual à das Obrigações Reajustáveis, isenção total sôbre o impôsto de renda, fora outras vantagens. As companhias de financiamento credenciadas pelo BNH — as Sociedades de Crédito Imobiliário — vendem as letras e financiam as construtoras. E as construtoras devolvem o financiamento ao passar o contrato de venda do imóvel. Com base no contrato, as Sociedades de Crédito Imobiliário lançam mais letras, que erguem novas construções. O BNH controla a emissão dessas letras e o Banco Central fiscaliza.

A correção monetária é a arma de defesa de todos contra a inflação. O esquema está em fase de arrancada. Até o fim do ano, o presidente do Banco, Mário Trindade, diz que quer ver nos jornais anúncios diários de venda de casas prontas financiadas a longo prazo. Para estimular ainda mais o sistema, o BNH lançará o mercado de hipotecas: a hipoteca de uma casa será negociada com a mesma facilidade de uma duplicata. Para o BNH o ideal está perto. É o dia em que uma pessoa possa chegar ao gerente de seu banco e obter o financiamento de uma casa na hora. O banco particular redescontará o contrato junto ao BNH ou seus agentes. Isto só depende da aprovação do Conselho Monetário Nacional.

Inflação ainda dá muito mêdo

Mas a verdadeira aprovação ao BNH, a mais séria, ainda não foi dada inteiramente. É a das classes médias em relação à correção monetária. Nas camadas populares quase não há queixa, porque o operário se agarra firme a qualquer chance de ter casa própria. "Depois, se não puder pagar, azar. Eu nunca tive casa mesmo", pensa êle. Mas a classe média está anestesiada por anos e anos de política paternalista, congelamento de aluguéis, lucros especulativos, pistolões. E não quer saber muito dêsse negócio de pagar o preço real. Mário Trindade explica estas coisas e acrescenta: no ano passado, a correção monetária nos aluguéis foi de 75%; nas prestações da casa própria foi de apenas 39% — o índice das Obrigações Reajustáveis.

— Êsse é o único jeito de dar casas ao Brasil — salienta êle.

Os vendedores de casas argumentam:

— Ora, existe correção monetária no próprio pagamento de uma TV, ou na entrada para o jôgo de futebol.

O corretor de ações insiste:

— Mas a correção favorece o povo. É êle que se beneficia quando compra letras imobiliárias. Com a correção, ficam salvos da inflação.

No entanto, para muitos economistas, o mêdo da classe média tem suas razões: ninguém acredita no fim da inflação. Dizem êles:

— Depois de três anos de sacrifícios em nome da luta antiinflacionária, ela está aí firme — 39% de correção no ano passado. E se o govêrno bobear, ela vai aos 50% logo. E o que acontece a uma casa de NCr$ 20.000,00, sujeita à correção monetária de 50% ao ano, em dez anos? Fica em NCr$ 770.000,00. O comprador, pela Tabela Price, não precisará amortizar tudo, porque terá dado menos nas prestações iniciais, mas sempre pagará 70% NCr$ 539.000.00. É ou não é para ter mêdo?

E mais mêdo ainda terá quem analisar melhor e observar que no ano passado os reajustamentos salariais foram concedidos na base de 25 a 30%. Inferior, portanto, aos 39% da correção. Mantida essa diferença entre salário e correção, um assalariado, dentro de alguns anos, nem poderá acabar de pagar a casa que comprou e que já está habitando há tempos. Desfazer-se dela é um pesadêlo: o aluguel que êle pagava antigamente estará reajustadíssimo, e resta-lhe o caminho do mini-apartamento, se tiver sorte.

Daí o cuidado para as vendas com correção. Uma possibilidade destas provoca efeito psicológico negativo, capaz de abalar o prestígio conseguido pelo BNH.

Na última vez que estêve em São Paulo, o presidente do Banco ficou sabendo de um caso assim. O môço comprou a casinha de seus sonhos, plantou flôres no jardim, fêz amizade na rua, integrou-se no bairro — era um homem feliz. Mas as prestações começaram a subir, cada três meses. De NCr$ 80,00 iniciais iriam a 180 ao fim de dois anos, de acôrdo com as previsões oficiais. E cada vez que êle ia ao cartório, registrar no contrato a nova prestação, pagava NCr$ 15,00. Chegou depois a conta do impôsto predial, com aumento. Precisou mudar umas telhas, gastou mais um pouco. Quando a instalação elétrica também deu defeito, o rapaz perdeu a calma: ameaçou entregar a casa porque não prestava. Dava curto-circuito em tôda parte. Mas exigia um lucro à vista de NCr$ 4.000,00 para desocupá-la. Mário Trindade sorriu ao saber do caso:

— É, correção monetária dá choque até nas paredes. Mas o lucro que o rapaz pediu para desocupar a casa prova apenas que nossa batalha está ganha.

Enfim, se a correção monetária — arma principal do BNH para aplicar seu plano de Habitação Nacional — se vira contra o povo, cabe ao govêrno encontrar saídas. O alfaiate de Vila Maria, que começa esta história, tem a sua solução:

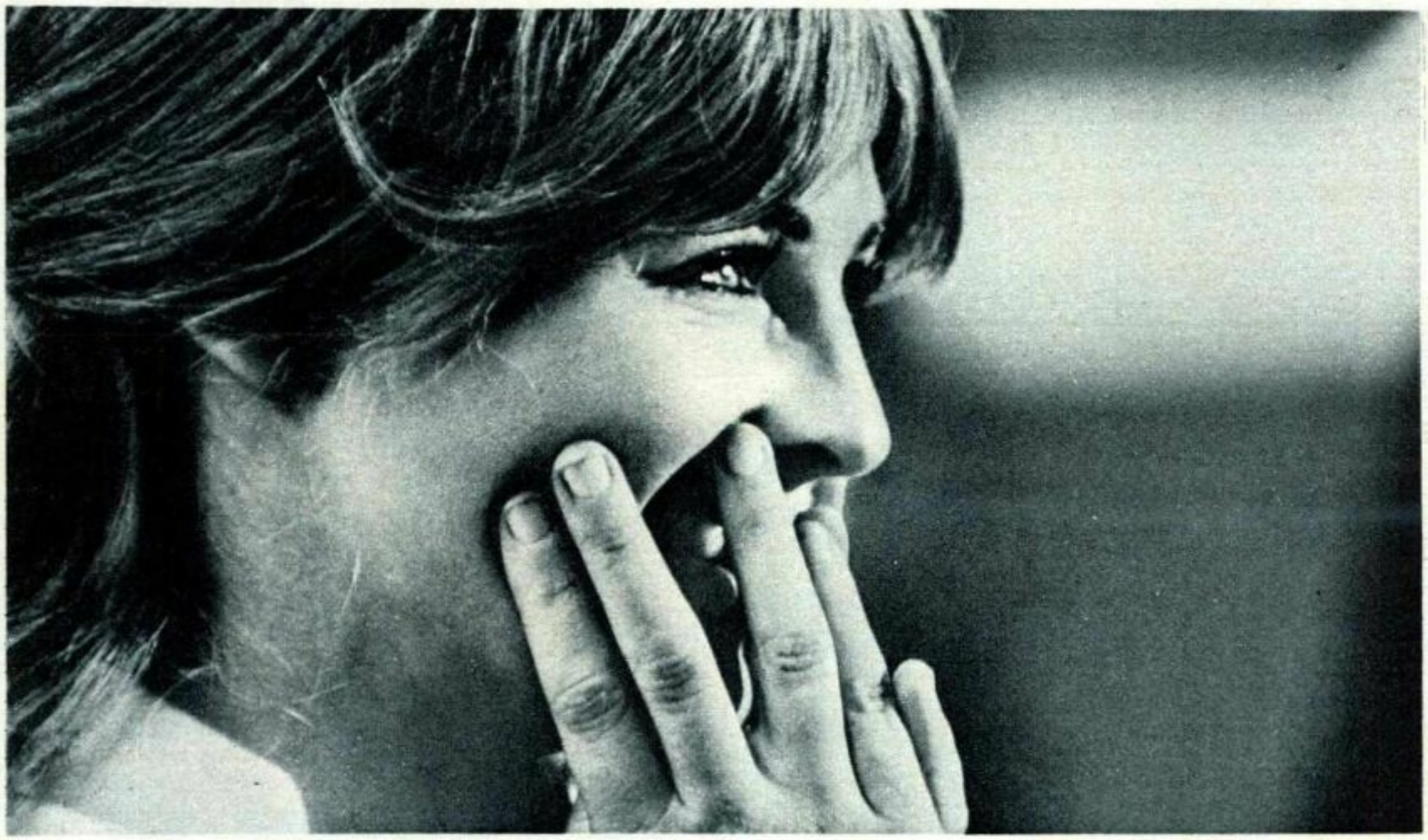
— Vou decretar a **minha** correção em tudo quanto é feitio de roupa. Êsse negócio de não ter onde morar e ficar morando na areia não funciona. FIM

Julie é uma môça que usa mini-saia e diz que odeia essa moda. Ganha rios de dinheiro mas não sabe se tem sequer um dólar no banco. Seu rosto é considerado o mais belo do cinema, mas ela afirma que tem raiva de si própria. Na Europa, dizem que é o símbolo da mulher moderna, mas ela responde que se julga inútil e antiquada. Afinal

QUEM É ESTA MÔÇA JULIE?

Texto de Oriana Fallaci

"No começo eu não tinha nem onde dormir"



JULIE CHRISTIE
CONTINUAÇÃO

Foi em Madri, há dois anos, no Hotel Hilton. Ela entrou quase correndo e todo mundo ficou paralisado. Achei que era por causa de sua mini-saia, uns 30 centímetros acima do joelho, deixando as pernas aparecer sem segrêdo: uma ofensa para os beatos que soltam promessas de inferno em castelhano, para as virgens devotas, para os guardas carrancudos que proíbem até o uso do biquíni nas praias. Eu pensei: agora vão prendê-la. Mas ninguém parecia indignado. Das pernas, os olhares subiram para o rosto, e os fixavam com respeito. Um rosto extraordinário. Cheio de bôca, de nariz, de olhos. Amadurecido e muito pintado, fazia um contraste violento com o corpo de menina, insignificante, pequeno.

— Quem será? — perguntei a Omar Sharif. Eu tinha ido a Madri para entrevistar o ator, que na ocasião fazia o **Dr. Jivago.**

— Julie Christie — disse êle.

— Julie o quê?

— É uma atriz inglêsa. Foi escolhida para o papel de Lara.

Naquela época, ninguém teria pensado em entrevistar Julie Christie. Seu primeiro filme ainda não tinha saído e os jornalistas se ocupavam só com Omar Sharif e Geraldine Chaplin. Mas a curiosidade me empurrou e fui procurá-la.

Uma menina despreocupada, feliz, cheia de gestos, ria à toa, demonstrava muito menos do que os 24 anos assinalados no seu passapórte. Falava como a garotada que prefere dizer **bacana,** em lugar de lindo. E tudo era super: a mini-saia, o papel de Lara, os doces que devorava, a cidade de Londres de onde vinha, o pintor que amava. Vivia com o pintor Don Bessant, em um ambiente de intelectuais e de **beatiniks.** Fiquei sabendo que ela nascera na Índia, onde o pai possuía uma plantação de chá. Mas que aos oito anos fôra mandada para a Inglaterra, para estudar. Sempre gostava da idéia de ser atriz, até que um dia resolveu inscrever-se na Academia de Arte Dramática de Londres. Nesse tempo não tinha nem onde dormir. Andava com um colchãozinho de ar na bôlsa e o usava se alguém lhe oferecesse hospitalidade por uma noite. Durante meses, dormiu em casas de centenas de pessoas diferentes.

Que mais? O seu primeiro papel importante, dez minutos e meio, foi no filme **Billy Liar.** Havia três candidatas ao papel: a primeira suicidou-se, a segunda morreu de câncer aos 28 anos, a terceira era ela. Que mais? Roía as unhas. "Não muito, só um pouquinho".

Isto foi o começo de uma possível amizade. Quando nos despedimos, fizemos uma troca de livros. Depois de umas três semanas, ela me escreveu: com uma caligrafia encaracolada, falava do livro, do meu artigo sôbre Omar Sharif, dizia não gostar de Madri e terminava dizendo "chau, lembranças, espero poder vê-la em breve, sua Julie".

Compreendi que era mesmo uma grande atriz no ano seguinte, em Nova Iorque, com seu colega, Sean Connery. Uma noite, êle me telefonou:

— Gostaria de ir ao cinema para ver **Darling?**

— Se não tiver que entrar em fila — respondi.

— Para ver a Christie, vale a pena entrar em fila.

Vimos o filme duas vêzes, e Sean o veria mais uma se eu não o puxasse para fora. Geralmente os atôres não são generosos entre si, mas êle repetia delirante:

— Grande. Estupenda. Uma nova Greta Garbo.

Era verdade: por **Darling** deram-lhe o Oscar. E, ainda que êste tipo de honra possa transformar o coração, o rosto, eu a reconheci bem quando no Pantahges Theatre, tôda vestida de dourado, ela segurou a estátua de ouro.

SEGUE

CURSO DE AUTO-HIPNOSE

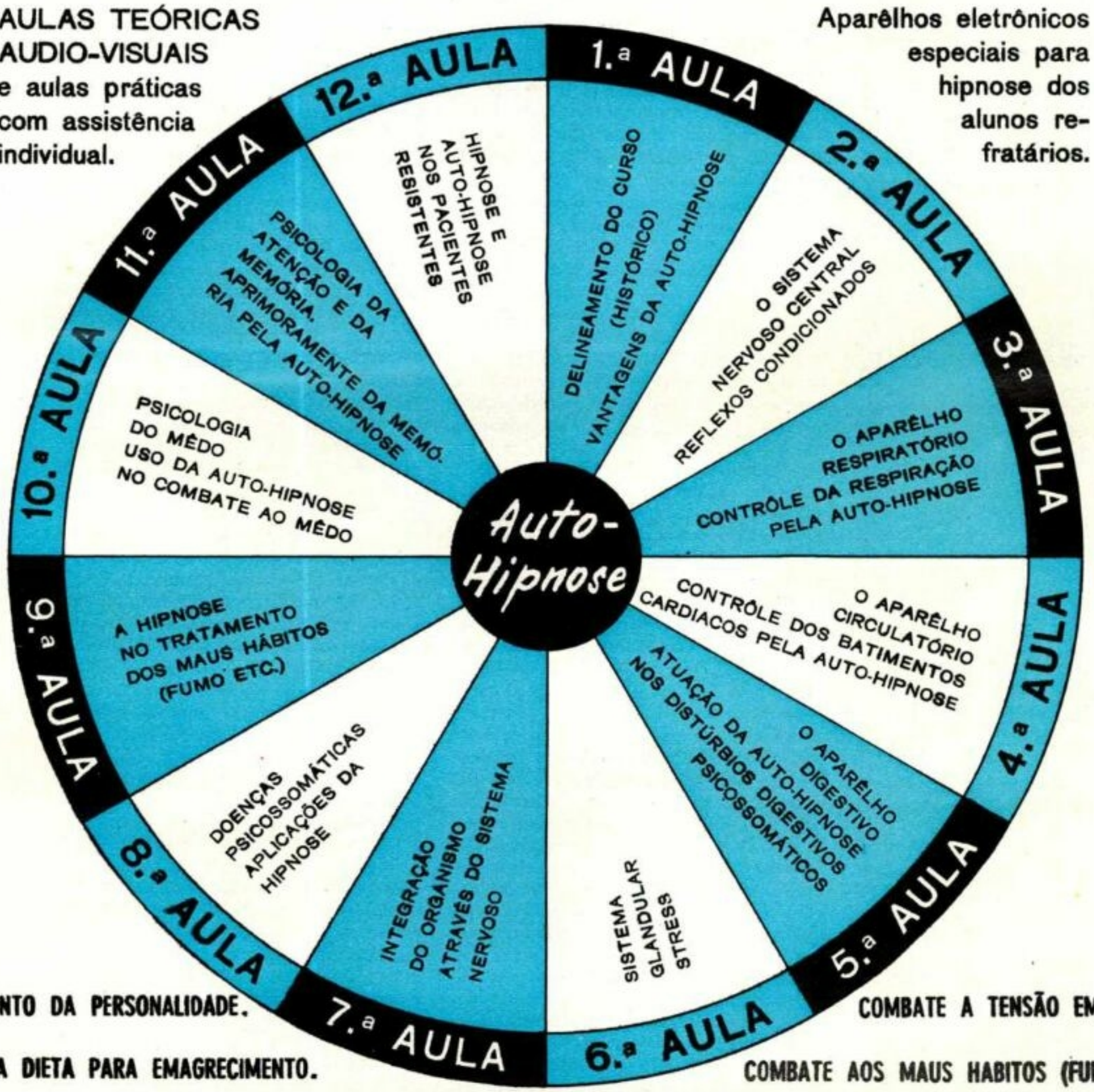
(TREINAMENTO AUTÓGENO MODIFICADO)

Organizado e ministrado pelo Dr. Geraldo de Paula Barros Ex-Assistente de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da U. M. G. Presidente da Associação Mineira de Hipnose Médica e Odontológica Vice-Presidente do I Congresso Panamericano de Hipnologia. O curso foi inspirado no método de treinamento autógeno lançado na Alemanha pelo psiquiatra, Dr. Shultz. Aulas teóricas AUDIO-VISUAIS e aulas práticas com assistência individual. Utilização de aparêlhos eletrônicos especiais para hipnose e condicionamento dos alunos refratários. Maiores esclarescimentos e matriculas: Rua Barão de Itapetininga, 255, 13.° andar, conj. 1310 - S. PAULO Rua Siqueira Campos, 43 conj. 706/7, Copacabana - RIO DE JANEIRO - G B

UMA AULA POR SEMANA

AULAS TEÓRICAS AUDIO-VISUAIS e aulas práticas com assistência individual.

Aparêlhos eletrônicos especiais para hipnose dos alunos refratários.



APRIMORAMENTO DA PERSONALIDADE.

CONTRÔLE DA DIETA PARA EMAGRECIMENTO.

COMBATE A TENSÃO EMOCIONAL.

COMBATE AOS MAUS HABITOS (FUMO ETC.).

TRATAMENTO DAS MOLÉSTIAS PSICOSSOMÁTICAS.

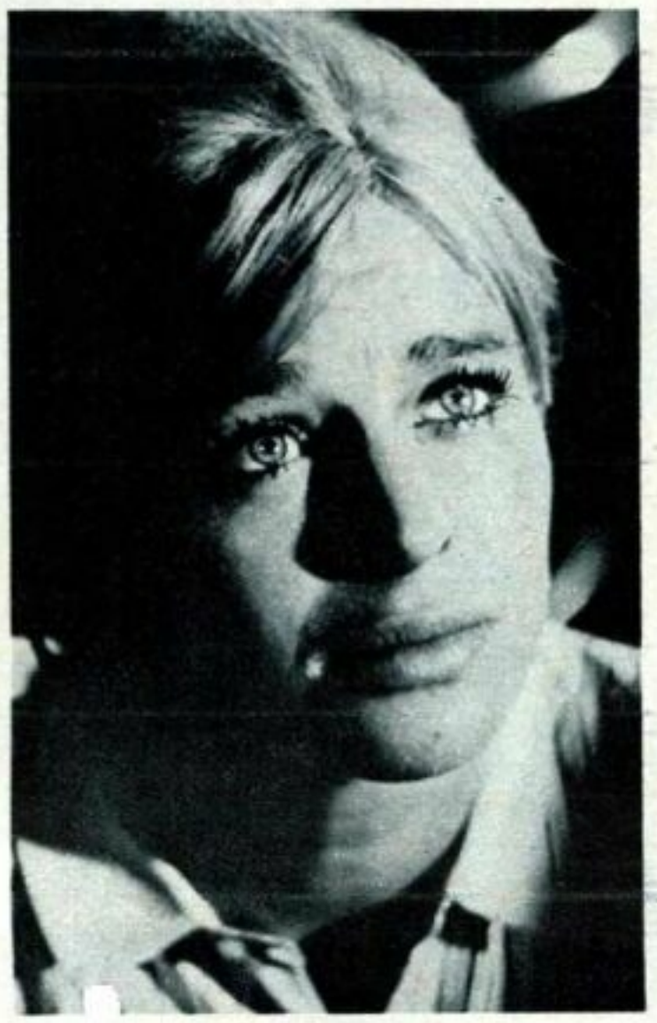
UTILIZAÇAO DA ESCALA TEMPERAMENTAL DA UNIVERSIDADE DE DUKE (U.S.A.)

Dr. Geraldo de Paula Barros

Ex assistente de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da U. M. G. Presidente da Associação Mineira de Hipnose Médica e Odontológica. Vice - presidente do I Congresso Panamericano de Hipnose Médica e Odontológica. Representante do Estado de Minas Gerais no II congresso Internacional de Psiquiatria (Zurique, 1957). Representante do Estado de Minas Gerais no II Congresso Psicanalítico Latino Americano, (São Paulo, 1958). Idealizador e lançador do disco "RELAXTERAPIA" AUTOR do livro "A PERCEPÇÃO SUBLIMINAR APLICADA À ALFABETIZAÇAO". o qual ensina como alfabetizar em 10 horas (10.000 adultos já alfabetizados). Diretor Presidente da ORGANIZAÇÃO "O PROFESSOR ELETRÔNICO", com escolas em seis ESTADOS.

THELMA

"Antes de ser atriz eu nunca havia chorado"



Ainda vivia com o seu pintor, ainda roía as unhas. "Brava Julie — pensei — você vencerá." Vencerá mesmo?

A outra Julie, mais velha, mais triste

É uma noite de inverno em Weymouth, cidadezinha do Sul da Inglaterra. Julie está rodando uma cena do seu nôvo filme: **Far from the Madd ines Crows.** Eu lhe mandei uma carta avisando de minha próxima visita, mas quem respondeu foi o empresário, informando que a entrevista poderia ser feita no estúdio: "Miss Christie odeia entrevistas e não permite intrusões na sua vida particular".

Miss Christie veste uma camisola branca, longa até os pés e parece ser mais velha, mais triste. Procuro seu olhar, ela evita o meu. Passa perto de mim e quando lhe digo "como vai, Julie?", responde-me com um distraído "boa noite". Faz frio. Talvez porque as noites sejam frias no Sul da Inglaterra, talvez porque seja desagradável não reconhecer alguém que já se conhecia, talvez porque seja duro descrever o perfil de alguém que o sucesso está assassinando. Penso enquanto nos sentamos perto do fogo, entre uma cena e outra, na escuridão, no silêncio. Nenhuma frase parece ser suficiente para o início de uma conversação cordial; um muro invisível impede qualquer ataque, qualquer ato de cortesia, e muitos tocos de cigarro se amontoavam no chão.

No mercado americano, hoje, ela vale 700.000 dólares, quatro vêzes mais do que recebeu por **O Doutor Jivago.**

Podemos considerá-la rica. E ao dinheiro acrescentar a glória, a adulação, que fazem a vida mais fácil: o melhor lugar no avião, no hotel, no restaurante, o alívio de não ter que girar por Londres com um colchãozinho de ar, à procura de uma cama.

— **Estou tão contente por você, Julie... E agora que é famosa...**

Da escuridão sai uma voz rouca, cortada. A voz de quem se envergonha de alguma coisa:

— O fato é... bem... O fato é que não me sinto famosa como dizem... Nunca, quase nunca. E se acontecer, sinto uma tal angústia... Quer dizer... a de ser uma estrêla. Para mim é uma palavra vazia, ou uma palavra que significa sòmente muita publicidade, muita gente que olha para mim e me escuta... e me despreza... Para alguns, ser famoso pode ser maravilhoso... para quem não gosta, é um inferno. Mas tem quem gosta. Por exemplo, Elizabeth Taylor. Ela sabe como usar a posição de estrêla. Marlon Brando também. Eu não. Nem procurei conhecê-lo quando estêve em Londres, não tive coragem. Um grande ator, um astro como êle... Que tenho eu de parecido com êle ou Elizabeth Taylor? O sucesso, respondem-me. Mas eu não procurei nunca êsse sucesso, nunca o esperei, só queria aprender meu ofício de atriz, porque eu sabia que o sucesso não me tornaria feliz. Eu... eu, quando me disseram para ir a Hollywood porque talvez ganharia o Oscar, fiquei aniquilada. Não acreditava, não queria ir... Convenceram-me e subi no avião. De repente, encontrei-me naquele enorme teatro, com tôda aquela gente famosa, astros e estrêlas, a filha do presidente... Estava tão embaraçada, atemorizada. Don procurava tranqüilizar-me, mas sentia-me fora de lugar, ridícula diante daquela gente tão diferente de mim... êles não me conheciam e eu não os conhecia... Apresentavam-me alguém e logo esquecia seu nome, porque sou tímida... e Don me acalmava. Mas como podia ficar calma? Então ouvi meu nome.

— **Bem, isto foi lindo.**

— Não, foi ainda pior... Levantei-me e não sabia o que fazer, para onde ir. E então deram-me essa estátua pesada, mas minha cabeça estava vazia. Sentia muita saudade de Londres, de todos os meus amigos, tinha vontade de fugir.

— **Mas você ganha muito dinheiro, Julie.**

— O dinheiro nunca foi importante para mim. Talvez chegue a sê-lo agora, infelizmente... Nunca pensei sèriamente no dinheiro porque não compreendo os números. Nem sei quanto ganhei nestes dois anos, não sei quanto tenho no banco. Não tenho jóias, nunca gostei delas, não tenho casacos de pele e não tenho carro... Só sei que meu nível de vida melhorou e por isso preciso de mais dinheiro do que antes. É uma coisa antipática, tira a liberdade. Quem foi que disse que o dinheiro dá liberdade? Faz com que a gente pense numa porção de coisas nas quais nunca pensava, uma bela casa, belos objetos dentro dela, mais vestidos, enfim, coisas que não são necessárias e das quais a gente se torna escrava. Também isto, ser tratada como se fôsse uma coisa estranha, extravagante. É horrível! Não imaginei que ser atriz fôsse isto...

Nunca pensei que pudesse me acontecer uma coisa assim. Eu não queria isso, caiu em cima de mim enquanto eu dormia; uma manhã acordei e os jornais falavam de mim. Então senti vergonha. Até chorar.

— **Chora muito, Julie?**

— Sim... Antes nunca chorava... só nas cenas que pediam lágrimas... Conheci as lágrimas trabalhando como atriz. Quer dizer, não é que não chorava porque não queria, mas porque não podia: sempre pensei que chorar fôsse uma estupidez, uma fraqueza, uma autocompaixão... Mas um dia, descobri que chorar pode ser doce, quente, confortante. Descobri isso com a fama. Quando se representa, as emoções vão aos limites. Também na minha vida as emoções estão por alcançar o limite...

— **A entrevista não vai ser fácil, Julie.**

— Não... não vai ser. Porque não me basta sentir-me compreendida... ao contrário, me cansa. E também não tenho nada de especial para contar. Alguns falam de sua infância infeliz, eu nem isso... Em geral, as pessoas se lembram de todo o passado — eu não. Nem me lembro do que aconteceu ontem, uma hora atrás... Nem me lembro de ter sido uma menina. A Índia, por exemplo... Completamente cancelada de minha memória. Não me lembro por que quis ser atriz. Não me lembro de meu pai, ou de meu irmão quando era pequeno... Não me lembro de minha mãe. E meu pai morreu.

— **Quando, Julie?**

— Não sei... não me lembro. Já não era mais uma menina. Não tenho memória para as datas... Três, quatro anos? Não consigo juntar as coisas, os pensamentos. Não consigo concentrar-me, sim, é isto. De fato, eu nem sei guiar automóvel... Deus sabe quantas lições eu tomei para aprender.

SEGUE

Ainda há quem insista em afirmar que a porta da Europa é êste ou aquêle país. O que encerra um certo exagêro.

Nós lembramos apenas que, sendo Portugal o país mais ocidental da Europa, é evidente que é lá que ela começa.

Mas não é apenas a posição geográfica privilegiada de Portugal que torna lógico começar a sua próxima viagem à Europa por Lisboa. Além dos laços fraternos que unem brasileiros e portuguêses, Lisboa, que tanto tem a oferecer ao turista, constitui ponto de partida natural para os outros países da Europa, através de suas inúmeras conexões aéreas, rodoviárias e ferroviárias. E se a tôdas essas vantagens acrescentarmos a conveniência e o confôrto que oferecem os vôos bi-semanais* da TAP no superjato Boeing 707-320B — o mais moderno jato comercial do mundo — então V. é bem capaz de concluir que a Europa começa mesmo é no Escritório mais próximo da TAP

E lembre-se: o seu Agente de Viagens tem sempre o plano que mais lhe convém

*quartas-feiras: Rio-Recife-Lisboa
sextas-feiras: Rio-Lisboa

Em "pool" com a Varig

IATA

TAP

RIO • SÃO PAULO
SANTOS
BELO HORIZONTE
PÔRTO ALEGRE
RECIFE
SALVADOR • BELÉM

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
TÉCNICA ATENÇÃO PONTUALIDADE-A JATO

S. J. de Mello - 68.003

"O casamento é incompatível com a vida moderna"

JULIE CHRISTIE

CONTINUAÇÃO

Milhões... Mas não consigo porque não sei concentrar-me, não sei ligar as coisas, sou lenta nas reações, poderia talvez matar alguém atropelado...

De repente, levantou-se e foi embora.

"Ela é um caso único na história"

Alguém me apresentou a John Schlesinger, o diretor do filme. Schlesinger é um homem suave, com voz suave, disse que gostava demais de Julie para dar uma opinião objetiva sôbre ela:

— É uma criatura introvertida, emotiva, bastante inteligente no trabalho.

— **E na vida?**

— Na vida eu não sei. Talvez também na vida, porque não se comporta como uma estrêla, recusa tôdas as tolices que acontecem com o estrelato. O enorme sucesso não lhe subiu à cabeça, ao contrário, tornou-a mais humilde. Um fato realmente único no cinema...

— **E as razões dêsse sucesso repentino?**

— Há nela algo muito especial. Não é sòmente bela, é especial. Seu rosto não é apenas um rosto: é uma personalidade. Vivo, espontâneo. A bôca é desproporcionada, os maxilares fortes, dominadores, diria quase masculinos. Em uma época em que é moda os homens serem femininos e as mulheres masculinas, até no modo de vestir, em que os limites entre os dois sexos estão quase desaparecendo, o rosto de Julie é uma espécie de símbolo. Uma beleza onde o masculino e feminino se encontram.

Há mais ou menos cinco anos ela vive com o pintor Don Bessant. Geralmente, a razão pela qual um homem e uma mulher vivem juntos sem estar casados é porque não podem casar-se: um dos dois já é casado, ou os dois. O caso, porém, é que ela é livre e Don também. Dizem que é uma tomada de posição moral, de uma nova moral que está revolucionando a Europa, partindo da velha Inglaterra nos rastros da Suécia. Dizem que Julie representa o amor inteligente, sem inibições, e que seu modo de viver simboliza nossa época.

"Não ando com quem pensa diferente"

No estúdio, no dia seguinte, toquei nesse assunto. Ela estava mais amável. Aproximou-se e disse:

— Vou dormir com Terence Stamp e volto.

Ia rodar uma cena que se passa na cama, com Terence Stamp, que no filme é seu marido. Quando voltou, mostrei-lhe alguns jornais que publicavam suas opiniões a respeito de sexo e amor.

— Não é verdade... Eu não digo nada sôbre estas coisas, são êles que inventam. Não gosto de falar de coisas que me pertencem... Não sou casada, mas isto não significa que seja contra o casamento. Ao contrário, o casamento é uma coisa tão séria, tão difícil, que requer um talento particular, como para escrever, representar... e eu não tenho êsse talento. Não vejo por que deveria casar-me. Só porque todos o fazem? Apaixonar-se, casar-se... parece que as duas coisas andam juntas. Não é verdade... usando a cabeça, você perceberá que não andam juntas. Casar-se torna-se cada vez mais incompatível com a vida moderna: mas não vejo por que deixar de pertencer a alguém por causa disso. Se você ama, que outra coisa pode fazer senão viver junto dêle, não se importando com o que possa dizer o mundo? Não pode andar por aí com outros homens, homens sempre diferentes... se você gostar mesmo de alguém. Eu não posso dividir meu afeto: tenho de dá-lo a uma pessoa por vez. Sòzinha nunca estive. Ou por muito pouco tempo. Acho que sempre estive junto de alguém... mas só com êle e chega... Talvez eu seja antiquada. Sim, sou, e ao mesmo tempo não me importa o que os outros possam dizer de mim: não ando com quem pensa de modo diferente do meu. Além do mais, na Inglaterra ninguém se preocupa se eu vivo ou não com o homem que amo... Moralidade? Para mim, moralidade é uma palavra que significa sòmente lealdade, sinceridade. Para mim, uma pessoa imoral é aquela que faz o mal para os outros, uma pessoa na qual eu não possa confiar, e o sexo nada tem que ver com moralidade. Eu não aceito que as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens...

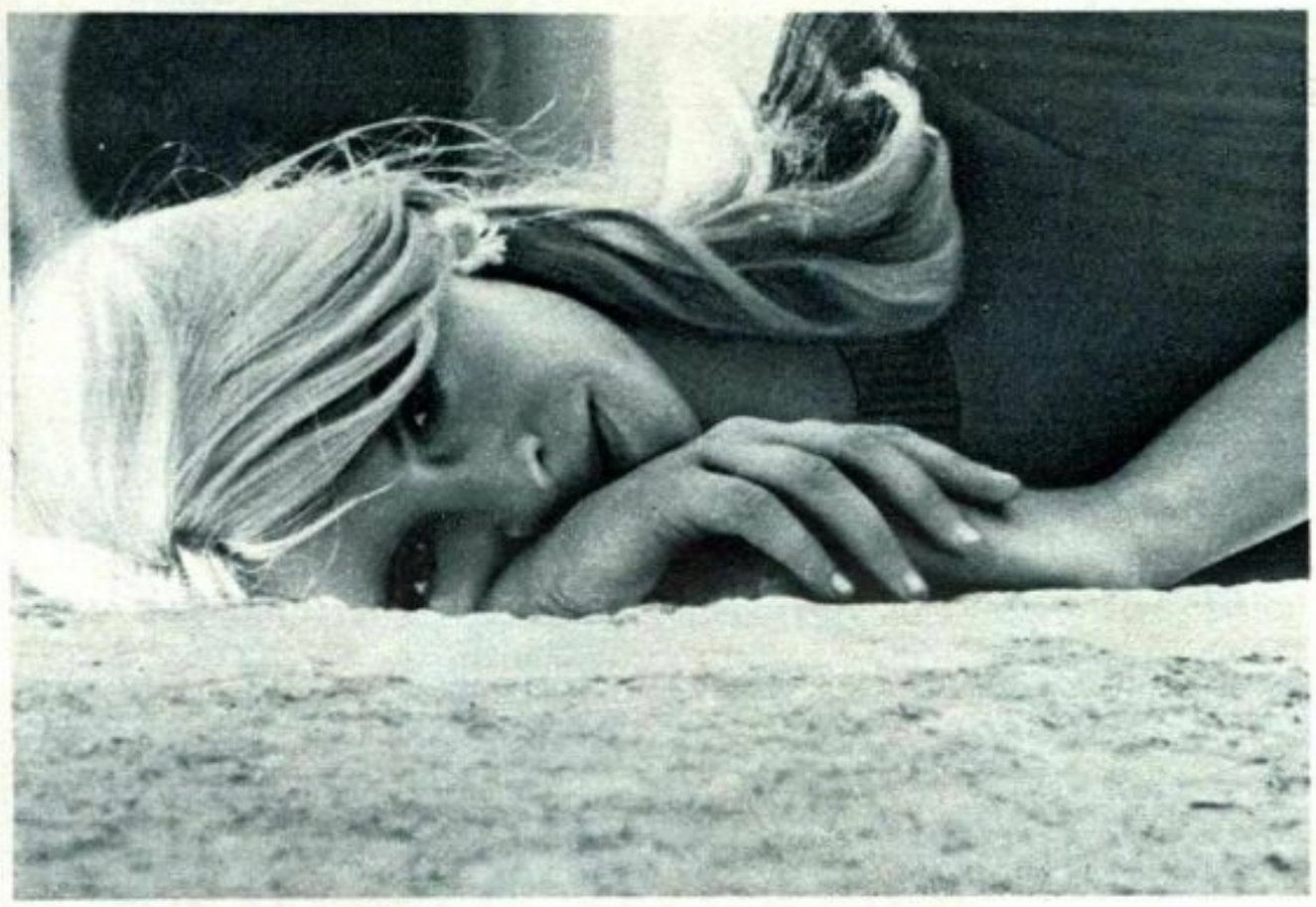
— **Acha que as mulheres não devem ter os mesmos direitos que os homens?**

— Não. Apesar de fazer tudo que quero, sem nenhuma restrição. Há uma falta de disciplina tão grande, hoje, entre as mulheres... Um homem não precisa ser fiel... Uma mulher sim. Até que o amor dure. Eu sei que, às vêzes, é difícil ser fiel. A gente se pergunta: por que não poderia traí-lo nem uma vez, uma hora? Porque, se o fizer, é melhor começar a procurar qualquer outro. Nós ainda não estamos prontas para estas experiências, e eu nunca acreditei nessa espécie de igualdade entre o homem e a mulher... O homem é um animal mais inteligente. Encontrar um homem inteligente é coisa normal, mas uma mulher inteligente assombra. Por quê? Não sei... Talvez porque usar a cabeça não seja muito importante para uma mulher... Para uma mulher, a coisa mais importante é o amor. Pelo menos, para mim é assim. Nada me torna mais feliz, ou infeliz, enfim, nada me dá mais a sensação de que estou viva...

— **Sabe o que dizem de você? Que simboliza uma nova moral.**

— Antes, diziam que eu simbolizava a nova Inglaterra, agora uma nova moral. Eu não simbolizo nada. Eu sou a mulher mais conformista que se pode encontrar... Sou independente, faço o que quero, mas o que quero é feito de um conformismo absoluto.

SEGUE

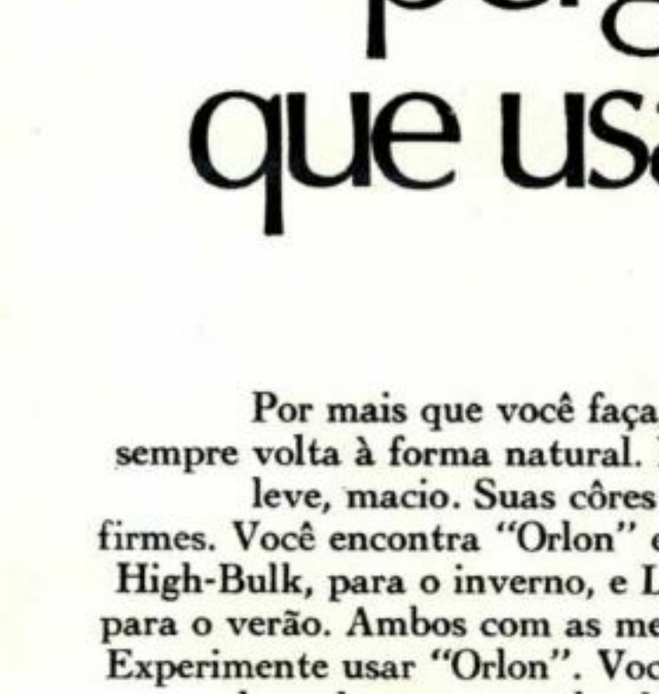


Existe malha que agüente uma prova destas sem perder a forma e sem amarrotar?

Se v. duvida, pergunte às mulheres que usam **Orlon**®.

Por mais que você faça, "Orlon" sempre volta à forma natural. E é tão leve, macio. Suas côres são vivas e firmes. Você encontra "Orlon" em dois tipos: High-Bulk, para o inverno, e Light-Weight, para o verão. Ambos com as mesmas qualidades. Experimente usar "Orlon". Você poderá até se dar ao luxo de, por exemplo, descarregar uma crise nervosa na roupa. Se isso acontecer, não se preocupe: "Orlon" agüenta. Sem perder a forma. Nem amarrotar.

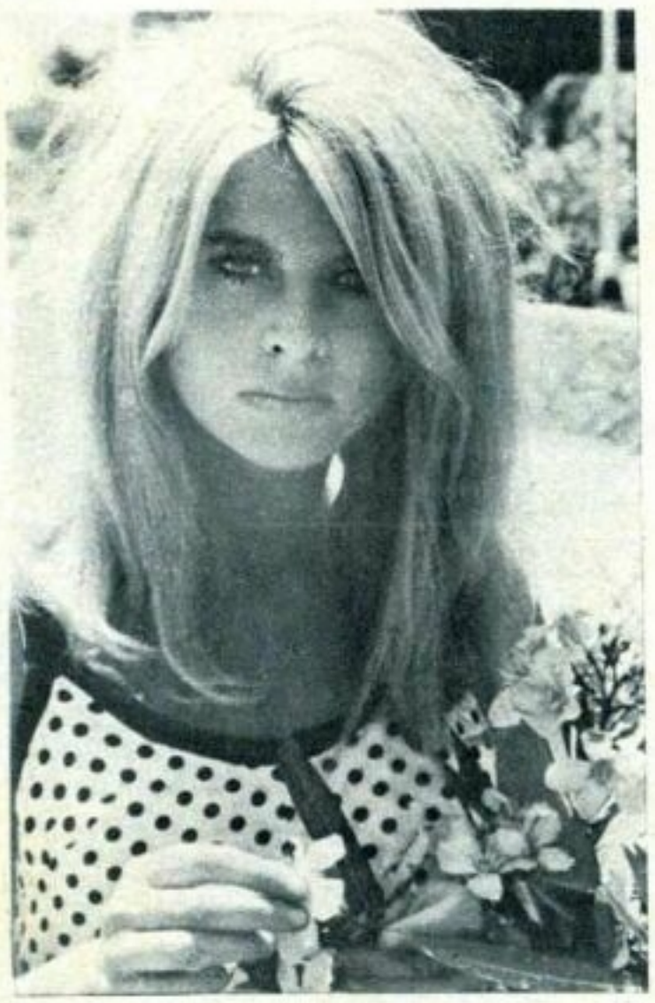
Para conhecer outras vantagens de "Orlon", é fácil: "Orlon" já está à venda em tôdas as boas lojas e boutiques.



DU PONT

"Orlon" é fibra acrílica produzida pela DU PONT.

"Gosto dos homens lindos, que se cuidam como môças"



Nunca promovi, nem promoverei nenhuma rebelião. Vêem em mim uma rebelde porque sou famosa, querem que a gente famosa simbolize sempre alguma coisa. Nada mais sou que uma simples môça que tem saudade do passado...

— **Julie, você seria capaz de ter um filho sem estar casada?**

— Oh! Eu não sei... Às vêzes penso que se um dia fôr mãe seria uma mãe velha: já estou com 26 anos. É mesmo, às vêzes sinto necessidade de ter um filho... Mas falar é uma coisa, fazer é outra. Ter filhos sem ser casada... É difícil decidir-se... Admiro as mulheres que têm esta coragem, e a palavra ilegítimo não faz sentido para mim, considero-a uma palavra vulgar, mas... Não sei, é como quando me perguntam se renunciaria à minha carreira por amor... Nem posso imaginar uma situação igual, um conflito igual... Gosto do meu trabalho, não poderia viver sem êle... Ao mesmo tempo não poderia viver sem amor.

— **Falemos dos homens, Julie.**

— Não saberia o que dizer! Dos homens franceses, por exemplo, posso dizer sòmente que são belos, me agradam, mas são tão egoístas! Os italianos... não os compreendo. Acho-os tão misteriosos quanto os russos. Os americanos... não os conheço. Pelo menos por enquanto. Sinto-me bem com os inglêses. São reservados, nunca emotivos, acho isto super. Também, os inglêses mudaram tanto! Antes cortavam os cabelos de modo horrível, mas agora! Os italianos tinham cabelos bem cortados, os franceses, os checoslovacos, os romenos, os russos também. Mas os inglêses! Depois, eis que por causa dos Beatles — não, os Beatles não têm nada que ver com isso, embora sejam terrìvelmente importantes. E assim os homens inglêses aprenderam a cortar os cabelos. Isto é, a não cortá-los. Adoro os cabelos compridos, assim, até a orelha. Gosto dos homens, que se cuidam como as môças. O que quero dizer é que, talvez, entre um homem lindo e outro inteligente, escolho o lindo, entre um inteligente e um corajoso, escolho o corajoso. Vê, como eu sou confusa...

"Quando me vejo na tela, odeio-me"

O terceiro encontro foi longe dos estúdios, em seu hotel. Estava novamente de mini-saia. Talvez por essa razão ela se lembrasse um pouco de si mesma em Madri. Mas isso durou pouco, o tempo de fumar um cigarro.

— Sou muito sadia. Durmo bem, como muito... Também porque quero engordar, gostaria de ter o rosto mais redondo. Odeio estas faces magras... Mas acontece que quando engordo vai tudo para os quadris. Ah, como não gosto de mim!

— **Você não gosta de si? Que é que não lhe agrada?**

— Tantas coisas. Nem quero enumerá-las para não atrair a atenção sôbre meus defeitos... São tantos que, quando me olho no espelho, sinto vontade de chorar e quando me vejo na tela... odeio-me. Isto não é bom porque é uma forma de vaidade, mas a mulher que desejaria ser em nada se parece comigo! Eu gosto da Brigitte Bardot. Eu queria ser assim. Sinto-me tão baixinha. Depois, minhas pernas. Não são bonitas.

— **São lindas, sim. Você usa mini-saia**

— Oh, não! Eu uso porque sou conformista, só por isso. Tudo o que está na moda me agrada, mesmo sendo horrendo. As outras se vestem assim? Eu também me visto assim. Odeio a mini-saia. Mas como está na moda, então a uso. Aqui pode ter a idéia exata de quanto superficial eu sou. Esta é Julie Christie: uma môça superficial, banal... Gosto de ir ao cinema, mas não para ver filmes inteligentes. Não leio os jornais... sou preguiçosa. Preguiçosa física e mentalmente. Sim, é verdade! Preguiçosa quando leio, quando escuto: não sei nada de nada. Às vêzes gostaria de tornar-me culta... Mas mesmo tentando não consigo aprender nada, pois não tenho memória: num instante esqueço tudo o que aprendi.

— **Por que você se maltrata assim, sempre?**

— Porque é a verdade. Ao mesmo tempo tenho mêdo de que os outros não gostem de mim, de ser humilhada. Tenho sido tão pouco humilhada no amor no trabalho, mas mesmo assim... E também tenho mêdo de falhar. E de envelhecer. Não queria ser mais jovem do que sou, mas não suporto a idéia de ser mais velha. E também tenho mêdo de morrer. Tremo até para tomar o avião. Talvez seja porque não acredito em Deus, porque não existe nenhuma religião que me ajude a adormecer, sentir-me mais segura, menos só... Queria tanto acreditar em Deus, mas não consigo... Inùtilmente repito para mim mesma que acreditar em Deus é não ser mau para os outros: mas, mesmo assim, falta-me algo.

— **É realmente uma mulher infeliz Julie?**

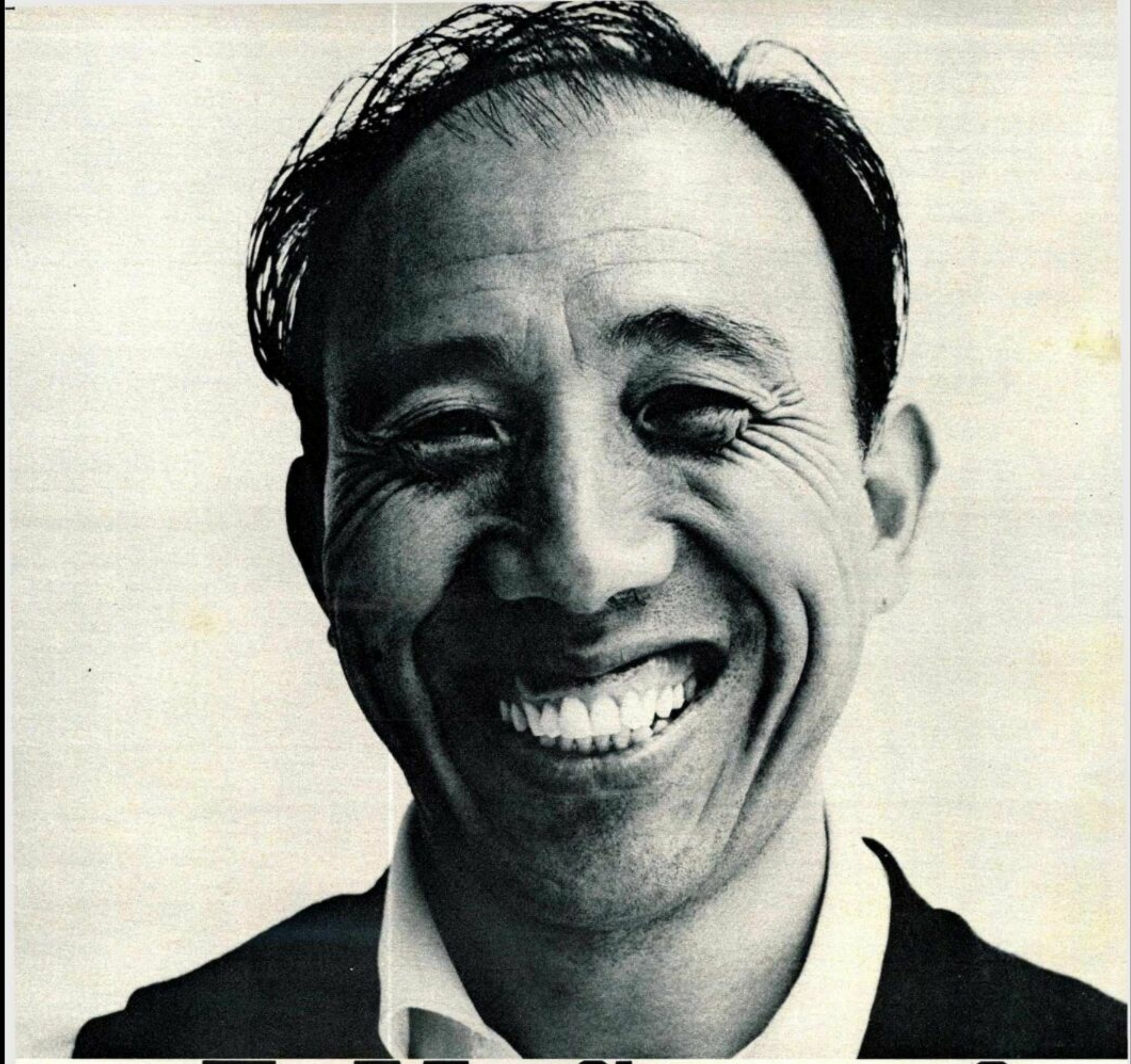
— Não sou bastante simples para ser feliz. Sentia-me muito mais feliz quando não tinha onde dormir e girava com meu colchãozinho. A única coisa que me impede ser completamente infeliz é o meu trabalho. Acredito nêle. Gosto dêle.

"Julie tem mêdo, muito mêdo"

O vento é gélido no Sul da Inglaterra. Também o quarto do meu hotel é frio. Talvez porque seja desagradável não reconhecer alguém que já se conhecia, talvez porque seja duro descrever o perfil de alguém que o sucesso está assassinando. Talvez seja porque eu não a compreenda mesmo, simplesmente por isso.

Ligo o gravador e ouço a conversação com o produtor Jo Janni: "Julie é assim. Cheia de angústia, de temores. É muito difícil compreendê-la quando começa a ter mêdo. Mas eu lhe digo de que Julie tem mêdo: é o mêdo de não ser a grande atriz que dizem que é, de não ser a bela mulher que dizem que é. Ela nunca acreditou em si própria. Nunca esperou chegar a ser o que é. Nem por brincadeira. E agora vive no terror de perder o que conquistou. E, para prevenir-se, ela procura maltratar-se, machucar-se. E é sincera. Dias atrás, Natalie Wood estêve em Weymouth. Então convidei Julie para jantar em companhia de Natalie Wood. Sabe o que ela disse? "Não posso, eu não sei estar com as estrêlas, fico nervosa, e uma estrêla como Natalie Wood..."

Desligo o gravador e, feroz como uma dor de dente, uma piedade infinita me invade. De que vale a felicidade, a fortuna, se não se tem consciência disso? FIM



FoMoCo, no?

FoMoCo, sim! Em Tóquio, Londres, Nova Iorque ou Caruaru. No mundo inteiro, FoMoCo é a marca internacional da única e verdadeira peça Ford garantida. Para carros, caminhões e tratores. Para que uma peça mereça a marca FoMoCo, ela precisa suportar os rigorosos testes de qualidade feitos pelos chamados "homens maus" dos laboratórios da Ford. "Homens maus" porque não perdoam a menor imperfeição em qualquer peça ou acessório FoMoCo. P'ra sua orientação, a embalagem FoMoCo é cinza-azul-branca. Procure as oficinas do Revendedor Ford, diga FoMoCo e rode tranqüilo. Como diz o japonês: garantido, no?

FoMoCo
PEÇAS LEGÍTIMAS
Ford

FoMoCo é antes de tudo qualidade Ford

Com as camisas PERVAL sociais, papai trabalha na segunda, têrça, quarta, quinta e sexta.

Você pode preferir sempre as camisas Perval. Uma boa razão é que seus modelos são sóbrios e elegantes. Outra boa razão é que as camisas Perval - sociais ou esporte - nunca amarrotam, estão sempre impecáveis.

Camisas

PERVAL®

TERGAL®

♣ *Valisère*

Com as camisas PERVAL esporte, papai nos pertence nos sábados e domingos.

Daqui a dez anos o que estará acontecendo no Brasil? Nesta reportagem-ficção, Luiz Fernando Mercadante conta o que serão

SETE DIAS DE MAIO, 1977

1º de Maio-Domingo, 10 horas

Um ponto prateado começa a crescer no céu de Brasília.

— É êle — gritam vozes esparsas no meio do povo.

— É êle — repete o côro desordenado das multidões.

O locutor da Rêde Nacional de Televisão está entusiasmado:

— São 60 mil pessoas, 60 mil trabalhadores vindos de todos os Estados para as festividades do Dia do Trabalho.

O apresentador da Rêde Unida é mais comedido:

— Trinta mil pessoas, reunidas na praça dos Três Poderes, aguardam a chegada do presidente da República para a missa em comemoração ao 1.º de Maio.

Do seu pôsto de observação, no 28.º andar do Palácio do Congresso, um perito transmite seu cálculo para o SNI:

— A massa é da ordem de 45 mil pessoas.

— Umas 45 mil pessoas — diz o presidente com os olhos colados à janela do helicóptero. Êle aprendera a calcular nos comícios e raramente errava.

— Se essa porcaria de helicóptero explodisse, tudo ficaria mais fácil.

Indiferente à praga, a aeronave presidencial continua deslizando no vídeo.

O homem gordo esmaga o charuto no cinzeiro e desliga a televisão. Bate as mãos redondas nas coxas descomunais e solta a condenação com voz esganiçada:

— Quinta-feira eu acabo com êsse môço.

O helicóptero acaba de pousar ao lado do Palácio do Planalto. Gigantesca faixa com letras azuis se abre para saudá-lo:

"Os trabalhadores brasileiros confiam em JT."

Num grupo de políticos, em volta dos ministros, o velho senador Último de Carvalho comenta:

— Lá em Minas, faixa é sempre reivindicação. Inda agorinha, em Ouro Prêto, nas festas de Tiradentes, tinha uma caprichada: "Minas agradece a JT." Eu então perguntei ao Herculino:

— O que é que nós estamos agradecendo, governador? E êle, com ar inocente:

— Nadinha, não, tio. São só umas verbinhas que estamos querendo apressar.

Os políticos riem. Mas, o riso é abafado pelas palmas e pelos vivas.

O presidente Júlio Tavares salta do helicóptero. E com os dois braços estirados, gesto típico, acena para a multidão.

O homem gordo já acendeu outro charuto. Agora, no terraço do apartamento, tem o Rio aos seus pés. O pensamento, porém, está em Brasília, naquela praça que conhece tão bem. Há muitos anos, êle a palmilhava diàriamente, num interminável vaivém entre o Congresso e o Palácio do Planalto, sempre carregado de interêsses tão grandes quanto inconfessáveis.

Fôra deputado e atravessara várias legislaturas até que seus pares decidiram eliminá-lo a bem do decôro parlamentar. O castigo o feriu, o cinismo o curou e, meses depois, voltava a agir nos bastidores. Tinha interêsses a defender: era diretor de oito emprêsas engordadas na falcatrua. Hoje, preside seis e é diretor de outras 12.

— Doutor Hipólito, telefone para o senhor — anuncia um empregado lhe oferecendo o aparelho branco.

Com gesto pesado, Hipólito atende.

O vice-presidente Alberto Bonnelli adianta-se para receber o presidente da República. Seguido pelo vice, Júlio Tavares cumprimenta os ministros. E, por um estreito corredor humano, contido por cordões de soldados, ambos caminham em direção ao altar. Duas cadeiras altas e dois genuflexórios os aguardam. Como se tudo estivesse ensaiado, o presidente e o vice se ajoelham e, no mesmo instante, o cardeal d. Hélder Câmara, arcebispo de Brasília, sobe os degraus do altar, os ombros como que curvados sob o pêso dos paramentos. E a praça se faz silenciosa para as primeiras palavras da missa:

— Irei até ao altar de Deus.

— A Deus que é a minha alegria.

Com 38 anos de idade, o mais jovem dos presidentes brasileiros é uma figura imponente e serena, quase majestosa. Quando foi eleito, a revista **Semana** o descreveu como "uma mistura de campeão olímpico, artista de cinema e comandante de astronave; duro e ao mesmo tempo doce; capaz de falar à maneira de um professor bem informado e de ouvir à maneira de um aluno bem comportado; as vêzes, parecendo mais velho do que é, outras, mais môço, embora sempre enérgico, seguro e determinado".

SEGUE

DESENHOS DE EDMAR SALLES

Por falar em elegância...

adoçamos tudo com SUITA

Suita não engorda. No cafèzinho, duas gôtas adoçam tanto quanto uma colher de açúcar. Suita é mais concentrado e mais gostoso que outros adoçantes.
E Suita a gente compra em três embalagens: de bôlso, em tabletes e a econômica, que se usa em casa para adoçar até bôlo e sorvete.
Agora, também meu alfaiate sabe disso.
E você.

adoce com SUITA... não engorda!

Um homem gordo planeja a morte do presidente

SETE DIAS
CONTINUAÇÃO

Ligeiramente trêmulo, o gordo homem Hipólito prepara um uísque. O telefonema fôra importante: os três pistoleiros que mandara buscar no Paraguai já estão no Rio. No dia seguinte conversará com êles. E, se os aprovar, a missão lhes será confiada.

2 de Maio - Segunda-feira, 12 horas

José Luís de Magalhães Lins, o ministro do Exterior, sai pelos fundos e evita os tele-repórteres. Deixa o presidente mergulhado na leitura de volumoso documento, com o balanço e a análise do que, há dez anos, se convencionou chamar de **política externa alinhada com os interêsses do Brasil** e a formulação das posições a serem defendidas por Júlio Tavares na Reunião dos Presidentes das Américas, a se instalar, dentro de duas semanas, em Belém.

Prêso ao estudo do Itamarati, Júlio Tavares custa a perceber que não está só. Com gesto vago, indica a poltrona mais próxima ao seu secretário de Imprensa, Evandro Carlos de Andrade. Está desligado, totalmente, absorvido. Evandro sabe disso: conhece, como poucos, aquêle homem voluntarioso e sério, capaz de trabalhar com devoção e entrega incomuns. Repórter político, vira-o chegar à Câmara Federal, há apenas seis anos (1971), tão ilustre, quanto desconhecido. Adivinhou nêle um parlamentar de valor. Acertou: Júlio Tavares passou o ano inteiro trabalhando furiosamente nas comissões e estremeceu o plenário, em 1972, exigindo cortes no orçamento da Defesa, denunciando acordos atômicos lesivos ao país e desmascarando poderoso grupo industrial armamentista.

Evandro se recorda claramente da Convenção de Manaus, em 1974, quando o Partido Trabalhista Cristão, contrariando todos os prognósticos, homologou surpreendentemente a candidatura Júlio Tavares à Presidência da República. Na abertura dos trabalhos, não era mais que um brilhante deputado federal, conhecido em todo o Brasil pelas suas lutas, admirado no país inteiro pelo tom heróico que sabia dar a elas. Mas era senhor apenas dos 23 votos do seu Estado, o pequeno Espírito Santo, cuja delegação chefiava. E pretendia dá-los a um dos cinco grandes governadores do partido.

Entrou na convenção pequeno eleitor, pois. E só saiu de lá candidato porque os grandes governadores não se entenderam. Numa solução alta, inspirada em lúcida carta do professor Alceu de Amoroso Lima, nos seus 80 e tantos anos, êsses governadores, em fim de mandato — José Carlos Guerra, de Pernambuco, José Aparecido de Oliveira, de Minas, Mário Covas, de São Paulo, Rafael Almeida Magalhães, da Guanabara e Carlos Alberto Moro, do Paraná — aceitaram o nome de Júlio Tavares e o sufragaram no sétimo escrutínio.

De manhã, não era sequer aspirante. De noite, era candidato do maior partido da oposição. E, oito meses depois, presidente da República.

Evandro examina a figura do homem que lê à sua frente. Dois anos e quase quatro meses de govêrno não o alteraram. Está como na noite da Convenção de Manaus, quando lhe bateu no ombro e o convocou:

— Evandro, vou precisar de você.

Escarrapachado no grande automóvel, Hipólito segue em disparada rumo ao seu sítio, em Jacarepaguá. Como sempre, mastiga um charuto e rumina idéias. Os três pistoleiros que fizera vir clandestinamente do Paraguai estão à sua espera. Hipólito sabe que seria mais prudente manter-se afastado dêles; não desconhece, também, o risco de tê-los abrigado em uma propriedade sua; mas, acima de tudo, está certo de que a coisa tem que ser feita pessoalmente.

— Evandro, vou precisar de você.

O presidente ainda está com os olhos fixos no documento do Ministério do Exterior, quando pronuncia a frase muitas vêzes repetida, que soa familiar aos ouvidos do secretário de Imprensa e o tira do seu mundo de recordações.

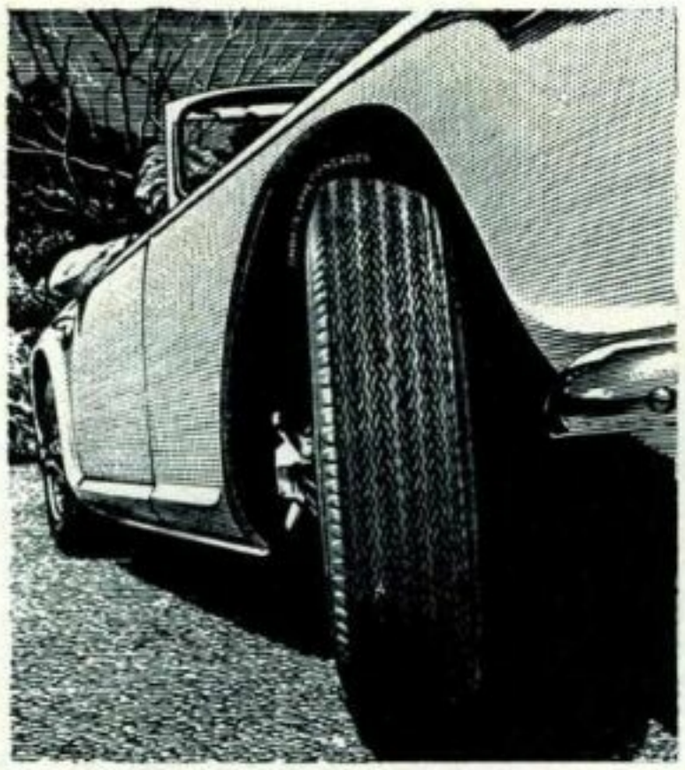
— Pois não, presidente.

Os três pistoleiros ergueram-se assim que Hipólito entrou na varanda da casa de campo.

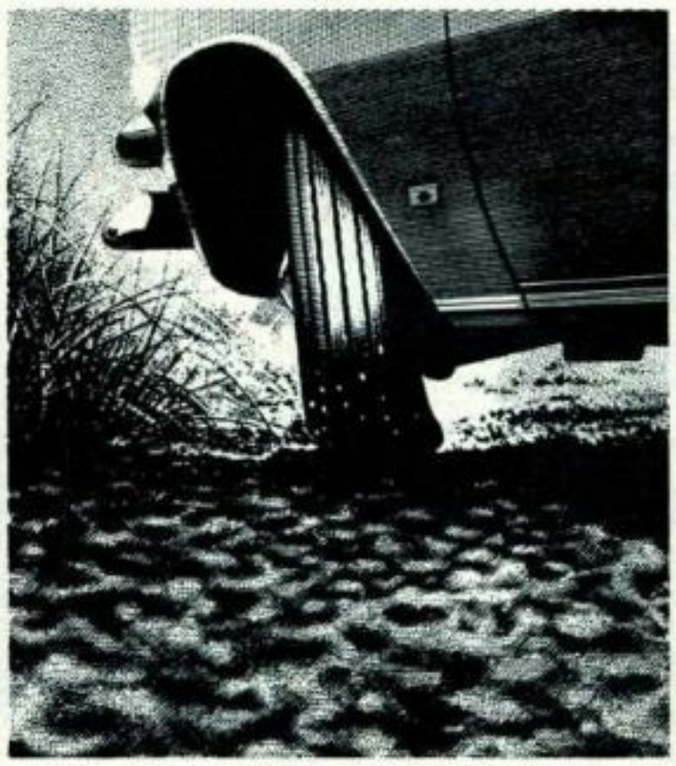
— A sus ordenes, excelência.

SEGUE

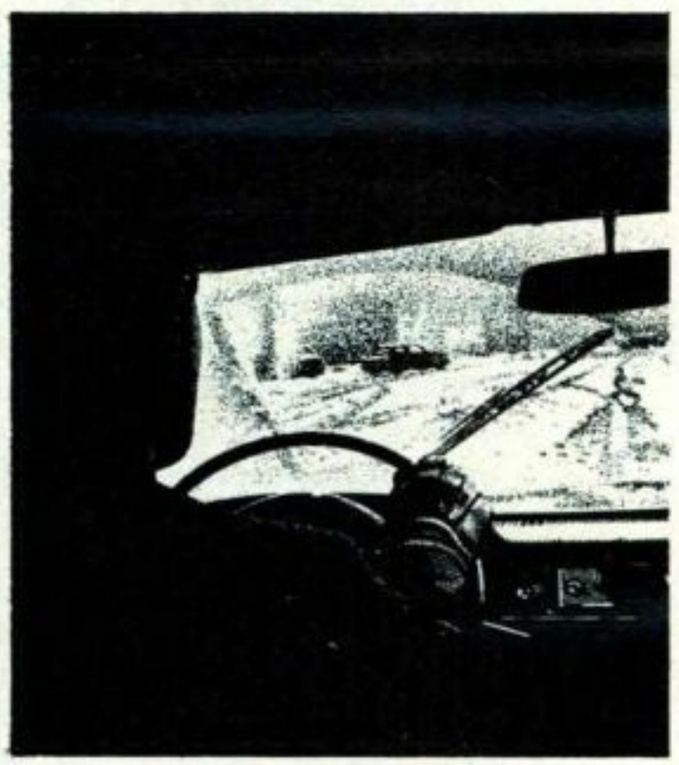
O pneu G8 não fala... mas responde a todos os contrôles.



Porque: graças aos ombros arredondados você tem perfeito domínio do volante.



Nas curvas, a direção é firme, e a aderência é perfeita.



Nas retas, o rodar é suave e seguro, em qualquer tempo.

Construído com os famosos cordonéis 3T, enfrenta qualquer tipo de estrada, resistindo a todos os impactos.

E a Borracha Tufsyn, exclusiva da Goodyear, proporciona muitos km extras...

Tudo isso para você rodar feliz com a segurança e o confôrto do G8.

Rode com segurança e alegria... rode com pneus G8 Goodyear.

O pneu G8 com ombros arredondados é um pneu moderno para carros modernos. O rodar é confortável, macio e silencioso, a segurança é total, com perfeito domínio do volante. Mude já para o G8!

G8 GOODYEAR

Agora, ninguém mais pode deter a conspiração

SETE DIAS
CONTINUAÇÃO

3 de Maio-Têrça-feira, 21 horas

A residência da Granja do Ipê é grande para êle, sua mulher e a filha única. Mas Júlio Tavares a preferiu ao Alvorada: achou a Granja mais aconchegante. Esta noite, não há convidados para o jantar, o que é raro. Terminada a refeição, o casal e a menina procuram o jardim de inverno, suficientemente pequeno para aproximá-los ainda mais.

— Quinta-feira vou a Belo Horizonte e volto no dia seguinte pela manhã. Gostaria de levá-las, mas o programa é cansativo e eu nem poderia ficar com vocês. Mas no sábado eu prometo: vamos passar o fim de semana na nossa casa da praia de Manguinhos.

Mulher e filha gostam da troca. A casa de madeira da bonita praia de Vitória é, verdadeiramente, a casa da família.

A menina liga a televisão:

— Repito, senhores, repito: há que estender os braços para a África. Se americanos e soviéticos andam de braço; se China e Índia trocam juras de amor eterno; se há estranhos casamentos de interêsses; se tudo isso, enfim, se passa diante dos nossos olhos, não há por que nos trancarmos dentro de nossa América Latina: há que estender os braços para a África.

Membro da Comissão de Relações Exteriores do Senado, o ex-presidente Jânio Quadros, um homem forte de 60 anos, senador eleito pela Paraíba, é o cruzado da ponte atlântica.

— Tenho dito isto ao nosso honrado presidente Júlio Tavares. E tenho como certo que Deus o inspirará para o salto hercúleo.

Júlio Tavares sorri. Colara cartazes para o marechal Lott, mas possuía desde então uma certa simpatia pela figura mística de Jânio.

Evandro Carlos de Andrade, o secretário de Imprensa, trabalha sôbre o texto do discurso presidencial. Quinta-feira, em Belo Horizonte, êle ganhará vida, entrará por uma bateria de câmara de televisão e se espalhará pelo mundo. O presidente vai pronunciá-lo no encerramento do I Congresso Mundial de Energia Nuclear para a Paz. E Evandro sabe que o mundo inteiro aguarda a definição da política atômica brasileira.

Hipólito reúne em seu apartamento um grupo selecionado: um banqueiro, um general reformado, um exportador de minérios e dois industriais, homens à beira do desespêro, bloco maciço de interêsses frustrados.

— Está tudo assentado — comunica o dono da casa.

4 de Maio-Quarta-feira, 18 horas

Diretores e editorialistas do **Jornal do Brasil** estão reunidos no 18.º andar do edifício Pereira Carneiro, no Rio. Nascimento Brito, o diretor, tem várias tiras de papel numa das mãos e um lápis, como bastão, na outra. Brito abre a reunião.

— Tenho aqui a nota do Ministério da Defesa. Escutem só: "Após conferenciar com os secretários do Exército, da Marinha e da Aviação Militar, o ministro da Defesa, general Mário Davi Andreazza, decidiu reafirmar de público que não têm o menor fundamento as notícias de descontentamento nos quartéis, difundidas por alguns jornais interessados em perturbar a ordem para servir a seus subalternos interêsses. O comandante supremo das Fôrças Armadas é o presidente da República. Nenhum outro propósito move o Exército, a Marinha e a Aviação Militar senão o de obedecê-lo."

— A **United Press** acaba de transmitir um despacho de Washington, com esta declaração do presidente Robert Kennedy: "A Reunião de Presidentes, em Belém do Pará, Brasil, será um encontro de lideranças. Os Estados Unidos se sentarão à mesa de alto nível sem imposições e com o coração aberto. A defesa dos nossos anseios será tanto quanto possível consoante com os de cada nação, pequena ou grande, pobre ou rica. Não levaremos interêsses em nossa bagagem. Apenas, esperança."

— O Padilha, líder da oposição, fêz violento discurso na Câmara. Vejam êsse trecho: "O meu temor é que êste pais ciclópico se atire nos braços da China por temor ao eixo Washington-Moscou."

— Acho que as declarações de fidelidade do Ministério da Defesa, de amor do presidente norte-americano e de desconfiança do senhor Padilha, tudo isso bem costurado dá um bom editorial.

5 de Maio-Quinta-feira, 11 horas

O Boeing-787, n.º 1, da Presidência da República, cola as suas rodas no Aeroporto da Pampulha. Belo Horizonte amanhecera festiva e embandeirada para receber o chefe da nação. O governador Herculino não cabe em si de contente.

— Eu não dizia? Minas vai ser palco de grandes acontecimentos.

O sorriso do presidente se abriu com a porta do avião e Júlio Tavares é aclamado até o delírio.

O presidente cumprimenta as autoridades e reconhece alguém no meio da multidão. Abre caminho no meio do povo com seus ombros largos. Os agentes de segurança se desesperam. Júlio Tavares caminha oito metros com dificuldade e num gesto largo abraça um velho homem de cabelos embranquecidos: Juscelino Kubitschek, curvado ao pêso dos seus 74 anos. O povo vibra. Um operador de TV despenca do palanque da Imprensa. Há quem chore na multidão.

Na sua casa de Jacarepaguá, Hipólito tem os olhos colados na televisão. Só, com seus dois dálmatas, sente uma terrível necessidade de se justificar. Fala para si, como querendo se convencer:

— Não havia outro remédio. JT é a negação de tudo em que nós acreditamos. Quer suspender tudo de uma vez: as encomendas de armas nas indústrias nacionais, as exportações de minérios atômicos e as negociações para a Fôrça da Paz. Não havia outro remédio.

SEGUE

Bem feito! Quem mandou querer tirar o vinco de Nycron!

NYCRON

um tecido SUDAMTEX

Depois da recepção, tiroteio e pânico na rua

SETE DIAS
CONTINUAÇÃO

Os pistoleiros estão preparados: Juan, ao volante de uma perua estacionada a dois quarteirões do lugar escolhido, gastara o dia anterior percorrendo até decorar, com alternativas, a trajetória entre a sua posição e o campo de pouso disfarçado num sítio nos arredores de Sabará; Manuel, estirado no terraço de um velho prédio, cobre sua arma com o corpo; e Paco, o mais velho e o mais frio dos três, fuma com ar despreocupado, um ôlho na janela do casarão, o outro na arma sôbre o tripé.

11 horas e 30 minutos

De pé, no carro aberto, o presidente Júlio Tavares entra em Belo Horizonte. Há povo apinhando-se em tôda a extensão do trajeto. O cortejo segue vagaroso. São atiradas flôres à passagem do presidente. Uma braçada de rosas cai dentro do automóvel. Os agentes de segurança se desesperam mais uma vez.

Hipólito transpira abundantemente. Acompanha fascinado o cortejo, olhos voltados para o vídeo colorido. Uma lente de aproximação enquadra o presidente. O rosto de Hipólito se contrai diante do sorriso de Júlio Tavares.

Juan liga seu veículo: quer o barulho do motor por companhia; Manuel acaricia a arma; o Paco acende tranqüilamente uma cigarrilha, um ôlho na arma sôbre o tripé, o outro na janela do casarão.

11 horas e 55 minutos

Grande concentração popular em tôrno do nôvo Teatro Tiradentes: as delegações de 14 países, formadas por representantes dos governos e cientistas, aguardam o presidente Júlio Tavares para o encerramento do I Congresso Mundial de Energia Nuclear para a Paz. As sirenas dos batedores anunciam: o presidente Júlio Tavares está. chegando.

O regozijo popular é geral quando o carro aberto contorna o monumento e se detém diante da escadaria do teatro. De alguns edifícios caem serpentinas coloridas. E os agentes de segurança se assustam de nôvo.

Júlio Tavares ergue os braços e acena. A multidão desfaz os cordões de isolamento. O presidente começa a subir a escadaria, seguido apenas do governador, do chefe do seu Gabinete Civil, de um assistente militar e do ajudante-de-ordens e por populares que furaram o bloqueio policial.

SEGUE

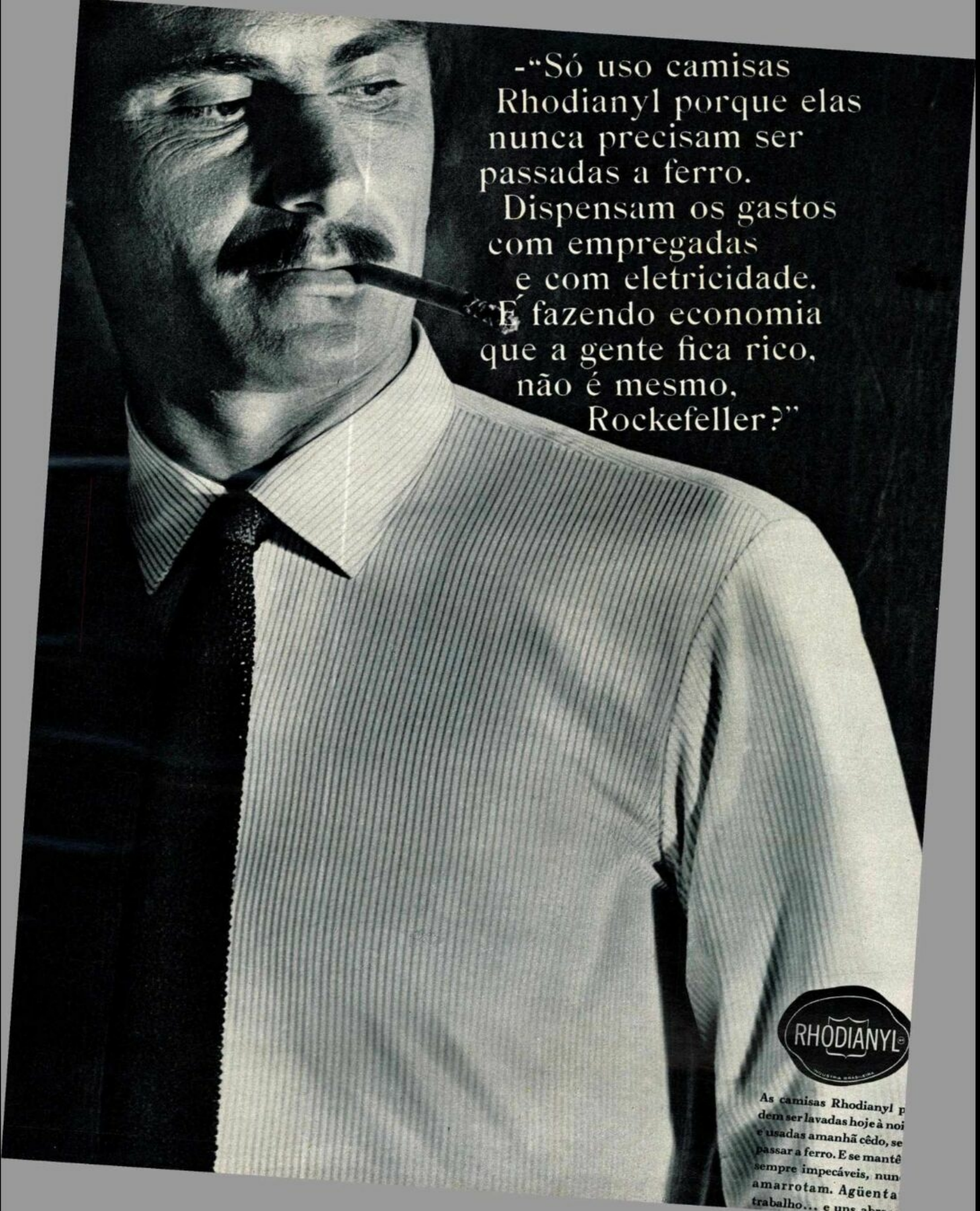
Encontrando esta etiquêta,
compre com tôda confiança.
Ela garante a qualidade de
uma grande série de artigos.

Eis a camisa:

RHODIANYL®

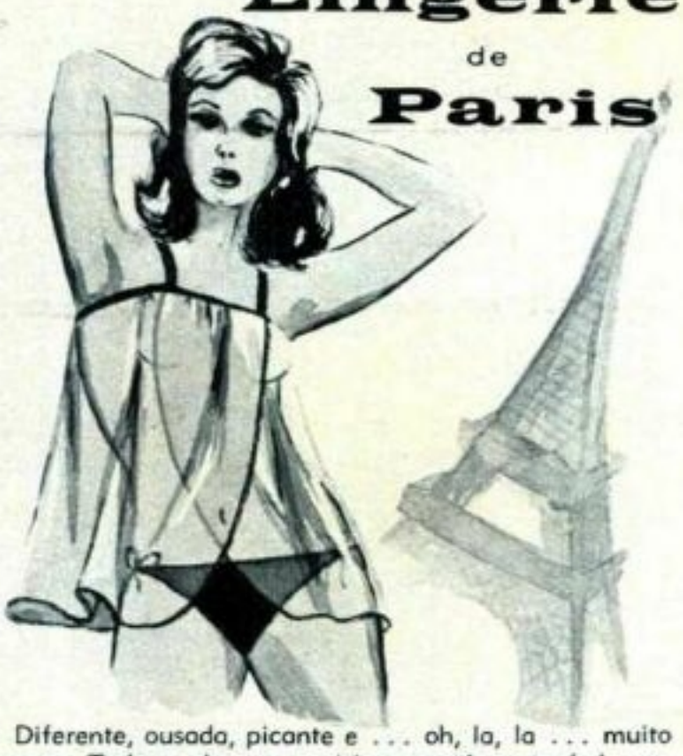
INDÚSTRIA BRASILEIRA

Standard Propaganda


-"Só uso camisas
Rhodianyl porque elas
nunca precisam ser
passadas a ferro.
Dispensam os gastos
com empregadas
e com eletricidade.
É fazendo economia
que a gente fica rico,
não é mesmo,
Rockefeller?"
RHODIANYL
As camisas Rhodianyl p
dem ser lavadas hoje à noi
e usadas amanhã cêdo, se
passar a ferro. E se mantê
sempre impecáveis, nun
amarrotam. Agüenta
trabalho... e uns abra

Compre pelo Reembolso Postal

Lingerie de Paris



Diferente, ousada, picante e ... oh, la, la ... muito sexy. Todo o charme parisiense está nesta bela coleção de calças-biquini, miniquinis, biquinis com "ouvert", soutiens, baby-dolls, camisolas e trajes especiais. Sonhos que se tornam realidade! Sedução irresistível! — Ao seu alcance através do Reembolso Postal. Modelagem exclusiva.

Peça o nosso CATÁLOGO, mandando o seu endereço e Cr$500 NCr$0,50 em selos postais (taxa de proteção, será deduzida do primeiro pedido). N/CATÁLOGO inclue ofertas de livros de ORIENTAÇÃO CONJUGAL (só p/adultos).

Preencha o cupom abaixo e envie-o à:

ESPECIAL

Caixa Postal 1933 — CURITIBA — PR.

((ENVIEM URGENTE O SEU CATÁLOGO PARA:))

NOME: .....

ENDEREÇO: .....

CIDADE: ..... EST.: .....

presenteie no

DIA DAS MÃES

com o mais delicado dos presentes! Faça sua escolha entre os muitos livros capazes de tocar a sensibilidade das mães: será o livro do amor filial, na data que se constituiu na mais bela flor de maio!

seu amigo livreiro
está ás ordens
para auxilia-lo na escolha

SEM RIVAL

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

LIVROS - PRESE TE DE A IGO!

SETE DIAS CONTINUAÇÃO

Um morto na escadaria

Sua figura se destaca entre as outras. E seus passos engolem os degraus. Êle pensa no pronunciamento que vai fazer dentro de instantes. E ao pisar o último degrau soam os tiros. Com os dois primeiros estampidos, Julio Tavares cambaleia.

De um salto, um jovem se lança sôbre o presidente e o derruba. Os tiros se sucedem. O môço faz seu corpo de escudo. A multidão corre e grita. Agentes de segurança sacam revólveres e atiram para o alto. A multidão corre pela praça. O rapaz e o presidente são arrastados para o interior do teatro.

12 horas

Marco Antônio Pereira dos Santos, 22 anos, estudante de Arquitetura, tem o corpo furado de balas e a roupa empapada de sangue. Com um tiro no ombro, outro no braço, o presidente recusou os dois médicos:

— Eu posso esperar. Salvem êste menino.

Mas o jovem está morrendo, não há mais nada a fazer.

Júlio Tavares se ajoelha chorando:

— Um menino, um menino — repete o presidente.

Os médicos já estão aplicando um torniquete no braço de Júlio Tavares. Querem diminuir a hemorragia. O ferimento do ombro é superficial.

A nação traumatizada acompanha a tragédia:

— O presidente está bem e vai fazer seu discurso dentro de uma hora.

13 horas e 18 minutos

Diante da platéia eletrizada, Júlio Tavares deixa de lado o discurso escrito e fala de improviso. A palidez e o tremor da voz denunciam seu estado de espírito:

— Um menino acaba de morrer nos meus braços, para evitar que eu morresse aos seus pés. Não sei bem quem êle é, não sei quem são seus pais, mas eu asseguro que serei digno do sacrifício dessa vida, que êste crime abominável não ficará impune e que o sangue generoso derramado por Marco Antônio Pereira dos Santos fará manter-se sempre vivo, à sua lembrança, o nosso ideal comum.

Silêncio absoluto na platéia do grande teatro. As rêdes em côres de TV levam a cada canto o semblante grave e as palavras impregnadas de emoção do presidente Júlio Tavares.

— Vim a esta reunião com um longo discurso para anunciar que o Brasil, dêste momento em diante, assume a vanguarda do movimento pela proscrição total de armas nucleares. Alinhei longo raciocínio para sustentar daqui a nossa posição. Passo, neste instante, meu discurso ao presidente dêste congresso. No lugar de palavras, entrego-lhes o sangue de um mártir como o mais eloqüente apêlo à paz. A morte dêste môço é a mais violenta advertência aos que vivem da indústria da guerra.

SEGUE

O Aero-Willys diz logo quem você é.

Quando você passa no seu Aero-Willys, todo mundo já sabe que ali vai um homem inteligente, dinâmico e bem sucedido.

Por que?

Porque o Aero-Willys sempre foi o carro preferido por homens como você. A imagem está feita.

O Aero-Willys é bonito, tem presença, é sóbrio.

Tem motor de 110 HP, com fôrça para o desempenho que você deseja.

É um carro de confiança, carro para quem tem compromissos e não pode faltar, tem horários para cumprir e não pode atrasar-se.

O Aero-Willys tem espaço e confôrto para seis pessoas.

No Aero-Willys 67, você ainda tem: novas lanternas traseiras, painel reestilizado, nôvo estofamento, direção mais suave e obediente.

Aero Willys 67

Produto da Willys-Overland

Fabricante de veículos de alta qualidade.

©Willys-Overland - 67.1150

Você já reparou que ùltimamente seu televisor (e os dos seus amigos) está sempre ligado no Canal 5?

isso até ajuda a poupar o seletor de canais

É claro: há muita coisa diferente para ver no Canal 5. Por exemplo:

1. Show de Cinema - 2a. a 6a. - 21h 30m
2. Domingo à Noite no Cinema - 21h
3. A Sombra de Rebeca - 2a. a 6a. - 20h
4. A Rainha Louca - 2a. a 6a. - 21h
5. O Globo no Ar - 2a. a Sábado - 19h 45m
6. Programa Sílvio Santos - Domingo - 11h 40m às 17h
7. Sessão Zaz-Traz - 2.a a 6a. - 17h às 19h
8. Bat-Man - 3a. e 4a. às 20h e 30m
9. Os Reis do Ringue - Sábado - 20h 30m

Por êsses (e por outros programas também) o Canal 5 está cada vez mais perto de você.

tv paulista 5 - **uma das emissoras de "O Globo"**

O crime: um mistério

6 de Maio - Sexta-feira, 15 horas

Os seis suspeitos detidos ontem já estão em liberdade. A polícia, confusa, corre atrás de fantasmas. Ninguém dá atenção ao telegrama com a notícia da queda, em Assunção, de um táxi aéro paraguaio que se incendiou ocasionando a morte de seus três ocupantes. Um dêles foi identificado como Paco Martinez, contrabandista com várias passagens pela Polícia.

No Rio, Hipólito folheia os jornais da tarde. Suspeita-se de uma trama internacional.

— Nunca me pegarão.

O presidente Júlio Tavares, em Belo Horizonte, carrega o tempo todo uma das alças do caixão do jovem estudante. A cidade inteira acompanha o entêrro.

7 de Maio - Sábado, 9 horas

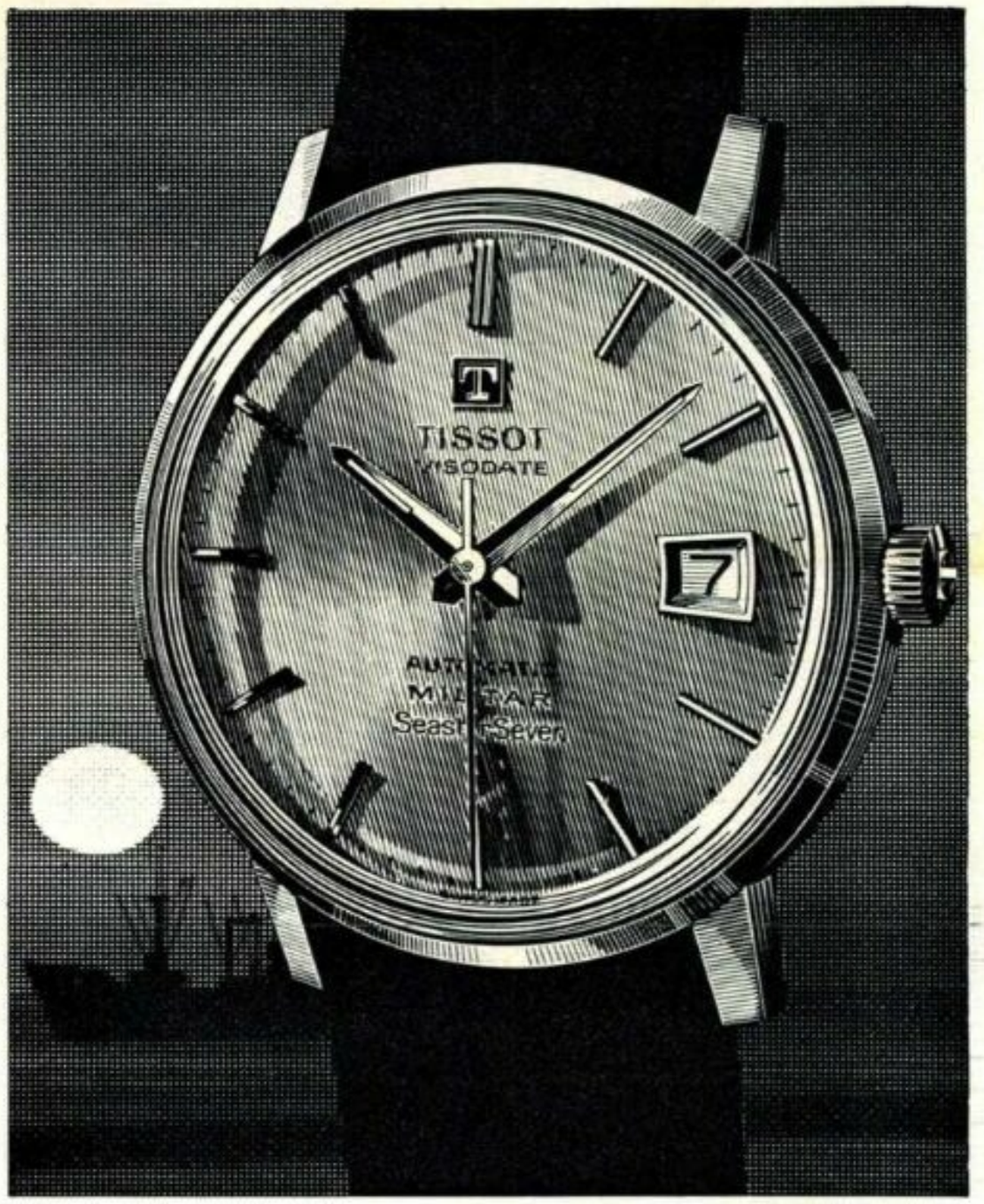
O presidente Júlio Tavares, sua mulher e filha chegam à praia de Manguinhos. Existem ordens médicas expressas para que repouse: não dorme há três noites.

A arrumadeira pára à porta: Hipólito, caído no tapête do quarto, ainda segura o revólver.

— Suicídio — diz a Polícia.

— Os negócios dêle iam mal — comentam os amigos.

FIM



Eis as 7 proezas que distinguem o nôvo
TISSOT Seastar 7 Seven MILITAR

1 Revolucionário mecanismo de "Calibre Único Tissot", sôbre o qual é montado o dispositivo de corda automática ou o calendário - ou ambos.

2 É a "vedete" da famosa linha Tissot *Militar*... com tradição de precisão e robustez adquiridas nas mais duras provas da última guerra mundial.

3 É um relógio realmente original e luxuoso - repare o mostrador e ponteiros... são de luxo.

4 Caixa de uma só peça; daí resulta um relógio mais fino, mais elegante e, sobretudo, mais sólido.

5 Devido à sua caixa - de uma só peça - tem maior impermeabilidade, pela eliminação da tampa do fundo das caixas impermeáveis comuns.

6 Preços bem vantajosos para relógios de tão alta qualidade. Conheça-os... você ficará admirado. Ficará convencido.

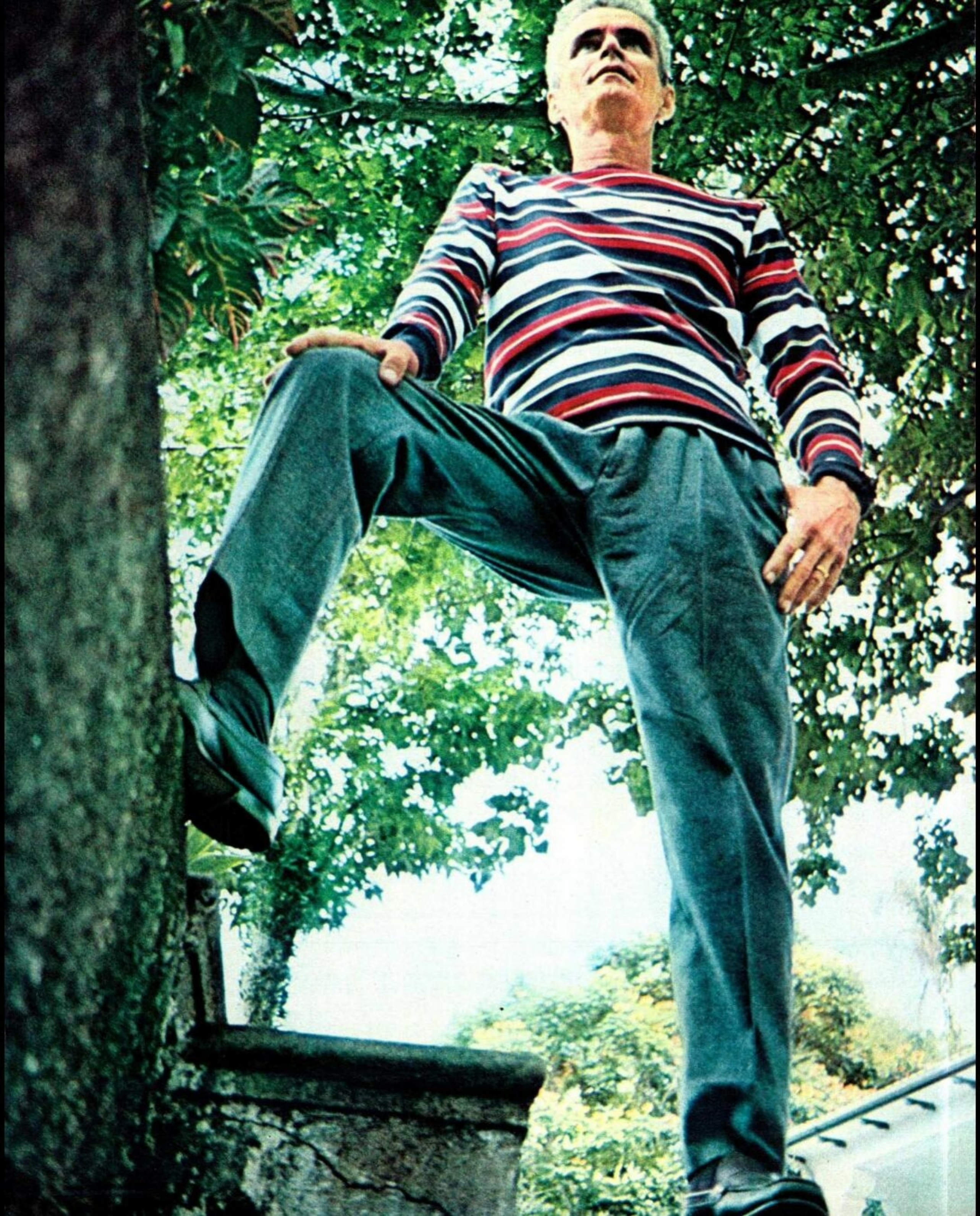
7 Serviço mundial de vendas e manutenção; entre as melhores relojoarias de sua cidade, certamente você encontrará os mais representativos modelos Tissot... entre os quais o nôvo Tissot *Seastar Seven Militar*.

Tissot *Seastar Seven Militar* ao seu dispor em 2 modelos: o convencional, de corda automática e o *Visodate* que, além de automático, tem calendário que marca o dia do mês.

T
TISSOT
Seastar 7 Seven
MILITAR

Assistência Técnica Tissot: São Paulo: Av. Paulista, 352 - 13º • Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 138-10º • Pôrto Alegre: R. Andradas, 1.629 - 1.º, ou por todos os Concessionários Autorizados Tissot.

3.518



Durante 50 dias, os habitantes de São Paulo, como já acontecera com os do Rio, São Luís e Belém, duvidaram da sanidade mental do coronel da FAB, Américo Fontenelle. Hoje, após vê-lo afastado do Departamento de Trânsito paulista, o país inteiro continua perguntando:

ÊSTE HOMEM É LOUCO?

Nesta reportagem — sem nenhum rigor médico — foi feito o "exame psiquiátrico do paciente", pelo repórter e psicanalista Roberto Freire. As fotos são de Geraldo Mori

Identificação

Nome: Francisco Américo Fontenelle. **Idade:** 46 anos. **Pêso:** 68 kg. **Altura:** 1,76 m. **Filiação:** Américo Dyott Fontenelle e Judith Formiga Fontenelle. **Estado civil:** casado com Mírian Fontenelle. **Filhos:** cinco — Mírian, Francisco Américo, Sara, Américo Dyott e Fátima. **Profissão:** coronel aposentado da Aeronáutica e ex-diretor do Departamento de Trânsito de S. Paulo.

QUEIXA — Em vista do comportamento público do **paciente,** a população da cidade de São Paulo pergunta: êsse homem é um gênio ou um louco varrido?

A partir de fevereiro dêste ano, após tomar posse no cargo de diretor do DET, as queixas principais contra sua conduta são as seguintes: impostura, incapacidade técnica, demagogia, mania de grandeza, narcisismo, exibicionismo, sadismo, prepotência, insensibilidade, intransigência, fascismo, subversão e corrupção. Em conseqüência de tudo isso, os queixosos apontam: loucura no trânsito da cidade, neurotização de motoristas e pedestres, enormes prejuízos para a indústria e o comércio, desespêro para a parte mais pobre da população que se utiliza de ônibus e trens, desgaste político do governador do Estado e do prefeito, aparecimento de um líder fanático perigoso e incontrolável.

Embora tão **anormal** e ameaçador, sua popularidade crescia dia a dia, só encontrando pela frente a de um cantor popular. Mas quem tem mêdo de Roberto Carlos, que não é militar, nem se envolve em política?

HISTÓRIA FAMILIAR — Pai: destacou-se como esportista, praticava iatismo e hipismo; foi bom administrador, sempre teve boa saúde; morreu num acidente (queda de cavalo); ao contrário do **paciente,** era homem muito tranqüilo.

Mãe: mais parecida fisicamente com o **paciente,** é uma típica dona de casa brasileira.

Avós: o único que se destaca é o paterno, de origem franco-canadense. Notorizou-se por um exagerado patriarcalismo: durante muito tempo seus filhos casados e netos moraram em sua própria casa, sem que para isso houvesse qualquer razão econômica.

Tios: apenas um se dedica à carreira militar, chegando a brigadeiro; outro morreu em desastre de trânsito, há muitos anos. Alguém já lembrou a possível relação entre a agressividade do **paciente** contra motoristas e a morte dêsse tio.

POSIÇÃO SOCIAL — Homem de classe média, viveu até poucos anos do sôldo militar. Após 25 anos de serviço na ativa, reformou-se em 1964, quando fêz completo exame de saúde e foi considerado **apto A.** A seguir, foi trabalhar com um cunhado, José Rodrigues Sena, do grupo técnico do prof. Hélio Beltrão — de quem recebeu os conhecimentos para seus posteriores trabalhos em administração particular e pública. Pôde, com isso, melhorar as condições de vida da família, embora de seu possua apenas um apartamento no Rio e dois automóveis. Só em 1966 é que começou capitalizar recursos financeiros (cêrca de quatro milhões mensais), graças à sua firma, a **Fontec.**

Ligado desde 1945 ao então jornalista Carlos Lacerda, passou a participar, direta ou indiretamente, em sua companhia, de todos os acontecimentos político-militares, até hoje. Essa amizade começou pouco antes dos episódios que terminaram com a morte do major Vaz e o suicídio de Getúlio Vargas. Não tomou parte nas operações de Aragarças e Jacareacanga, mas todos os realizadores dessas fracassadas façanhas continuam sendo seus amigos e companheiros de atividades políticas. E não participou, sobretudo, porque não via possibilidades de êxito naqueles planos, acompanhando assim a posição do líder do grupo, Lacerda.

Paralelamente a essa atividade política na vida militar, há outra que êle próprio julga de grande importância: como membro da equipe do brigadeiro Hélio Costa, é co-responsável pelo planejamento e execução de tôdas as rotas aéreas ainda em uso no Brasil.

O ambiente em casa, embora um tanto influenciado por sua popularidade nos últimos anos, permanece bàsicamente o mesmo do tempo em que era apenas oficial da Aeronáutica: uma família tìpicamente carioca (mais de zona Norte que de Copacabana).

História pessoal

DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL — Francisco Américo nasceu a 2 de fevereiro de 1921, no Rio, de parto normal e teve as doenças comuns da infância. Dentição, fala e locomoção própria dentro dos períodos normais. O **paciente** não se recorda de qualquer comportamento psicológico diverso da média das crianças brasileiras. De suas lembranças destaca o gôsto pelas **peladas** nas praias de Niterói e pelas alegres perseguições aos balões nos tempos de festas juninas. Alguns companheiros de infância — entrevistados — atestam seu temperamento gozador, desde essa época, bem como habilidade e coragem para as brigas de rua. Outro fato também mencionado por colegas daqueles tempos: era namorador e tinha certo sucesso com as garôtas. Em 1939, conseguiu ser treinador de um time de volibol feminino que se exercitava na praia das Flechas, em Niterói. Uma das jogadoras chamava-se Míriam e era sua colega de ginásio. Essa môça, segundo êle afirma, encerrou sua atividade de conquistador e treinador: namoraram, noivaram e, cinco anos depois, casaram.

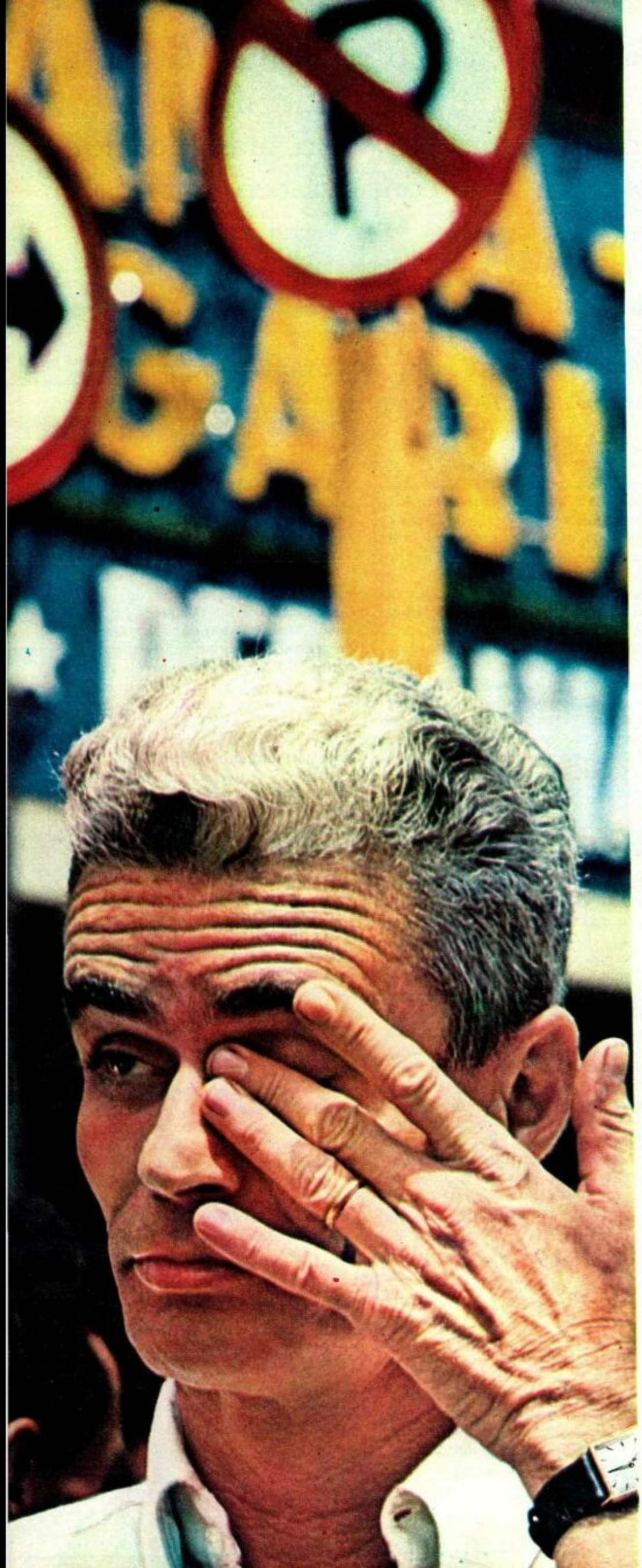
ESCOLARIDADE — Em 1940 o **paciente** entrou para a Escola Militar do Realengo, passando no ano seguinte para a Escola de Aeronáutica dos Afonsos. Informa que sua vocação para a aviação militar nasceu nas salas escuras dos cinemas de Niterói. O jovem Francisco Américo assistia aos filmes de guerra norte-americanos, encarnando em fantasias os heróis das batalhas aero-navais. Resolveu, então, transformar essas fantasias em realidade. Em 1950 cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica de Cumbica, passando a seguir para o Estado-Maior da Aeronáutica, em 1956. Durante êsse período visitou os Estados Unidos, onde aperfeiçoou-se em comunicações eletrônicas. A partir de 1961, seu interêsse cultural e técnico mudou de rumo. Passou a ser professor da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, onde lecionou Organização e Métodos de Trabalho e Métodos de Pesquisa.

OCUPAÇÕES — Foi chefe do Serviço de Proteção ao Vôo, onde chegou à patente de coronel-aviador, em 1963. De 1961 a 1965, ocupou os seguintes cargos públicos no Estado da Guanabara: coordenador de Transportes, diretor do Departamento de Concessões, presidente da Companhia de Transportes Coletivos, secretário da Comissão Executiva do Desenvolvimento Urbano e diretor do Serviço de Trânsito.

Já executou os planos de trânsito e transportes coletivos do Rio de Janeiro, de Belém e de São Luís. Organizou o Departamento Estadual de Trânsito de São Paulo e tentou disciplinar o trânsito da capital paulista.

HÁBITOS — De fumante crônico, tornou-se disciplinado por recomendação médica (um maço por dia, com filtro). Bebe álcool apenas socialmente.

SEGUE



História médica

Além das doenças naturais da infância, teve apenas um enfarte do miocárdio, em 1963. Por isso, cada dois meses submete-se a exame clínico completo. Sofreu três acidentes aéreos, sem maiores conseqüências. O ocorrido em 1944, no Rio Grande do Norte, na praia de Areia Branca, foi o mais grave: voava num monomotor em companhia de um tenente de nome Aquino, quando houve um desarranjo no aparelho, que se desgovernou. Ao tentar uma aterrissagem na praia, o vento jogou o aparelho no mar. Sentindo-se ilesos, despiram-se completamente e nadaram em direção à terra. Ao chegarem despidos na vila de pescadores, provocaram um escândalo e por pouco não foram linchados.

ENFERMIDADES MENTAIS ANTERIORES — As mesmas queixas contra seu comportamento anormal quando agiu na cidade de São Paulo, êste ano, também foram feitas a partir de 1961 na Guanabara, e, mais tarde, em São Luís do Maranhão e em Belém.

Vêm da Guanabara as queixas principais. Começaram quando êle assumiu a direção do Trânsito carioca: seu primeiro ato foi esvaziar os pneus de todos os carros que estacionavam em lugar proibido. Isso provocou muitos escândalos e a partir daí seu nome passou a ser conhecido. Ganhou nessa época o apelido de **Coronel Fon-Fon.** O **paciente** nega-se a aceitar a autoria de tal método e informa que Meneses Cortes, ex-diretor de Trânsito do Rio, foi seu verdadeiro inventor, ao esvaziar os pneus de todos os carros estacionados irregularmente em tôrno do Maracanã, num dia de jôgo importante.

Além de esvaziar pneus, o **paciente** envolveu-se pessoalmente em vários incidentes de rua, que o tornaram ainda mais famoso, e mais discutida a sua sanidade mental. Eis alguns exemplos, citados por muitas pessoas como prova de que o **paciente** está privado da razão:

1) O carro da embaixada da Nicarágua estava estacionado na avenida Rio Branco, Rio, em fila tripla, irregularmente. O coronel mandou guinchá-lo. Embaixador e embaixatriz não se conformaram, sobretudo a embaixatriz, que disse frases bastante pesadas ao diretor do Trânsito. Havia grande massa de populares em tôrno do carro. Quando os gritos da embaixatriz estavam mais altos, alguém lhe atirou um balde d'água, da janela de um edifício. Com a chegada do guincho, o coronel fêz cumprir a ordem. Tôda molhada, a embaixatriz entrou no carro, com o marido e foram levados para o pátio do Serviço de Trânsito. Lá, mais calmos, pagaram a multa e voltaram de táxi para casa.

2) Como é de seu hábito, o **paciente** assiste pessoalmente às modificações que introduz no trânsito. Um dia, ainda no Rio, estava na praia do Flamengo, quando um carro com chapa diplomática cometeu infração. O **paciente** pôs-se diante dêle, tentando obrigá-lo a corrigir o êrro. Em lugar de obedecer, o motorista jogou o carro sôbre o **paciente,** que foi obrigado a saltar para não ser atropelado. Porém, se a audácia do motorista era grande, a sorte era pequena: o sinal fechou e êle precisou frear poucos metros adiante. Acompanhado de um guarda, o **paciente** deu voz de prisão ao motorista. Verificou-se então, tratar-se do adido comercial da Embaixada da Holanda. Mesmo assim, a ordem de prisão foi mantida. O soldado entrou no carro, para acompanhar o detido até um ponto onde pudesse estacionar, sem prejudicar o trânsito. Mas a audácia do motorista continuava, pois êle conduziu o carro para a própria embaixada holandesa, que ficava a poucos metros dali. Aí, desceu do carro e, alegando estar em território holandês, pôs o soldado para fora da embaixada. Informado, o **paciente** não teve dúvida: fêz um carro do Trânsito estacionar a um palmo da porta da embaixada, fechando a passagem de qualquer pessoa ou automóvel nos dois sentidos. Quem saísse seria prêso. E o coronel explicava: "Do portão para fora é território brasileiro e, enquanto o adido não se entregar, o carro do Trânsito não sai dali". Tiveram início as negociações diplomáticas, sem nenhuma solução por mais de quatro horas. Finalmente, o adido entregou-se a um diplomata do Itamarati, que se encarregou das providências para que o caso fôsse encerrado. Porém, como prometera o diretor do Trânsito, o cidadão holandês foi multado.

3) O mais grave de todos os incidentes ocorreu diante da Assembléia Legislativa da Guanabara. Era uma tarde chuvosa. O **paciente** estava exausto e sentia-se mal. Às duas horas da tarde, chegou ao gabinete de trabalho e deu ordem à secretária para que não o importunassem de jeito algum, por duas horas. Trancou a porta e dei-

Fêz funcionário do Itamarati obedecer a socos

tou-se num sofá. Sentia os primeiros sintomas da doença cardíaca que acabaria no enfarte. Perto dali, diante da Assembléia, dois deputados estacionaram seus carros em locais proibidos, deliberadamente. Um guarda de trânsito os advertiu. Eram os deputados Jamil Haddad e Rossini Lopes, que desafiaram o guarda a tentar esvaziar os pneus. O incidente provocou grande ajuntamento de populares. Outros deputados apareceram e apoiaram os colegas. Aproveitando a aglomeração, os deputados infratores fizeram discursos contra o diretor do Trânsito. O guarda, diante das proporções do incidente, resolveu ir informar seu chefe. A secretária impediu, mas o guarda a afastou, e com o pé, arrombou a porta. Desculpou-se da indisciplina e contou ao **paciente** o que estava acontecendo. Desceram juntos para a rua e sob aplausos dos populares, sem dizer nada, o coronel começou a esvaziar os pneus dos dois carros. O deputado Haddad sacou um revólver e apontou para o **paciente,** que o desafiou a puxar o gatilho. Acontece, porém, que o povo se atirou sôbre o deputado e o agrediu, bem como a outros políticos ali presentes. O diretor do Trânsito, mais alguns auxiliares e guardas, protegeram o presidente da Assembléia.

4) Mas nem sempre foram incidentes de trânsito que levaram o nome do **paciente** às manchetes de jornal. Uma vez encontrou um grupo de soldados do Exército descendo de um caminhão em atitude que não julgou própria para militares. Obrigou-os a se formarem diante de si e comandou uma **ordem unida** durante alguns minutos, "para que voltassem ao espírito de sua corporação".

5) Até à luta corpo-a-corpo chegou o **paciente,** no cumprimento de sua função de diretor de Trânsito no Rio. Discutindo com o chefe do Cerimonial do Itamarati, na praia do Flamengo, porque êste se negava a acatar uma ordem, recebeu uma bofetada do diplomata. Revidou com a mesma violência, fazendo o povo em volta vibrar com a briga entre tão importantes figuras da vida pública carioca. E assim, aos murros, obrigou o chefe do Cerimonial a cumprir sua ordem.

6) Em Belém e em São Luís, diz o **paciente,** seu trabalho foi mais fácil. No entanto, um de seus auxiliares contou o seguinte episódio: "Um dia, em São Luís, apreendemos o carro de um deputado, que andava sem placa. E isso já sabendo que o parlamentar tinha 13 mortes nas costas e estava muito preocupado, porque o número 13 dá azar. Enfrentamos o risco e aconteceu o inesperado: o deputado aceitou a punição e passou a nos apoiar na Assembléia.

PERSONALIDADE ANTES DA ENFERMIDADE — Embora os sintomas mais graves e públicos hajam ocorrido depois que o **paciente** foi servir ao govêrno Lacerda, é preciso notar que sua personalidade, segundo o informe, permanece tal qual sempre foi: afetuoso, responsável, enérgico. Os colegas o consideram um militar enquadrado, disciplinado, mas que mesmo durante o serviço, é capaz de manter espírito brincalhão. Considera-se católico, mas pouco pratica a religião. Foi fanático por futebol até a última Copa do Mundo e é torcedor **roxo** do Botafogo do Rio. Tem muito pouco tempo para ler. Prefere dedicar-se a obras técnicas de sua especialidade. Sempre gostou muito de cinema. É fiel às amizades. Dorme bem e o mais que pode, para compensar a atividade exagerada no trabalho.

Concluindo: se a personalidade sempre foi a mesma, seria de se supor também que a enfermidade sempre existiu, tornando-se pública apenas quando se dedicou ao trânsito terrestre.

ENFERMIDADE MAIS RECENTE — Seu estado caracterizou-se, mais recentemente, por uma tentativa de executar uma operação de trânsito na cidade de São Paulo, contra tudo e contra todos os que se opunham às medidas tomadas, ou a êle próprio, como técnico, como político, como militar e como pessoa. Embora o trânsito houvesse piorado consideràvelmente após sua intervenção, êle garantia que no fim tudo daria certo e pedia tempo e paciência.

Embora simpatizasse com o **paciente** por suas atitudes corajosas e antidiscriminatórias no Rio, a população de São Paulo ficou decepcionada com o seu trabalho. A maioria voltou-se contra êle e passou a julgá-lo um louco. Mas não o conhecia pessoalmente. Isso veio a acontecer num programa de televisão. Responderia ao desafio de uma deputada estadual — Conceição da Costa Neves — que liderava as queixas contra a loucura do **paciente.** Aconteceu, porém, o inverso do que todos imaginavam: a desafiante pareceu bem mais louca do que o **paciente,** perdeu a cabeça, não disse coisa-com-coisa e portou-se de maneira antiparlamentar.

O paciente, se é mesmo louco, na ocasião enganou a todos, dando demonstração de equilíbrio mental, educação e clareza de pontos de vista. Ganhou o debate e a simpatia do público.

O fenômeno, depois, mudou outra vez: ninguém gostava do que êle fazia, mas gostava do que êle aparentava ser. Seu trânsito parecia doido, mas êle não. Durante o período dêste exame, já estivera inúmeras vêzes na iminência de ser demitido do cargo. Fêz-se um plebiscito popular e as opiniões se dividiram. O trânsito continuava ruim, mas sua popularidade aumentava. Estudantes, crianças e mulheres o apoiavam. Estava provocando problemas políticos na área federal, estadual e municipal, tanto no Legislativo como no Executivo. Alguns queriam sua cabeça; outros, autógrafos. Uns queriam derrubá-lo do cargo; outros, popularizá-lo ainda mais. Num ponto todos estavam de acôrdo: o homem era **o assunto.**

Estado mental

CONDUTA GERAL — O **paciente** tem aspecto de homem doente, mas apenas pela palidez. Diante das queixas feitas contra êle, sua aparência e atitudes são desconcertantes. Com os colegas, jornalistas, amigos, inimigos, populares, subalternos e superiores, é afável, bem humorado, tranqüilo e cortês. Êle próprio explica a contradição entre a atitude que adota na rua e fora dela: "Não se pode ter a atitude de diplomata ou de chefe de relações públicas em meio ao trânsito de uma grande cidade.

Espanta também a muita gente o "vedetismo" do **paciente,** que aparecia nas ruas, agindo como guarda-civil, quando era diretor de Trânsito. Êle responde: "Problema de trânsito resolve-se nas ruas e não nos gabinetes. Além disso, quero e preciso fazer com que todos os que trabalham comigo tenham o meu exemplo e apoio nas horas críticas. Se isso parece demagógico, paciência. Eu sei que funciona."

É indiscutível a capacidade de liderança do **paciente.** E todo líder inspira amigos como inimigos incondicionais. Isso torna difícil compreendê-lo através de uns e outros. Da mesma forma, é difícil não se deixar envolver pela capacidade de persuasão dos líderes, sejam êles bem ou mal intencionados. Por exemplo, quando alguém se queixava da violência de suas atitudes no trânsito, o **paciente** explicava: "Violento é o infrator das leis do trânsito e não quem tem por função fazer com que as leis sejam cumpridas."

Alguém poderia perguntar se é necessário cumprir uma lei má.

Mas o que estava em questão eram as modificações introduzidas no trânsito, não as leis. Isso talvez explique parte da contradição da atitude do **paciente** em público: era respeitado porque tinha a coragem necessária para fazer a lei ser cumprida sem aceitar qualquer forma de privilégio, e isso lhe garantia um saldo de confiança no setor técnico, onde podia até ser menos eficiente. Como o povo sente-se desprovido de qualquer privilégio, subjetivamente se identificava com o **paciente** e o admirava, mesmo sofrendo com as mudanças no trânsito.

O **paciente** é tido como turrão, teimoso, inflexível. De fato, raras vêzes voltou atrás em suas decisões. Aceita discutir tudo, mas apenas antes de pôr em prática qualquer medida técnica. Isso pode ser julgado falta de humildade. Entretanto, parece estar diretamente ligado à profissão de aviador. As medidas em vôo devem ser tomadas decididamente. O **paciente** explica: "Temos de confiar no que resolvemos que é preciso fazer, ou nunca faremos nada. Após os resultados é justo que façamos revisões para atitudes futuras, mas jamais durante a ação. Quando sou técnico da seleção, assumo tôda a responsabilidade, escalo o time."

Acusado de ser um **fascistóide** em suas atitudes, responde contando um episódio ocorrido em sua casa, com a filha universitária. Os estudantes estavam em greve no Rio, protestando contra o govêrno Castelo Branco, que o próprio **paciente** ajudara a instalar-se no poder. Tratava-se de um ato de indisciplina dos jovens diante das leis existentes. Se participasse da greve, a filha arriscava-se a perder o ano. A môça aconselhou-se com o pai, perguntando se devia ou não aderir à greve. O diálogo foi assim:

— Você concorda com seus colegas?

— Sim, o que pretendem é justo. Mas perderei um ano de estudo.

— Isso é secundário; passar de ano é uma circunstância que não modificará seus conhecimentos para a vida profissional. Você não pode trair seus companheiros, se acredita no que defendem, por um motivo pessoal. Faça a greve. SEGUE

Todo mundo fala de Van Gogh, Picasso, Modigliani, Rubens, Portinari, Goya, Matisse. Você está preparado para entrar nessa conversa?

A partir do dia 6 de junho, estará. Nessa data, a Abril Cultural lançará a sua nova coleção de fascículos Gênios da Pintura. Trata-se de um verdadeiro álbum de arte publicado semanalmente.

De 7 em 7 dias, um grande pintor. Primeiro, Van Gogh; depois, Leonardo Da Vinci, Rembrandt, Renoir — e muitos outros, para formar uma coleção magnífica! Em cada fascículo, 16 páginas de reproduções a côres tão perfeitas, que se pode ver até o relêvo da tela; e mais 8 páginas de biografia, estudos críticos e comentários, além de luxuosa capa a côres! Impresso em papel especialmente importado para esta obra — antes usado ùnicamente em caríssimos álbuns estrangeiros, Gênios da Pintura custará apenas NCr$ 2,50! Conhecendo a vida e a obra dêsses pintores, você se tornará uma pessoa com visão mais ampla... e a cada semana você terá momentos de enorme prazer estético e intelectual!

Colecione

GÊNIOS DA PINTURA

Um Álbum de Arte pelo preço de um fascículo: NCr$ 2,50

ABRIL CULTURAL

Standard Propaganda

Em qualquer situação êle jamais perde a cabeça

Era o que a môça queria. E êle pergunta: "Isso é fascismo?"

O **paciente** acredita que sua geração está perdida e confia na juventude. Afirma que os jovens sabem disso, pois sente ter o apoio de boa parte dos universitários, desde os de esquerda até os de direita radical. Acha que todos êles participam da política por uma razão sadia, de puro idealismo, e que se ressentem da falta de líderes autênticos na vida nacional. Julga necessário dar oportunidade aos jovens de participar o mais cedo possível na vida pública. Por essa razão, sempre utilizou estudantes em trabalhos administrativos. "É bom para êles e para a nação", explica êle, dando um exemplo: colocando estudantes na cobrança de taxas de trânsito em São Luís do Maranhão, elevou a arrecadação de 10 milhões por ano a 10 milhões por mês. E — segundo afirma — foi essa a única modificação introduzida no processo de arrecadação. O mesmo ocorreu no Rio e em Belém. Tentou fazer o mesmo em São Paulo e o acusaram de demagogia, subversão e corrupção dos jovens. Respondeu: "Mas é justamente o contrário. Os jovens produzem mais porque são idealistas e incorruptíveis."

Quando perguntam se tem críticas a fazer a si mesmo, custa a responder. Acha que seus enganos técnicos fazem parte da margem normal de êrro em qualquer empreendimento e procura corrigi-los em etapas posteriores. Em São Paulo, teria sido mais tático se realizasse primeiro a reforma administrativa no Departamento Estadual de Trânsito. Isso porque ganharia a confiança popular. É verdade indiscutível que o atendimento ao público no DET melhorou muito em sua gestão. Tôda a filosofia dessa reforma estava baseada no seguinte: quem deve trabalhar são os funcionários, não o contribuinte. O exame médico, por exemplo, tinha de ser marcado com dois meses de antecedência; e no dia indicado o motorista ficava quase seis horas para ser examinado. Após as modificações feitas pelo **paciente,** era o próprio candidato quem marcava o dia e a hora. E o atendimento completo não levava mais de 15 minutos.

Considera que pagou calado por erros alheios, por se julgar um homem de equipe. Não acusava ninguém e, com isso, esperava receber a confiança e apoio dos superiores. Reconhece, também, que se outros poderes não o auxiliassem, não poderia realizar todos os planos: "Uma cidade não é propriedade do diretor do Trânsito e os problemas existentes não são apenas de tráfego." Mas, e se os outros poderes não realizarem o que lhes couber para a execução de seu projeto? Êle responde categórico: "Aí, faço eu."

Não deixa dúvidas: "Sou um técnico nomeado, se não posso trabalhar, demito-me. Se não aprovam meus métodos, demitam-me.

Diz que sofreu algumas decepções. A primeira foi a renúncia de Jânio Quadros: "Nunca ninguém teve tantas condições favoráveis para realizar as transformações de que o Brasil necessita." A derrota do candidato lacerdista na última eleição para governador da Guanabara também o deixou frustrado, pois acredita que Lacerda realizou uma boa obra administrativa, coisa que o povo não reconheceu. Lamenta ainda certos desvios nos ideais da revolução de 1964. Mas nenhuma destas decepções o abalou profundamente. Conclusão: não será o afastamento do cargo no DET, que modificará seu estado mental, sua vida profissional.

LINGUAGEM — O **paciente** fala como carioca típico. Sua linguagem é tranqüila mas firme. Excelente português. Não tem maneirismos, a não ser certas expressões herdadas da vida militar e outras tiradas das normas de trânsito. Com os companheiros, usa algumas liberdades de linguagem, comuns entre os homens, características da afetividade viril.

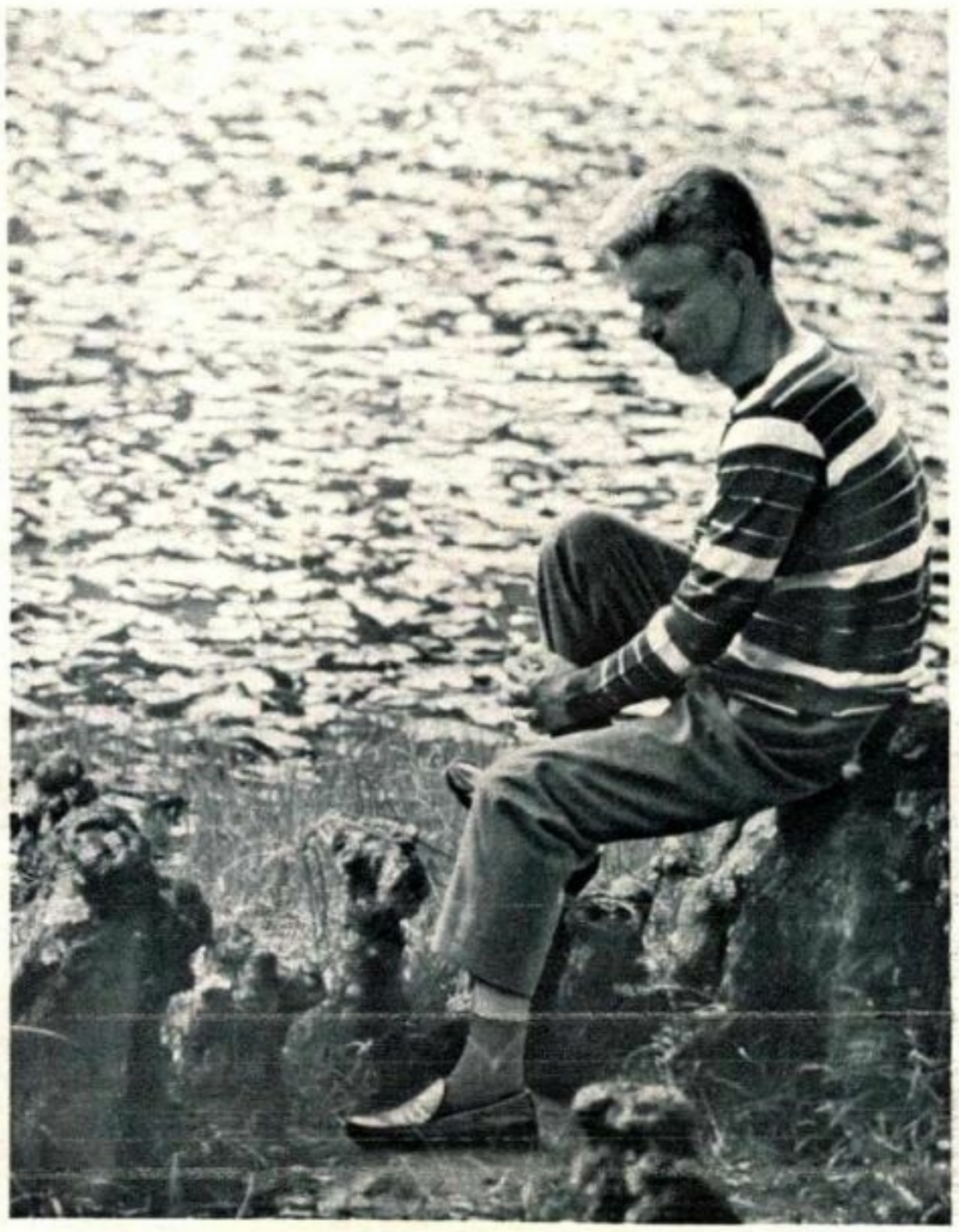
HUMOR — Todos os que já trabalharam com êle o julgam um gozador incorrigível. Jamais o viram "perder a cabeça". No programa de televisão com a deputada Conceição da Costa Neves, isso ficou claro. Mesmo ofendido gravemente, sua linguagem e seu humor não se alteraram. Ela o acusou de forasteiro, esquecendo-se de que também não é de São Paulo. Lembrada disso, justificou-se dizendo que mora há muitos anos na capital paulista. O **paciente,** então, comentou: "Isso quer apenas dizer que a senhora é uma forasteira idosa." Seu riso é fácil, embora ostente o que se costuma chamar de carranca. Quando **gozado** pelos outros, aceita a brincadeira. Num almôço com oficiais, no Galeão, encontrou, ao sair, seu carro com os pneus vazios, embora estacionado corretamente. Divertiu-se e tratou de enchê-los, sob as gargalhadas dos companheiros.

ILUSÕES — Muitas gente afirmava estar o **paciente** surgindo como um nôvo Jânio. Êle, no entanto, nega qualquer ambição política. "Sou um técnico, não um político." Quando lembrado que aceitou sua candidatura a deputado, vetada pelo MDB, explica: "Naquele momento sofri pressões dos companheiros. Felizmente não deu certo." Mesmo assim, seu nome já foi até lembrado para o cargo de prefeito de São Paulo. "Tenho outros planos — explica êle — e não acredito que, dependendo de apoio político, meu nome seja aprovado." O que pretendia, após vencer o trânsito paulista, era conseguir trabalhar no trânsito das demais capitais brasileiras e, se possível, também em outros países.

É difícil, entretanto, tomar como definitivas tais afirmações. Sua popularidade ainda é grande, em todo o país. Além disso, é fiel aos companheiros de vida política, como Lacerda, por exemplo. Pressionado em têrmos de idealismo, dificilmente se recusará a colaborar, pondo a serviço da **causa** a sua popularidade.

MANIAS — Sem dúvida, a compulsividade faz parte de seu caráter. Embora possa racionalizá-la em têrmos de cumprimento do dever, de obediência às leis militares e civis, o **paciente** persegue com obstinação seus objetivos, teses e conclusões. Por exemplo: se está dirigindo o carro e outro motorista quer furar a fila, dobrar na contra-mão, passar à frente perigosamente, não permite de jeito algum, mesmo arriscando a própria segurança pessoal. Outro aspecto da compulsividade é o modo como se mantém superconcentrado em suas tarefas. É quase impossível distraí-lo para um assunto, quando êle tem outro na cabeça. Êle ouve, mas não responde, e corta logo a conversa. Além disso, não procura **distrações, lazeres,** nem tem qualquer tipo de **hobby.**

O **paciente** apresenta ainda a obsessão da disciplina (formação militar) e da urgência do tempo (talvez por imaginar que sua vida não será muito longa ou que esperam dêle soluções rápidas para problemas difíceis). SEGUE



Reclam

um produto de qualidade dulcora - a delícia que o paladar adora

chocolate DULCORA s. a.

Seu jôgo é tudo ou nada

ALUCINAÇÕES — Na sala onde trabalhava no DET, havia nas paredes três retratos: dois de ex-diretores do Trânsito e o de Getúlio Vargas. Mandou retirar os dois primeiros e manteve à suas costas o do falecido ditador, depois eleito presidente. Refere-se com freqüência a Getúlio, embora haja sido um dos responsáveis por sua queda. Julga-o um grande estadista, talvez o maior de nossa hïstória — porém "vítima de seus auxiliares próximos e do mar de lama", a que o próprio Vargas um dia se referiu.

Talvez estabeleça no subconsciente uma relação entre si e Getúlio Vargas, mas, evidentemente, não se trata de verdadeira alucinação.

ORIENTAÇÃO — Está muito bem situado no tempo e no espaço. E bem informado sôbre o que se passa no Brasil e no mundo. Seu julgamento sôbre os fatos obedece claramente a opções políticas que manifesta mais por palavras que por atos e ligações pessoais no cenário político. Diz com freqüência que não tolera a influência do poder econômico na administração pública e odeia qualquer forma de privilégio ou discriminação. Seus colaboradores lembram-se de apenas um episódio em que o **paciente** se deixou levar afetivamente e autorizou um privilégio — aliás combatido por sua equipe. Êle acabara com o privilégio dos proprietários de carros manterem o mesmo número da placa, quando trocavam de automóvel. Mas concedeu essa regalia ao filho de Ari Barroso, pouco depois da morte do compositor. Arrependeu-se depois, mas considera justo o preço que precisou pagar para homenagear o grande compositor brasileiro. Acha que, nesse caso, o povo o perdoou.

MEMÓRIA E ATENÇÃO — Sua memória é excelente, graças à enorme atenção com que observa tudo o que se passa ao seu redor. Com paciência ouve todos os que desejam fazer sugestões ao trabalho que está executando. Não considera isso perda de tempo, pois acha que ganha duplamente: "Se a sugestão é boa, eu aplico. Se a crítica não é justa, dou esclarecimentos detalhados. Se a pessoa é honesta e eu consigo convencê-la, será transformada em fermento dentro da massa, a meu favor ou de meus planos. Não posso contar com o apoio de todos os jornais, que às vêzes defendem interêsses lesados pela utilidade pública das operações. Utilizo-me do povo que pode veicular idéias tão eficientemente quanto os jornais." Por isso ia à televisão quantas vêzes fôsse convidado e fazia palestras em todos os meios: "Confundem isso com exibicionismo, mas é pura tática administrativa e respeito pela opinião pública."

Não esquece detalhe algum de sua vida, embora procure não se lembrar inùtilmente dos inimigos e do que fazem para impedir seu trabalho.

Explica que isso é fruto de uma economia mental e emocional que se acostumou a aplicar para conseguir maior objetividade e não ter outro enfarte.

INTELIGÊNCIA — Acima da média, como demonstrou em testes os mais variados, alguns públicos, outros não. Sabe tirar proveito de quaisquer circunstâncias para que a maioria tenha a seu respeito uma opinião favorável. Mas há quem considere suas operações de trânsito como prova de burrice. Por isso, sempre pede tempo para prová-las e lembra o testemunho do povo das cidades de São Luís, Belém e Rio. Não se julga um gênio.

Diagnóstico

O **paciente** não se trata nem de um gênio incompreendido, nem de um louco varrido. No plano pessoal é um homem comum, inteligente e hábil, que leva para a administração pública sua formação militar, tentando adaptá-la à vida civil.

Se ganha popularidade, isso se deve ao fato de provar nas ruas que é de fato contra privilégios e discriminações. Mostrando pùblicamente sua coragem pessoal contra tudo e contra todos, ganha fama de herói, que o povo admira e aplaude em sua necessidade incosciente de líderes que desafiem poderes dos quais sempre desconfia.

Afastado do DET paulista, poderá ser esquecido do público como todos os heróis populares que não conseguiram vencer os seus inimigos, sejam ocultas ou claras as fôrças que os derrubaram.

O **paciente** sabia disso e *insistia* — até pouco antes de ser afastado do Departamento de Trânsito paulista — em continuar lutando e arriscando o que fôsse necessário no tudo-ou-nada das suas batalhas, tal como viu, na adolescência, fazerem os heróis dos filmes de guerra. FIM

14 jogadores do Cruzeiro fizeram a barba com a mesma lâmina Gillette Super Inoxidável.

O Tostão, que foi o último, disse:
"A lâmina estava tão suave, que
se eu não soubesse que era o último,
ia pensar que era o primeiro.
Lâmina boa taí: já fêz 14... mas vai
fazer muito mais!"

Isso aconteceu no estádio do "Cruzeiro", em Belo Horizonte. Os 14 acharam que a lâmina tinha uma suavidade incrível. A lâmina Gillette Super Inoxidável faz mais barbas do que qualquer outra lâmina do mundo. Sempre com a mesma suavidade. E sempre gastando menos cruzeiros por barba.

a interminááaaaaaaaavel

AS REFORMAS LITÚRGICAS ABREM AS PORTAS PARA ABUSOS?

SIM Responder a uma pergunta desta natureza em si parece bastante simples, pois todo período de reformas pode dar margem a confusão e abusos. Aliás, Paulo VI, numa audiência concedida em 17-3-65, declarou que "era inevitável alguma confusão e mal-estar no comêço de tal ou qual reforma, porém o esclarecimento, a preparação e a assistência poderiam dissipar em seguida as incertezas e proporcionar a compreensão e o gôsto da nova ordem". (Oss. Rom. 19-3-65). Certamente, entre todos os movimentos de reforma conciliar, o que provocou maior sensação foi a renovação litúrgica. Se de um lado ela foi ardentemente desejada e saudada com entusiasmo, tornou-se também um sinal de contradição. Não obstante, quem observa com olhar sereno o desenvolvimento da liturgia cristã verifica que são grandes e importantes até agora os efeitos positivos e os resultados valiosos desta reforma. A Constituição Litúrgica, com seus princípios e normas mais do que oferecer soluções feitas, quis proporcionar aos pastôres de almas suficiente luz e diretrizes seguras para executar a desejada resturação, levando em conta as circunstâncias concretas dos diversos grupos, regiões e povos (CL art. 38). Ademais, uma instrução da Comissão Pós-conciliar de Aplicação da Constituição ordena expressamente conservar êste mesmo espírito: "É necessário, todavia, que todos se convençam de que a Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II não deseja tanto mudar os ritos e os textos litúrgicos, quanto suscitar a formação dos fiéis e promover aquela ação pastoral que tem como centro e fonte a Sagrada Liturgia. As mudanças já realizadas ou a realizar tendem para êste fim." (Instr. n.º 5, de 26-9-64). Êste é o espírito que alimenta a renovação conciliar da liturgia. Para torná-la válida e eficaz, e evitar possíveis abusos, oriundos mais de irresponsabilidade pessoal do que de um genuíno zêlo pastoral, foram estabelecidas algumas normas concretas: 1) A ordenação da Sagrada Liturgia depende ùnicamente da autoridade da Igreja. Esta autoridade a tem a Santa Sé Apostólica e, segundo as normas do Direito, o bispo e as competentes conferências territoriais dos bispos. (CL. art. 22 § 1-2). 2) No caso de reforma de qualquer uma das partes da litúrgia, sempre há de realizar-se prèviamente uma cuidadosa investigação teológica, histórica e pastoral. Não se façam inovações a não ser que verdadeira e certa utilidade da Igreja o exija. (CL art. 23). 3) Cabe à competente territorial eclesiástica definir as adaptações, principalmente no que se refere à administração dos sacramentos, sacramentais, procissões, língua litúrgica, música sacra e arte, de acôrdo, porém, com as normas fundamentais exageradas pela Constituição (CL. art. 39). Com estas normas o Concílio não quis barrar, todavia, a possibilidade de experiências novas. É ainda a própria Constituição que o afirma nestes têrmos: "Para que a adaptação se faça com a necessária prudência, à mesma autoridade territorial eclesiástica será dada a faculdade de permitir e orientar as necessárias experiências prévias" (CL art. 40 n.º 2). Desta maneira se a reforma litúrgica se apresenta não só como justificada, mas também como necessária, isto não significa, de modo algum, que na prática fiquem permitidas e ligitimadas indistintamente tôdas as experiências possíveis, O bom-senso e a solicitude pastoral exigem que se evitem os dois excessos extremos do imobilismo arcaico de um lado e da modernização iconoclasta do outro. Portanto, o procedimento concreto na efetivação das reformas não deve ser orientado pelo propósito preconcebido de mudanças, nem pela precipitação temperamental que tudo desejaria reformar e mudar, mas sim por religiosa prudência e respeito inteligente, buscando, na expressão de Paulo VI, "aquilo que é melhor mais do que aquilo que é nôvo". (Disc. Paulo VI aos membros do "Concilium" 13-10-66, Oss. Rom. 15-10-66). Finalmente, gostaria de salientar mais o seguinte: no momento em que a Igreja inicia uma nova fase de sua história, a restauração litúrgica, como outras reformas, também se impõe por si mesma, mas cumpre impedir que degenere, ou pela irresponsabilidade de uns, ou pela falta de visão aprofundada da Igreja como comunidade de fé, de culto e de caridade por parte de outros. Pois existe nela uma lei de continuidade orgânica que não pode justificar quem a transgride. Com estas palavras, faço minhas as considerações de eminente teólogo alemão, Josef Ratzinger: "A reforma litúrgica requer um alto grau de tolerância no seio da Igreja, tolerância esta que leva o nome concreto de caridade cristã. Quando ela está ausente ou vem a faltar, o campo está preparado para todos os tipos de abuso. Sòmente o "saber suporta-se mùtuamente", de que fala São Paulo, "a imensidade do amor", segundo a expressão de Santo Agostinho, poderão assegurar um amadurecimento para a verdadeira renovação do culto e da liturgia. Realmente, o culto mais autêntico dos cristãos é o amor." (Conf. proferida no 81.º Congresso Católico de Bamberg 1966. Cf. Doc. Cath n.º 1478, 18-9-66, pág. 1567). A atual reforma litúrgica do Concílio está profundamente impregnada dêste espírito. As ocasiões de abuso, portanto, irão progressivamente desaparecendo na medida em que, num esfôrço conjugado, êste espírito de amor e de compreensão fôr vivido por todos, pastôres e fiéis.

Dom Vicente Scherer
Arcebispo de Pôrto Alegre

NÃO A renovação litúrgica é hoje conduzida pela própria hierarquia. Não se pode, pois, dizer que "as reformas litúrgicas abram as portas para abusos". Seria afirmar que as portas para abusos estão sendo abertas pelas autoridades hierárquicas. Naturalmente, em tudo o que é humano pode entrar abuso. Até na virtude. Pode haver um excesso de justiça, ou de pureza, ou de prudência. E todo excesso, todo abuso é lamentável e suscita reações contrárias. No Brasil, que eu saiba, não há pròpriamente abusos em matéria litúrgica, aqui e ali, alguma interpretação pessoal, algum ligeiro avanço. Creio até que, sob a discreta responsabilidade da Comissão de Liturgia, é possível e desejável ir bem mais longe na caminhada ao encontro da cultura popular. Não basta usar o vernáculo para ser entendido pelo povo. Nossa liturgia — em seus textos, em seus gestos, em seus ritmos — passa bem acima de muitas e muitas cabeças. O estudo dos ritmos, gestos e linguagem populares; a interpretação dos anseios da massa e dos sinais que ela usa para exprimi-los: são desafios aos especialistas em liturgia, colaboradores preciosos dos bispos. Ora, não é demais repetir que aos bispos cabe, em união com o Santo Padre, traçar os rumos e os limites da renovação litúrgica. Jean Guitton disse, de modo inesquecível, que a Igreja do após-Concílio lembra um carro em movimento: carro que necessita de freio e acelerador. Há e haverá sempre quem julgue absurdo o freio e sonhe com dois aceleradores; como há e haverá sempre quem se irrite com o acelerador e sonhe com dois freios...

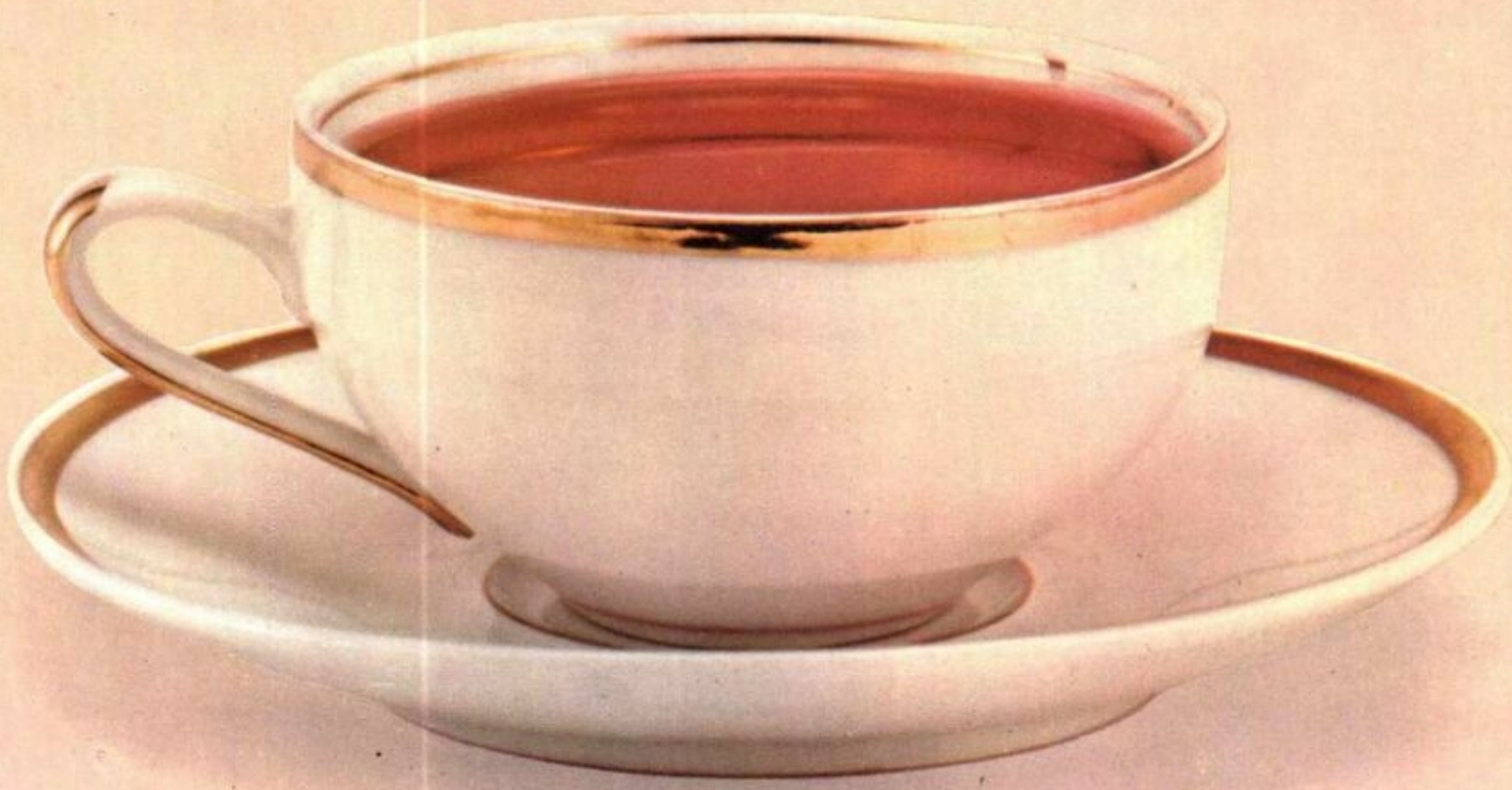
Dom Hélder Câmara
Arcebispo de Recife

Resposta à pergunta do leitor Mílton Walder — São Paulo - SP

Se você quer servir-se (e servir) do chá mais puro e estimulante, aromático e delicioso; se você acha que um chá tipo exportação seja de fato o máximo em chá; se você, entre alguns chás, é capaz de distinguir qual o de mais qualidade; se você faz questão do chá mais excelente; se, finalmente, o chá de sua preferência é o Chá Tender Leaf, então, parabéns: estamos de acôrdo.

Chá Tender Leaf

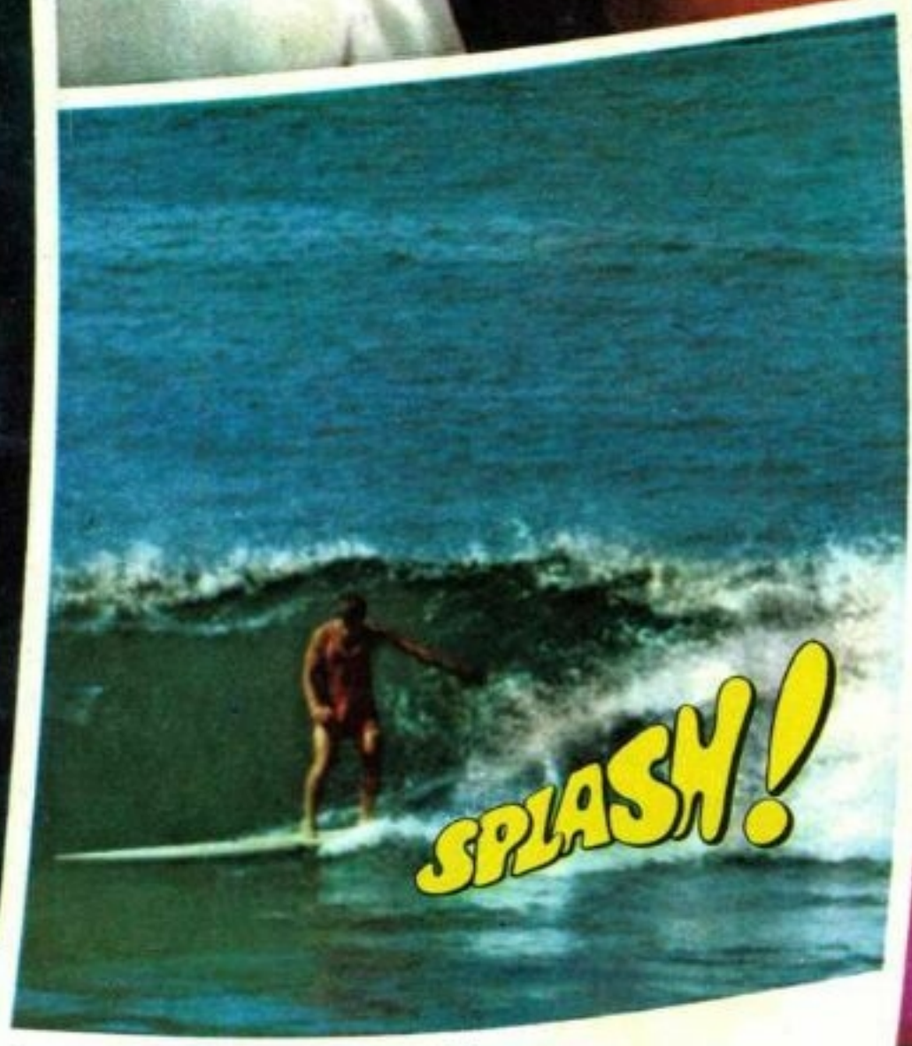
EM PACOTES, E O ÚNICO EM SAQUINHOS - A MEDIDA CERTA NA FORMA QUE CONVÉM

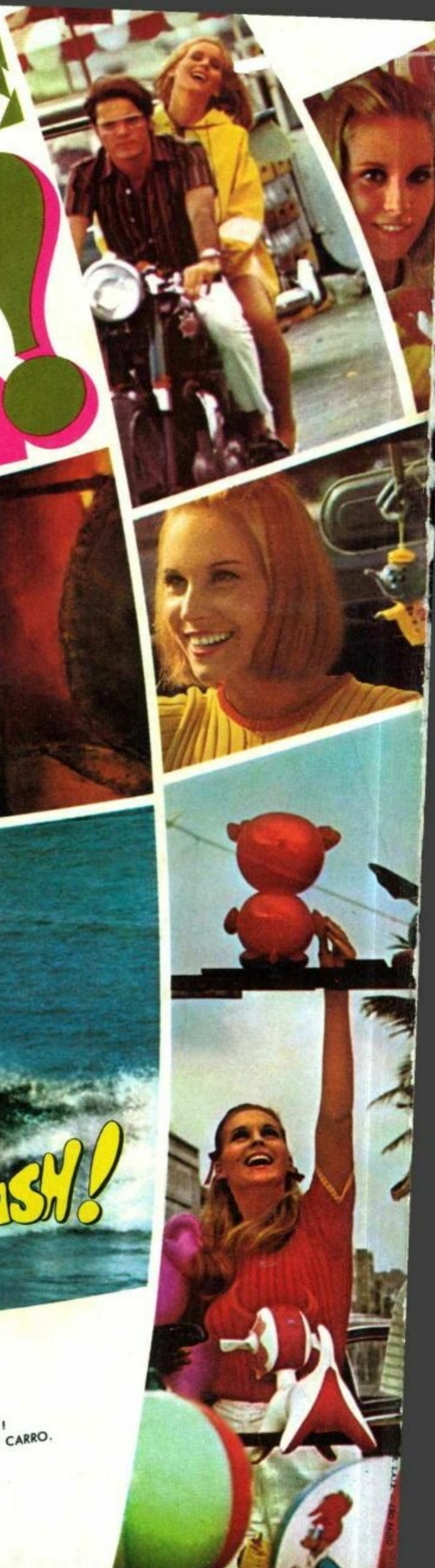


Mais um produto de qualidade F&R Fleischmann-Royal

1.906

JOVEM SUPER VAI DE SHELL!





O CARANGO LEVA LONGE, LONGE...
A ONDA AGORA É ESCAPAR DA MULTIDÃO
GAROTA PAPO FIRME.
RÁPIDO! O SURF, O IÊ-IÊ-IÊ.
AMARELO E VERMELHO. SHELL. ONTEM TIRE!
DEZ EM MATEMÁTICA.
O CÉU ESTÁ DA CÔR DO CÉU. JOVEM SUPER!
SHELL COM I.C.A. PÕE JUVENTUDE SUPER NO CARRO.
BÁRBARO!
SHELL SUPER NO MOTOR.
O ALGO MAIS É UMA BRASA, MORA!

Standard Propaganda